

**HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE
PRESIDENTE PRUDENTE: DA IDEIA À EDIFICAÇÃO**

ESTEVÃO PINHEIRO SALOMÃO
GABRIEL APARECIDO DA SILVA
GABRIEL PEREIRA TIBALDO
VAGNER DO CARMO BUENO

**HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE
PRESIDENTE PRUDENTE: DA IDEIA À EDIFICAÇÃO**

ESTEVÃO PINHEIRO SALOMÃO
GABRIEL APARECIDO DA SILVA
GABRIEL PEREIRA TIBALDO
VAGNER DO CARMO BUENO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Comunicação de Presidente Prudente
(Facopp), na área de Comunicação Social,
habilitação em Jornalismo.

Orientador:
Prof. Homéro Ferreira

**Estevão Pinheiro Salomão
Gabriel Aparecido da Silva
Gabriel Pereira Tibaldo
Vagner do Carmo Bueno**

**HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE
PRESIDENTE PRUDENTE: DA IDEIA À EDIFICAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Comunicação de Presidente Prudente
(Facopp), na área de Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo.

Banca Examinadora

Prof. Homero Ferreira – Orientador

Prof. Aline Blasechi

Prof. Fabiana Aline Alves

DEDICATÓRIA

Dedicamos a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a construção do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por ter nos conduzido pelos melhores caminhos, deixando-nos diante de pessoas do bem, que nos ajudaram a concluir as diversas etapas durante os quatro anos de graduação.

Ao apoio de nossas famílias, que sempre nos orientaram a tomar as melhores decisões, em cada momento de nossa jornada estudantil. Além de nos dar forças para continuarmos a caminhar, sem nunca desistir de nossos objetivos.

Aos professores, em especial nosso orientador Homéro Ferreira, que sempre nos ensinou o valor do aprendizado, sobretudo quanto as diferentes atividades e etapas de nossa carreira profissional.

Aos amigos, aqueles que sempre estiveram ao nosso lado, compartilhando de nossas experiências e nos acompanhando continuamente em todos nossos desafios.

A todos os nossos entrevistados, pessoas relacionadas à história de construção do Hospital Regional do Câncer, que contribuíram para a produção deste estudo e sua peça prática: um radiodocumentário.

Agradecemos também todos àqueles que, de alguma forma, acreditaram em nós, seja através de uma palavra amiga ou de qualquer ato que nos motivou a seguir em frente.

O Hospital Regional do Câncer, de Presidente Prudente, é um exemplo fantástico de obra edificada com o esforço da coletividade. É uma obra-prima da solidariedade!

Luís Roberto Gomes
Procurador da República

RESUMO

Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Presidente Prudente: Da ideia à edificação

O presente estudo, cadastrado como projeto junto à Pró-reitoria de Extensão e Ação Comunitária (Proext) da Unoeste, Protocolo 05031/2016, teve como objetivo documentar a história do Hospital Regional do Câncer, da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente e de iniciativa e suporte em trabalho voluntário da Fundação Regional do Câncer. A abordagem foi qualitativa, com a aplicação de estudo de caso. A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisas bibliográfica e documental, incluindo ainda a produção de entrevistas em profundidade com 23 personalidades, vinculadas, de alguma forma, ao objeto tema desta pesquisa. O conteúdo apurado possibilitou sistematizar as informações, que foram as bases para o programa do gênero radiodocumentário e, com isso, contribuir com a preservação da memória desse empreendimento que surgiu e foi implantado por voluntários empenhados nessa causa de interesse público, em relação a grave enfermidade, o câncer.

Palavras Chave: Hospital Regional do Câncer. Santa Casa de Misericórdia. Presidente Prudente. Radiodocumentário.

ABSTRACT

Radiodocumentário: The history of the hospital foundation of prudent President cancer.

This research project aims to tell the story of the Foundation Regional Cancer Hospital Santa Casa de Presidente Prudente, since the rise to its present stage. Therefore, the study will be qualitative, exploratory type. But the method is the case study. Data collection will be conducted through in-depth interviews, as well as bibliographic and documentary research. All this work will ask for a radiodocumentário practice, which will provide an objective way, every historical context, involving the principle of the idea to the start of work until the effective deployment, which took place in November 2015.

Keywords: Foundation Regional Cancer Hospital, Presidente Prudente, Radiodocumentário, Historical Recovery.

LISTA DE SIGLAS

AAPC	- Associação de Apoio ao Portador de Câncer de Presidente Prudente
ALL	- América Latina Logística
APAE	- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
AVC	- Acidente Vascular Cerebral
AVCB	- Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiro
CESP	- Companhia Energética de São Paulo
CETESB	- Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CIESP	- Centro das Indústrias do Estado de São Paulo
CPC	- Centro de Apoio aos Pacientes com Câncer
DRS	- Departamento Regional de Saúde
FIESP	- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FACOPP	- Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
FAT	- Formulários de Atendimentos Técnicos
HC	- Hospital das Clínicas
HU	- Hospital Universitário
HR	- Hospital Regional
HRC	- Hospital Regional do Câncer
IAMSP	- Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual
ICESP	- Instituto do Câncer do Estado de São Paulo
INCA	- Instituto Nacional do Câncer
OAB	- Ordem dos Advogados do Brasil
OMS	- Organização Mundial da Saúde
ONU	- Organização das Nações Unidas
RPG	- Reeducação Postural Global
SENAI	- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SUS	- Sistema Único de Saúde
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
TFD	- Transporte Fora de Domicílio
TSA	- Teste de Sensibilidade aos Antibióticos
UICC	- União Internacional para o Controle do Câncer
UTI	- Unidade de Terapia Intensiva
UNACON	- Unidades de Assistência de Alta Complexidade em Oncologia
UNOESTE	- Universidade do Oeste Paulista
VBIH	- Vias Biliares Intra-Hepáticas
WRF	- Web Rádio Facopp

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Início dos eventos em prol a construção do hospital.....	39
Figura 2 - Central de Oncologia da Santa Casa de Presidente Prudente	41
Figura 3 - Doação da Caiuá para a reforma do prédio	42
Figura 4 - Evento Mc Dia Feliz	44
Figura 5 - Doação do ônibus	45
Figura 6 - Terreno cedido pela Santa Casa.....	46
Figura 7 - Implantação da pedra fundamental do hospital	47
Figura 8 - Início das obras do hospital	48
Figura 9 - Primeiros momentos da obra do hospital.....	49
Figura 10 - Evolução da obra	49
Figura 11 - Acordo da Cesp para o repasse de verba.....	51
Figura 12 - Alteração do projeto estrutural do hospital.....	54
Figura 13 - Reestruturação do projeto.....	56
Figura 14 - Inauguração ala de radioterapia	58
Figura 15 - Prédio finalizado.....	62
Figura 16 - Integrantes do TCC.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	15
2.1 O problema.....	15
2.2 Justificativa.....	16
2.3 Objetivos	18
2.3.1 Objetivo geral	18
2.3.2 Objetivos específicos.....	18
2.4 Metodologia.....	19
2.5 Forma de Análise de Dados.....	22
3 O RADIODOCUMENTÁRIO	23
3.3 Entrevista e produção.....	27
3.4 Pauta.....	29
3.5 Decupagem	30
3.6 Edição	31
3.7 Locutor e trilha sonora.....	32
4 O HOSPITAL	36
4.1 Primeira fase	36
4.2 Segunda fase	45
4.3 Terceira fase	50
4.4 Quarta fase.....	57
5 MEMORIAL DESCRITIVO	64
5.1 O contato com o hospital e voluntários	66
5.2 A construção da peça prática	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	76
ANEXO - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	77
Bernadete Bosso Querubin	78
Fernando Zorzanello Bonifácio/ Fernando Fakri de Assis (Sorocaba)	87
Joel Turino.....	88
Maria Auxiliadora Constantino.....	93

Antonio Plácido Pereira	104
Jorge Yochinobo Chihara	107
Nelson Bugalho	111
Mauro Bragato.....	115
Nereo Oguido	117
Sibila Corral de Área Leão	119
Vera Lúcia Zorzuetto	120
André Luís Felício	124
Stanley Zaina	126
José Hilário Pasquini.....	130
Jandira Aurélio	134
Milton Carlos de Mello.....	136
Gustavo Matheus Poletto	137
Isidoro Domingos Sana	142
Luiz Roberto Gomes	143
Marcos Regalin	145
Artur Baratella	150
Francelino de Souza Magalhães	152
APÊNDICES	155
APÊNDICES A - PAUTAS	156
APENDICE B - SCRIPT	196

1 INTRODUÇÃO

Na última década têm sido intensificados os esclarecimentos da população global sobre o câncer, por meio de campanhas promovidas por instituições espalhadas pelo mundo. O marco está na criação do Dia Mundial do Câncer: 4 de fevereiro. Data instituída, em 2005, pela União Internacional para o Controle do Câncer (UICC) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), que é vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo é chamar a atenção dos gestores públicos e das pessoas em geral para o crescimento da doença, o que requer prevenção e tratamento.

O Instituto Nacional do Câncer (INCA), órgão brasileiro auxiliar do Ministério da Saúde, apresenta, em seu site, o câncer como nome dado para mais de 100 doenças que apresentam crescimento desordenado de células em tecidos e órgãos, inclusive podendo se espalhar para outras regiões do corpo, ao que se chama de metástase. Ainda conforme o Inca, para o biênio 2016-2017, a estimativa de acometimento da doença pela população brasileira é de pelo menos 600 mil novos casos, praticamente o que equivale a três vezes a população de Presidente Prudente. As maiores incidências são a próstata e a mama, respectivamente com 61 mil e 58 mil casos anualmente.

As campanhas têm na informação um elemento fundamental para alcançar as pessoas com orientações, independentemente da idade ou classe social. Conforme essas instituições empenhadas na causa, ainda se faz necessário quebrar resistências de pessoas sobre análises clínicas, como são os casos de exames da próstata e da mama. No entanto, também existem os fatores genéticos, que estão atrelados à longevidade da população. Conforme o médico radio-oncologista Marcos Regalin¹, a proporção de casos de câncer acompanha a perspectiva de vida do ser humano, visto que, quanto mais velho, maior a probabilidade do desenvolvimento da doença.

Desta maneira, torna-se cada dia mais indispensável o uso da comunicação em prol do esclarecimento e da prevenção, bem como em apoio aos

¹ Marcos Regalin é o médico radio oncologista do HRC. Entrevistado para falar sobre os procedimentos realizados no hospital. 07 out. 2016.

centros especializados no tratamento da doença, no sentido de divulgarem os seus serviços. Assim, como parte da proposta deste estudo, que consiste em projeto de extensão, está inserida a contribuição sobre a visibilidade a um dos mais recentes centros médicos do país na especialidade, que é o Hospital Regional do Câncer (HRC), da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. A estimativa da Diretoria Regional de Saúde (DRS-11) é que, em 45 municípios de sua área de abrangência, existam, por ano, pelo menos 1,9 mil portadores da doença com necessidade de tratamento.

Diante desta realidade, os autores deste projeto acadêmico se empenharam em ouvir envolvidos, direta e indiretamente, na ideia e edificação desse novo hospital de atendimento especializado em câncer. O conteúdo obtido permitiu sistematizar informações, o que, como resultado de iniciativa inédita, resultou na produção de um programa do gênero radiodocumentário, no qual são apresentados depoimentos consistentes e emocionantes sobre o resultado de várias ações incluídas no propósito de construir o hospital, sendo a maioria delas praticadas por voluntários comprometidos com essa causa de relevante interesse público.

Trata-se de uma história construída com vários componentes e, dentre os humanos, o mais relevante é o voluntariado que mobilizou a coletividade e fez um hospital, classificado pelo procurador da República Luís Roberto Gomes² como “obra-prima da solidariedade”. São 140 leitos; centros de quimioterapia, radiologia e cirúrgico, Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), Unidade de Internamento Semintensivo e Laboratório de Emergências, entre outras dependências numa área total construída de 14302 metros quadrados e investimentos de cerca de R\$ 60 milhões. Atualmente estas dependências ainda não estão sendo utilizadas, visto que o hospital ainda não está totalmente inaugurado.

Ainda que se considere a destinação, pelos Ministérios Públicos Estadual e Federal, de metade dos recursos financeiros em verba compensatória da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), pelo impacto ambiental de alcance regional que foi provocado pela formação no lago da Usina Hidrelétrica Engenheiro

² Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pela destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 7 out. 2016.

Sérgio Motta, no rio Paraná, a mobilização coletiva, provocada pelos voluntários, representa, em termos da construção do hospital, o equivalente a 162 mil casas populares no tamanho padrão de 44 metros quadrados e o dinheiro daria para comprar 100 mil carros populares ao valor unitário de R\$ 30 mil. O montante arrecadado pelos voluntários, no valor aproximado de R\$ 30 milhões, ocorreu nos últimos 19 anos, sendo a outra metade, do montante de R\$ 60 milhões, por destinação da Cesp.

Para a compreensão da base metodológica deste trabalho é recomendável que se leia o capítulo 2 e suas subdivisões, no qual estão inseridas as descrições sobre estudo de caso, método qualitativo, pesquisa documental, entrevista em profundidade, pesquisa bibliográfica e forma de análise de dados coletados.

Para entender a peça prática é necessário que se conheça o capítulo 3, no qual são apresentados os referenciais do rádio enquanto plataforma de mídia, da produção em radiojornalismo. A peça prática, no gênero radiodocumentário, foi escolhida por atender aos requisitos deste projeto de extensão que tem como base a pesquisa, sobretudo em relação ao potencial informativo do rádio e também pelos aspectos subjetivos, capazes de registrar em áudio a realidade, sustentada pela razão, e também captar emoções.

Contendo depoimentos de 23 entrevistados e contada em ordem cronológica dos acontecimentos entre 1997 e 2016, a história do hospital pode ser conferida no capítulo 4, no qual as etapas estão divididas em primeira, segunda, terceira e quarta fases. Vale destacar que este capítulo contém informações que, pela primeira vez, serão de conhecimento público; portanto, obtidas com exclusividade para compor a estrutura de redação deste trabalho e da peça prática que será disponibilizada ao acesso público, em postagem na emissora da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), a Rádio Facopp.

O capítulo 5, por sua vez, contempla o memorial descritivo deste trabalho, onde apresenta todas as etapas para a construção do mesmo, destacando detalhadamente cada atividade e etapa, percorridos ao longo de toda execução, tanto da parte teórica, com as entrevistas e pesquisas, quanto em relação à peça prática, sobre a edição, decupagem e as demais vertentes utilizadas em toda pesquisa.

Por fim, o capítulo 6 apresenta a conclusão deste trabalho, respondendo aos objetivos propostos pelo estudo, incluindo os alcances social, acadêmico e de formação profissional. Além de construir uma relação com todos os capítulos anteriores, estabelecendo, desta maneira, como o nome propõe, a conclusão científica do tema proposto. De maneira clara e objetiva, este capítulo traz, inclusive, a solução da problematização, questão central de todas as etapas desta presente pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 O problema

Até 1997 não existia em Presidente Prudente nenhum centro especializado no tratamento ao câncer, tampouco na região do Oeste Paulista, composta por 45 municípios.

Foi então que, no mesmo ano, em decorrência da morte precoce de seu esposo, Antônio Sérgio Querubim, a fisioterapeuta Bernardete Bosso Querubim mobilizou algumas pessoas para iniciar a formação da Associação de Apoio ao Portador de Câncer de Presidente Prudente, tendo como principal objetivo a construção de um hospital especializado no tratamento da doença.

Desta maneira, durante 12 anos, de 1997 até 2009, a Associação reuniu um grande número de voluntários empenhados na arrecadação de recursos para a construção. No entanto, neste período, as informações não foram concentradas num único lugar, a não ser em publicações jornalísticas e na memória de cada participante.

Ou seja, todos os acontecimentos referentes às reuniões, arrecadações, nomes de pessoas envolvidas, além dos demais episódios que ocorreram nessa etapa, que não estão arquivados e tampouco reunidos em um só documento.

Por outro lado, a partir de 2009, quando se criou a Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, por questões judiciais, conforme explícito no decorrer desta pesquisa, todas as informações foram arquivadas no site institucional da própria Fundação.

Portanto, oficialmente, num único site só existia a história da Fundação e não, necessariamente, da Associação. Sendo assim, pelo menos durante 12 anos os acontecimentos não estavam contextualizados historicamente.

O principal desafio, portanto, e que justifica, inclusive a problemática desta pesquisa, tem relação com a produção do radiodocumentário, com a narrativa de modo cronológico; bem como de que maneira esta história seria passada para os

ouvintes e receptores dessa produção, sobretudo quanto à clareza, veracidade e amplo entendimento sobre a construção, em etapas, do hospital.

Sendo assim, o problema que esta pesquisa buscou solucionar foi: de que maneira contar a história do HRC de Presidente Prudente.

2.2 Justificativa

De acordo informações no site do Hospital do Câncer de Barretos, o câncer começou a ser estudado no século XVI, quando os conhecimentos gerais de medicina consideravam que o problema era um desequilíbrio dos fluídos corpóreos e uma oscilação do sistema linfático.

Ainda conforme a mesma fonte, já no século XVII os estudos avançaram e, a partir de então, a enfermidade passou a ser entendida e compreendida de forma diferente. O anatomista italiano Giovanni Battista Morgagni e o médico francês Marie François Xavier Bichat definiram a doença como unidade específica localizada em uma parte do corpo. Apesar das conquistas biológicas, foi em 1860 que a doença ganhou novas teses, como o advento da cirurgia de câncer, o que possibilitou a remoção de tumores em meados de 1881, sendo este procedimento uma das técnicas mais utilizadas até os dias atuais.

Os avanços buscam amenizar a estatística de diagnósticos da doença. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca), “a estimativa para o Brasil, no biênio 2016-2017, aponta a ocorrência de cerca de 600 mil casos novos de câncer. Excetuando-se o câncer de pele não melanoma (aproximadamente 180 mil casos novos), ocorrerão cerca de 420 mil casos novos de câncer”. Além disso, o órgão aponta que “o perfil epidemiológico observado assemelha-se ao da América Latina e do Caribe, onde os cânceres de próstata (61 mil) em homens e mama (58 mil) em mulheres serão os mais frequentes”. Ainda segundo o Instituto, “[...] os tipos mais frequentes em homens serão próstata (28,6%), pulmão (8,1%), intestino (7,8%), estômago (6,0%) e cavidade oral (5,2%). Nas mulheres, os cânceres de mama (28,1%), intestino (8,6%), colo do útero (7,9%), pulmão (5,3%) e estômago (3,7%) figuram entre os principais”.

Já em Presidente Prudente, como apontado pelo DRS-11 Departamento Regional de Saúde (DRS-11), em sua área de abrangência, composta por 45 municípios da região e que compreende um total de 760 mil

habitantes, a estatística ultrapassa os 1,9 mil novos casos da doença por ano. Conforme o Departamento, as taxas de mortalidade ligadas ao câncer no homem, nesta região, são pulmão (15,9%); próstata (12,6%); estômago (10,5%); esôfago (9,5%); cólon e reto (8,2%); lábio, cavidade oral e faringe (6,7%); fígado e VBIH (Vias Biliares Intra-Hepáticas) (5,4%); pâncreas (5,0%); sistema nervoso central (4,1%); leucemias (3,2%); linfoma não-Hodkin (2,4%). Sendo que todas as neoplasias somadas, totalizam 103,4% de acometimento na população masculina. A população feminina, por sua vez, ordena-se como número de óbitos conforme as seguintes causas: mama (11,5%); pulmão (7,8%); cólon e reto (5,6%); fígado e VBIH (3,9%); estômago (3,5%); leucemias (2,8%); pâncreas (3,0%); colo do útero (2,8%); sistema nervoso central (2,5%); linfoma não-Hodkin (1,4%); lábio, cavidade oral e faringe (0,8%); corpo do útero (0,8%); todas as neoplasias (63,7%).

Por conta dessa perspectiva, de acordo com o Hospital do Câncer de Barretos o interesse científico ligado ao câncer, proporcionou a fundação de inúmeros centros especializados ao longo dos anos em todo mundo, dos quais vale destacar: *German Central Comittee for Câncer Research*, na Alemanha, em 1900; *Americam Association for Câncer*, em 1907; *Instituto Radium de Paris*, em 1919; o Inca, no Brasil, em 1948; o A.C Camargo Câncer Center Centro Integrado de Diagnóstico, Tratamento, Ensino e Pesquisa, em 1953; o Hospital do Câncer de Barretos, em 1968; o Hospital do Câncer de Londrina, em 1966; Em 1915, iniciaram-se as primeiras etapas para a construção do Hospital Amaral Carvalho, em Jaú. Em Presidente Prudente, por sua vez, a Fundação Hospital Regional do Câncer, da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, foi inaugurado, oficialmente, em 2015 e é o responsável por atender 40 pessoas diariamente e que possui previsão para 200 atendimentos diários a pacientes da cidade e região, após o cadastramento no Sistema Único de Saúde (SUS), o que deve ocorrer em 2017.

Sendo assim, tendo em vista a importância do HRC, em relação ao seu potencial receptivo, levando em conta a incidência do câncer na região e no País, o presente trabalho pretende recuperar e sistematizar a história deste local, por meio de radiodocumentário, pois o grupo entende que este produto de radiojornalismo possui capacidade informativa e de memória, reunindo fatos passados e presentes e, com isso, permitindo reflexões sobre o futuro.

Com a peça prática, será possível que a sociedade tenha conhecimento real da história da instituição em Presidente Prudente e contribuir com

o acervo histórico do próprio hospital, além de dar suporte para outros trabalhos que venham a ser produzidos sobre o tema. O trabalho escrito e em áudio está disponibilizado na Hemeroteca da Facopp. O radiodocumentário está postado e armazenado na Rádio Facopp.

Para o grupo autor do estudo, esta foi uma oportunidade para o contato direto com as técnicas do rádio, onde os mesmos puderam obter maior domínio com veículo, nos quesitos reportagem, produção, edição e os demais componentes estruturais acoplados a esse meio de comunicação.

Diante do atual cenário da Fundação Hospital Regional do Câncer, da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, e levando em conta que nenhuma outra pesquisa, até então, tratava sobre o tema em específico, a pergunta central do estudo responde de que maneira, utilizando como peça prática o radiodocumentário, foi possível apresentar para a sociedade a história do HRC.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

- Documentar a história do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, pro meio de um radiodocumentário.

2.3.2 Objetivos específicos

- Entender a importância do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia Presidente Prudente para a sociedade e para o tratamento de pessoas que possuem a doença;
- Aprofundar conhecimentos sobre radiojornalismo;
- Contribuir para a memória e preservação da história do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia Presidente Prudente.

2.4 Metodologia

Para a realização desta pesquisa foi fundamental que cada integrante, do grupo autor do estudo, compreendesse o sentido de metodologia, que é entendido como o ramo da lógica que se ocupa dos métodos das diferentes ciências; que originário do Latim *methodus*, significa: caminho ou a via para a realização de algo.

Diante disto, do ponto de vista do problema, a pesquisa foi realizada de acordo com o método qualitativo, visto que, diferentemente da pesquisa quantitativa, os dados que contemplam este trabalho não podem ser mensurados, por apresentarem traços subjetivos. Em outras palavras: o presente trabalho apresenta uma conclusão que se dá pela reflexão analítica dos acontecimentos e não, necessariamente, por meio de números ou estatísticas. Para Goldenberg (1997, p.14):

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória [...].

Do ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa é exploratória, que, como o próprio nome sugere, permite explorar e com isso obter maior proximidade entre o tema proposto e os pesquisadores envolvidos. A escolha deste tipo de pesquisa pode ser justificada por sua própria finalidade, visto que tem como principal objetivo criar estudos diante de temas pouco explorados. O que se encaixa no caso do hospital, visto que, antes desta pesquisa, existiam alguns poucos documentos sobre o assunto.

Conforme Gil (2010, p.27), a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2012, p.45).

Foi aplicado neste trabalho o método estudo de caso, que, especificamente, é aquele que não expõe uma solução pré-definida para o contexto do trabalho, especialmente quanto ao problema. Ou seja, este método exige dos pesquisadores uma investigação aprofundada, com análises de evidências, desenvolvimento de raciocínio, entre todos os requisitos que capacite o grupo em relação à resposta do problema. Estudo definido por Yin (2001, p.19) como uma “inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente, e múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.

Merriam (2014, p.217) enumera quatro características essenciais do estudo de caso:

Particularismo: o estudo se centra em uma situação, acontecimento programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real; descrição: o resultado final consiste na descrição detalhada de um assunto submetido a indagação; explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o descobrimento de novos significados e visões antes despercebidas; indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo, segundo o qual os princípios e generalizações emergem a partir da análise dos dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre elementos.

Em relação ao levantamento de dados, este trabalho utilizou a técnica de pesquisa bibliográfica, especialmente mediante acesso a livros, o que, inclusive, foi de grande importância para o desenvolvimento das etapas de produção, uma vez que parte das informações obtidas estava registrada em produções escritas.

Stumpf (2009, p.51) define pesquisa bibliográfica como um planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa, no sentido de que:

[...] vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.

Em relação à pesquisa bibliográfica, para Gil (2010, p.51), a principal vantagem “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

O presente trabalho também utilizou a pesquisa documental, que compreende a investigação em documentos institucionais, como atas, relatórios, bem como publicações jornalísticas e arquivos informativos de um modo geral. Sendo que parte das informações expostas neste trabalho foi adquirida no site da própria Fundação Hospital Regional do Câncer.

Para Gil (2010, p.51), a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, entretanto:

[...] a única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Outra técnica que este trabalho utilizou, para contar a história do HRC de Presidente Prudente, foi a entrevista em profundidade, realizada por meio da coleta de depoimentos daqueles que, por algum motivo, contribuíram para a construção e funcionamento do hospital. Vale destacar que esta técnica foi uma das mais importantes em todo trabalho, visto que, grande parte dos dados adquiridos foi obtida através das entrevistas.

Entende-se como entrevista em profundidade um “recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer”. (DUARTE, 2009, p. 62).

Duarte (2009) explica que entre as vertentes da entrevista em profundidade encontra-se os modelos aberto e semiaberto. Esta pesquisa, por sua vez, utiliza o tipo semiaberto, conceituado por Triviños, (1987, p.146), como um:

Modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa. Ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Em relação a essa etapa, para a presente pesquisa foram produzidas 23 entrevistas, com voluntários, que atuam desde 1997, os diretores eleitos pelo Conselho Curador, com mandato de dois anos, a saber: diretor presidente, diretor vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro e 2º tesoureiro.

No próximo capítulo, este trabalho trata do radiodocumentário, especialmente sobre suas características e técnicas.

2.5 Forma de análise dos dados coletados

Para Gil (2012, p. 177), [...] a interpretação dos dados é entendida como um processo que sucede à sua análise. Mas estes dois processos estão intimamente relacionados. Nas pesquisas qualitativas, especialmente, não há como separar os dois processos. Esta pesquisa parte da análise qualitativa.

Sendo assim, com o objetivo de averiguar os dados coletados na técnica de entrevista em profundidade, bem como cruzá-los para confirmação e veracidade dos mesmos, serão utilizados os conceitos levantados através da pesquisa bibliográfica e documental, efetuadas por meio de livros, arquivos jornalísticos e atas, uma vez que esta permite a total comparação entre artigos oficiais e depoimentos coletados.

O resultado será apresentado na peça prática radiodocumentário, que disponibilizará de maneira objetiva a história da instituição, envolvendo todos entrevistados e chegando a conclusão de como surgiu o hospital.

3 O RADIODOCUMENTÁRIO

Como peça prática, esta pesquisa produziu um radiodocumentário, (composto por 46 minutos) por entender seu potencial informativo, sobretudo em sua capacidade de emoção e subjetividade frente aos depoimentos colhidos. De acordo com Filho (2009, p. 102), esse modelo de documentário:

Mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem - edição final do material produzido em áudio com materiais gravados anteriormente.

Para Detoni (2007, p.4), documentário jornalístico está ligado a questões e a “[...] documentos históricos, que realmente relembram e reinterpretem o passado [...]”. Os quais “[...] podem ser investigativo e revelador, expondo fatos novos sobre determinado acontecimento [...]”.

Conforme Mcleish (2001, p.191), entende-se como etapa e objetivo do documento radiofônico a apresentação de fatos, “baseados em evidência documentada – registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero. O objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre baseado na reportagem honesta e equilibrada”.

Mcleish (2001), por sua vez, chega a apontar a necessidade, em algumas situações, em que é necessário o produtor de um radiodocumentário conversar com pelo menos 20 fontes. Segundo o autor, a quantidade se converte num roteiro bem detalhado, com pautas bem elaboradas, além das possibilidades de informações.

Este modelo de documentário [...] “é realizado por meio de montagem – edição final do material produzido em áudio – com matérias gravadas anteriormente, ou, ainda, juntando-se esse material às ‘cabeças’ – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais ‘ao vivo’”. (FILHO, 2009, p.102).

Segundo Jung (2013, p.18), uma das características do rádio é a proximidade com o ouvinte, a conversa direta com o cidadão:

Comunicar é tornar comum, ligar e unir, entre tantos outros sentidos encontrados nos dicionários. Para aproximar emissor e receptor, tendo o rádio como meio de transmissão, é fundamental trabalhar para que todos os elementos do processo de comunicação caminhem para um ponto em comum tornando a informação mais convincente, mesmo que o ouvinte não tenha memória de elefante. (JUNG, 2013, p. 18)

Ainda conforme Jung (2013), “o rádio participa de um jogo de sedução, em que o jornalista exerce o papel de conquistador, os elementos não verbais devem ser desenvolvidos com o mesmo apuro que dedicamos à construção do texto. Esses componentes estão relacionados às características da voz, assim como à postura do corpo e aos gestos” (JUNG, 2013, p. 122)

Uma outra característica do rádio é a proximidade com o ouvinte, a conversa direta com o cidadão. “A expressão ‘falar ao pé do rádio’ transformou-se em lugar comum, mas reproduz bem a sensação de quem está à frente do microfone contando histórias do cotidiano”. (JUNG, 2013, p. 39).

Levando em conta a quebra de barreira financeira e estrutural e ser um aparelho geralmente pequeno e de fácil utilização, o rádio torna-se um dos meios de comunicação com maior potencial informativo. McLuhan (2009) refere-se ao veículo citado como aquele que “afeta as pessoas, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte”.

Segundo Filho (2009, p.45), “o rádio possui, também, outras características específicas, que fazem dele um meio de comunicação de massa único”. Conforme o escritor, “o autor expõe seis características que contribuem para o rádio ter toda essa capacidade de interação com o ouvinte”. No decorrer do seu texto, Filho (2009, p.45) explica que, dentre as características:

A primeira é a sensorialidade, que faz despertar a imaginação do ouvinte para o que está sendo dito, faz com que crie na sua mente uma visualização do fato, já que por tratar-se de um meio ‘cego’, a sua linguagem estimula a imaginação, envolve o ouvinte, convidando-o a participar da mensagem por meio de um ‘diálogo mental’. (Filho, 2009, p.45).

Conforme Mcleish (2001, p.16):

Diferentemente da televisão, em que o telespectador está observando algo que sai de uma caixa “que está ali”, as paisagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores. O rádio em fones de ouvido acontece literalmente dentro da cabeça. A televisão de um modo geral é assistida por pequenos grupos de pessoas e a reação a

um programa costuma ser afetada pela reação entre indivíduos. O rádio é muito mais algo pessoal que vem direto para o ouvinte.

Segundo Porchat (1993, p. 99), “a facilidade de transportar um aparelho de rádio e o alcance de suas ondas sonoras fazem com que ele esteja em toda parte – dentro e fora de casa; no centro da cidade e no meio do campo”. Ainda conforme ele, “acrescente-se a isso o fato de qualquer pessoa, mesmo analfabeta, poder escutar rádio. E também o fato de isso poder ser feito a qualquer momento: quando se acorda, trabalha ou adormece”. Desta maneira, o autor elenca as seguintes características de linguagem para o rádio, sendo elas: “nítida, simples, rica, repetitiva, forte, concisa, correta, invocativa e agradável”.

Observações que se tornam ainda mais relevantes quando atreladas ao potencial geográfico do rádio, visto que o mesmo “alcança atualmente 96% do território nacional. A maior cobertura entre todos os meios de comunicação, com público aproximado de noventa milhões de ouvintes”. (Jung, p 13, 2013)

Este projeto utiliza como peça prática o radiodocumentário. O qual, conforme Nichols (2005) o fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Segundo o autor:

Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo, em que a voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A concepção da voz também está ligada à ideia de uma lógica informativa que orienta a organização do documentário comparada à ideia de uma história convincente que organiza a ficção. (NICHOLS, 2005, p. 73).

Além disso, Detoni (2007, p.7) apresenta alguns princípios para a construção de um radiodocumentário, na qual as informações a serem levantadas são: “Dados históricos, importância ambiental, características, estimativa de público, número de funcionários, de bebedouros, de banheiros e de lanchonetes, gastos com manutenção, atrações”.

No caso específico do HRC de Presidente Prudente, este trabalho apresenta tais exigências por meio da estrutura física do ambiente, como a quantidade de leitos, lavanderias, atendimentos diários, quantidade de funcionários, equipamentos e os demais itens que compõem o hospital, bem como os procedimentos que são desenvolvidos no local.

Ainda conforme Detoni (2007):

Após a ideia inicial, a primeira coisa que o produtor deve fazer é responder a duas perguntas: - Qual é o objetivo desse documentário? (O que quero contar ou mostrar) - O que quero deixar para o ouvinte? (mensagem). As respostas a essas perguntas ajudam a definir o ângulo do documentário. São de grande valia na hora de decidir o que entra no programa ou sai. O objetivo pode mudar ao longo do trabalho quando somos confrontados com novos dados e situações, mas saber o que se quer atingir é fundamental para estruturar o programa. (DETONI, 2007, p.7)

Ferreira (2014) enumera 14 características do rádio: oralidade (o veículo fala), penetração (chega aos lugares mais remotos), baixo custo (técnico e operacional), mobilidade (para o emissor e ao receptor), imediatismo (notícia o fato no momento do seu acontecimento), instantaneidade (a audiência ocorre no mesmo momento em que o fato é transmitido), autonomia (portátil, audiência individual), seletividade (programação linear), interatividade (participação do ouvinte), divulgador musical (constrói o sucesso), prestador de serviço (informa e orienta), companheiro (veículo de todas as horas), comunicação de massa (público numeroso, anônimo e heterogêneo) e sensorialidade (emoção).

A característica da sensorialidade está entre as de maior impacto para os comunicadores e ouvintes de rádio, sendo a mais marcante:

A sensorialidade está para o rádio como a característica mais marcante, por permitir das asas à imaginação. Pergunta-se: qual o tamanho da imagem de um televisor? Resposta: depende das polegadas de sua tela. Pergunta-se: qual o tamanho da imagem do rádio? Resposta: o tamanho da imaginação de quem ouve. (FERREIRA, 2014, p.25).

No quesito emoção, contemplado pelo radiodocumentário, o mesmo autor amplia o entendimento sobre a característica da sensorialidade, dizendo que:

Não é somente o imaginar, mas também o sentir. A mensagem transmitida pelo rádio pode provocar alegria ou tristeza, satisfação ou insatisfação, tranquilidade ou desespero, euforia ou depressão, amor ou ódio, paz ou guerra e dor ou alívio da alma, mas até com sensação física. Cria-se entre emissor e receptor um diálogo mental. (FERREIRA, 2014, P.25)

O radiodocumentário, objeto deste estudo, pretende trazer um pouco de cada característica; porém, por uma questão de natureza lógica, a sensorialidade se apresenta como espécie de “marca registrada”.

Desta maneira, o radiodocumentário sobre o HRC de Presidente Prudente, conta porque surgiu, de que maneira, como evoluiu e a que ponto chegou à proposta e o hospital. Tendo como proposta principal o registro do desenvolvimento do prédio, com seus respectivos apoios, tanto de voluntários, como de instituições e governo. Representando, desta maneira, as condições que propiciaram a construção de um dos maiores centros de especialidade do câncer em nossa região.

3.3 Entrevista e produção

Com o objetivo traçado, o radiodocumentário exige um trabalho de construção e desenvolvimento que, neste caso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, compreende as entrevistas em profundidade.

Deste modo, foi fundamental que cada autor da pesquisa dominasse os princípios da reportagem, uma vez que, conforme Jung (2013, p.114), “é nela que o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, encontra novidade, gera polêmica, esclarece o ouvinte”.

Sendo assim, por conhecer que a reportagem é intrínseca a entrevista, este presente trabalho se preocupou com todos os parâmetros da mesma, uma vez que, segundo McLeish (2001), “entrevista é um evento espontâneo, onde qualquer indicação de ter sido ensaiada prejudica a credibilidade do entrevistado”.

Como conceito de entrevista, McLeish (2001, p. 46) aponta que esta “[...] é um diálogo com um objetivo definido. Por um lado, o entrevistador sabe qual é esse objetivo e conhece alguma coisa do assunto. Por outro lado, ele se coloca no lugar do ouvinte, fazendo perguntas numa tentativa de descobrir mais coisas”.

Desta maneira, como dito, os jornalistas envolvidos em cada entrevista devem dominar os princípios deste diálogo, que tem como objetivo “fornecer, nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão no que diz respeito à validade do que está sendo dito”. (MCLEISH, 2001, p.43).

Conforme Medina (2008), o ponto de partida da entrevista está associada à própria pauta:

Dentro de um processo autoritário (a ditadura da oferta), esta seleção preexiste a uma pesquisa de campo. A predeterminação de quem deve se ouvir na reportagem é inerente ao jornalismo acoplado a grupos de poder (econômico ou político ou cultural). Torna-se sumária a seleção de fontes de informação: já estão à disposição do editor, chefe de reportagem, repórter ou pauteiro aqueles nomes, endereços telefones dos entrevistados habitués. (MEDINA, 2008, p. 35)

Tendo em vista as possibilidades de apelo emocional, trabalhadas ao longo desta pesquisa, Mcleish (2001, p.44) esclarece que “o objetivo da entrevista emocional é dar uma ideia do estado de espírito do entrevistado, de modo que o ouvinte possa entender melhor o modo que ocorre em termos humanos”.

Conforme Ferreira (2014), no rádio a entrevista é a técnica jornalístico que sustenta a difusão da informação em diferentes categorias. Dentre elas, este radiodocumentário utiliza a interpretativa, “que se relaciona com a entrevista de informação em profundidade e admite a presença do entrevistado para interpretar alguns fatos já conhecidos do público”, e a emocional, que “está diretamente ligada a fatos que fogem da razão, pela alegria ou pela tristeza, pela euforia ou pela angústia, pelo prazer ou pela dor”. (FERREIRA, 2014, p. 38).

Por sua vez, para contar a história da Fundação Hospital Regional do Câncer, a presente pesquisa utilizou também a entrevista em profundidade, realizada por meio da coleta de depoimentos daqueles que deram sua contribuição.

Medina (2008) explica que para “entrevista de aprofundamento é preciso recorrer a alternativas elaboradas e conscientemente escolhidas. Cada subgênero da entrevista quase determina um tratamento estilístico”. (MEDINA, 2008, p. 56).

Na produção, por sua vez, segundo McLeish (2001, p.189), “cada produtor cria seus próprios métodos e certos tipos de peças podem exigir uma abordagem individual, o que acontecerá quando se trabalha com crianças ou amadores. Em seguida, porém, damos em linhas gerais o procedimento padrão”:

O produtor trabalha junto com o autor, ou pega o *script* e, sozinho, reescreve o texto tendo em vista a transmissão radiofônica. Faz alterações para adequá-lo ao tempo de transmissão disponível. Com sua equipe, ou sozinho, monta os efeitos sonoros, reserva o estúdio, providencia recursos técnicos especiais, atendendo as possíveis exigências acústicas, e escolhe a música. A fita é editada com os melhores “*takes*”, removendo-se os *fluffs* e confirmando a duração final. (MCLEISH, 2001, p.189)

A parte técnica também é responsabilidade do produtor. Conforme Prado (2006, p. 115), “muitos devem achar que a parte técnica não é de responsabilidade do produtor. Em outros tópicos já foi alertado que, em muitas emissoras, as de menor porte, o produtor faz de tudo”. Ainda conforme a autora, “nesses casos, também cuida da equipe técnica. Verifica com os sonoplastas a manutenção dos equipamentos, para garantir o bom funcionamento na hora da captação do som, da edição e da transmissão”.

É ainda encargo do produtor de um radiodocumentário, a produção das pautas, como exposto no próximo tópico.

3.4 Pauta

Pauta é item fundamental para a análise e definição dos entrevistados, visto que, segundo Prado (2006, p.111), a pauta é elaborada em ordem de prioridade, onde “os principais temas são sugeridos na reunião de pauta com a equipe de jornalistas”. Neste caso em específico, com a equipe de autores deste trabalho.

Conforme Prado (2006, p. 111-112):

O pauteiro é o ‘pensador’ por excelência, aquele que na imensidão dos acontecimentos capta o que pode ser transformado em reportagem. Esse trabalho vai além da seleção dos assuntos dos dias. [...] O pauteiro pensa os assuntos por inteiro e indica os caminhos que devem ser percorridos para que a reportagem a atenção do ouvinte, atinja o público-alvo da emissora. Ele apoia decisivamente a construção da reportagem, sugerindo perguntas e caminhos para o repórter.

Porchat (1993) argumenta que o pauteiro deve redigir uma pauta completa e objetiva que apresente:

Um resumo dos acontecimentos que são objeto da matéria; O que se espera obter do repórter, isto é, o ponto que interessa ao ouvinte; A posição da mesa de pauta com relação ao assunto a ser desenvolvido; Um roteiro de perguntas básicas – aquelas que o ouvinte gostaria de fazer; Os dados necessários ao repórter: nome, cargo ou função das pessoas que serão entrevistadas; quanto aos órgãos públicos, esclareça se é federal, estadual ou municipal [...]. (PORCHAT, 1993, p.48)

Com o entendimento adquirido durante o período acadêmico, de que a pauta é o direcionamento ao perfil de cada entrevistado, para este trabalho foi fundamental a construção de pautas bem elaboradas, visto que, cada personagem que fez parte do HRC de Presidente Prudente, participou de uma atividade distinta, seja como voluntário, especialista, organizador, etc.

Tão importante quanto a pauta, a produção também é um dos principais parâmetros para a construção desse radiodocumentário. Segundo Prado (2006), “é muito melhor planejar tudo direito do que fazer as tarefas conforme elas vão aparecendo, na última hora”. Conforme a autora, o trabalho de um produtor é “organizar o passo-a-passo do trabalho da equipe, listar as tarefas prioritárias, incluir as de reserva, caso alguma não dê certo, levantar as possibilidades de mudança de rumo, caso uma das pautas caia [...]”. (PRADO, 2006, p. 138)

3.5 Decupagem

O próximo passo após a etapa da construção das pautas e da execução das entrevistas é a decupagem, que, conforme Prado (2006).

Depois da cronometragem na íntegra, a sonora é dividida em partes, de acordo com o pensamento de quem fala. Não é porque cada take precisa ter no máximo três minutos que o editor vai cortar a frase no meio, ou mesmo antes de o entrevistado ter completado o raciocínio. Por isso existem várias possibilidades de corte, antes de se chegar aos três minutos. Pode-se cortar em dois minutos, um minuto e meio, e assim por diante. (PRADO, 2006, p. 122)

Ainda conforme Prado (2006), “caso não dê mesmo para cortar um raciocínio para ficar no tempo estabelecido, e a sonora passar um pouco de três minutos, cada caso deve ser estudado individualmente”. Neste caso, o autor propõe os seguintes questionamentos: “Será que não dá mesmo para cortar? É possível tirar a sonora inteira e o apresentador resumir o que o entrevistado falou? O que não pode ocorrer é deixar que todos os takes estourem o tempo”. (PRADO, 2006, p. 122-123).

Finalizadas as decupagens, inicia-se a edição, trabalho concentrado na montagem do documentário, que segue a ordem de entrevistas, escolhidas intencionalmente pelo planejamento.

Conforme McLeish (2001, p.192), depois de resolvida estas etapas, vem a questão da duração do programa. A ordem talvez seja produzir um programa de 30 minutos ou uma hora.

Depois de fazer as anotações básicas de planejamento, o produtor tem de fazer o programa no limite de seus recursos. O produtor que segue um *briefing* bem definido sabe o que quer e ao fazer as perguntas certas poupa tempo [...]. Uma narrativa explicativa que promova o encadeamento das partes obviamente é útil para conduzir o programa de uma maneira lógica e informativa. (MCLEISH, 2001, p.192)

3.6 Edição

Conforme McLeish (2001), “espontaneidade, variedade, intuição e humor- é o que caracteriza uma boa enquete”. Segundo o autor, “de volta ao estúdio, ouvindo o material, o primeiro passo é eliminar tudo o que não for totalmente inteligível. Isso deve ser feito logo de início, antes que os ouvidos do editor se acostumem ao som”. (McLeish, 2001, p. 126).

Conforme Porchat (1993, p. 74) a edição “é um trabalho que requer ‘engenho e arte’. Tem como finalidade dar concisão (o maior número de informações no menor tempo!), nitidez, coerência e ‘tempero’ à matéria gravada”. Ainda conforme o autor, o trabalho de edição em rádio significa, “montar uma matéria após selecionar, hierarquizar e emendar trechos da gravação. Como um artesão o editor deve ‘limpar’ a matéria, eliminando o que for desnecessário ao entendimento, e ‘dar brilho’, redigindo um bom texto que torne nítida, coerente e interessante”.

Além disso, Porchat (1993) recomenda alguns dizeres ao editor, como “ler com atenção o relatório deixado pelo repórter; verificar a qualidade de som da entrevista; selecionar os melhores trechos da gravação; não cortar nenhum trecho de bom conteúdo só porque contém vacilações na voz. Eles dão um tom espontâneo à matéria editada”, bem como:

Ao extrair parte da entrevista, tome cuidado para não modificar a ideia que o entrevistado quis transmitir. Uma frase pode adquirir outro sentido, se estiverem incompleta. É preciso não desvirtuar a palavra do entrevistado [...]; Cuidado, ao emendar trechos, com ruídos de rua ou música ao fundo; Preste atenção na pronuncia do nome do entrevistado e na de palavras

desconhecidas que aparecerem para redigir corretamente. Escreva a pronúncia correta numa rubrica [...]. (PORCHAT, 1993, p. 74-75).

McLeish (2001, p. 126) se atenta para as seguintes possibilidades: “[...] às vezes, as próprias respostas são semelhantes, caso em que se deve mostrar o suficiente para indicar consenso, sem se tornar marcante e repetitivo.” Segundo o autor, “pode haver problemas com respostas bem elaboradas mas longas, que provavelmente acabam distorcendo o formato da enquete se forem usadas na íntegra”. Mcleish acrescenta que “uma técnica admissível é cortá-las em duas ou três partes, colocando-as em separado no final da gravação”.

Na relação entre repórter e editor, Porchat (1993, p.60) diz que, “o repórter deve ajudar bastante o trabalho daquele que edita e a matéria ganha com isso”. De acordo com ele, “para melhorar a comunicação entre os profissionais envolvidos, na elaboração de uma matéria, nasceu o “relatório”, expediente que colaborou para a melhoria da qualidade das reportagens e textos editados”. Porchat lista alguns princípios para a elaboração desta etapa, dos quais vale ressaltar:

Sugestão do lead ou informação principal; nome completo do entrevistado, com orientações sobre a pronúncia; profissão e cargo do entrevistado; síntese das principais informações; sugestões de deixas (trechos de gravação); observações sobre o ambiente, estado físico e emocional do entrevistado. São muitos os eventos em que os flagrantes, os detalhes pitorescos, os bastidores, enfim, são os mais interessantes do que as informações da entrevista; avaliação do repórter sobre a matéria, e a sugestão do aproveitamento que ela deve ter; sugestões de pauta que possam ter surgido durante a matéria. O relatório precisa ser “nítido”, com frases curtas, para facilitar o trabalho do editor e do redator.

Concluído o processo da edição, inicia-se o trabalho do locutor, personagem principal na intermediação de sonoras, aquele que detém a arte da persuasão e quem determina o ritmo da oratória no documentário.

3.7 Locutor e trilha sonora

De acordo com Ferreira (2014, p. 45), “ao locutor cabe uma boa voz, que seja audível, clara e compreensível. A leitura ou o improviso devem ser marcados pela originalidade, criatividade, carisma e poder de síntese”. Ainda

segundo ele, “o comportamento e a mensagem devem ser éticos e o restante será consequência. A mensagem do programa deve se ater ao que ele se propõe”.

Segundo Porchat (1993, p.87), “mas do que uma bela voz, o locutor precisa ter um conhecimento técnico, que se adquire com esforço e treinamento. Entretanto, para o locutor de radiojornalismo, nada é mais importante do que transmitir segurança, crença na informação que lê”. Conforme o autor, durante a locução o locutor deve adotar alguns princípios, como: A postura, pois ela “revela respeito pela matéria, o que leva o ouvinte a respeitá-la também”. Além disso, Porchat aponta algumas dicas para este profissional, das quais vale ressaltar:

Fique atento aos sinais que lhe serão enviados pelo operador. É dele o comando técnico; Concentre-se no texto, para não corre o risco de ser alegre em notícias tristes ou o contrário; O tom precisa ser convincente, de quem acredita no que está falando; Pronuncie bem as palavras, não se esquecendo dos ‘s’ e ‘r’ finais; Não deixe qualquer ruído atrapalhar a audição do ouvinte. Evite tossir, espirrar, pigarrear e bater com a mão o lápis na mesa. Mas, se acontecer, aja com naturalidade; Leia naturalmente, como se estivesse falando de improviso. (PORCHAT, 1993, p.88).

Conforme McLeish (2001, p. 228):

Depois de liberar a voz natural do locutor, superando a voz simulada ou aquela afetada pelo nervosismo, o instrutor continua com o *feedback* profissional de acordo com os seguintes aspectos: *Postura* – A posição sentada é confortável, permitindo boa respiração e movimento? Postura tensa ou muito relaxada geralmente não favorece a atenção. *Ritmo* – A locução está correta? Uma fala muito veloz pode prejudicar a inteligibilidade ou causar erros. *Volume* – Há suficiente elevação e queda do modo a tornar o som global interessante? Um tom muito monótono pode logo tornar-se tedioso de ouvir. A animação na voz deve, no entanto, ser usada para transmitir um significado natural e não apenas para obter variedade.

Ainda conforme as técnicas de locução, Porchat (1993, p.87) as tomadas de fôlegos devem ser controladas, nos momentos adequados. “O ar deve ser expulso de maneira lenta e regular, para que a respiração seja suave e silenciosa”. Além disso, o autor propõe: “Mantenha a voz firme e descontraída para ser agradável, sem perder firmeza”.

Porchat (1993, p. 89) acrescenta:

A comunicação no rádio se faz pela menor fração da linguagem articulada, que é o som. E o som é algo complexo, resultado da ação de vários órgãos sob a influência de uma série de fatores extrínsecos, ressaltando desta interação, com muita competência e propriedade, a função exercida pela respiração. Costuma-se dizer, por exemplo, que não se deve respirar pela boca, o que tem sua razão de ser, porque na estrutura das fossas nasais é

que está o mecanismo de defesa que purifica e equilibra a temperatura do ar que a pessoa inspira.

Prado (2006, p. 91), por sua vez, relata que “o importante é ter uma boa dicção, articular bem as palavras, saber pronunciá-las corretamente, inclusive as estrangeiras”. Segundo o autor, “é preciso também ter um compasso, uma espécie de balanço adequado ao falar, ou seja, não pode ser muito rápido, que ninguém aguenta e nem devagar demais, que todos dormem”. Ainda conforme Prado, “uma voz equilibrada consegue dosar o tempo certo para a locução.”

“Além da voz, existem outros quatro elementos na construção de mensagens radiofônicas que são a música, os efeitos sonoros e o silêncio.” (FERREIRA, 2014, p. 45).

Desta maneira, segundo Mcleish (2001, p.146) “assim como a música, os efeitos sonoros ou, na verdade, os ruídos de um programa de variedades, podem constituir um enorme acréscimo àquilo que de outra maneira, seria uma sucessão de matérias faladas”.

Segundo o próprio autor, “[...] a música pode enriquecer bastante uma peça radiofônica. Mas se for utilizada com exagero ou se a escolha não for adequada, torna-se apenas uma distração irritante. O produtor deverá decidir qual o papel destinado à música” (MCLEISH, 2001, p.189):

Música escolhida simplesmente para criar o clima de uma cena. Seja para a “casa mal assombrada” ou para “um evento esportivo”, é preferível selecionar algo não muito conhecido a ponto de poder despertar no ouvinte ideias preconcebidas e associações. Assim, vale a pena o produtor conhecer as obras menos famosas de sua discoteca. Música repetitiva ou de ritmo insistente pode ser usada para marcar a *passagem do tempo*, realçando assim o decorrer das horas, dos segundos. A fadiga ou a monotonia é uma parcimoniosamente reforçada.

De acordo com Prado (2006, p. 40) o BG (Background) ou “fundo”, serve para ilustrar uma fala. “A música escolhida deve combinar com o assunto ou com o programa, ou ainda com o tema no qual se fala”. Ainda segundo ela, “não pode ser vocal, pois vai interferir com a voz do locutor. Em geral, escolhe-se uma música instrumental, ou parte da música em que ainda não entrou a voz do cantor, para usar como BG”.

Mcleish (2001, p. 195) acrescenta, que “a prática atual é fazer pouco uso da música em documentários, talvez com receio de que possa facilmente gerar um clima que deveria ser devidamente criado por vozes e situações da vida real. Os produtores, porém, logo reconhecerão os assuntos que se prestam a um tratamento especial”.

Por sua vez, este radiodocumentário, segue todas as análises observadas acima, garantindo, desta maneira, os padrões técnicos e estruturais desta peça prática.

O próximo capítulo traz a história do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, contada por 23 personagens, que de alguma maneira participaram desta narrativa, além da pesquisa documental.

4 O HOSPITAL

4.1 Primeira fase

Até outubro de 2015, em Presidente Prudente, não existia nenhum centro especializado no tratamento ao câncer. Os únicos locais que prestavam este atendimento a toda população da cidade e região eram o Instituto de Radiologia, fundado em 1980, localizado na Avenida Manoel Goulart, 3301, e o Instituto de Oncologia Antônio Sérgio Querubim da Santa Casa de Misericórdia, que mais tarde recebeu o nome de Instituto de Oncologia Sérgio Querubim, fruto de um trabalho que se iniciou em 1997 por um grupo de voluntários e que resultou na construção do Hospital Regional do Câncer (HRC) de Presidente Prudente, inaugurado em 6 de outubro de 2015.

Mais tarde, surgiu na cidade o Serviço de Oncologia do Hospital Regional “Doutor Domingos Leonardo”, inaugurado em dezembro de 2013 e que até julho de 2016 já tinha atendido 1594 pacientes diagnosticados com algum tipo de câncer. Segundo a Assessoria de Imprensa do hospital, “por mês, cerca de 60 novos pacientes dão início a tratamento oncológico na unidade. Também já foram realizadas, até 30 de julho, 9549 sessões de quimioterapia”.

Apesar da existência de tratamento, conforme o médico rádio-oncologista Marcos Regalin³, a principal necessidade continuava a ser a quantidade de máquinas na cidade, que, segundo ele, “não conseguia comportar a demanda existente”. Desta maneira, segundo o médico, “acaba gerando muita fila, tem muitos pacientes, tem certa urgência em iniciar o tratamento e muitas vezes você não consegue esperar. De repente, até esse paciente conseguir a vez dele na fila, esse tratamento já virou paliativo”.

Desta maneira, por congestionamento de atendimentos e por escassez de aparelhos tecnológicos ao paciente com essa patologia, especialmente até meados de 2013, aqueles que necessitavam de auxílio médico especializado em Presidente Prudente, tinham que se deslocar a cidades como Jaú, Londrina, Barretos ou São Paulo, onde existem hospitais de referência em câncer.

³ Marcos Regalin é o médico radio oncologista do HRC. Entrevistado para falar sobre os procedimentos realizados no hospital. 07 out. 2016.

Por conta desta necessidade, a fisioterapeuta Bernardete Bosso Querubim, juntamente com seu esposo, o contador Antônio Sérgio Querubim (que faleceu em 12 de maio de 1999, vítima de câncer maligno, que afetou diversos órgãos de seu corpo) começaram a estudar, em 1997, a possibilidade para implantação de um hospital especializado na doença em Presidente Prudente.

Motivada pela doença de seu cônjuge, que sofria com o quadro clínico desde 1993, Bernardete⁴ relembra que partiu dele a iniciativa para a construção de um hospital na cidade. Ele falava: “não, nós temos que fazer alguma coisa, nós não podemos ficar de braços cruzados”. Segundo ela, durante o tratamento de seu esposo, no hospital de câncer A.C Camargo, localizado em São Paulo, capital, as dificuldades de locomoção e o sentimento de distância afetavam ainda mais seu quadro clínico. O que motivou, com mais intensidade, a ideia da construção da entidade. Bernardete também relembra que, na época, em meados de 1997, “aqui em Prudente tinha um ambulatório de quimioterapia e tinha de “rádio” também. A radioterapia continua no mesmo lugar, lá perto do museu. Mas era bomba de cobalto, queimava muito, judiava muito”.

Em busca da concretização deste sonho, Querubim⁵ entrou em contato com Maria Auxiliadora Constantino⁶, em meados de julho de 1997, com quem compartilhou a intenção da obra. “Liguei para Maria Auxiliadora e disse que queria montar o hospital do câncer”, recorda. Conforme a própria Querubim, em 24 horas a amiga marcou uma reunião onde estavam “Antônio Sérgio Querubim; o então provedor da Santa Casa, Stanley Zaina; o doutor Plácido; a Zélia; o doutor Hugo Gakiya; Maria Auxiliadora e a própria Bernardete”. Ainda segundo Querubim⁷, esta reunião foi realizada na casa do doutor Plácido e “foi a primeira reunião para se falar em construir um hospital”. No entanto, apesar da união, após este dia “não saiu nada, não passou dessa conversa”.

Já em 25 de setembro de 1997, aproximadamente dois meses após o primeiro encontro, foi montada efetivamente a primeira diretoria da comissão que

⁴ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

⁵ Idem

⁶ Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

⁷ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

trataria sobre investimentos ligados ao câncer em Presidente Prudente. De acordo com Querubim⁸, a reunião aconteceu na casa da filha da Maria Auxiliadora Constantino, Ana Constantino, e ficou determinada a seguinte diretoria: “O presidente era o Antônio Sérgio Querubim, a vice-presidente era a Ana Constantino, a secretária era a Teresa Corral; a Lúcia, a dona Auxiliadora e eu, éramos da divulgação”. Além desse grupo, foi formada também a comissão de eventos, composta por “Mara Sartório, Zuíla, Marinho e a Giselda”. Vale lembrar que além dos nomes citados, existe uma grande quantidade de voluntários que participaram das atividades iniciais. Segundo Joel Turino⁹, um dos voluntários da época:

“Existe um mundo de gente que se envolveu, tem mais de 20, quase 30 pessoas que estavam ali, ajudando, colaborando, participando. Fica difícil a gente se lembrar de todos, se for falar de um, esquece o outro, mas é um time muito bom, um pessoal muito unido que se dava as mãos para que a causa fosse resolvida”.

Sendo assim, após a etapa da formação da primeira diretoria, os integrantes começaram a fazer chás em residências de pessoas voluntárias, com o objetivo de angariar recursos para a futura construção. Maria Auxiliadora Freitas Constantino¹⁰ recorda deste momento. “Eu falei, Bernadete, eu sei fazer alguns quitutes, algumas coisas. Eu vou tirar umas receitas e vou começar a fazer chás nas casas”. Sendo uma das idealizadoras destes eventos, Constantino¹¹ lembra-se também que, após os chás, eram realizados bingos. “A gente vendia um bingo bem baratinho, R\$ 2, R\$ 3, o máximo de R\$ 5 e sorteava aquelas prendas que a gente trazia”. Além disso, conforme ela, com essa atitude, foram multiplicando-se as pessoas e os adeptos quanto ao objetivo principal. “Um ia passando para o outro, um falava ‘não, então vai fazer o chá na minha casa, tal dia.”

⁸ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

⁹ Joel Turino fez parte do primeiro grupo de voluntários para a construção do HRC. Entrevistado para citar nomes e relatar quais eram as atividades realizadas pelo grupo de voluntários. 09 set. 2016.

¹⁰ Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

¹¹ Idem

Figura 1 - Início dos eventos em prol a construção do hospital



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

Com o compartilhamento constante sobre a necessidade de se construir um hospital, o grupo foi ganhando força. De maneira também voluntária, um profissional na área de desenho, morador de São Paulo, cuja identidade é desconhecida pela própria diretoria, confeccionou uma logomarca para ser a identidade do centro de tratamento, a qual seria impressa nas camisetas e que, inclusive, é a que permanece atualmente. De acordo com Constantino¹², após o artista desenhar uma célula cancerígena, os integrantes da comissão mandaram fazer as camisetas. “Eu me lembro direitinho que a primeira remessa foram só 35 camisetas, era o que o dinheiro dava para pagar. Aí nós começamos a usar estas camisetas e começamos a falar, divulgar”.

O principal objetivo após esta etapa inicial era saber, onde, como, quando e de que maneira aplicar a verba arrecadada por meio dos chás, bingos e até mesmo jantares. Segundo Querubim¹³, as principais questões levantadas neste período, entre 1997 e 1999, era de que maneira o prédio seria feito. “Por onde eu passava, eu e o Sérgio, a gente perguntava. Porque nós tínhamos a intenção de construir o hospital. Como nós deveríamos fazer? Aí muitos médicos disseram, olha

¹² Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

¹³ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

faça junto a Santa Casa que é mais fácil para arrecadar”. Cogitou-se, inclusive, a construção junto ao então HU (Hospital Universitário), porém, “lá era particular, a gente não podia se unir a um setor particular”, argumenta o voluntário, Turino¹⁴. Diante disso, conforme Querubim, o grupo recebeu a proposta para a reforma do então Instituto de Oncologia da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, localizado na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2380. “Os médicos fizeram uma reunião com a gente e pediram pra que nós reformássemos o instituto, que era um horror, era um banheiro só, um paciente vomitando em cima do outro, chovia dentro. Era um horror”, relembra Querubim¹⁵.

No passo seguinte, após a proposta realizada, a diretoria da Santa Casa entrou em contato com o Antônio Sérgio Querubim, o então presidente da comissão em prol do HRC de Presidente Prudente. Segundo relato de sua esposa, Bernardete Querubim, ele teria dito, “nós vamos acudir quem tem câncer aqui agora”. “Alguns voluntários falaram, não, nós não vamos gastar nosso dinheiro da construção do hospital para reformar”, relembra Querubim. Desta maneira, os trabalhos se iniciaram com o apoio financeiro da própria Santa Casa.

Conforme o prefeito da época, Mauro Bragato¹⁶, após o contato da Maria Auxiliadora Freitas Constantino, registrado entre 97 e 98, “a prefeitura arrumou recurso para fazer a reforma da casa e, posteriormente, ficou uma espécie de ambulatório. Bastante gente apoiando, as voluntárias, tudo anexo a Santa Casa e posteriormente isso evoluiu para se ter um Hospital do Câncer em Presidente Prudente”.

¹⁴ Joel Turino fez parte do primeiro grupo de voluntários para a construção do HRC. Entrevistado para citar nomes e relatar quais eram as atividades realizadas pelo grupo de voluntários. 09 set. 2016.

¹⁵ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

¹⁶ Mauro Bragato é ex-deputado Estadual. Na época era prefeito de Presidente Prudente. Entrevistado para contar o apoio dado ao grupo de voluntários. 10 out. 2016.

Figura 2 - Central de Oncologia da Santa Casa de Presidente Prudente



Fonte: Arquivo Pessoal/ Bernardete Bosso Querubim

No Instituto de Oncologia da Santa Casa, por sua vez, o grupo de voluntários, passou a desempenhar um papel de reforma e humanização, visto que este local “era uma casinha muito ruim, era a taco, chovia dentro, era um horror”, aponta Querubim¹⁷. Ainda conforme ela, diversos parceiros ajudaram no reparo do ambiente. “Eu tenho uma gratidão na época que era a Caiuá, que prontamente já deu toda parte elétrica, a prefeitura na época era o Bragato, ele deu a mão de obra e nós demos a parte material”, conta Querubim¹⁸. Ainda conforme ela¹⁹, os voluntários pintaram as salas e criaram ambientes distintos, como o da ala infantil, com pipa e borboleta. Além disso, “só tinha cadeira para o paciente fazer quimio, nós fizemos um ambulatório, um quarto onde tinha cama para o paciente, que estava muito ruim, ficar deitado. Então, quer dizer: nós melhoramos muito o serviço de ambulatório aqui”.

¹⁷ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem

Figura 3 - Doação da Caiuá para a reforma do prédio



DOAÇÃO Diretores da Caiuá de Presidente Prudente fizeram ontem à tarde a doação de materiais elétricos ao Instituto de Oncologia da Santa Casa. Os materiais estão avaliados em mais de R\$ 1.100 mil e vão ser destinados para parte das obras de ampliação do prédio. **Pág. 2-A**

Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

Segundo Auxiliadora²⁰, paralelo à reforma, existia também o trabalho de humanização. “Eu comecei então, toda tarde comprava pão ou eu fazia um bolo, ou qualquer coisa. Colocava as coisas no carro, levava duas garrafas grandes de café e chá”, relembra. Esta atividade atingia diretamente “cerca de mil pessoas por mês, moradores de 60% de nossa região”, afirma Querubim²¹. Já de acordo com Auxiliadora²², a mobilização a favor do local foi imediata. Com a ajuda de amigos, “no outro dia já começaram a chegar às coisas: fogão, xícara, copo, colher, televisão”. Com isso, “as pessoas deixaram de ficar na rua”, aponta.

Um dos voluntários da época, Turino²³, relembra que aquela era uma casa pequena, com aproximadamente 140 metros. “Eu, naquela época tinha acabado de me aposentar, tinha condições de ficar ali, o tempo todo, cuidando da ampliação, da reforma toda que tinha que ser feita no prédio”, conta. Turino ainda menciona que no local, “tinha que fazer sala para médicos, sala de quimioterapia,

²⁰ Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

²¹ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

²² Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

²³ Joel Turino fez parte do primeiro grupo de voluntários para a construção do HRC. Entrevistado para citar nomes e relatar quais eram as atividades realizadas pelo grupo de voluntários. 09 set. 2016.

laboratório, sala de espera, sala de atendimento, cozinha e refeitório”. Durante a reforma do instituto, Turino²⁴ lembra-se que, “o Sérgio estava muito doente nessa época e ele não via a hora que aquele prédio ficasse pronto pra poder dar o atendimento, até quem sabe pra ele mesmo”.

Após o período de reforma, que durou pelo menos três anos, a inauguração do local aconteceu em fevereiro de 2000, dez meses após o falecimento do idealizador deste projeto, Antônio Sérgio Querubim. Conforme Querubim²⁵, depois de disseminada a ideia e intenção, a comunidade prudentina começou a se mobilizar para dar sequência aos investimentos no instituto. Atualmente “se você chegar lá é carros e carros, as próprias pessoas que trataram lá, que melhoraram, elas trazem as coisas. Não falta mais nada, graças a Deus”, analisa Querubim²⁶.

Com a Fundação reformada e diante do apoio da população de Presidente Prudente e região, o grupo havia atingido diretamente cerca de 360 voluntários, que ajudavam nas diversas atividades desenvolvidas pela então AAPC (Associação de Apoio ao Portador do Câncer de Presidente Prudente), especialmente nos eventos, que até 2003 haviam proporcionado cerca de R\$ 600 mil. “Arrecadávamos através de bingo, leilão, shows. Nós começamos a andar a região inteira. Fizemos leilão na região, tanto em Taciba quanto em Santo Expedito, que faz até hoje; em Alfredo Marcondes. Então, nós começamos a juntar”, relembra Querubim²⁷. O atual presidente da AAPC, Artur Baratella²⁸, complementa que os recursos eram conquistados:

“Com o povo, com eventos, churrasco fraterno. Nós tínhamos o Natal Feliz, o MC Dia Feliz e mais algumas doações que sempre existiram. Tijolos, madeiras, tudo que era doado era bem vindo. Os brechós nossos, tinha até dois brechós e hoje tem dois novamente, mas os brechós nossos fazíamos as arrecadações e passava tudo para a associação”.

²⁴ Joel Turino fez parte do primeiro grupo de voluntários para a construção do HRC. Entrevistado para citar nomes e relatar quais eram as atividades realizadas pelo grupo de voluntários. 09 set. 2016.

²⁵ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

²⁶ Idem

²⁷ Idem

²⁸ Arthur Baratella é o atual presidente da AAPC e fez parte dos primeiros grupos ligados ao HRC. Entrevistado para falar sobre as doações e o processo de construção do hospital. 10 out. 2016.

Figura 4 - Evento Mc Dia Feliz



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

Apesar da quantidade de arrecadações, o dinheiro que ficava depositado numa conta bancária da própria AAPC, no Banco do Brasil, os então R\$ 600 mil, não era o suficiente para a continuidade ininterrupta da construção, imaginada naquele momento como um anexo da Santa Casa. Segundo o provedor da Santa Casa na época, em meados de 2003, Stanley Zaina²⁹, a intenção era que realmente fosse criado o Hospital do Câncer em Presidente Prudente, “mas não era um hospital isolado como o hospital sem uma ligação funcional com a Santa Casa, seria um anexo da Santa Casa e aproveitaria toda a estrutura da Santa Casa”, reforça. Ainda conforme ele, o hospital necessitaria da Santa Casa para as seguintes atividades, “lavanderia, laboratório, farmácia, além das demais coisas”.

De acordo com Querubim, em 2003, a tesoureira da associação na época disse: “você está louca? Nós temos R\$ 600 mil, você vai começar um negócio e vai parar no outro dia”. Contudo, conforme a própria Querubim, a crença de que tudo daria certo foi maior que os desafios financeiros. “Eu falei: Deus colocou a mão e Deus vai continuar colocando a mão e não vai parar”, relembra Querubim.

²⁹ Stanley Zaina na época da construção do HRC era provedor da Santa Casa. Entrevistado para contar sobre as relações entre o hospital e a Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. 28 set. 2016.

4.2 Segunda fase

Com a convicção para o início da construção, a principal questão no momento era de que maneira o prédio seria erguido. Em busca de respostas, Bernardete Querubim, juntamente com a enfermeira, Cláudia Nalin e algumas voluntárias, alugaram uma Van e foram para Barretos. Segundo Querubim³⁰, chegando lá, elas conversaram com o Henrique Prata, diretor geral do Hospital do Câncer de Barretos. “Ele ensinou, ele mostrou o caminho. Aí fomos para São Paulo, atrás do arquiteto. Chegamos lá, o arquiteto disse que não poderia ser naquele espaço que nós queríamos fazer, teria que ser independente, ele até falou que tinha que ser independente da Santa Casa, na época”.

Foi neste mesmo período que o grupo conquistou o ônibus de prevenção e apoio ao portador do câncer. Uma doação da Empresa de Transportes Andorinha. Segundo Querubim³¹, coincidentemente com a data, o engenheiro estava finalizando projeto de um ônibus para Barretos. “Ele estava arquitetando e falou assim: ‘Isso aqui vai salvar muitas vidas’. Na hora que ele falou isso meu olho girou, fiquei louca”. Juntamente com seus parceiros, Querubim implantou o ônibus na cidade e região e este, sob a administração do doutor Antônio Plácido Pereira, já efetuou 91.048 atendimentos ligados ao câncer, como coletas de materiais e mini-cirurgias.

Figura 5 - Doação do Ônibus, em 2002.



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

³⁰ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

³¹ Idem

No entanto, apesar da primeira previsão do engenheiro quanto à construção do hospital, a empresa Carmem Arquitetura, que atualmente recebe o nome de Fiorentini Arquitetura, realizou o projeto. Conforme o atual engenheiro do HRC de Presidente Prudente, Gustavo Matheus Poletto³², em meados de 2003, “eles sentaram com a comissão de médicos, discutiram qual era a intenção do hospital, a necessidade e explicaram para que estava sendo escolhido cada processo”.

Diante deste contexto, o terreno utilizado para a construção foi o da própria Santa Casa, que foi doado à AAPC. De acordo com o então provedor da Santa Casa na época, em 2003, Zaina³³, a área citada foi adquirida pela Santa Casa com recursos próprios e, antes da doação, o local seria destinado para a ampliação da própria Santa Casa. “[...] com essa ideia da criação do Hospital do Câncer, nós destinamos uma área lá atrás, onde havia uma figueira frondosa, mas antes da minha gestão na Santa Casa essa figueira foi cortada, criou-se até uma polêmica e aquele espaço estava vago. Então, a diretoria da Santa Casa resolveu destinar aquele imóvel para a construção do Hospital do Câncer”.

Figura 6 - Terreno cedido pela Santa Casa



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

³² Gustavo Matheus Poletto é o atual engenheiro do HRC. Entrevistado para contar como se deu o processo de construção, bem como suas principais dificuldades.

³³ Stanley Zaina na época da construção do HRC era provedor da Santa Casa. Entrevistado para contar sobre as relações entre o hospital e a Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. 28 set. 2016.

Com o projeto e o terreno em mãos, foi lançada, então, a pedra fundamental. O que ocorreu em 14 de fevereiro de 2003, sendo que a data específica não foi lembrada por nenhum dos integrantes que vivenciaram este momento. De acordo com Auxiliadora³⁴, o momento contou com a presença do governador Geraldo Alckmin, que estava na cidade. “A gente aproveitou um dia que eles estavam aqui e convidamos para ele ir lá, lançar a pedra fundamental”, recorda Auxiliadora. Ainda conforme ela, no dia foi aberto um buraco numa parte do terreno, onde a pedra foi enterrada. Atualmente, este símbolo foi tirado de seu local de origem e “será colocado num local de destaque”.

Segundo Querubim³⁵, o governador prometeu para a AAPC um terço da construção. “Ele disse que um terço é do município, um terço do Estado e um terço é federal”, relembra Querubim. Ainda conforme ela, após “algum tempo” desta promessa, o dinheiro não chegava. “Fui lá no Palácio do Governo, virei para ele e disse assim: eu sou a Bernardete Querubim e estou aqui para reivindicar pelo menos uma parte do dinheiro que você prometeu lá”. Já no dia 15 de janeiro de 2004, aproximadamente dois meses após o acontecimento citado, foi enviado por Alckmin R\$ 500 mil.

Figura 7 - Implantação da Pedra Fundamental do Hospital



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

³⁴ Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

³⁵ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

Com o apoio do Estado e, principalmente, de toda comunidade prudentina, o hospital começou a criar forma. Do alicerce ao último andar, a obra crescia gradativamente, à medida que as doações, provenientes de eventos beneficentes, passavam a suprir os investimentos necessários. De 2003 a 2008, os construtores seguiram exatamente o que o primeiro projeto do hospital propunha: construir 9.300 metros quadrados, com oito andares de altura, mas com a previsão do apoio da Santa Casa, especialmente em relação à lavanderia e ao centro cirúrgico. “Este hospital, na verdade ele foi planejado para ser um anexo da Santa Casa, haveria lá um corredor ligando o hospital a Santa Casa. Para fazer cirurgia, por exemplo, a pessoa se deslocaria até à Santa Casa, faria a cirurgia e depois retornaria ao hospital”, explica o procurador da república, Luís Roberto Gomes³⁶.

Figura 8 - Início das obras do hospital



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

³⁶ Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pela destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 7 out. 2016.

Figura 9 - Primeiros momentos da obra do hospital



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

Figura 10 - Evolução da obra



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

4.3 Terceira fase

No dia 4 de abril de 2009, por sua vez, quando o valor das arrecadações tinha chegado a R\$ 10 milhões e a estrutura física do prédio já atingia os oito andares, a AAPC, através de uma multa da Cesp (Companhia Energética de São Paulo), recebeu R\$ 20 milhões, em razão do enchimento do reservatório da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Mota, em Porto Primavera. De acordo com Gomes³⁷, esta verba faz parte de um acordo entre a Cesp e o Ministério Público Federal e Estadual, no qual R\$ 119 milhões foram aplicados nas cidades com maior prejuízo ambiental e social, especialmente Presidente Epitácio. Desta maneira, o recurso foi destinado a projetos socioeconômicos, ambientais e em socioeconômicos de interesse regional, sendo que para este último o Ministério Público escolheu o projeto do Hospital do Câncer de Presidente Prudente. Gomes explica que:

“Nós entendemos que seria interessante destinar para um projeto que atendesse toda região, que foi justamente do Hospital Regional do Câncer de Presidente Prudente, uma verba no valor de R\$ 20 milhões, totalizando os R\$ 119 milhões. Então, R\$ 50 milhões para os municípios, R\$49 milhões para projetos ambientais e R\$ 20 milhões para o Hospital do Câncer de Presidente Prudente”.

Um dos responsáveis pela destinação da verba, o promotor de justiça do meio ambiente e urbanismo de Presidente Prudente, Nelson Roberto Bugalho³⁸, explica que um problema impedia a transferência desta verba:

“Havia uma construção de nove mil metros quadrados, aproximadamente. Estava lá, sendo construída muito vagarosamente, só que aí, antes de fecharmos esse acordo de R\$ 20 milhões, nós fizemos algumas pesquisas sobre a situação real do Hospital do Câncer e verificamos o seguinte: quem vinha construindo era essa Associação, que foi concebida pela dona Maria Auxiliadora, pela dona Bernadete e tantas outras pessoas da cidade. Só que estava sendo construída em um terreno da Santa Casa e a Associação é uma Associação privada, evidentemente. Verificamos também que o hospital seria um apêndice da Santa Casa, porque ele não tinha no projeto a previsão de um centro cirúrgico, de lavanderia”.

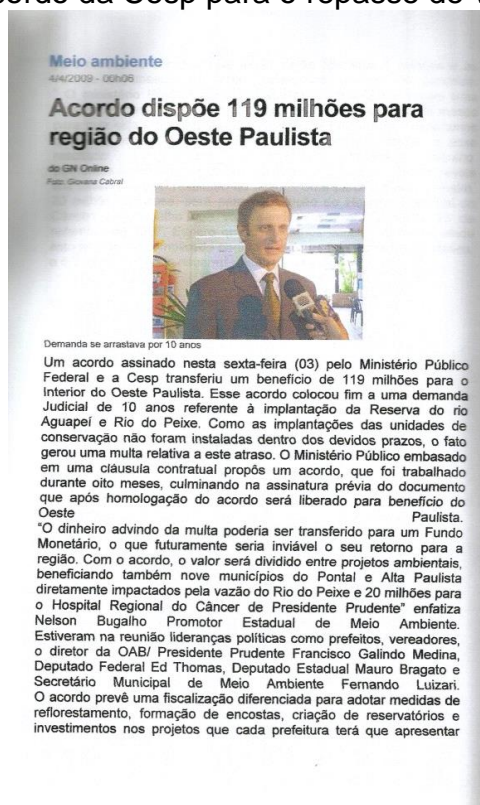
³⁷ Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pela destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 07 out. 2016.

³⁸ Nelson Roberto Bugalho é promotor de justiça do meio ambiente e foi um dos responsáveis pelo repasse da verba de Cesp. Entrevistado para contar como ocorreu esta etapa. 22 set. 2016.

Ainda conforme Bugalho³⁹, por conta dessa realidade, houve um impasse, pois “várias Santas Casas da região também estavam precisando de ajuda, e a gente queria ajudar o projeto do Hospital do Câncer”. Com o objetivo de formalizar a situação, o Ministério Público fez algumas exigências, como criação de uma fundação. Segundo Gomes⁴⁰:

“Para o Ministério Público destinar essa verba, entendeu que deveria ser idealizado um hospital completo, que fosse autônomo, inclusive que fosse criada uma fundação para administrar a construção, para gerir o hospital como uma entidade autônoma, desvinculada da Santa Casa, que tivesse toda uma estrutura, preparada para atender o portador de câncer”

Figura 11 - Acordo da Cesp para o repasse de verba, em 2009



Fonte: Arquivo pessoal / Bernardete Bosso Querubim

³⁹ Nelson Roberto Bugalho é promotor de justiça do meio ambiente e foi um dos responsáveis pelo repasse da verba de Cesp. Entrevistado para contar como ocorreu esta etapa. 22 set. 2016.

⁴⁰ Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pela destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 07 out. 2016.

Já em 2010, conforme a Ata de Fundação da Instituição:

“A Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, através do instrumento público lavrado no livro 394, página 11, do 3º Traslado de Presidente Prudente, institui a Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, nos termos do art. 62 e seguintes do Código Civil Brasileiro, entidade de pessoa jurídica de direito privado e sem fins lucrativos”.

Desta maneira, conforme Bugalho⁴¹, a Santa Casa concordou em criar a fundação e destinar todo o patrimônio para ela, a qual seria composta por “um conselho constituído de nove membros, seis membros indicados pela Santa Casa, três membros representativos da sociedade civil, um da Associação, um membro OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e outro membro da Sociedade de Medicina”.

Segundo a ata de instituição da fundação, eram membros do 1º Conselho Curador da Fundação, com biênio compreendido entre 01/01/2010 a 31/12/2011: “Francelino de Souza Magalhães; Antonio Gabriel de Lima, Yoshihiro Tomiyoshi; Edson Freitas de Oliveira; Alberico Peretti Pasqualini; Reinaldo Boni; José Francisco Galindo Medina; Paulo Roberto Mazzaro e Hélio Perdomo”. Já a diretoria era constituída pelos seguintes representantes: “diretor presidente José Hilário Pasquini; diretor vice-presidente José Numeriano Gonçalves dos Santos; 1º secretário Írio Sobral de Oliveira; 2º secretário Antônio da Cunha Braga; 1º tesoureiro José Antônio Salas Molina; 2º tesoureiro Joel Turino”.

Com isso, estava constituída a Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, que poderia, a partir deste momento, receber o dinheiro referente a multa da Cesp, que somava R\$24 milhões, com as correções. Conforme consta na ata de aprovação do HRC, sobre a reunião em que foram analisados e selecionados os projetos:

Aos 20 dias do mês de dezembro de 2010, o Ministério Público Federal, representado pelos Procuradores da República, Dr. Tito Lívio Seabra e Dr. Luís Roberto Gomes, o Ministério Público de São Paulo, representado pelo Promotor de Justiça Dr. Nelson Roberto Bugalho e a Companhia Energética de São Paulo (CESP), representada por seu Gerente da Divisão Jurídica de Assuntos Socioambientais Dr. José Aparecido de Lira, e por seu Gerente de Reservatórios, Dr. Cláudio Luiz Peretti, reuniram-se na Procuradoria da

⁴¹ Nelson Roberto Bugalho é promotor de justiça do meio ambiente e foi um dos responsáveis pelo repasse da verba de Cesp. Entrevistado para contar como ocorreu esta etapa. 22 set. 2016.

República em Presidente Prudente a fim de deliberar sobre os projetos socioeconômicos e ambientais (ATA DE APROVAÇÃO HRC)

Sendo assim, a partir de 2010, o hospital passou por uma reformulação física, visto que, como previa a nova ordem estrutural, previa a construção de um hospital independente, com todos os setores específicos de um centro de tratamento. De acordo com o presidente da Fundação, José Hilário Pasquini⁴², “houve a necessidade de modificar tudo aquilo que estava feito e adaptar com mais de cinco mil metros de construção”. Ainda conforme ele, o local teve que passar por diversas modificações, “onde estava a tubulação do ar-condicionado teve que ser retirada. A parte elétrica teve que ser modificada, teve que ser aprovado na vigilância, a legislação previa algumas mudanças que se refere ao bombeiro, incêndios, teve de aumentar portas dos elevadores”.

Segundo Gomes⁴³:

“Houve todo o esforço no sentido de se complementar os projetos, inclusive na estrutura dos prédios, juntar um com o outro. Não foi nada muito fácil, mas, enfim, hoje então ele está planejado para ser um hospital completo, com centro cirúrgico, UTI, Centro de Hemodiálise, Centro de Diagnóstico. Coisas que não haveriam na proposta anterior”.

⁴² José Hilário Pasquini é o atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Entrevistado para contar sobre o início da Fundação, bem como sobre o atual estágio do hospital. 30 set. 2016.

⁴³ Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pelo destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 07 out. 2016.

Figura 12 - Alteração do projeto estrutural do hospital



Fonte: Arquivo Pessoal / Bernardete Bosso Querubim

Baratella⁴⁴, por sua vez, esclarece que, apesar da divisão da diretoria, a continuidade dos trabalhos foi sendo realizada de maneira interligada. "[...] nós temos um representante da associação dentro da fundação e eles têm representante da fundação dentro da associação". Ainda segundo Baratella, "quando se fala em salvar vidas, você não vai olhar para que lado você está trabalhando".

Desta maneira, com a ampliação de 5 mil metros, o novo projeto passou a ser pensado com 14.302.63 metros quadrados, 680 ambientes e 132 leitos. No entanto, foi neste momento que os desafios surgiram. De acordo com Poletto⁴⁵, antes da reestruturação da diretoria, a construção "estava praticamente pronta", mas com a nova etapa de planejamento, foi preciso refazer o projeto. "Só que todo esse processo demorou um tempo. Durante dois anos ficou paralisado até aprovar tudo e começar executar novamente", relembra Poletto⁴⁶.

Ainda de acordo com Poletto⁴⁷, foi no momento de executar o novo projeto que as dificuldades apareceram:

⁴⁴ Arthur Baratella é o atual presidente da AAPC e fez parte dos primeiros grupos ligados ao HRC. Entrevistado para falar sobre as doações e o processo de construção do hospital. 10 out. 2016.

⁴⁵ Gustavo Matheus Poletto é o atual engenheiro do HRC. Entrevistado para contar como se deu o processo de construção, bem como suas principais dificuldades. 06 out. 2016.

⁴⁶ Idem

⁴⁷ Idem

A parte elétrica já estava pronta, a parte de ar condicionado estava pronta, a parte de alvenaria e tudo mais. E começaram a ter problemas com muita correção de normas, por exemplo: as tomadas eram mais altas e baixou a altura, eram 1.30 metros e baixou para 1.10 metros, por causa de acessibilidade teve que mudar todas as caixinhas. Os quadros elétricos que estavam prontos, pela falta de uso eles estragaram, teve que tirar, a tubulação de ar-condicionado teve que tirar também. Fio que já estava passado, várias coisas que saíram de norma tiveram que ser substituídas para dar continuidade na obra.

Apesar dos desafios, segundo a arquiteta e urbanista, doutora Sibila Corral de Area Leão Honda⁴⁸, o hospital aproveita um vazio urbano:

Ocupa uma área muito grande, que poderia vir a causar uma barreira urbana, que a gente considera no urbanismo. Mas, devido a sua localização já numa área mais centralizada, já consolidada de ocupação, ele não interferiu na criação de uma barreira urbana. Muito pelo contrário: ele foi aproveitado um vazio urbano ao lado da Santa Casa, que já existia que estava em uma área não utilizada; e aí, então, ele acaba beneficiando uma ocupação.

O hospital, por sua vez, continuou a ser construído e, com a nova possibilidade para o depósito de verbas, a fundação arrecadou somente dos Ministérios Públicos Federal e Estadual, cerca de R\$ 32 milhões, originários de diversas multas aplicadas em órgãos da região. Gomes⁴⁹ explica que esta quantia faz parte de todas doações, sendo os R\$ 24 milhões da compensação, além de outros onde, “a comissão destinou mais R\$ 5 milhões e depois outros R\$ 3 milhões, que foram destinados também com recursos do acordo da Cesp”. Além desses, Gomes ainda pontua outros investimentos, como os R\$ 5 milhões da ALL (América Latina Logística), referentes a multa por descumprimento de acordo com o ministério público, em que deixou de oferecer transporte ferroviário na região.

⁴⁸ Sibila Corral de Area Leão Honda é arquitetura e urbanista, mestre doutora e professora da Unoeste. Entrevistada para analisar a obra HRC. 26 set. 2016.

⁴⁹ Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pelo destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 07 out. 2016.

Figura 13 – Projetos em 3D



Fonte: Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente

Além da parceria judicial, a nova fundação continuou a contar também com apoio da população de Presidente Prudente, que permaneceram ajudando em festas beneficentes, como em leilões de gado, shows e almoços sertanejos. Segundo Pasquini⁵⁰, estas contribuições alavancaram ainda mais o capital, que era destinado à construção civil do prédio. Pasquini diz que já foram realizados três leilões pela fundação. Sendo que no “primeiro leilão nós arrecadamos: um milhão e trezentos, no segundo leilão: R\$ 2,3 milhões, no terceiro leilão: R\$ 3,5 milhões”, o que totalizou R\$ 7,3 milhões. Além disso, foi realizado o primeiro almoço sertanejo, em julho de 2015 com a presença dos cantores sertanejos Fernando e Sorocaba, quando foram arrecadados R\$ 830 mil. Ainda conforme Pasquini⁵¹, já existe a “promessa de outros shows. Do próprio Daniel, que já fez a doação da imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi leiloada e que foi redoadada para o hospital. O César Menotti e Fabiano prometeram um show, além do Chitãozinho e Xororó”. Pasquini⁵² diz ainda que o hospital aguarda atualmente R\$ 25 milhões, referente a um acordo com o Estado. “[...] faz dois anos que estamos esperando esta verba do governo”.

Até mesmo os artistas orgulham-se das atitudes solidárias e se colocam à disposição para novos trabalhos. Conforme a dupla Fernando &

⁵⁰ José Hilário Pasquini é o atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Entrevistado para contar sobre o início da Fundação, bem como sobre o atual estágio do hospital. 30 set. 2016.

⁵¹ José Hilário Pasquini é o atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Entrevistado para contar sobre o início da Fundação, bem como sobre o atual estágio do hospital. 30 set. 2016.

⁵² Idem

Sorocaba⁵³, o projeto tende a “mobilizar outros artistas”. “[...] a população merece e a gente vai estar junto com vocês nessa”.

Desta maneira, contando com todos os investimentos, inclusive de shows e doações, além da verba que ainda está por vir, o capital financeiro do hospital ultrapassa os R\$ 65 milhões, investidos na construção, equipamentos e mobiliário. “Recentemente foi adquirido um equipamento de tomografia, que já está para começar a funcionar”, menciona Gomes⁵⁴.

Toda esta verba é fiscalizada pelo promotor de justiça, André Luis Felício, Tuffi⁵⁵, que, inclusive, foi um dos voluntários desde as primeiras reuniões com os membros da AAPC. “Todas as contas da construção da fundação, todas as decisões têm que ser cancelados pela promotoria de justiça e nesse caso, como o promotor que tem essa atribuição, sou eu”.

4.4 Quarta fase

No dia 06 de outubro de 2015, após 12 anos do início da construção, 18 anos desde a formação da primeira diretoria e 16 anos da morte do principal idealizador, Antônio Sérgio Querubim, foi inaugurado o Centro de Radioterapia do Hospital Regional do Câncer. O centro, localizado no subsolo do hospital, recebeu o nome Thomaz Alckmin, em homenagem ao filho do governador do Estado, Geraldo Alckmin, que, inclusive, esteve presente na inauguração. O centro funciona, atualmente, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, onde ocorre o atendimento de 40 pessoas, diariamente. A máquina de radioterapia, instalada neste ambulatório, foi uma doação do próprio estado, através do governador, no valor de R\$ 2,5 milhões.

⁵³ Fernando e Sorocaba são cantores sertanejos e sempre estiveram envolvidos nas colaborações do HRC, como shows beneficentes. Entrevistados para falar sobre a importância da solidariedade. 03 set. 2016.

⁵⁴ Luiz Roberto Gomes é procurador da República e foi um dos responsáveis pela destinação da verba da Cesp. Entrevistado para explicar como se deu o processo de repasse desta verba. 07 out. 2016.

⁵⁵ André Luís Felício é promotor de justiça, responsável pela fiscalização financeira do HRC. Entrevistado para explicar como funciona este trabalho. 27 set. 2016.

Figura 14 - Inauguração Ala de Radioterapia, em 2015



Fonte: Arquivo Pessoal / Estevão Pinheiro Salomão

Nesta ala de atendimentos, conforme Pasquini⁵⁶ prestam serviços três médicos radioterapeutas, três físicos médicos, dois enfermeiros, dois técnicos de enfermagem, além de dois técnicos em radioterapia. De acordo com Regalin⁵⁷:

Os tipos mais corriqueiros que nós atendemos muito aqui é mama, tumores de mama, tumores de próstata, tumores do trato gastro-intestinal, principalmente o reto, trato gástrico intestinal baixo, alguns tumores ginecológicos e também tumores de cabeça e pescoço, são os principais, os mais incidentes aqui. Também, é claro, metástase. Tem que fazer a palição dos pacientes que têm metástase. São os principais, que são atendidos aqui.

Dentre os atendimentos realizados nesta ala, a primeira paciente tratada, Vera Lúcia Zorzetto⁵⁸, relembra como foi a sessão inaugural de radioterapia

⁵⁶ José Hilário Pasquini é o atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Entrevistado para contar sobre o início da Fundação, bem como sobre o atual estágio do hospital. 30 set. 2016.

⁵⁷ Marcos Regalin é o médico radio oncologista do HRC. Entrevistado para falar sobre os procedimentos realizados no hospital. 07 out. 2016.

⁵⁸ Vera Lúcia Zorzetto foi a primeira paciente a ser tratada no HRC. Entrevistada para contar como foi este momento. 26 set. 2016.

(para o tratamento do câncer de mama, descoberto em 2015. “O governador que acionou a máquina e foi a primeira sessão”, recorda. Zorzetto⁵⁹ relata que:

“Todos me atenderam muito bem, o tratamento muito humano. E, depois, eu pude ver que não era só comigo né, porque todo o pessoal que estava lá, o pessoal mais humilde recebia o mesmo tratamento. Isso foi muito assim, um ponto muito positivo, da gente se emocionar e ver que todo mundo com o mesmo problema, uns mais graves, outros menos graves, mas todo mundo recebendo o mesmo carinho, o mesmo tratamento, e assim, sempre com aquele ar, com aquela confiança de que ia dar certo. Desde o primeiro momento, a confiança de que ia dar certo”.

Para histórias como esta de Vera Lúcia Zorzetto serem contadas, o hospital teve que passar por algumas modificações. Segundo Poletto⁶⁰, “o Hilário queria porque queria que fosse inaugurado. Ele sabia que, colocando a rádio para funcionar a gente conseguiria mais recursos. Todo mundo iria ver, então, que o hospital, de fato, estava ficando pronto”. Com isso, conforme Zorzetto⁶¹, as principais alterações foram especialmente em razão da autorização do Corpo de Bombeiros e na questão da acessibilidade.

No entanto, apesar das modificações e da inauguração da ala de radioterapia, o Hospital Regional do Câncer, ainda depende da Santa Casa, em relação ao apoio médico. Conforme Regalin⁶², enquanto o hospital não estiver totalmente concluído, a parceria continuará nas seguintes responsabilidades: emergência, internação e quimioterapia. “Esse hospital hoje ele é completo, contempla centro cirúrgico, refeitório, UTI, braquiterapia, sala de transplante de medula, centro de imagem, tudo que se pensa no hospital de referência”, aponta Pasquini⁶³. No entanto, eles só vão funcionar plenamente quando o hospital for totalmente equipado, sem previsão exata para tal.

Os motivos pelos quais o hospital ainda não está em pleno funcionamento, são principalmente dois. O primeiro, é que o local ainda não está totalmente mobiliado, com utensílios, especialmente, maquinários. Já o segundo, e o

⁵⁹ Idem

⁶⁰ Gustavo Matheus Poletto é o atual engenheiro do HRC. Entrevistado para contar como se deu o processo de construção, bem como suas principais dificuldades. 06 out. 2016.

⁶¹ Vera Lúcia Zorzetto foi a primeira paciente a ser tratada no HRC. Entrevistada para contar como foi este momento. 26 set. 2016.

⁶² Marcos Regalin é o médio radio oncologista do HRC. Entrevistado para falar sobre os procedimentos realizados no hospital. 07 out. 2016.

⁶³ José Hilário Pasquini é o atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Entrevistado para contar sobre o início da Fundação, bem como sobre o atual estágio do hospital. 30 set. 2016.

mais relevante dos casos, é o não credenciamento junto ao SUS (Sistema Único de Saúde). Com ele o Estado passará custear as despesas. Conforme o diretor da DRS-11 (Divisão Regional de Saúde), Jorge Yochinobu Chihara⁶⁴, este último procedimento é o mais delicado e necessita de pré-requisitos para ser contemplado. “O dinheiro para média e alta complexidade obedece a uma regra que vale no Brasil inteiro, que é a distribuição de acordo com a necessidade”. Conforme ele, ao término do Hospital, “o serviço que é realizado hoje, atualmente, dentro da Santa Casa, deva migrar para a Fundação Hospital do Câncer”. No entanto, nenhuma previsão foi estipulada para tal acontecimento. Sobre isso, Pasquini⁶⁵ diz que a equipe está buscando meios para conseguir o credenciamento junto ao SUS. “Eu acredito que na hora que conseguirmos o credenciamento e recebemos essa verba do Estado, aí nós vamos deslanchar de vez”.

Conforme o promotor de justiça da Saúde, Mário Coimbra⁶⁶, o acompanhamento e apoio junto ao Ministério da Saúde, visando o credenciamento no SUS, acontecerão de maneira permanente. Segundo ele, “o ministro prometeu enviar técnicos para Presidente Prudente, para ajudar o hospital, preparar esse requerimento junto ao Ministério, para não ter erro. Porque muitas vezes um projeto vai e volta e aí se perde meses”.

Segundo Querubim⁶⁷, a previsão inicial para a inauguração total do hospital seria em 5 anos, ou seja, em 2008. Porém, conforme ela, “tudo é muito difícil”. “Eu percebi que Barretos também demorou muito. Quando eu fui conhecer Barretos eu vim decepcionada porque lá só tinha 11 mil metros e esses 11 mil metros só era ambulatório, nem tinha um hospital em Barretos, ele usava o São Judas”, relembra.

Apesar da previsão incerta em relação à efetiva inauguração, a cidade já colhe os frutos por se tornar sede de uma das principais referências no tratamento

⁶⁴ Jorge Yochinobu Chihara é o diretor da DRS-11 de Presidente Prudente. Entrevistado para analisar o apio do Estado junto ao HRC. 22 set. 2016.

⁶⁵ José Hilário Pasquini é o atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Entrevistado para contar sobre o início da Fundação, bem como sobre o atual estágio do hospital. 07 out. 2016.

⁶⁶ Mario Coimbra é promotor de justiça da saúde. Entrevistado para explicar o apoio da promotoria em relação ao credenciamento do SUS ao HRC. 11 out. 2016.

⁶⁷ Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

ao câncer. Como analisado pelo atual prefeito de Presidente Prudente, Milton Carlos de Mello⁶⁸, Tupã, esta:

“[...] é uma semente que foi plantada lá atrás e que desabrochou, vingou e agora cabe a nós, enquanto poder público, e enquanto cidadão, ajudar”. Mello⁶⁹ ainda relata que Presidente Prudente já é um ponto de referência no cenário nacional. “Eu não tenho a menor dúvida disso”.

Conforme o supervisor médico da Secretaria de Saúde de Presidente Prudente, Nereu Oguido⁷⁰, o impacto do hospital sob a cidade terá uma força muito importante, visto que:

Ele já iniciou suas atividades de uma maneira gradativa; eles vão aumentando as especialidades vão aumentando a capacidade de atendimento, vão se organizando de uma maneira que possa absorver a grande parte da demanda, dos pacientes que necessitam de tratamento oncológico.

A principal questão sobre o estágio atual do Hospital já estudada por ONGs (Organização Não Governamentais) da cidade, bem como pela própria AAPC, possui relação com a hospitalidade daqueles que virão tratar a doença na cidade. Segundo a assistente social e uma das fundadoras do grupo Amigas do Peito, atuante em Presidente Prudente há 20 anos, existem na cidade o grupo Tranoy além da AAPC, que desenvolvem projetos para a recepção de pacientes e familiares. “Esses dois recursos, acolhem gratuitamente os familiares das pessoas doentes”.

De acordo com Baratella⁷¹, existe um projeto que visa a ampliação da atual sede da associação:

“Nós vamos fazer 72 leitos e estas pessoas que são internadas lá ela vem fazer uma quimio, da região, pessoas que não podem retornar para a casa. Estas pessoas entram de segunda-feira e retornam para os seus lares na sexta-feira à tarde, ali eles entram, tomam café da manhã, almoço, café da tarde, um jantar e à noite, para dormir, uma ceia”.

Diante disso, após 19 anos, desde a primeira reunião realizada na casa do doutor Plácido, em 1997, Querubim⁷² relata que seu esposo “não morreu em vão”. Ainda conforme ela, ver o hospital concluído é “como um filme”, pois:

⁶⁸ Milton Carlos de Mello é o atual prefeito de Presidente Prudente. Entrevistado para avaliar a importância do HRC para a cidade. 07 out. 2016.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Nereu Oguido é supervisor médico da Secretaria Municipal de Saúde de Presidente Prudente. Entrevistado para analisar a importância do HRC para a saúde municipal. 26 set. 2016.

⁷¹ Arthur Baratella é o atual presidente da AAPC e fez parte dos primeiros grupos ligados ao HRC. Entrevistado para falar sobre as doações e o processo de construção do hospital. 10 out. 2016.

“Quantas vezes estávamos ali, eu subia de gatinhos nas ferragens pra ver como estava o andamento. Uma vez eu levei as mulheres lá de Adamantina, elas de salto e a gente subindo nas ferragens e eu não pensava no perigo, pensava só o que eu queria mostrar pra elas que estava indo, que aquele hospital ia sair e comigo muitas voluntárias sonharam com isso, você entendeu? E eu acho que é onde ele está ele se deve estar muito feliz”, se refere ao esposo.

Conforme Auxiliadora⁷³, “o sonho, sempre ele é pequeno. Ele vai abrindo asas à medida que você vai sentindo mais segura, que você tem apoio de outras pessoas. Então, nós imaginávamos uma coisa muito menor, a gente queria fazer, mas a gente imaginava com aquelas dificuldades”. Auxiliadora⁷⁴ observa a etapa atual do hospital e diz: “Eu acho que a vida é isso, talvez daqui a uns anos uma bisneta, um bisneto meu, vai falar assim, ‘poxa vida, que legal, a minha vó ajudou a construir, ela também trouxe um tijolinho aqui, para este hospital.”

Figura 15 – Prédio finalizado



Foto: Gabriel Silva

Atualmente, após 19 anos desde a primeira reunião para a construção do Hospital, e aproximadamente R\$ 60 milhões de investimento, a estrutura do local está completa, aguardando, apenas, o credenciamento junto ao SUS, o que deve ocorrer em 2017. Apesar disso, com o apoio de doações da própria população, por meio de

⁷² Bernardete Bosso Querubim é considerada uma das idealizadoras para a construção do HRC. Entrevistada para falar sobre o início desta história. 22 ago. 2016.

⁷³ Maria Auxiliadora Freitas Constantino é considerada uma das principais idealizadoras do HRC. Entrevistada para contar o princípio desta história. 16 set. 2016.

⁷⁴ Idem.

shows e eventos, a ala de radioterapia, esta em funcionamento e atende cerca de 40 pessoas diariamente. No entanto, a previsão total de atendimentos, após a inauguração completa do centro, é de pelo menos 200. As mobílias, por sua vez, que preencherão os leitos do local, estão sendo adquiridas conforme a capacidade econômica das arrecadações. Vale destacar que a AAPC é parte integrante do Hospital, dando apoio financeiro por meio dos brechós, bem como contribuindo com a assistência social e psicológica dos pacientes e familiares.

O próximo capítulo, que é o memorial descritivo, apresenta as tarefas realizadas, pelo grupo autor desta pesquisa, para a construção deste trabalho, o qual descreve os detalhes para a construção do mesmo, bem como o perfil de cada pesquisador. Ao longo do tópico é relatado, inclusive, de onde surgiu a ideia para a escolha do tema, o passo a passo para a construção da peça prática, da mesma maneira que o primeiro contato com o hospital e entrevistados. Além disso, o espaço é dedicado ao relato dos pesquisadores quanto a experiência do trabalho, especialmente em relação à área jornalística, tendo em vista um profundo estudo e análise de todas as etapas do HRC.

5 MEMORIAL DESCRITIVO

Este capítulo tem o objetivo de apresentar como surgiu a ideia e como se deu a construção do presente trabalho: planejamento, desenvolvimento e execução. O interesse era contar uma história sobre algo que produzisse benefícios para a sociedade e, após algumas possibilidades, surgiu a ideia de contar a história do Hospital Regional do Câncer. A plataforma escolhida, que é o rádio, foi motivada pela afinidade dos integrantes do grupo com o veículo. Gabriel Pereira Tibaldo fez estágio na Web Rádio Facopp e na Rádio Integração FM (comunitária), de Santo Anastácio. Vagner do Carmo Bueno trabalhou como locutor e exerceu outras funções na Rádio Vale do Rio Paraná AM, de Presidente Epitácio; Jovem Som FM, de Presidente Venceslau; 99 FM, de Presidente Prudente; e Jovem Pan FM, de Dracena. Gabriel Aparecido da Silva e Estevão Pinheiro Salomão tiveram proximidade com o rádio durante as aulas teóricas e práticas de Radiojornalismo, na Facopp, das quais também participaram os demais.

Salomão exerceu outros estágios, como os no Laboratório de Produções Jornalísticas e Empresariais (ECO), Laboratório de Fotografia, TV Facopp, TV Band Interior e no jornal O Imparcial, onde na condição de repórter conheceu o Hospital Regional do Câncer e, ao propor que esse empreendimento fosse objeto da peça prática deste estudo, contou com o interesse dos demais, até pelo perfil dos colegas, em decorrência das experiências prática vividas. Silva atuou na TV Facopp, fez monitoria no Top Of Mind 2014, participou da Semana Estado de Jornalismo em 2015, do curso de Roteiro em 2016 e na produção de conteúdo fotográfico para edição de aniversário da revista Papparazzi.

Tibaldo também atuou na TV Facopp, Portal Facopp, TV Band SP Interior e Jornal O Imparcial, sendo que no momento trabalha na TV Fronteira, TV Cabo de Santo Anastácio, TV Rotaract Brasil e Revista Foco. Bueno foi diretor de comunicação da Prefeitura de Presidente Epitácio, Assessor de Imprensa da Prefeitura de Caiuá e Diretor de Comunicação da Prefeitura de Presidente Venceslau; atualmente é diretor executivo da revista Foco e do site/blog Portal do Bueno; e proprietário do Grupo WB Comunicação.

Para o grupo, trabalhar com o tema, a história do Hospital do Câncer de Presidente Prudente, foi um período de grande aprendizado, pois, o mesmo não

possuía conhecimento específico sobre construção civil, tampouco com a questão do câncer, em relação ao tratamento, casos da doença e possibilidades de apoio na cidade e região. No entanto, esta foi uma oportunidade de sairmos de nossa área de conforto, estar diante de um novo universo de informações, conhecer novas pessoas e, especialmente, conviver com a realidade de uma obra que se tornará uma das principais referências na cura do câncer na cidade, região, Estado e todo Brasil.

Antes da escolha oficial do tema, bem como a formação original do grupo, a equipe, no início do 7º termo, em fevereiro de 2016, na disciplina de Introdução a Projetos Experimentais, ministrado pela professora Maria Luisa Hoffman, era composta somente pelos alunos Estevão Pinheiro Salomão, morador de Álvares Machado e Gabriel Prereira Tibaldo, morador de Santo Anastácio, amigos que desde o 1º termo do curso já definiram que o TCC seria feito por ambos. Contudo, por convite dos amigos, o aluno Gabriel Aparecido Silva, morador de Presidente Prudente, também passou a fazer parte do grupo. Com a equipe formada, iniciou-se o debate para a definição do tema. A princípio, os principais assuntos a serem explorados eram o próprio hospital do câncer e a biografia de um morador de Presidente Prudente, Cesar Cava, mediante a sugestão do professor da disciplina de rádio-jornalismo e atualmente orientador deste trabalho, Homéro Ferreira.

Diante das duas possibilidades, sendo que a peça prática em ambas seria o radiodocumentário, previamente definido pelo grupo, por se tratar de um veículo de comunicação de afinidade de todos os integrantes, os alunos recorreram ao professor Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior, responsável pela aula de Jornalismo Empresarial. Após a aula, foram discutidos os temas em questão e com a orientação do professor, sobretudo a vontade dos próprios alunos, que tinham propensão à história do hospital. Ficou definido, então, que o trabalho seria um radiodocumentário, que contasse como surgiu a ideia para a construção desta obra. As indagações como: Quando surgiu esta ideia? Por qual motivo surgiu esta ideia? Quem foram os responsáveis? Quais foram os principais desafios? Quem fez o projeto? Como conseguiram o terreno? O que pensavam antes de construir? Com qual dinheiro começaram a construir? Quais os desafios atuais? Qual a sensação de ver este prédio concluído? Enfim, além das demais questões que giram em torno de uma pesquisa qualitativa, em relação ao estudo proposto.

Todas estas discussões eram realizadas quase diariamente na própria faculdade, antes e após as aulas, comumente na sacada do piso quatro do bloco B da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), campus II, no período noturno.

Após a escolha oficial do perfil do trabalho, iniciou-se o segundo desafio do grupo: a elaboração do pré-projeto, sobre os elementos pré e pós-textuais, como introdução, metodologia, objetivos geral e específico, análise de dados, entre os demais subsídios que, paralelamente a execução, aprendíamos em sala de aula, na disciplina Introdução a Projetos Experimentais.

Para tanto, com prazo definido para a pré-banca de pré-projeto, realizada às 21h30 do dia 17 de maio de 2016, se iniciou o processo de pesquisa para o projeto. O grupo passou a selecionar livros e autores sobre os métodos de pesquisa, os quais foram escolhidos na biblioteca da própria Unoeste. Entre as diversas reuniões com a professora Maria Luisa Hoffman, quem orientava sobre as correções, o pré-projeto ganhava forma. Todas as pontuações eram prontamente atendidas, com reuniões na própria instituição, bem como na residência do aluno Estevão Salomão.

Duas semanas antes da apresentação na pré banca de qualificação, durante uma aula no período noturno, o aluno Estevão Salomão recebeu a ligação do amigo Vagner do Carmo Bueno, aluno do período matutino e morador de Presidente Venceslau, que cogitou a possibilidade de inserção no grupo. Após a opinião positiva de todos os integrantes, inclusive da professora, Vagner passou a fazer parte do grupo.

Aprovados na banca de qualificação, e com a indicação do professor orientador, o grupo avançou para o 8º e último termo do curso de Jornalismo. Durante as férias de julho, o contato do grupo se manteve apenas pelas redes sociais. Já no volta às aulas, no dia 1º de agosto de 2016, já houve a primeira orientação quanto as principais etapas do projeto.

5.1 O contato com o hospital e voluntários

O primeiro contato entre o grupo e o hospital ocorreu nas primeiras semanas de agosto, por meio do presidente da Fundação Hospital do Câncer, da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, Hilário Pasquini, que aprovou a

ideia e contou um breve relato da história da obra e de todos os envolvidos nesta narrativa.

Após este diálogo com Pasquini, realizado nas próprias dependências do hospital, localizado Avenida Coronel José Soares Marcondes, 1200, surgiram, então, os primeiros desafios da pesquisa. Levando em consideração que nenhum outro trabalho do mesmo perfil já tinha sido desenvolvido em relação ao hospital e que os únicos materiais disponíveis eram publicações jornalísticas e atas de fundação, a principal dificuldade seria concentrar todas as informações num único documento.

Começou, então, a se montar o quebra-cabeça. Com a ajuda de Pasquini, o grupo passou a levantar nomes, endereços e telefones dos diferentes personagens que fizeram parte da história do hospital. Mais tarde descobrimos que a soma de todas essas pessoas, passava de 20.

Entre uma entrevista e outra, toda segunda-feira, das 19h em diante o grupo se concentrava no piso três na Unoeste, na sala do último termo de Jornalismo, para a orientação com o professor Ferreira. No dia 01/08/2016, no momento da reunião com o grupo, Homero, menciona sobre a importância da pauta e do direcionamento da mesma para a construção do trabalho, tanto o teórico, quanto a peça prática.

Desta maneira, a cronologia foi sendo formada graças às informações de cada entrevistado, visto que cada um deles fornecia nomes, endereços e telefones. Ao todo, entre o dia 13/07/06 e 11/10/2016, datas que representam a primeira e última gravação, respectivamente, foram realizadas ao todo 23 entrevistas. Vale destacar que todas as entrevistas ocorreram em Presidente Prudente e que cada uma delas teve em média 30 minutos de duração. Ou seja, o grupo armazenou por volta de 12 horas de material bruto. A grande maioria das produções foram realizadas no local escolhido pelo próprio entrevistado, onde, na maioria das vezes, aconteceu na residência de cada um deles.

Com o conhecimento proveniente das entrevistas, o grupo foi tomando conhecimento da história do hospital, que neste primeiro momento se resumia, basicamente, no seguinte pensamento: Tudo se iniciou em 1997 com um grupo de voluntários, integrantes da Associação de Apoio ao Portador do Câncer de Presidente Prudente, e nos dias atuais o prédio é administrado pela Fundação Hospital do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Com

isso, como uma construção, de tijolinho em tijolinho, as informações foram ficando mais claras a cada entrevista.

Neste período de entrevistas, que durou pelo menos três meses, o grupo foi cerca de dez vezes na sede do Hospital Regional do Câncer, devido à própria disponibilidade das fontes. Desta maneira, os integrantes, por intermédio do diretor da fundação, Hilário Pasquini, passaram a conhecer os diferentes pavimentos e instalações do hospital. Entre elas, a repartição que chamou mais a atenção foi a ala de atendimentos radioterápicos, e, foi possível conviver com os pacientes no tratamento ao câncer.

Num caso em específico, o grupo pode ter em mãos todos os projetos do hospital, sendo possível comparar as modificações ocorridas ao longo dos anos, desde 2003, quando a obra teve início, até 2015, quando o empreendimento foi inaugurado.

Paralelamente às entrevistas, agendamentos e visitas ao hospital, o grupo se concentrou também na realização dos capítulos do TCC, bem como na formatação de todo trabalho. Os primeiros capítulos construídos foram sobre o rádio e o hospital, sendo que este último só foi possível de ser concluído ao término de todas as entrevistas, visto que as principais fontes de informação eram os próprios entrevistados.

Esta etapa, por sua vez, era realizada tanto na casa do aluno Estevão Salomão, em Álvares Machado, como na residência do aluno Vagner Bueno, em Presidente Venceslau, a 57 quilômetros de Presidente Prudente. Em todas as uniões, realizadas em média quatro vezes por semana, sendo metade numa cidade, metade na outra, todos os integrantes participavam, ajudando tanto na decupagem do material quanto na pesquisa de citações.

Ao todo, pelo menos 50 reuniões foram realizadas entre os integrantes, com o objetivo de dar sequência aos trabalhos de pesquisa. Dessas, pelo menos 20 foram realizadas em Álvares Machado, sendo que as demais ficaram divididas entre Presidente Venceslau e na própria Unoeste.

Tratando-se das dificuldades, a mais acentuada diz respeito à história do hospital, especialmente entre os anos de 1997 e 2003. As poucas informações existentes, encontravam-se dispersas e grande parte delas não estavam arquivadas em nenhum lugar, apenas na memória dos personagens que vivenciaram tal período. Desta maneira, ao fim de cada entrevista o grupo se reunia, tanto

pessoalmente como através das redes sociais, para discutir a próxima etapa a ser tomada. No entanto, este diálogo era ágil e não atrapalhou na sequencia ininterrupta das produções.

Para o grupo, esta experiência de documentar a história do Hospital Regional do Câncer, foi uma etapa incrível. Se aventurar na área da saúde, engenharia e todas as áreas que compõem uma estrutura como esta, foi de enorme vivência, cultura e conhecimento para cada um dos alunos envolvidos.

Sobre os entrevistados, que sempre acolheram o grupo de maneira excepcional e que até mesmo, em alguns casos, serviram café da tarde, eles deixaram sua marca de maneira inesquecível, pois, além da receptividade; são voluntários que sempre uniram forças para um objetivo em comum. O grupo parabeniza cada um deles, que plantou mais uma semente de amor, capacidade e esperança na vida particular de cada um dos integrantes.

Em relação ao nome da peça teórica, bem como o do radiodocumentário: “Hospital Regional do Câncer, da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente: da ideia à edificação”, esta foi uma modificação da primeira escolha: “Hospital do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, do Sonho à Realidade”. O motivo da troca foi sugestão do próprio professor orientador, que sugeriu um nome mais específico ao trabalho, uma vez que “do sonho a realidade”, poderia ser visto como uma espécie de clichê.

5.2 A construção da peça prática

Ao término das 23 pautas e diante de uma série de informações pertinentes, surge, então, a seguinte questão, qual o trecho de cada entrevistado será utilizado em nosso script? Com a orientação do professor Homéro Ferreira, juntamente com o conhecimento adquirido no capítulo de metodologia, que capacitou os pesquisadores através das citações, iniciou-se o processo de escolha das sonoras.

Esta etapa, por sua vez, foi executada a partir do dia 20 de setembro, quando, enfim, todos os depoimentos tinham sido concluídos e todas as decupagens finalizadas, o que totalizou 75 páginas de word.

Com o material em mãos, inicia-se a parte da escolha de sonoras. Um trabalho minucioso, já que cada palavra pode representar a explicação que o grupo tanto procura. Desta maneira, a cada off construído, que, aliás, foram 39, os integrantes se juntavam em busca da resposta para uma só questão. “Qual parte do respectivo entrevistado podemos utilizar da melhor maneira possível?”.

Desta forma, foram retiradas 55 sonoras, das 24 entrevistas. Cada uma delas, contendo, em média um minuto, além de se enquadrarem na sequência narrativa e temporal da proposta do trabalho, o qual pretende responder a seguinte pergunta: de que maneira, por meio de um radiodocumentário, é possível contar a história do Hospital Regional do Câncer de Presidente Prudente. Para a realização da peça prática o grupo levou um mês, sendo que esta etapa ocorria de segunda a sexta-feira e durava em média 13 horas diariamente.

Na parte de edição, por sua vez, a entonação da voz, juntamente com a escolha detalhada das trilhas sonoras, foram executadas intencionalmente para dar emoção à peça prática. Seguindo exatamente o que o script, corrigido pelo orientador, propunha. Os principais desafios do grupo nesta parte foi em relação ao corte das sonoras, que muitas vezes tinham que ser tratadas no programa *Sound Forge*. Vale lembrar que o processo de edição foi realizado no estúdio de um dos integrantes do grupo, Vagner Bueno e duraram cinco dias.

Como escrever um livro ou fazer um filme, o radiodocumentário exigiu de todos um amplo conhecimento, dedicação e sensibilidade para construí-lo. Ao fim, na conclusão de todo material, o grupo teve a sensação de tarefa cumprida. Por meio da peça prática, bem como da parte teórica, a sensação é de que o hospital está bem representado, desta vez pelo primeiro trabalho acadêmico em sua memória.

A realização contou com o desempenho de quatro integrantes. O pesquisador Estevão Pinheiro Salomão participou das entrevistas e produção do trabalho, bem como foi quem escreveu a parte teórica; Gabriel Aparecido da Silva desempenhou atividades como a produção de pautas, contato com as fontes, execução de entrevistas e apoio na pesquisa documental e bibliográfica do trabalho; Gabriel Pereira Tibaldo auxiliou no processo de edição e roteiro da peça prática, além de participar na elaboração de pautas e acompanhamento de algumas entrevistas; Vagner do Carmo Bueno, por sua vez, foi o locutor do radiodocumentário e quem realizou a maior parte da edição do mesmo.

Figura 16 - Integrantes do TCC



Foto: Jorge Flash

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do Hospital Regional do Câncer é capaz de causar impacto nas pessoas. À primeira vista, pela obra em si: um prédio grande e belo, localizado em uma das quatro principais avenidas de Presidente Prudente, numa área próxima ao centro da cidade, e nas imediações de locais com grande circulação de pessoas, que são: Santa Casa, Fórum, Divisão Regional de Saúde, Prudente Parque Shopping, Agência da Previdência Social e Terminal Rodoviário de Passageiros; além de ainda estar relativamente perto do Poupatempo e do Terminal Rodoviário Urbano.

Há também o fato de ser uma unidade de saúde específica para a prevenção e tratamento do câncer, temida doença crônica. Porém, este trabalho pode constatar que o mais novo hospital prudentino vai além da edificação arquitetônica e de ser destinado a tratar de uma enfermidade peculiar. Na coleta de dados desta produção acadêmica, as pesquisas bibliográfica e documental, juntamente com as entrevistas em profundidade, possibilitaram o entendimento de que o Hospital Regional do Câncer passará a ser um centro da referência da especialidade no Estado de São Paulo e no Brasil, a partir do credenciamento pelo SUS e dos recursos humanos e tecnológicos necessários à assistência integral do paciente, proporcionando assistência de alta complexidade em oncologia, ofertando diagnóstico, atendimento de emergências e assistência ambulatorial e hospitalar.

Porém, do ponto de vista da obstinação, a ação voluntária que promoveu grande mobilização social e por mais de dez anos esteve empenhada na construção do hospital, causa um impacto ainda maior. Uma história que pela primeira vez é contada de forma sistematizada, resultado do ajuntamento de fragmentos coletados em documentos e nas entrevistas com 23 personalidades vinculadas direta e indiretamente ao empreendimento voltado para a saúde pública. Um resgate registrado em programa do gênero radiodocumentário, no qual, por meio das entrevistas em profundidade, realizadas através de gravador, as vozes passam informações e deixam transparecer emoções que permitem perceber a virtude humana, possivelmente em sua plenitude de amor ao próximo.

Respondendo aos objetivos propostos por este estudo, foi possível documentar a história do Hospital Regional do Câncer, da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, por meio da peça prática proposta. Também foi

possível entender a importância do hospital para a sociedade e para o tratamento de pessoas que possuem a doença. Outras possibilidades alcançadas foram o aprofundamento em conhecimentos sobre radiojornalismo e a de contribuir para a memória e preservação da história do hospital; contemplando o alcance social deste trabalho e a relevância da pesquisa associada ao ensino e à extensão.

A contribuição acadêmica pode ser constatada nesta monografia, disponibilizada para consulta na Hemetoreca da Facopp e acompanhada de mídia digital com o áudio do radiodocumentário, que poderá fomentar novos trabalhos sobre o tema ou do mesmo objeto de estudo que foi o hospital. A produção que também pode ser consultada on-line, disponibilizada ao acesso público pelo Portal da Facopp. Tem ainda cópia destinada à Fundação Hospital do Câncer de Presidente Prudente e o armazenamento do programa na Rádio Facopp.

Do ponto de vista pessoal, foi gratificante e enriquecedor produzir este trabalho, não somente por responder ao requisito obrigatório para a conclusão de curso, mas especialmente por poder por em prática os estudos, orientações e aconselhamentos que nos foram oferecidos pelos professores da Facopp; por sentir, mais profundamente, como é construir um estudo acadêmico cuja parte prática nos leva ao gosto do exercício da profissão de jornalista, devidamente amparados pelos estudos de caráter científico. Juntam-se os sentimentos de satisfação e de gratidão, exatamente para dizer muito obrigado a todos que contribuíram na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BARRETOS. **Câncer uma doença e sua história**. 2007. Disponível em: <<https://www.hcancerbarretos.com.br/82-institucional/noticias-institucional/368-cancer-uma-doenca-e-sua-historia>>. Acesso em 15 mar. 2016.

DETONI, Marcia. **Manual de Radiodocumentário**. 2007. Disponível em: <<http://www.caduxavier.com.br/mackenzie/arq/4/marcia-detoni-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas S.a, 2014.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de Caso. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

FERREIRA, Homéro. **Rádio e Jornalismo**. Curitiba: CRV, 2014.

FILHO, André Barbosa. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HERÓDOTO, Barbeiro. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HOSPITAL DO CÂNCER. **Ata de aprovação. Presidente Prudente**. Disponível em:<<http://fundacaohospitaldocancerpp.com.br/wpcontent/uploads/2011/09/fundacao.pdf>> . Acesso em 10 mar. 2016.

INCA. **Estimativa**. Disponível em:<<http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/estimativa-2016-v11.pdf>>

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER - INCA. **No dia mundial do câncer, debate no Inca mostra o que todos podem fazer para contra a doença**. 2016. Disponível em:<<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/20>>

16/no_dia_mundial_do_cancer_debate_no_inca_mostra_o_que_todos_podem_fazer_para_contra_a_doenca>. Acesso em 10 mar. 2016.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCONI, Maria; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**, 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, Maria; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**, 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**. Um guia abrangente de produção radiofônica. 4. ed. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Entrevista: O diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. São Paulo: Francis, 2010.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PORCHAT, Elisa. **Manual de Radiojornalismo Jovem Pan**. 3. ed. São Paulo: Ática S.A, 1993.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio. Um Manual Prático**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2006.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXOS

ANEXO
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

BERNADETE BOSSO QUERUBIN

Perfil: Considerada uma das principais idealizadoras para a construção do Hospital.

Data da entrevista: 23/08/2016

Contato: Pessoalmente

Bernadete conta um pouquinho da sua história desde quando chegou em Presidente Prudente?

Eu nasci em Alfredo Marcondes vim pra Presidente Prudente com 17 anos, trabalhei na roça até os 17 anos, não tem serviço de roça que não sabe fazer e fui vender calçados na Vartan, mas o meu grande sonho era estudar e aí eu fui, entrei em fisioterapia, no primeiro ano de faculdade eu comecei a fazer estágio isso que é uma coisa super importante eu conto pra todo mundo. No primeiro ano comecei a fazer estágio na Clínica Nossa Senhora Aparecida e isso me ajudou muito, eu assistir a cirurgia e lá eu conhecer meu marido o Antônio Sergio Querubim, nós começamos a namorar, casamos tivemos nossos filhos e fiquei lá por 25 anos. Em meados de 1993 ele teve um câncer, antes de eu conhecer ele, ele teve um câncer quando ele tinha 17 pra 18 anos, ele estava jogando futebol, bateu uma bola na mão dele, saiu um caroço no braço e aí ele ficou por um ano ainda na clínica e os médicos: vamos operar a vamos operar e no fim, a, deixa pra lá, depois eu opero. Depois de um ano operaram, era um tumor gravíssimo, chamado sarcoma alveolar, é um câncer raro que não tem pesquisa por que são muito poucos, eles não podem gastar dinheiro em câncer que não tem muito e aí operaram com a intenção de amputar o braço dele e na época eu ainda não o conhecia. Quando eu conheci ele, ele fazia dois anos que ele dizia estar curado. Fez quimio e rádio, fez aqui no Doutor Fernando Melo, que era perto da Santa Casa e fez no Hospital do Câncer, no A.C Camargo, em São Paulo. Aí eu conheci ele, casamos em 94 e depois em 93 ele teve um tumor, na cabeça, na calota craniana, não foi no cérebro. Era o mesmo tumor, foi um tumor que estava invasivo, mas não tinha invadido o cérebro. E ele, na época eu estava terminando uma especialidade em RPG, eu não queria terminar sem a última fase e na época o médico e ele, o sonho dele era que eu estudasse, ele sempre me incentivou muito na vida. “Não vai eu estou bom”, e eu fui, fui terminei o RPG e ele ficou bom, mas os médicos aqui fizeram tudo, olha eu tenho uma gratidão com os médicos daqui. Levaram lâmina para os Estados Unidos, eles iam para congresso, eles pegavam levavam e tudo era a mesma resposta, “olha ele pode viver 10 anos, ele pode ver 30 anos, ou ele pode morrer logo”, então não tinha um estudo em cima disso. E aí, em 93 foi tudo bem a gente achou que estava curado, não fez nenhum tratamento e 96 ele estava completamente tomado, não tinha lugar, ele tinha no cérebro, no pulmão, em tudo, nos ossos. Aí começou um calvário, a gente ia pra São Paulo, graças a Deus a gente nunca teve dinheiro, mas nós tínhamos QI, quem indicasse, nós tínhamos amizade, graças a Deus muitos ricos em amizade e abriram os caminhos em São Paulo para nós. E lá ele operou, em primeiro lugar ele operou o fêmur, que ele tinha um tumor no Ísquio, que é onde, esse ossinho que a gente senta, e doía muito aí foi operou com doutor Pena. Daqui uns dias nós estamos voltando, ele teve uma dor muito grande no baço, operou o baço, daí foi, foi operando e aquilo foi sofrendo, fazendo quimio. E ele falava não gente, como que a gente não tem aqui em Prudente um hospital, é muito sofrimento. Nós temos quem nos ajude

nós temos parentes em São Paulo, nós temos que nos acolheu em Campinas e agora e os coitadinhos que não tem.

Aqui em Prudente tinha o que referente ao câncer?

Aqui em Prudente só tinha um ambulatório de quimioterapia e tinha de rádio também. A radioterapia continua não no mesmo lugar, lá perto do museu, era lá. Mas era bomba de Cobalto, queimava muito, judiava muito. Na Santa Casa, para baixo da Santa Casa onde é o Instituto de Oncologia Sérgio Querubim, ali era um ambulatório de quimioterapia. Então por exemplo, o paciente tinha uma quimio, não tinha onde tratar, não tinha pra onde ir, ali faria então, o que dava pra fazer. Mas era uma casinha muito ruim, era a taco, chovia dentro, era um horror. E ele muito preocupado, ele falava “não nós temos que fazer alguma coisa, nós não podemos ficar de braços cruzados”, e nós começamos com dois trabalhos. Primeiro, ele entrou em contato com o laboratório de um remédio que diminui o efeito da quimioterapia, aí nós nos juntamos numa equipe de amigos e ele conseguiu um preço bom e a gente então comprava e ia distribuindo para quem fazer a quimio.

Vocês compravam com quais recursos?

Nós mesmos, nós dávamos, ele chegava em você, pedia, explicava, chegava em todos os amigos, todo mundo se sensibiliza e dava. Daí ele começou a ser voluntário lá embaixo, na radioterapia e ele se entusiasmou e ele “não, nós temos que ter o hospital, nós temos que ter o hospital”. Até que foi, eu sou fisioterapeuta, como já falei e eu atendi a Dona Maria Auxiliadora Constantino e foi meu aniversário e ela mandou um presente pra mim, no meu consultório. Eu cheguei, abri e liguei pra agradecer e aí ela pegou e disse assim, aí eu falei “A Auxiliadora, você quer montar a Vila da Fraternidade, eu quero montar Hospital do Câncer, meu marido quer, porque quer montar hospital, porque é muito sofrimento”. Daí ela falou ó “passa aqui, vamos conversar e eu tenho um livro para o Sérgio ler”, que o Sérgio sempre gostou muito de ler. Daí eu pegue e falei “tá bom”, aí em 24 horas ela marcou uma reunião onde estava eu, meu marido Antônio Sérgio Querubim, o Stanley Zaina, o Doutor Plácido, a Zélia, o doutor Hugo Gakiya e a Dona Maria Auxiliadora. Isso foi na casa do Doutor Plácido. Foi à primeira reunião para se falar em construir um Hospital. Aí o Doutor Plácido falou assim, “nossa há 20 anos atrás a gente tinha essa intenção, mas não deu certo”. Aí até Auxiliadora falou “mas quem sabe agora a hora”, e aí e foi aí que nós começamos. Só que aí, dessa reunião não saiu nada, não passou dessa conversa e não saiu nada.

Em que ano isto aconteceu?

Isso foi em meados de julho, só que aí a primeira reunião nossa, pra montar a diretoria, foi dia 25 de Setembro de 1997, foi na casa da Ana Constantino, o presidente era o Antônio Sérgio Querubim, a vice era a Ana Constantino, a secretária era Teresa Corral a Lúcia, e a dona auxiliadora e eu era da divulgação. E eventos nós tínhamos um grupo, que era eventos. Que era a Mara Sartório, tinha um grupo grande que eu não tenho..., o marido da Mara, a Zuila, o Marinho, a Giselda. Então tinha uma porção de gente que era dos eventos. Então eu não tenho nesse momento, mas eu vou te passar, eu tenho relação. Aí nós começamos, fazendo chá nas casas, começamos assim, assim fizemos umas camisetas, a mulher do doutor Edu Gonçalves, a Edith, ela tem um sobrinho que desenhou, aquele desenho foi ele que nos deu. A logomarca que foi ele que nos passou lá de São Paulo, eu não

conheço até hoje, só agradeci por telefone, mas ele, através da atitude aqui, a tia contou, foi assim, com um trabalho de formiguinha e foi lindo. A coisa foi indo, foi indo.

Para vocês o que seria o hospital? Quais as atividades foram desenvolvidas até a construção?

O que nós tínhamos em mente, era salvar vidas. Nós queríamos salvar vidas. Queríamos dar qualidade de vida. Nós criamos uma humanização, queríamos que o paciente fosse tratado junto com os familiares, porque o paciente quando ele tem carinho, quando ele tem amor é muito mais fácil o tratamento. Então nossa intenção é essa, salvar vidas, dar qualidade de vida para o paciente e estar junto com os familiares.

Na estrutura do hospital o que vocês pensavam?

Na época a gente ficou assim, não sabia muito bem o como fazer, ai por onde eu passava, eu o Sérgio, a gente perguntava, porque nós tínhamos a intenção de construir o hospital. Como nós deveríamos fazer? Aí muitos médicos disseram, “olha faça junto a Santa Casa que é mais fácil para arrecadar”. Aí foi que ofereceram pra nós Instituto do Coração Instituto do Coração. Começamos, teve algumas reuniões, mas aí nós não sabemos mais aí eles quiseram que a gente reformasse o Instituto de Oncologia. Neste ínterim, queriam que a gente reformasse o instituto. Nós já tínhamos feito a camiseta, já estavam fazendo bingo, já estava fazendo chá, já tínhamos fazendo primeiro jantar e os médicos fizeram uma reunião com a gente e pediram pra que nós reformássemos o instituto que era um horror, era um banheiro só, um paciente vomitando em cima do outro, chovia dentro, era um horror.

Era o que tinha em Prudente naquele momento?

Era o que tinha. Uma casinha pequenininha, que tinha. Ai chamaram o meu marido, na época estava em tratamento e alguns voluntários falou “não, nós não vamos gastar nosso dinheiro da construção do hospital para reformar, a Santa Casa é a mantenedora, é ela que reforma”. Mas o meu marido era vivo e ele falou “não, nós vamos acudir quem tem câncer aqui agora”. Foi aí que nós começamos. E eu tenho uma gratidão na época que era a Caiuá, prontamente já eu toda a parte elétrica, a prefeitura na época era o Bragatto, ele deu a mão de obra e nós demos a parte material. Foi onde que nós construímos, e ficou uma beleza. Nós temos um grupo de voluntário que pintaram na sala das crianças tinha pipa, tinha borboleta, não tinha ala infantil, passou a ter ala infantil. Só tinha cadeira para o paciente fazer quimio, nós fizemos um ambulatório, um quarto onde tinha cama para o paciente que estava muito ruim ficar deitado. Então quer dizer, nós melhoramos muito o serviço de ambulatório aqui.

Quantos atendimentos eram feitos?

Eu acredito, não tenho certeza, mas umas mil e poucas pessoas por mês, porque nós atendíamos 60% da região. Foi quando também um dos médicos, o doutor Bugalho falou para a dona Auxiliadora “você podiam, já que vocês estão trabalhando tanto aqui, servir um chazinho, como em outros lugares”. Aí a dona Auxiliadora falou “nossa, nós vamos sim, vamos reunir”. Aí, lá no fundo tinha uma grama e uma torneira. Elas iam lavar o coador na torneira, pena que não tirou foto disso. Aí resolvemos construir no fundo, uma coisinha. Aí construímos a cozinha, aí nós servimos café da manhã, aí uma das voluntárias falou “no meu dia que é de quarta-feira eu posso servir uma sopa?” Aí eu virei pra ela, falei não só pode como deve. Porque aí quando o meu marido faleceu e eu que era o presidente, que ele faleceu dia 12 de maio de 1999, nós inauguramos em fevereiro de 2000, lá. I aí nós começamos, depois fazer almoço para as pessoas que vinham de fora. Olha no começo nós começamos pedir, hoje se você chega lá, é carros e carros, as próprias pessoas que trataram lá, que melhoraram, eles trazem, com os carros deles e eles já trazem. Não falta mais nada graças a Deus.

Nesse princípio que vocês começaram a reforma, esse auxílio ao anexo da Santa Casa, com qual recurso financeiro vocês faziam, quanto em dinheiro vocês tinham mensalmente? Qual apoio vocês recebiam? Como isto se mantinha?

A mantenedora era santa casa eram eles que recebiam era eles que pagavam

Vocês que faziam o trabalho de voluntários?

Nós só éramos os voluntários e a parte de alimentação, isso era por nossa conta, mas era tudo doado, era tudo doação. E aí nós continuávamos arrecadando para a construção do hospital.

Como você vocês arrecadavam?

Arrecadávamos através de bingo, leilão, shows. Nós começamos a andar a região inteira, fizemos leilão na região, tanto em Táciaba quanto em Santo Expedito que faz até hoje, em Alfredo Marcondes. Então nós começamos a juntar.

E todos esses leilões eram através de doações de parceiros de pessoas que doavam gado?

Tudo. Olha, Santo Expedito foi à coisa mais linda que eu já vi na minha vida. Era doado, desde uma galinha, um porco. Lá tinha porco, galinha, carneiro, cavalo. Tinha tudo e tudo população. A população que doava.

Qual foi o período das arrecadações e quantos em valor vocês arrecadaram?

Então, em 2003, quando nós fizemos a fundação, a minha tesoureira falou assim “você tá louca? Nós temos seiscentos mil reais”. Ela falou “se tá louca, você vai começar um negócio e vai parar no outro dia”. Porque nós não temos condições de continuar isso. Eu falei “Deus, pois a mão, e Deus vai continuar colocando a mão e

não vai parar”. E não deu outra, e olha, não parou e o trem começou ir e eu pedindo por onde eu ia, por onde eu passava eu pedia, não tinha vergonha, não era pra mim. O não já tinha né. Então, eu continue pedindo. Aí foi quando eu tinha um amigo que era da Cesp, que isso tenha essa gratidão com ele. Ele era da Cesp, que tinha tido aquela inundação, através da Cesp, lá. Só que eles iam indenizar só as cidades que foram comprometidas. E aí eles pegaram falaram, não. Uma das coisas que eu falei, “pera aí, esse povo de Epitácio de toda região aí, vão tratar aonde? Em Prudente”.

Isso foi em que ano?

Isso foi no começo. Assim que nós começamos a construção. Foi o pedido, foi em 2003. Nós já começamos uma negociação né, com o Lira.

Ainda era associação neste período?

Era associação. Era associação. Aí, em 2008, quando eu ganhei a eleição, o promotor veio falar pra mim que o dinheiro estava saindo e tinha que eu tinha que tomar providência. Foi em 2008. Mas daí teve que transformar em fundação e aí não veio os dez milhões que eu havia pedido veio vinte e cinco milhões.

Por qual motivo teve que transformar em fundação?

Bom. Porque para este dinheiro vir, parece-me, eu estou dizendo uma coisa que eu não tenho muita certeza, mas o que eu entendi é que o terreno precisaria ser da própria entidade, do hospital do câncer, e ali o terreno não era do hospital, era da Santa Casa. Tinha que ser independente e parece-me que para acontecer isso, teria que se transformar em fundação.

De 1997 até 2009, diversas pessoas passaram pela diretoria, como foi? Quem apoiou?

Foram muitas pessoas que passaram pela diretoria. Por exemplo, eu fiquei até 1996 se eu não me engano, eu fiquei até 1996. Aí depois parece que era quatro anos um depois quatro anos outro. O Sérgio ficou até 2000, foi quando ele morreu. Aí comecei eu, dai 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006. Ai eu fui para vice e toda doação, era Mc dia feliz, o Mc dia feliz era a festa mais animada que nós tínhamos, era uma coisa fantástica sabe. E por onde por onde nós andávamos nós contagiamos. Eu tinha um grupo que contagiava. Era lindo e a gente não tinha preguiça, por exemplo, alguém fazia aniversário “eu não quero presente eu quero dinheiro para Hospital”. O outro queria presente para as crianças em vez de presente para os filhos. Doava presente e assim a gente foi. Nós começamos a fazer festas para as crianças, Dia das Crianças, dia de Páscoa, nós começamos a alimentar.

Vocês se reuniam quantas vezes por mês? Como vocês conseguiam auxiliar trabalho e voluntariado?

Eu ia uma ou duas, três vezes por dia lá. Eu subia oito andares. Tinha dia que eu subia 12 vezes. Eu deixava o meu consultório, por exemplo, eu passava lá cedo, daí na hora almoço eu ia almoçava com alguém. Eu descobria que tinha chegado um

gerente do Banco do Brasil novo, eu ia lá, convidava pra ele conhecer nosso trabalho. Aí eu fui ao Ministério Público, levei, fui na Receita Federal, levei. Eu ia levando o povo. Então, todos os dias eu tinha um grupo para apresentar. Eu tive um grupo de Adamantina, eu chamava o grupo de tudo quanto é lugar pra conhecer o trabalho, porque eles tinham que saber o que estava acontecendo e que é importante nos ajudarem, porque é muito difícil você pedir uma coisa não mostrar o que tá fazendo. Então teve dia de eu subir, dez, 12 vezes. Tem uma pessoa que é testemunha disso, que é o Osni. Ele subia comigo, coitado. Eu ia mostrando e subindo.

O dinheiro das doações era depositado onde?

Nós tínhamos conta no Banco do Brasil e depois, parece que está na Caixa, mas eu não tenho certeza.

Quantos em doação vocês conseguiram, contando com o apoio do Estado?

Quando nós colocamos a pedra fundamental, o Alckmin prometeu pra nós um terço da construção, aí ele falou “um terço é do município, um terço do Estado e um terço Federal”. Só que aí a gente não recebia esse dinheiro. Aí um dia uma amiga minha me chamou o que ia ter um jantar no Palácio do Governo. Eu fui lá com uma carta na mão, virei pra ele, falei assim “escuta, você sabe quem sou eu? Ele falou, eu sei aí eu falei você não sabe não que é muita gente. Eu sou a Bernardete Querubim e estou aqui para reivindicar pelo menos uma parte do dinheiro que você prometeu lá”. Eu falei assim, “você sabe o que é Cerco de Jericó? Ele falou, sei”. Então falei, “bom eu estou com 364 voluntárias preparadas para a gente fazer o Cerco de Jericó, nós vamos rezar sete dias, sete noites em volta do Palácio, você duvida de mim? Ele falou, não”. Isso era dia 7 de novembro, aí eu falei eu te espero até o dia 30. Ele falou “não, até dia 31 de janeiro”. Aí eu falei coincidentemente aniversário da Dirce, então vou esperar. E até o dia 15 chegou quinhentos mil.

Juntando com o que vocês tinham, somou quanto?

Daí dava mais de um milhão. Mais daí já tinha juntado mais, já tinha saído os leilões, eu não me lembro mais em números né.

Foi esse dinheiro que vocês começaram a construção do hospital?

Nós começamos com seiscentos e foi vindo, foi vindo, foi vindo e graças a Deus com esses 25 milhões, depois parece que é de outra diretoria conseguiu mais cinco e tem conseguido muito, graças a Deus.

Qual era a previsão, lá em 1997 que vocês imaginavam que seria a inauguração do hospital?

Meu grande sonho da minha vida era que fosse construído no máximo em 5 anos, e quando eu esqueci de mencionar nisso más se vocês me permitirem. Quando Sérgio morreu eu falei “gente como é que a gente vai construir um hospital” eu não sabia nem como construía uma casa eu não sabia a única coisa que eu sabia era fazer o RPG ficar o dia inteiro do consultório. Aí nós juntamos umas voluntárias

inclusive foi conosco a Doutora Cláudia Nalin umas enfermeiras e algumas voluntárias, arrumamos uma van e fomos para Barretos. Chegou em Barretos o Henrique recebeu a gente assim eu nunca vi ninguém nesse mundo mais hospitaleiro do que o Henrique eu sou louca apaixonada por ele se hoje o hospital está ali graças a mão que ele deu no início ele deu uma mão tremenda. Ele ensinou ele mostrou o caminho aí fomos para São Paulo atrás do arquiteto, chegamos lá o arquiteto veio foi aí que ele falou que “não poderia ser no espaço que nós queríamos fazer teria que ser independente na época ele até falou que tinha que ser independente da Santa Casa na época”. E quando eu cheguei lá na mesa do arquiteto ele estava construindo um ônibus, para Barretos, ele estava arquitetando daí ele falou assim o “Isso aqui vai salvar muitas vidas”. Na hora que ele falou isso meu olho girou fiquei louca eu falei “como assim salvar vidas não ele falou isso aqui vai sair fazendo exame e o câncer no início tem cura”. Eu fiquei louca falei “me dá em um papel me dá um desse”. Eu peguei eu o promotor Tufi a dona Auxiliadora e mais algumas pessoas fomos na andorinha juntamos a diretoria da Andorinha falei “olha não são os médicos que salvam vidas são vocês, se vocês nos doarem esse ônibus, você já pensou quantas vidas serão salvas”. Ai eles nos deram o ônibus aí eu liguei para arquiteto. Ele falou “você tá louca esse ônibus quem me pagou foi Barretos eu falei então tá bom, não tem problema eu ligo para o Henrique”. Liguei para o Henrique falou não só te dou o projeto como eu quero que você mande eles aqui que eu já mudei muita coisa do ônibus, o ônibus tem centro cirúrgico dois consultórios. E a minha intenção era que fizesse pele, por exemplo, chegava no sem terra tinha um câncer de pele já tirava, vamos eliminar isso. Porque o que o governo não entendi e que eu sempre discuti, é que a prevenção fica muito mais barato além de não deixar a pessoa sofrer, pra que que tem chegar naquela exaustão, porque gente é só vocês ficarem um dia num hospital em fase final vocês vão ver o que é triste.

Em relação ao tempo você diz que o sonho seria a inauguração 2004, porque em 2016 passou tanto tempo e ainda não está inaugurado totalmente?

Pois é, é tudo muito difícil aí eu percebi que Barretos também demorou muito. Quando eu fui conhecer Barretos eu vim decepcionada porque lá em Barretos só tinha 11 mil metros e esses 11 mil metros só era ambulatório, nem tinha um hospital em Barretos ele usava São Judas que era o hospital do pai dele que hoje é usado lá São Judas eu fiquei lá ano passado em 15 dias hospital São Judas é usado como paliativo, não sei se você sabe paliativo é usado é fase final do câncer, a pessoa ficar esperando mesmo. E hoje olha a imensidão daquilo, mas demorou anos e muitos anos para concluir. Mas eu a minha ansiedade era muito grande. Agora nós tivemos problemas com prefeito que não autorizava não aprovava o projeto ele achava que podia ser atendido no HR. Então você sabe tudo na vida tem obstáculos e como não faltou oportunidade de tanto obstáculo ali também teve.

No projeto Inicial quando vocês já preparavam o terreno e subindo prédio esse projeto era como? Ele seria do tamanho quantos andares seriam? Quantos atendimentos vocês imaginavam fazer por dia?

Era aquele tamanho só que eu sonho nosso era ser do jeito que vai ser hoje, na época eu queria que tivesse Lavanderia, tivesse hotelaria eu queria mas como existe uma diretoria você tem que respeitar então seria utilizada a Santa Casa como

lavanderia como vocês centro cirúrgico que não era o que eu queria na época. Mas um dos presidentes foi sábio, ele deixou até dois andares já prevendo isso, e agora através da fundação foi obrigado aumentar mais cinco mil metros. Então hoje é aquilo que eu sonhei daquele jeitinho que eu sonhei.

Ao longo da sua história a diretoria foi se alternando ao longo dos anos e até que chegou a fundação e você se desligou da associação?

Eu me desliguei da associação. Eu não me lembro se foi, eu acredito que eu me desliguei quando entrei na política, em 2008, no início de 2008, tive uma discussão lá e eu sai. Mais precisamente, eu me desliguei na véspera do carnaval. Eu morava aqui e eu me desliguei na véspera do carnaval, que eu me lembro que eu vim embora muito triste e falei “não volto mais”.

Explique a situação da fundação e da associação.

Rachou. Eu não sei te dizer direito porque eu já não fazia mais parte, mas não era isso que eu queria, eu queria que fosse tudo tivesse junto. É a associação, quem começou foi a associação. Agora, fundação e associação, não. Quem começou tudo foi associação, meu coração fica muito triste.

Atualmente, o que você espera do hospital?

Que o nome do meu marido estivesse lá. E outra, não é só o nome dele, é que as pessoas fossem tratadas com humanização, que era o grande sonho, porque como eu já disse pra você, o Hospital do Câncer de São Paulo não tem humanização. Não o de São Paulo, vamos lá, você entra no AC Camargo e você entra Barretos, é outra coisa. Então, o que eu queria? Eu queria um grupo de voluntários que estaria ali abraçando, que estaria junto, eu queria seguir os passos de Barretos. Meu grande sonho, se eu pudesse realizar seguir os passos de Barretos. Na humanização, porque tem muita coisa para se fazer muita, como a beleza contra o câncer que é uma coisa que eu estou fazendo lá em Londrina, aqui não se tem, não nos permite a fazer. Porque infelizmente eu tentei e não se permite fazer.

Como foi o momento de inauguração do Hospital do Câncer? Quando o Governador esteve aqui?

Olha, é um momento que até hoje eu fico emocionada, porque saber que, teve um momento que eu achei que não ia sair Hospital da minha vida e naquele dia, naquele dia eu vi que o sonho dele tinha sido realizado de alguma forma, você entendeu? Ele não morreu em vão, ele não morreu em vão, ele continua vivo, ali. Que era tudo o que ele queria.

Para você este momento foi muito forte?

Foi muito forte. Valeu a pena, tudo vale a pena. Tudo que eu sofri, todo sofrimento, aceitação da partida dele, valeu muito a pena, sabe, e saber que ali as pessoas vão ser tratadas, vão ser salvas ali, pra mim aquilo foi muito, muito lindo, muito importante pra mim. Aquele dia eu quase não conseguia nem falar porque, eu sonho tanto com aquilo, fui tanto ali, eu lutei tanto, lutei tanto. Quantas vezes

estávamos ali, eu subia de gatinhos nas ferragens pra ver como estava o andamento. Uma vez eu levei as mulheres lá de Adamantina, elas de salto e a gente subindo nas ferragens e eu não pensava no perigo, pensava só o que eu queria mostrar pra elas que estava indo, que aquele hospital ia sair e comigo muitas voluntárias sonharam com isso, você entendeu? E eu acho que é onde ele está ele se deve estar muito feliz.

O Fernando e Sorocaba foram importantes para a construção do hospital?

Nossa muito grande porque quando um show que deu uma levantada foi do Fernando e Sorocaba, foi lá no quarto de milha para mim foi de muita foi muito importante ele estava começando ele estava no comecinho e uma pessoa importante até pra entrevistar é o Valtinho Pereira, foi através do Valtinho Pereira e ele que o Fernando e Sorocaba veio eu falei com Valtinho nunca me esqueci no sábado na casa de uma amiga eu chamei Valtinho falei “Valtinho pelo amor de Deus você não teve ninguém com câncer na família me ajuda”. Aí eu consegui graças a Deus foi através do Valtinho que mora aqui no Dhama 2.

Bernadete atualmente o que você faz? Quantos anos você tem?

Bom Hoje eu tenho 55 anos, eu tenho acho que estou deixando um legado e hoje exerço muito pouco a profissão, sou vice-presidente do CPC em Londrina centro de apoio ao paciente com câncer desenvolvemos um trabalho maravilhoso, lá já ganhamos um terreno de oito mil e duzentos metros agora no dia 22 conseguimos o Ary Toledo. No hotel que eu fico não passa nenhum artista se eu não pegar ele. Como eu fazia aqui eu fico num hotel lá quem entra muita gente e os mensageiros falam “Ou Fulano chegou” eu já estou na empreita lá. Estamos lá lutando, vou fazer o que eu posso até quando eu puder e com muito amor e com muito carinho porque eu prometi que quando aposentasse eu ia ser 100% voluntária. E eu sempre gostei muito de criança, mas esse lado do Câncer esse lado mexe muito comigo então eu estou hoje na luta me dá uma alegria muito grande quando eu vejo um sorriso no rosto de um portador de câncer que eu consigo arrancar um sorriso, pra mim é muito importante o abraço, beijo que a gente da sabe. Nesse trabalho que nós fazemos com as mulheres lá gente se enche elas de beijos, a gente deixa elas bonitas é muito bom e eu tenho feito uma festinha pra ela de confraternização uma vez por mês e está indo super bem graças a Deus.

Uma mensagem que você deixa para quem está passando por essa luta que é o câncer?

Para quem hoje tem, está passando por esse momento. Não desista nunca segue em frente porque para Deus nada é impossível e a fé cura. Gente o poder da oração vocês não tem noção o quanto é importante, e eu quero dizer que eles têm que saber que depende muito deles, e que quando eles escutarem de um médico uma coisa que não agradou, que eles manda embora isso pega uma bola bate na bola que isso é uma terapia bate na bola expulsa isso imagina que Deus é o médico dos médicos. Eu quero deixar uma gratidão eu quero agradecer de coração todas as voluntárias que colaboraram comigo, todas as pessoas que de alguma maneira direta ou indireta e colaborou que muita gente colaborou e nunca nem esteve aqui, e também a imprensa que teve um valor assim tremendo que me ajudou muito sabe e

todos que passaram pela diretoria do hospital então todos tiveram contribuição ali de uma forma ou de outra, mas eu peço a Deus que derrame muitas bênçãos sobre todos eles.

Ao longo dos anos tem alguma média de quantos voluntários passaram?

Na minha época eu seu tinha 364, eu tinha uma multidão era uma delícia, elas ligavam para a gente está junto então eu tinha esse grupo. Hoje eu não sei.

Uma palavra que você resume todo esse trajeto?

Eu tenho uma gratidão imensa Deus, mas muito grande por ter permitido que isso tudo tivesse acontecido.

FERNANDO ZORZANELLO BONIFÁCIO/ FERNANDO FAKRI DE ASSIS (SOROCABA)

Data da entrevista: 03/09/2016

Contato: Pessoalmente

O que representa para vocês serem os embaixadores do hospital do câncer de presidente prudente?

Fernando e Sorocaba

O que representa para vocês serem os embaixadores do hospital do câncer de presidente prudente?

Olha um dos maiores troeis da nossa vida, um dos maiores um dos pontos altos de nossa carreira é fazer o bem através da nossa música e tenho certeza que isso poderá fazer diferença na vida de muitas pessoas, e para gente é uma honra mesmo saber que a música pode alavancar coisas positivas na vida das pessoas que é só a música em si e saber que ela pode motivar as pessoas é muito bom à gente está feliz em ajudar, fazer parte dessa causa.

Como foi para vocês voltar ao hospital e poder ver o que foi feito com o dinheiro arrecadado?

Que maravilha né a gente ficou até assustado com tudo o que foi feito até agora isso não imaginava o tamanho da proporção que iria virar. E como o Sorocaba diz “a gente está muito feliz de estar fazendo parte desse projeto”. Eu acho que vai conseguir mobilizar outros artistas, os fãs para estar ajudando. E aqui está num ponto muito legal que vai acabar ajudar muita gente da região para não ir tudo para o hospital de câncer de Barretos, então é meio que é meio que um braço. Eu acho que a população merece, e a gente vai estar junto com vocês nessa.

Tem alguma mensagem para as pessoas que querem ajudar e abraçar essa causa? Bom a mensagem é que a instituição é mesmo uma coisa muito séria, e trabalha junto a pessoas muito sérias. Então se você quer ajudar quer abraçar essa causa vá

sem medo de ser feliz. A dupla Fernando e Sorocaba assinam em baixo, e com certeza vai impactar a vida de muitas pessoas.

JOEL TURINO

Perfil: Um dos primeiros voluntários em prol da construção do Hospital.

Data da entrevista: 09/09/2016

Contato: Pessoalmente

Qual é seu nome completo e idade?

Meu nome é Joel Turino, completei agora, em abril, 77 anos, estou em Presidente Prudente desde janeiro de 1975.

Como que você conheceu o projeto Hospital do Câncer?

A gente conheceu a Bernadete e também tinha muita amizade com a Maria Auxiliadora, com o Paulo Constantino. Ele era prefeito, antes ele já era da Andorinha e como no SENAI a gente tem muita ligação, porque a gente lavava alunos, aprendiz para ser funcionário da empresa, então pegamos muita amizade já bem antes dele ser prefeito e essa amizade foi sempre se fortalecendo. E quando a Bernadete, a gente conheceu o trabalho dela, que já vinha sendo realizado, as dificuldades que ela tinha, ela morava aqui pra baixo e eu sempre visitava ela aí, aqui no Jardim Paulista. E aí a gente foi se unindo e a gente soube das dificuldades que ela estava atravessando junto com a doença do marido, com as dificuldades que ela tinha pra poder transportar ele de um lado pro outro, até receber os atendimentos do tratamento. E aí surgiu aquela ideia de que Prudente merecia, precisava ter um local, um hospital que atendesse casos desses, porque a coisa minha cada vez mais difícil e aumentando. Esta doença hoje, por várias razões ela atua na pessoa e quando ela menos espera já está com a danada da doença. E o que acontece, então ouvi a ideia de se fazer algum atendimento, isso em 98, por aí. 97 começou o grupo, mas em 98 foi quando se decidiu. Nós tínhamos até um terreno para construir o prédio, perto do aeroporto. E veja como a coisa caminha, a gente não espera né. O que aconteceu? O Ministro da Saúde, naquela época, falou "nós do Ministério da Saúde, não podemos atender um hospital que atende especificamente um caso de doença". Tinha que ser mais de um caso de doença. Então, vamos supor, além do câncer, tinha que atender coração, rim e, enfim, uma outra série de doenças que pudessem, eles poderem ajudar, de alguma forma. Aí nos preocupou. Bom, se a gente vai lá e não tem uma ajuda financeira, de alguma forma, do Governo Federal, fica estranho. Então, aí começa correr. O professor Agripino queria que fosse lá no Hospital do Regional, que era dele naquela época, da família, mas lá era particular, a gente não podia se unir a um setor particular. Aí nós partimos para a Santa Casa e eles nos acolheram e por coincidência, ali tem a Santa Casa, depois tem o estacionamento e para baixo um pouquinho do estacionamento, tem hoje o Instituto Oncologia, com o nome Sérgio Querubim, que foi o marido da Bernadete. E o que era aquela casa? Era uma casa pequena, de uns 140 metros que foi uma residência normal e depois passou a ser Escola de Enfermagem, que ela pertence a própria Santa Casa. Até por coincidência eu fui várias vezes fazer palestras para as alunas, eu conhecia muita diretora da escola e depois fechou esta escola de enfermagem. Aí, cederam este prédio, para que a

gente pudesse montar o primeiro local de atendimento, que ficou o Instituto de Oncologia Sérgio Querubim. Mas era pequeno, a área de construção era pequena, então conseguimos uma ajuda pela população e tudo para que a gente pudesse ampliar o prédio. Eu, naquela época tinha acabado de me aposentar, tinha condições de ficar ali, o tempo todo, cuidando da ampliação, da reforma toda que tinha que ser feita no prédio. Tinha que fazer sala para médicos, sala de quimioterapia, laboratório, sala de espera, sala de atendimento, cozinha, refeitório. Então, você tinha que ter uma área mais ampliada. Então eu fiquei ali, junto com os pedreiros o pessoal e vira e meche precisava de uma coisa, precisava de outra. Nós precisamos quase tudo, toda janela, todas as portas, um monte de coisa. Ampliou né, então você tem que por mais ou menos igual. A gente ia atrás de coisa, tanto é que todos os móveis ali, as cadeiras especiais para o pessoal da quimioterapia, precisamos comprar tudo, as vezes não tinha, tínhamos que comprar em Curitiba, então, foi um trabalho que eu abracei com a maior boa vontade, para fazer com que o instituto ficasse pronto o mais rápido e por coincidência o Sérgio estava muito doente nessa época, que estava quase acabando o prédio e ele não via a hora que aquele prédio ficasse pronto pra poder dar o atendimento, até quem sabe pra ele mesmo né.

Quais foram as primeiras pessoas envolvidas?

Olha, tem um mundo de gente que se envolveu na época, tem mais de 20, quase 30 pessoas que estavam ali, ajudando, colaborando, participando, quer dizer, fazia parte desse grupo de pessoas voluntárias que estavam unidas para o mesmo fim, para a mesma causa. Para dizer todos, eu não me lembro, é muita gente. Bernadete, Maria Auxiliadora, tinha vários amigos que moravam perto da gente e cujo nome fica difícil à gente se lembrar de todos. Se for falar de um, esquece-se do outro, fica desagradável, mas é um time muito bom, pessoal muito unido, que se dava as mãos para que a causa fosse resolvida e que se conseguisse o mais rápido possível este Instituto.

Mesmo diante de todas essas dificuldades que aparecem no decorrer desse tempo, o que você acha que fortaleceu essa vontade continuar com esse trabalho, com este projeto do Hospital do Câncer? Você acha que a doença do Sérgio foi à partida para esta construção?

Olha, ela foi o primeiro passo a ser dado, na certeza que a região precisava de um local específico, já que a doença vinha se aumentando e, conseqüentemente, a gente sabia das dificuldades que as pessoas tinham, da nossa região toda, as vezes até de Mato Grosso, de ser atendido só longe, ir para Jaú, Barretos. Poxa vida, às vezes você tinha que ir com a família, os acompanhante, era uma despesa. Às vezes a prefeitura cedia a ambulância, mas tinha que voltar rápido. Então, olha, é traumatizante, para quem tem a doença e viajar tanto longe pra ser atendido. Às vezes fica na fila de espera, é um negócio terrível.

Qual era o centro que atendia os pacientes de câncer em Presidente Prudente, nesta época?

Não tinha nada. Tinha os nossos hospitais normais, mas não era específico para este fator, para este tipo de doença.

Qual foi a motivação que você teve para abraçar essa causa?

Olha, eu sempre gostei de trabalho voluntário. Eu acho que fazer o bem ao próximo é muito bom, faz um bem pra gente mesmo. Então foi, eu sempre abracei a causa. Eu já cheguei a ser voluntário de nove entidades. Hoje eu estou com seis. Eu fico muito contente de poder ser útil e ajudar na causa do próximo e essa é uma causa muito nobre, muito importante porque a gente via a necessidade do paciente que vem de longe ou mesmo de nossa cidade, ter um atendimento local.

O que vocês imaginavam antes, lá em 1997, foi concretizado com esta obra? O que vocês esperavam do hospital naquela época? Como vocês sonhavam com o hospital? É do jeito que está hoje?

Era mais ou menos isso. Não digo de toda a forma, desta maneira. Tanto é que nós começamos com 10 mil metros, eram oito andares com 10 mil metros, mas nós iríamos usar uma parte da Santa Casa. Havia um acordo. Nós íamos usar a lavanderia da Santa Casa, nós íamos usar a cozinha da Santa Casa, nós íamos usar a UTI e outras salas que pudessem nos ajudar no tratamento e ele ficaria dentro deste bloco, com outras coisas que ficassem atinentes a própria doença. Depois que foi fundada a fundação, que também faço parte dela, o que aconteceu? Os promotores que conseguiram uma verba junto com a Cesp, eles acharam que, para poder conseguir esta verba e tudo, precisava ser construído uma fundação e nós éramos associação. Então essa fundação, para poder ter meios e legalidade de receber toda esta verba, que pudesse dar um avanço no término do prédio. Só que eles achavam o seguinte, tinha que ser independente da Santa Casa. Nada de ficar dependendo de nada, cada um para si. Então, ter sua cozinha própria, lavanderia própria, sala disso, sala daquilo, os leitos próprios do hospital, sem depender da Santa Casa, porque a Santa Casa já tem, conforme o dia lá, a situação é difícil. Não tem leito especial, não tem quarto, você tem que ficar numa sala de espera e assim por diante. Aí precisou fazer o que? Se você vai ser independente, você precisaria aumentar um pouco mais a área, para poder conter no seu prédio, no seu bloco, todas essas outras condições que nós íamos usar da Santa Casa. Lavanderia, cozinha, as salas dos quartos, dormitórios. Enfim, para que possa atender uma pessoa, enquanto ela estiver no tratamento ela pode ficar ali com a gente. Isso precisou fazer o que? Mais 5 mil metros quadrados, aumentar mais um bloco ao lado, um anexo, que ao invés de 10 mil, passou para, praticamente, quase 15 mil metros.

Após a instituição da fundação, o que mudou na obra?

Quando a fundação foi criada, já tinha uma verba, que foi conseguida por nossos promotores Federal e Estadual, que esta verba da Cesp pudesse ser destinada à conclusão do prédio. "Porque?" Apesar dessa verba, quando a Cesp passou a destinar, seria para as prefeituras locais, onde perderam áreas, então, as cidades

ficaram prejudicadas. Então, sabendo que existia uma verba que podia também ser destinada ao prédio e ao término da construção do Hospital do Câncer, que o Hospital do Câncer não é só de Prudente, é regional. Então, conseguiram sensibilizar a Cesp de que aquilo teria um dinheiro muito bem aplicado e, conseqüentemente, tiveram o êxito e graças a Deus hoje nós estamos com o prédio praticamente pronto.

Quais as principais dificuldades que aquele grupo de voluntários? Como aconteciam as reuniões?

Nós tínhamos reuniões para debater. “Olha, nós vamos precisar fazer isso, nós precisamos de ajuda financeira”. A população sempre nos ajudou, dizendo sim, colaborando, esses bloco, desses 10 mil metros praticamente foi ajuda da população, com eventos, com as promoções, isso foi tudo a população que doou, porque não se esperava nada do governo naquela época, Nem Federal, nem Estadual e também não municipal. Tinha algumas coisas, documentação que as vezes facilitava pra andar mais rápido, só isso. Mais a verdade é que para a construção foi a população e nossas promoções de modo geral, não só da cidade como da região. Quantas vezes eu já fui levar telão para a venda natal feliz, que tem aqueles sorteios de carro, motos, para as prefeituras em volta. A gente fazia tudo isso aí.

Onde vocês de reuniam?

Nós tínhamos a sede da associação, depois. Mais antes era ali, praticamente na área do estacionamento da Santa Casa mesmo.

Quais eram as principais dificuldade?

Sempre foi ajuda financeira, porque você não faz nada sem comprar, porque alguma coisa você consegue doações, mas não é todo material, pedreiro você tem que pagar. Pagar engenheiro, você tem que estar ali com dinheiro, porque, afinal de contas, eles não vivem de brisa. Então, a gente que tinha já um emprego, então cada um também somava, ajudava, mas essas promoções que a gente realizava era tudo para conseguir a quantidade de verba para empregar, seria destinada ao término da construção.

Quanto tempo você já ficou fora de casa correndo atrás dessas responsabilidades voluntárias?

Olha, eu já estava acostumado. Quando eu trabalhava no SENAI, os próprios funcionários diziam que eu morava no Senai e visitava minha casa. E eu continuo do mesmo jeito, porque eu acho que é tão gostoso você poder chegar no final do dia e saber se você e você foi vitorioso, numa meta que você precisar alcançar e que aquela meta ia ajudar muita gente.

Qual período você ficou envolvido no hospital? Atualmente, o que você sente vendo tudo isso concluído?

Estou lá desde o final de 97. Talvez eu seja um dos mais antigos, se não mais, atuando. Eu continuo na associação de apoio ao portador de câncer, já fui vice-presidente, presidente eu não quis, nunca nem coloquei na vontade de ser o presente, porque eu acho que a gente pode ajudar também de outra maneira, não precisa ficar lá, em cima. E também com a fundação, desde comecinho dela estou lá ainda, como um da diretoria, estou na área de diretor fiscal. Eu me sinto bem, me sinto contente de saber que a coisa vem vindo, progredindo e vem tentando atingir aquelas metas e objetivos do qual foram propostos. Se apostou-se muito, para que este hospital chegasse no ponto que já está. Lógico, falta coisa ainda, falta. Isso não é fácil, não. Você vê, Jaú, Barretos tem mais de 50 e tantos anos, foram aos poucos, fazendo mais blocos, mais blocos, porque a coisa não cai do céu. Barretos, quantas vezes, no final de mês, estava devendo R\$ 100 mil lá, em déficit, estava em vermelho. A coisa é cara. Esse aparelho de radioterapia foi o governador que trouxe, então foi através dele. Agora tem o de tomografia, que acabou de chegar. Então o que acontece, estes aparelhos são novinhos, os mais novos do Brasil. A população está ganhando com isso. Porque são aparelhos maravilhosos, que antes muitas vezes o antigo, vocês estava lá pra receber o tratamento e ele pegava uma área muito grande do corpo e esses, não, atua na área, no setor. Então, a tomografia localiza e o radioterapeuta atua naquele local. Então, este é um ganho muito grande para o paciente, isso ajuda muito. Hoje nós estamos atendendo 40 pessoas por dia na radioterapia, porque às vezes a pessoa tem que lá 30 vezes, 30 dias, 35 dias para terminar o tratamento e graças a Deus, acho que desse pessoal que já terminaram o tratamento, mais de 100 já terminaram o tratamento, já estão livres da doença. Tem coisa melhor que isso? Tem alegria pra gente, melhor que isso? Saber que a pessoa, graças a Deus, hoje está livre da doença, porque as mãos boas se juntaram para fazer um trabalho desse? Não tem.

O Hospital do Câncer de Presidente Prudente é um marco para a cidade e toda região. Que legado o Sérgio Querubim deixou?

Ele sonhava com isso. Ele não via a hora que todos nós tivéssemos condições de começar dar o pontapé inicial na construção desse hospital. Então, acho que hoje ele deve estar lá em cima, sorrindo. Sem dúvida, porque foi ele que incentivou, a esposa, a Bernadete e mais amigos que estavam sempre com ele, que esta ideia dele pudesse ser colocada em prática e graças a Deus está aí, acho que a região toda irá se beneficiar. Eu acredito, sinceramente, e não vejo mal, se as pessoas da Bolívia, do Paraguai, também vierem pra cá, pra serem tratados. E talvez seja o mais novo, este hospital. Fui várias vezes em São Paulo, no escritório da construção, quer dizer eles (Fiorentine Arquitetura) faziam os projetos da construção. Naquela época que eu fui lá, eles tinham 800 projetos, de construção de hospitais. Inclusive, o Sírio-libanês, eles que fizeram o projeto. E fora do país, também. Então, geralmente, um dos diretores daquela ocasião, da construtora de projetos, um deles era médico e também arquiteto, então o cara tinha uma visão dos dois lados. Então eles construíram mais eram hospitais mesmo e graças a Deus nós tivemos lá, com eles, e acredito que este daqui hoje é um dos mais modernos do mundo.

Qual sua sensação de ter feito parte deste projeto, que, atualmente, salva vidas?

Olha, eu acho que não dá nem pra mensurar, porque a gente só posso ter alegria em saber que o que foi feito, juntando todos nossos amigos, voluntários, que, com as mãos dadas e hoje ver um hospital desses, tem que tirar o chapéu, a gente só pode sair de lá muito alegre e dar as mãos para o céu e dizer que Deus nos ouviu. Porque não é fácil, não é nada simples, tudo é muito difícil, tudo depende de muita coisa. A gente tem que dar a mão, cumprimentar toda diretoria hoje, que está lá, como o Hilário que se dedica bastante. Ele sabe bem o que é essa doença, porque ele passou por ela também, São Paulo, nestes aparelhos tratando, sabe quanto é penoso então ele se dedica bastante, a gente admira muito o trabalho que eles vem fazendo na frente da fundação, como também da associação, porque hoje, se vem gente de fora... Então a associação hoje esta com outra preocupação, qual é? Ali no hospital está quase pronto, mas ter uma casa de apoio para receber os de fora, porque a pessoa vem, tem que ficar uns dias em tratamento e não pode voltar para a casa, que às vezes é 100 quilometro, 200 quilômetros de distância. Então ter uma casa que possa dar atendimento específico para as crianças de uma maneira, assim, alegre, que não foque muito nos sentimentos só, mas que também que ela possa ter a alegria de estar ali, bem recebida, com um apoio e atendida numa casa muito bem arrumadinha para que ela possa se sentir bem e ela se sentindo bem, na casa de apoio, ela também realiza bem o seu tratamento junto com o hospital.

O que o voluntariado mudou na sua vida?

Olha, o voluntariado no mundo não é só não no Brasil, o Brasil tem bastante voluntários, isto é muito bom e eu fico me perguntando o que seria do mundo sem o voluntário? Se já não está fácil viver da maneira como muitos países aí, em guerra. E você vê lá quanta gente, voluntário, atendendo crianças que foram machucadas, que a bomba estourou. O que seria o mundo sem o voluntariado? Então, é o que a Madre Teresa de Calcutá falava, ela era grande voluntária, você vê quantas pessoas foram salvas, atendidas e ela dava aquela atenção muito grande, quer dizer, quem sou eu perto dela, só estou dizendo o seguinte, aquele exemplo nos mostra que o voluntário é uma pessoa importante e necessária em qualquer lugar, em qualquer cidade do mundo e graças a ele o mundo é um pouco melhor.

MARIA AUXILIADORA CONSTANTINO

Perfil: Considerada peça-chave para a organização de eventos e avanço na ideia sobre a construção do Hospital.

Data da entrevista: 16/09/2016

Contato: Pessoalmente

De onde veio à ideia para a construção do hospital do câncer de Presidente Prudente?

Olha na vida nada é por acaso, né? Tudo é Deus que encaminha, ele coloca as pessoas naquele caminho que ele quer. Em junho de 97, no dia 1º de junho de 1997 foi aniversário da Bernadete Querubim e eu fazia RPG com ela e eu levei uma

lembrancinha para ela no dia da minha sessão e deixei lá coma secretária. E daí uma semana, mais ou menos, ela foi a minha casa para me fazer um convite, por que o Sérgio, o seu esposo, aos 19 anos de idade, antes do casamento, ele já foi o portador do câncer. Então ele sofria muito, me dizia ela, porque eles morando aqui em Presidente Prudente, ele ficava mal, tinha que levar ele para São Paulo, para Hospital do Câncer, às vezes para Jaú, outras vezes para Botucatu. E ele sentia muito, com dores e tinha aquela dificuldade. E ele começou a pensar, “poxa vida, mas nossa cidade precisava no hospital, porque como eu tenho muitas pessoas de cidades menores da região, que sente o mesmo problema, então se a gente tiver o hospital regional aqui em Prudente, vai ser muito útil para nós, portadores do câncer. Aí a Bernardete esteve na minha casa e colocou isso, falou “ó, o marido é portador do Câncer, desde os 19 anos”, nessa época ele deveria estar com 27, 26 anos, eu não me lembro ao certo. E ele me relatou isso e “eu já estou cansada de lidar com esta ideia, ele me cobra, quer me ajudar, eu procuro uma pessoa, a pessoa fala que não, eu te ajudo, pode alugar uma casa, vai, aluga uma casa”. Ai nós começamos o trabalho. E ela (Bernardete) falou “mas não é casa, Auxiliadora, nós temos é que ver um hospital, uma coisa apropriada para este tratamento, e eu gostaria que você me ajudasse nisso e eu falei, pois eu vou ajudar”. Aí eu tinha bastante amizade com o Bragato, que era o prefeito, isso em 1997, junho de 97. Eu falei, “Bernardete, eu vou ligar para algumas pessoas, que eu acho de suma importância a gente ouvi-las, e ai eu volto a falar com você”. No outro dia mesmo liguei para o prefeito, liguei para o doutor Plácido, que foi uma pessoas que no passado me ajudou muito na prefeitura, fazendo alguns exames preventivos do câncer em toda a periferia da cidade. Porque naquela época, eu assumia, meu marido era prefeito eu assumia a assistência municipal da cidade. Aí, me lembrei daquelas dificuldades do passado e liguei então para o prefeito e coloquei esta ideia para ele e perguntei o que ele achava. Se como prefeito de Presidente Prudente ele tinha a disposição de nos ajudar em alguma coisa, ele que sim, que era muito bem vindo. Daí eu procurei o doutor Plácido e o doutor Dalto de Almeida Campos, que foram pessoas que no passado havia me ajudado, me orientado muito também. Aí fizemos uma reunião. Na mesma semana eu disse para Bernardete, que estava tudo ok e que eu já havia marcado uma reunião com o provedor da Santa Casa, que era o doutor Stanley Zaina, com o doutor Plácido, tudo na casa do doutor Plácido. Aí fomos a noite para a casa do doutor Plácido, marcamos uma reunião lá e foi: o Zaina, provedor da Santa Casa, a Bernardete e o seu esposo, o Sérgio, e a esposa do doutor Zaine, a Neura e aí nós trocamos bastante ideias, como que a gente ia começar, isso aqui outro. Bom, aí, dai uns dias a Bernadete falou comigo assim, “Auxiliadora, mas como? Vai ser difícil, como nós vamos começar agilizar voluntários, pessoas para agente encampar esta ideia na cidade”. Eu falei, “Bernadete, eu sei fazer alguns quitutes, algumas coisas, trazer de Minas. Eu vou tirar umas receitas e vou começar a fazer chás nas casas”. E por acaso, a minha filha havia mudado, eu morava no apartamento, que não era assim tão grande, daria até para fazer um chá, mas como eu pensava uma coisa maior eu liguei para minha filha eu falei, “Luciene você está morando numa casa espaçosa, casa nova, tudo arrumadinho, você empresta a casa para a gente fazer um chá?”. Ela falou, “perfeitamente”. Aí eu amassei bastantes quitandas, quitutes, como a gente fala e assei em casa e nós fomos para casa minha filha. Mas antes nós combinamos, ligamos para bastantes mulheres. Eu peguei umas prendas, fizemos o um bingo na hora e viemos. Chegando lá, aquelas coisas que eu trazia, já tudo assado, tudo pronto, com chá com tudo, a gente servia para as pessoas e ao mesmo tempo eu ensinava a fazer aqueles quitutes, dando a receita para cada um que estava presente. E depois disso feito, a gente vendia um bingo bem baratinho, R\$ 2, R\$ 3, o máximo de R\$5 e sorteava àquelas prendas que a gente

traseira. E a gente falava da ideia, sempre falando da ideia, que a gente pensava que tinha muita gente com câncer, Prudente é uma sede, é a maior cidade da região, que tem muita importância. E aquilo nós fomos multiplicando as pessoas, um ia passando para o outro, uma falava “não, então vai fazer o chá na minha casa, tal dia”. Porque o pessoal de Prudente, precisa de liderança, mas todas as pessoas, elas compartilham, elas querem fazer. Por exemplo, o Hilário hoje me pede para que eu formar as voluntárias para o Hospital do Câncer. Eu tenho uma lista já, de quase 100 pessoas e essas pessoas querem participar, mas não sabe onde, como, mas querem, tem o desejo, que é o mais importante. Então, a gente capacita pessoas, ver a aptidão dela para qual coisa. E ao mesmo tempo, paralelo aos chás, que a gente continuou fazendo, e com esse dinheiro que a gente ia arrecadando nós fomos juntando dinheiro e começamos a comprar camiseta camisetas, porque nós tínhamos que mostrar para a sociedade que existe um grupo de voluntários. Aí a minha outra filha, porque eu tenho algumas filhas, ela conhecia um artista plástico de Prudente, que mora em São Paulo e ela pediu para fazer qualquer coisa que falasse de um hospital do câncer. Ele desenhou então uma célula cancerígena, assim na camiseta, que é o símbolo até hoje do hospital do câncer. E nós mandamos fazer esta camiseta, eu me lembro direitinho que a primeira remessa foram só 35 camisetas, era o que o dinheiro dava para pagar. Aí nós começamos a usar estas camisetas e começamos a falar, divulgar. E como é uma coisa abençoada, as pessoas foram os poucos. Eu morava ali perto da Guaíba, no apartamento e quando eu ia ao centro, eu sempre passava numa casa em frente ao centro de saúde, uma casa que pertence à Santa Casa, onde antigamente tinha sido a Escola Municipal de Enfermagem. E sempre, às vezes eu passava à tardezinha assim, eu via senhores e senhoras, idosos, andando na calçada, impaciente, para lá e para cá, às vezes estava ventando, às vezes estava chovendo, chovendo e tal. Eu via aquelas pessoas e eu sempre falava com a minha funcionária, sempre ela estava comigo, “mas o que será que acontece nessa casa que fica estas pessoas ai nesse vento”. As vezes eu via ambulância parada lá. Aí quando foi um dia, eu saí de casa, caminhando, fui lá nessa casa. Cheguei lá, estava o doutor Bugalho, eu não o conhecia, eu cheguei, fui entrando, a casa sem móveis e tinha lá três médicos atendendo. Por acaso o doutor Bugalho estava passando por ali, eu dei boa tarde, perguntei se ele podia me atender, que eu queria falar um pouquinho com ele. Aí perguntei para ele o que se passava naquela casa, que atendimento que era, que eu sempre aquelas pessoas por ali e aquilo me condoía bastante. Ele explicou que aquela casa pertencia e continua pertencendo a Santa Casa, que era uma casa que estava desativada e que a Santa Casa estava sem espaço para eles ministrarem a quimioterapia. E eu falei, “mas essas pessoas ficam aqui” dai ele falou “é porque não tem nem os bancos, nós não temos condições de recebê-los melhor. Então eles ficam por ai, vem Kombi de madrugada, sai de Euclides da Cunha, de Rosana, de Primavera as 4h da manhã trazendo seis, oito pessoas, um vem para o dentista, o outro vem fazer exame, o outro vem para tratamento, inclusive do câncer e só as 16h a ambulância retorna. Então estas pessoas que andam por aqui, que ficam impaciente é porque estão aguardando a chegada ambulância para o retorno. E essas pessoas normalmente levantam de madrugada e não come nada e depois recebe a quimio e a maioria tem enjoo, muito vômito. A gente tem até vontade de servir alguma coisa, pelo menos um chá, um leite, mas nós não temos nem fogão, não temos nada aqui e ninguém que possa fazer isso”. Eu falei “mas se eu quiser trazer lanche, um chá, o leite, eu posso entrar aqui trazer?”. “Nossa ótimo” (Ele disse). Eu comecei então, toda tarde comprava pão ali na Massa Pura, ou eu fazer um bolo, ou fazer qualquer coisa, eu com a minha funcionária, punha as coisas no carro, levava para duas garrafas grandes de café e chá. Comecei a servir isso lá. Aí achei que não estava legal ainda, que

precisava de melhorar a casa. Aí, eu pertenço à igreja, eu fui lá, conversei com a pessoa responsável e falei assim, “sabe a gente está começando um trabalho, com muita dificuldade, que tá tendo oposição, mas eu queria um fogão, uma geladeira, queria pratos, canecas, copos, xícaras, o que puder doar. Aí a pessoa disse para mim assim “onde que é? Eu queiro ir lá para ver”. Expliquei, dei o endereço, a pessoa foi. Ficou encantada de ver que tinha espaço físico, faltava aquele espaço. Só sei que no outro dia já começaram a chegar as coisas, sabe. Fogão, xícara, copo, colher. Aí nós pegamos, levamos estas voluntárias que a gente já tinha conseguido, para lá. E a gente arrumou umas pessoas, enfermeiras, médicos, psicólogo, para dar palestras para estas pessoas, que chama capacitar. E aí nós tínhamos criado em Prudente, também no governo Bragato, que ele tinha pedido, nós criamos a central de voluntários.

E lá naquela época tinha uma presidente, a Antônia Maria Braz, que até hoje ainda prepara os voluntários, ela tem uma habilidade, um preparo muito grande para preparar voluntários. Então, a gente pediu para ela e ela começou a dar palestra para os voluntários. Porque voluntário não vai chegar e não vai fazer de qualquer jeito, primeira coisa você tem que ter vontade, a segunda coisa, você tem que ver se você gosta de lavar a louça, se você gosta de cuidar de uma pessoa que está vomitando, se você gosta de fazer um curativo, que é possível uma enfermeira, por exemplo, fazer. Aí, a gente foi ajustando isso tudo e começamos. Daí, eu tenho uma filha, que ela gosta de pintura e tal, aí ela falou comigo assim “mãe o Roberto Loft que é o diretor aqui do hospital na maternidade, ali no alto Bongiovani, ele pediu para a gente humanizar as salas das crianças, porque lá é só para as mulheres ter o parto e pediu para a gente pintar, para a gente alegrar mais o hospital, para humanizar mais o hospital, para as mães para as crianças. “Eu sei que sobrou muita tinta, a senhora quer que a gente peça para eles as sobras das tintas, eu venho mais a Edinéia, que é a esposa do Joel Torino e a Helena Junqueira”. “Eu sei que elas ajudarão lá e poderão ajudar aqui e a gente vai pintar as salas, aqui”. Daí eu falei “ótimo filha”. Daí elas foram, começaram a pintar as paredes com árvores, com passarinhos, com flores. Para cada ambiente, pintava de acordo. Aí nós ganhamos o televisor, colocamos a televisão na sala e as pessoas deixaram de ficar na rua, aí nós fomos, ganhamos cadeiras, poltronas. O endereço é Avenida Coronel Marcondes, é a primeira casa depois do hospital do câncer, que hoje, ficou para o hospital. Lá vai ser a lavanderia. Isso tudo foi em 97, 98, 99. A Associação foi crescendo e nós fizemos uma diretoria. Daí tinha presidente, vice-presidente, o primeiro presidente foi o Sérgio, marido da Bernadete, vice-presidente foi a Ana Lúcia, minha filha. Aí o Sérgio foi piorando a saúde, foi piorando, piorando, piorando, aí a minha filha assumiu a presidência. Nós tínhamos secretária, nós temos tesoureiro, nós dividimos em comissões de evento. Então era muito bem organizado, como é até hoje. Daí o Sérgio muito mal, na Santa Casa, nos últimos dias e ele estava assim, já não ouvia mais, já não enxergava mais. Um jovem de 30 e poucos anos e nós dando a maior assistência para ele na Santa Casa. E ele, no final da vida e ele não terminava, não tinha jeito, você pensava agora vai, vai descansar e não ia, parecia que tinha uma coisa amarrando. Quando foi uma tarde, me deu um desejo assim, eu lá, eu peguei na mão dele e falei assim “Sérgio, vai em paz que nós vamos construir este hospital e ele acabou na hora, sabe. Morreu. E aí eu fiquei com aquele compromisso comigo né, de tocar isto avante. Aí, continuamos trabalhando bastante, aí a cidade já acampou a ideia, aí acabou aquela rixa, aquele problema. E começamos, nós ficamos então de 97 até 2002 só trabalhando eventos, promotores, juiz, tudo fazia parte, vendemos camisetas, foi aquele movimento grande na cidade, angariando dinheiro, fizemos jantares, almoço, bingo, juntando dinheiro para construir hospital. Aí, tudo certo, a Bernadete conseguiu um engenheiro especializado em hospitais, em São Paulo. Nós fomos até ele, falamos

com ele da aérea que a gente tinha, que era liberada da Santa Casa, para ele fazer o projeto para nós, que ele já tinha projeto de Barreiros e outros tantos. Aí, ficava muito caro, a gente não tinha todo dinheiro. Começamos a trabalhar mais para ter o dinheiro. Ele fez o projeto para nós, demorou um ano e tanto. Quando foi em 2003, o Governador Geraldo Alckmin, veio aqui e nós fizemos, colocamos a pedra fundamental do hospital, naquela área que a Santa Casa tinha cedido, não era doado. A placa está lá. Ai logo , logo nós começamos, compramos primeiro os tijolos, caminhões de tijolos, comprava cimento, aquelas primeiras coisas, ferro e tal. E, nomeamos dentro dos voluntários, uma comissão de construção. O que? Precisamos de pessoas que entendem da obra, por exemplo, eu não entendo de construção, mas tinha, dentro do grupo, pessoas, engenheiros, pessoas que entendem. Aí começou a obra em 2003. Aí foi, foi. Aí quando é um belo dia, o Nelson Bugalho me procura e falou “olha, nós fizemos uma multa grande aí para CESP, problema de uma usina que foi construída no Rio Paraná e a gente está com dinheiro, eu conversei com alguns juízes, com alguns promotores e a gente está pensando em doar essa verba, de mais de 20 milhões para continuar a obra do Hospital do Câncer. Só que nós não podemos doar nem para Santa Casa e nem parar a associação. Para poder doar isto, legalmente, nós precisamos que isto seja transformado em fundação”. E foi ai que nós fomos atrás né, do provedor da Santa Casa, que era o Francelino e ele foi assim, ele ajudou demais, ele batalhava. Vinha os prefeitos da região aqui, para outras reuniões deles, de região e tal e eu ia lá, na Ciesp, Fiesp, que o Francelino era o diretor da Ciesp, Fiesp, ele abria 20 minutos para eu falar, aí eu contava a história do hospital do câncer, pedia ajuda dos prefeitos, vários prefeitos. Eu viajava com Bernardete nestas cidades, Bernardes, Anastácio, Venceslau , a noite, fazendo reuniões, quando tinha reunião de Rotary, Lions, de igreja. Eu não valava, a Bernardete que falava, ela tem muita facilidade, ela comove as pessoas e ela falava contava do hospital e eles começaram a fazer também grupo de voluntários nestas cidade e mandava o dinheiro também. Daí nós começamos a obra, a obra estava em andamento, quando precisou dessa transformação. Aí, até que o provedor da Santa Casa, que era o Francelino, conseguisse arregimentar aqueles antigos associados da Santa Casa, demorou. Foi um atraso de quase dois anos. A obra teve que ser paralisada e ser ampliada, porque nós íamos usar toda Santa Casa, o que nós íamos usar da Santa Casa? Nós íamos usar o centro cirúrgico, a farmácia, o laboratório. Nós não iremos construir nada disso, lá. O laboratório, farmácia, o centro de recuperação, a UTI também, ia ser da Santa Casa. Hoje, nós não vamos depender da Santa Casa. Vai ter tudo isso dentro no hospital, porque foi transformado em fundação. Aí, quando transformou em fundação, não inutilizou a associação, a associação está lá, tem seu espaço, continua fazendo as mesmas coisas, mas eles fizeram uma outra diretoria, que o Hilário é presidente desde o começo. Ele é extremamente organizado, é uma pessoa séria, é uma pessoa metódica e ele então, eles escolheram essa equipe nova de promotores, juízes, escolheram como presidente da associação e ele está até hoje. E o Hospital, em outubro do ano passado, nós inauguramos a rádio, porque o Governador Geraldo Alckmin, ele deu aquele aparelho, que é muito importante conhecer, ver o funcionamento.

O Sérgio foi peça chave nesta iniciativa. Você acompanhou até o fim a vida do Sérgio. Qual foi sua motivação para continuar em frente?

Minha motivação é ser útil a população , é uma coisa que me acompanha desde criança, lá em Minas, quando a gente morava, eu assim, eu ainda muito jovem, quase que uma menina ainda, eu pertencia a uma entidade que chamava ação católica e a gente

começava a dar catecismo, catequizar as pessoas mais humildes para viver melhor, para ter uma crença religiosa, para tratar dos princípios, dos valores. Então, eu sempre gostei de fazer reuniões assim populares e nos dois mandatos do meu marido, eu procurei, assim, eu me cresci muito, sabe, fazendo estas obras, de orientar as pessoas, de capacitar as pessoas, de dar cursos profissionalizantes. Uma coisa assim que eu tenho maior orgulho de ter começado aqui, uma escola municipal de bordados industrial, onde a gente conseguiu mais 700 alunos, se formar, pelo menos ter noções como borda, para ganhar seu dinheirinho. Esse centro que tem aqui, logo aqui, no Jardim Colina, nós construímos, começamos a pré-escola para melhorar as crianças, o estudo das crianças humildes que moravam por aqui, outros lugares também. Corte e costura, então é assim, é uma coisa que me acompanha acho que desde que nasci de trabalhar para o bem comum, não importa quem, não importa onde, se é aqui, se é no Norte ou Nordeste, em Minas, não importa, eu quero ver as pessoas felizes e como naquela oportunidade eu não sei até porque, porque eu não pensei naquilo, em pegar nas mãos do Sérgio e falar com ele, que ele descansasse em paz, que o hospital ia sair, eu assumi aquele compromisso. Então eu acho que é uma coisa de Deus, parece que te dar aquela força, aquela vontade. Talvez como vocês aí, que estão estudando, fazendo uma coisa tão importante, que vocês podem fazer um bem, porque tem muita coisa que depende de vocês, como profissionais daqui uns anos. Então eu acho que é por isso, não sei muito explicar mas acho que é uma coisa que tá no meu coração e que eu acho que eu vou morrer procurando isso. Inclusive agora, eu tenho ido bastante lá ao hospital e o Hilário, nesses últimos tempos, há uns dois meses atrás, ele me perguntou se eu não montava a capela do hospital e eu falei, “monto, monto, sim”. Eu falei, “mas já tem o projeto?” Aí ele falou, “o espaço físico está pronto e o engenheiro já desenhou quantos bancos que vai comportar lá, mais a gente pode mudar. Aí ele falou, “eu tenho um marceneiro, que ele já fez coisas para mim, que ele é de Alfredo Marcondes, que ultimamente só trabalha com igreja, só faz peças para igreja. Eu vou manter um contato com ele a senhora pode ir lá a gente conversa”. E aí marcamos o dia e eu fui lá e nós acertamos tudo. Então eu vou doar a capela. É uma capela ecumênica, não vai ter imagem, vai ter só uma cruz, porque a cruz não importa é crença, é uma coisa cristã, sem nada de pendurado, sem imagem, na própria madeira que vão por assim, na frente. É um espaço pequeno, só deu para 7 bancos e aí eram duas portas, nós acabamos fechando uma com madeira, para ficar um espaço mais concentrado e vai ficar bonitinho, uma coisa bem modesta, mas vai ficar bonitinho.

Quais foram às pessoas envolvidas neste projeto?

Nossa, tem muitas pessoas. A Tereza Corral, hoje ela mora em São Paulo. As minhas filhas, todas elas participaram no começo. Mas, mais, mais mesmo foi a Ana Lúcia, que mora em São Paulo, hoje; a Deise, que mora em São Paulo, a Luciene, que mora aqui no meu condomínio. E nós fizemos, acho que mais de uns 50 chás na cidade, até o ponto que a gente falou, “não precisa mais, a cidade já está motivada, a cidade assumiu este compromisso conosco”. E aí aquelas pessoas que batalharam, que tinha o programa na TV a cabo, que diziam que não precisava, que queria fazer política, que isso, que aquilo outro, viram que não adiantava, porque, na segunda administração do meu marido, meu marido foi prefeito de prudente de 1977 a 1981. Foi quando a gente fez estes exames em toda periferia. Cada dia era uma região da cidade. Um bairro, dois bairros juntos, conforme o tamanho. As rádios participavam tanto que elas divulgavam, “hoje, a partir de tantas hora, a equipe que vai fazer um papanicolau nas mulheres, vai estar na igreja tal ou vai tá na creche tal, vai estar na APAE, etc, por favor comparecer”.

Era uma mulherada, era aquela fila. Não tinha onde fazer exames. A enfermeira colhia o material, o doutor Dalton trazia para a Santa Casa e o doutor Plácido fazia o exame. Por isso que eu acho importante, porque a ideia do hospital nasceu lá atrás, mas precisava de alguém, que foi Sérgio, que foi o Sérgio que falava com a Bernadete, “nós precisamos fazer Bernadete, nós precisamos de faze”. E ela, com aquilo ali, e foi muito bom, acho que foi muito bom. Eu tenho até lista, tenho fotografias dos primeiros grupos, como eu tenho da Vila da Fraternidade também, que eu também construí. Inclusive, lá foi uma equipe, alunos da Cícera, ela é psicóloga. Eles montaram uma rádio, lá na Vila da Fraternidade, colocaram som, eles oferecem música. A Vila é uma associação de atenção ao idoso, lá no Ana Jacinta, que eu também construí, construí lá, as casinhas. São casinhas individuais. E a Cícera, com os alunos, eles implantaram lá, um rádio popular, um rádio e colocaram um alto falante na praça, na pracinha da Vila da Fraternidade.

Hoje, com a finalização do hospital, qual seu sentimento atualmente?

Dever cumprido. A minha emoção, a minha alegria de ter sido útil por uma causa é tão importante. Não só para as pessoas, para os nossos conterrâneos que moram aqui, mas para todas aquelas pessoas que vão evitar de andar quilômetros mais quilômetros e que a vida desse paciente vai ser muito melhor hoje, apesar da doença, muito melhor hoje do que foi nos tempos passados, então é isso aí, é o dever cumprido. Eu, como uma cidadã, eu precisava pegar isso, eu precisava também dar esse exemplo, de quem ajuda. E isso não é bom só para os outros, é bom para a própria pessoa né. Porque você cresce, você se sente útil, isso é muito legal. Então eu me sinto assim, foi muito bom, tudo que aconteceu, as nossas dificuldades, tudo isso me valeram muito, porque isso eu sei eu cresci e isso foi muito importante para mim e para minha família, para as minhas filhas, que eu acho que eu dei também um bom exemplo para a família, que a gente sempre acha um jeito de ajudar, quando a gente quer.

Como foi a implantação da pedra fundamental?

Isso é o seguinte, o governador do Estado visita pelo menos as maiores cidades do Estado. É uma coisa rotineira e tal e o Alckmin, sempre foi muito ligado à Prudente, a esta região, até porque é uma região mais pobre do Estado e ele sempre deu maior apoio aqui. Então, desde o começo, como o médico, acho que até mais do que governador ele sabe da necessidade de um bom tratamento para o portador do câncer. Então, desde o começo ele tá junto conosco. Todas as vezes que ele vinha aqui, ele procurava junto com os deputados locais aqui, eles também sempre, nunca falaram, não. Sempre ajudaram muito, todos eles e a gente aproveitou um dia que eles estavam aqui e convidamos para ele ir lá, lançar a pedra fundamental. Estava o secretário estadual de saúde, que hoje até já é falecido e nós pegamos e mandamos abrir um buraco, cavamos a terra, escrevemos na pedra, fizemos uma ata de lançamento e agora, há pouco tempo, que hospital está praticamente pronto, isso foi desenterrado e ela está lá para ser colocada, ser fixada no local de destaque. O mestre de obra do hospital do câncer guardou esta pedra lá, ela já foi tirada da cova e esta guardada para ser colocada, está só dependendo da gente escolher o melhor local. Mas isto não compete a mim, vai competir ao Hilário, a equipe deles, da fundação. E a gente esta inaugurando o hospital, assim, aos poucos, por exemplo, em outubro do ano passado, que tem um ano, o governador mandou, ele teve que importar, foi três milhões de reais, o aparelho da radioterapia. Ele já havia prometido para nós, que ele ia mobiliar todo o

hospital. Aí, devido esta situação financeira, o caos que nós estamos, o Estado também está sem dinheiro, então, nesse momento ele não pode. O que está faltando lá? Tem vários consultórios montados, tem cinco médicos atendendo lá. Porque, para o hospital de fato funcionar integralmente, precisa de antes da inauguração, ter médicos lá atendendo. Então, aparece um senhor lá, que precisa fazer o exame de próstata, que é a coisa mais necessária para o homem, então lá tem o urologista para fazer exame. Isso já tem mais dois anos que tá acontecendo. Me parece que tem cinco médicos contratados lá, eu acho que é por aí. Então, primeiro, são 12 e consultórios que vão ter lá, mas já parece-me que tem cinco mobiliados, que tudo está sendo feito paulatinamente, à medida que tem o dinheiro. Em outubro, o Alckmin veio aí, ele foi lá ao hospital, logo que o filho dele havia morrido e nós colocamos o nome lá, naquele setor, o nome do filho dele, Tomás. E ele ficou muito emotivo também, na hora e, recentemente, o Hilário me falou que, de 100 pessoas que já havia feito o tratamento, inclusive nós temos um funcionário, o Luís, lá na Palma, que ele foi até para São Paulo, para fazer o tratamento, depois decidiu fazer aqui no hospital do câncer. De 100 pessoas atendidas, ficaram curadas, 90%. Então foi uma maravilha, coisa raríssima né. Então, a gente está assim, muito empolgada com o atendimento e só não passamos ainda a quimioterapia para lá, porque nós precisamos ser cadastrados no Ministério da Saúde. Se nós não formos cadastrados no Ministério, nós não podemos receber o medicamento e a Santa Casa, como já era cadastrada, ela recebe o medicamento. Então, por isso que ainda está subordinada a Santa Casa, a medida que tiver esse cadastro. Daí, há 15 dias atrás, o Hilário me falou, que eu havia falado com o Hilário o seguinte, quando meu marido foi prefeito aqui, o ministro da saúde hoje, o Ricardo Barros que é de Maringá, ele era prefeito de Maringá, ele veio aqui a Prudente com a mulher dele, com a Cida, duas vezes, para conversar com meu marido e outras coisas, então, a gente tem assim conhecimento com eles. E eu tenho uma irmã, que mora em Maringá, que ela é muito amiga lá, da mulher do Ricardo, aí eu falei com a Vânia, “Vânia, o dia que o Ricardo parecer aí na empresa, fala com ele, que nós terminamos de construir hospital do câncer de prudente, ele conhece bem aqui e que a gente tá precisando da ajuda dele, para o cadastro, se não cadastrar a gente não pode levar a quimio e o hospital só entrará em funcionamento total, o dia que tiver a quimio”. A quimio o que é gente? É 100 pessoas por dia ali, fazendo, vomitando, muitos desmaiando, aquelas crianças tudo inchadas, é coisa mais triste. Eu falei não, a gente precisa passar para o ambiente melhor, que lá é muito apertado. Ele (Ministro da Saúde) foi a Maringá e a secretária dele ligou para o Hilário. Eu acho que foi o seguinte, o doutor Mário Coimbra estava dando uma aula em Londrina, ele também havia feito o pedido. Nós tínhamos feito esse pedido, o Hilário tinha mandado um ofício para Brasília, pedindo uma reunião com Ministro. E aí, o Doutor Mário Coimbra, com o promotor, com uma pessoa da fundação também, que está lutando também, recebeu um comunicado da secretária do ministro, que ele estaria lá em Maringá e que se pudesse ir lá às 15h, ele atenderia. Aí, o Hilário, mais o Francelino, saíram daqui, eu não estava, eu estava em São Paulo, se não teria ido. Daí foi o Hilário, o Francelino, o doutor Mário Coimbra foi de Londrina para Maringá, que é pertinho, uma hora, se encontraram com o Ministro. Ele (Ministro da Saúde) falou, “olha, eu vou mandar uma equipe técnica, porque essa questão é técnica, eu não posso resolver. Eu vou mandar uma equipe técnica em Prudente, para fazer um levantamento, para ver a situação do hospital”. Porque, eu acho até que eles não acreditam que a gente está com um hospital pronto, que é tão difícil você fazer um hospital. E daí, para poder liberar esse cadastro, essa inscrição. E agora, eu ainda não sei se o Hilário já tem esta resposta, se uma equipe já veio, isto eu não

estou sabendo, mas eu vou lá no hospital e daí eu vou ficar sabendo direitinho. Mas o que eu falo com vocês é isso.

Muitas pessoas que tinham que se deslocar da região, para fazer o tratamento, agora podem fazer isto aqui. Na sua opinião, qual a importância do hospital do câncer para a região de Presidente Prudente?

Olha, o hospital se torna muito mais importante, a partir do momento que ele abrange toda a região. Porque, nós não podemos ser egoístas de morar numa cidade, que é a capital da região e atender só as pessoas, os moradores daqui. Nós temos que ser humanos, trazer, dar a oportunidade. E, desde o princípio ele é chamado hospital regional do câncer. É para atender toda a região e quem sabe outros estados. Tem vindo gente do Paraná, gente do Mato Grosso do Sul, porque nós estamos muito próximos das divisas dos dois estados e quem vem, por exemplo, eu estava esses dias atrás, lá no hospital, tinha uma turma de Venceslau, que é perto, tudo bem, trazendo pessoas de Venceslau para fazer a radioterapia. Então, isso tem acontecido e vai continuar acontecendo, porque quando eu estava lá, na casa, na oncologia, que eu era uma das voluntárias de lá, depois eu passei mais para construção, vinha gente de Dourados, vinha gente de Minas Gerais, aqui do Triângulo Mineiro, tudo para fazer a quimio, porque todo mundo vai atrás. O povo daqui não vai para Barretos? Que é mais 300 quilômetros. Então, e outras pessoas, 60 quilômetros, a 80 km daqui, 100 quilômetros de Minas, se pegar, aqui, mais essa região, da divisa do Rio Grande. Então essas pessoas vinham para receber a quimio e continuam vindo, porque todo mundo vai atrás do recurso e Prudente é muito bem quista nesse sentido. Nós temos uma equipe médica maravilhosa, o doutor Bugalho, por exemplo, ele trabalhou no HC, em São Paulo, há muitos anos, depois ele foi trabalhar no hospital do câncer de Campo Grande, durante muito tempo. Então, são pessoas experientes.

Lá em 1997, como vocês imaginavam a estrutura do hospital? Hoje, o que está inaugurado é o que vocês imaginavam, o que vocês sonhavam?

O sonho, sempre ele é pequeno. Ele vai abrindo asas à medida que você vai sentindo mais segura, que você tem apoio de outras pessoas. Então, nós imaginávamos uma coisa muito menor, a gente queria fazer, mais a gente imaginava com aquelas dificuldades. “Nós vamos fazer, fazer é certeza que nós vamos fazer”, mas a gente não tinha muito limite de tamanho, não tínhamos muita ideia, não. Mas na vida é assim, quando você pega firme uma coisa e que você tem um sonho, você vai sendo fortalecido para concretizar aquele sonho. Não importa o tamanho, importa a utilidade. Hoje, para mim, se você me perguntar com toda a honestidade, a concretização do meu ideal foi muito mais ampla, foi muito maior do que eu imaginava naquele momento. Eu imaginava um pedaço da Santa Casa que pudesse cuidar do portador do câncer. Eu não imaginava uma coisa tão grandiosa como é e vale a pena conhecer o hospital, tudo limpinho, no jeito assim de funcionar. E que falta lá? Falta tudo da cozinha, um fogão industrial grande, falta as panelas, faltam os aparelhos eletrodomésticos, falta todas as camas dos quartos, já estão tudo limpinho, esperando o mobiliário. Mas a parte da rádio já está tudo pronto, já tem os armários, já tem os sofás. A recepção também, já foi comprado os sofás. Só falta esta outra parte aí e que não é tão cara e a gente até tem doação, que a gente conseguiu dessa doação de multas que os promotores e juízes fazem, que eles acreditaram na obra, porque, se não tivesse acreditado não havia a doação, que é do hospital, mas é limitada. A obra é para construção, a obra, parte do dinheiro pode ser para contratação de pessoal, mas nós não podemos comprar móveis,

então você tem que respeitar isso também, porque isso tudo é fiscalizado. Então a gente tem que dar um tempo agora, para ver se o Estado pode, daqui um tempo quem sabe no começo do ano, contar com ajuda do Governo do Estado, ou com pessoas. Mas é que está as coisas estão tão difíceis para todos, que nós estamos no espaço na nossa pátria, no nosso Estado, enfim, em todo o Brasil, de ter calma, de ter esperança, de fazer por onde, de trabalhar, de votar direitinho, porque tudo depende de nós, que estamos vivendo agora. Porque o Brasil vai melhorar se nós ajudarmos, se cada um puder fazer sua parte. Mas a gente esta com esperança, que no próximo ano, que a gente vai arrecadar, fazer mais leilão. Porque os leilões que a gente tem feito aí, com doações de gados, da 5 milhões, 3 milhões. Com esse dinheiro nós podemos comprar cama. Tem shows também, que o Hilário já está, parece-me, com autorização de cantores para uns três shows, mas nesse momento é difícil até para trazer, para fazer show, porque o povo não tem dinheiro para comprar.

Você faz parte da fundação atualmente?

Não, eu não faço parte da fundação. Eu sou voluntária. Eu continuo como voluntária assim, não de ir igual eu ia para casa lá, fazer comida, porque hoje serve lá almoço, jantar. Eu comecei a servir lá um chazinho, com café, com pão, com bolo, com biscoito. Depois que nós ganhamos as coisas, nós começamos a dar o almoço. “Quem tem carro, quem pode ir no Ceasa pegar alimentos?, verduras, legumes”. Aí até uma pessoa que mora aqui (Condomínio Residencial Morumbi) foi a primeira, a Maria Medeiros. Ela falou, “não, eu vou lá com meu funcionário, cedinho, 5h30 da manhã e trago as coisas. Então, nós trazíamos cada setor lá dava alguma coisa para nós. E aqui nós fazíamos a comida. Nós começamos dar o café da manhã para aqueles que chegavam de manhã, aqueles que ficavam até o almoço, dava o almoço para eles, para ir embora para casa de barriga cheia, e aqueles que faziam a tarde, 17h, dava o jantar. Isso eu me desliguei. Eu passei para ajudar mais assim, quando a associação precisa que vende camisetas, que vende bingos, que tem show, que vende ingresso. Eles mandam para mim e eu faço isso, por que? Porque eu não tenho quase parado em Prudente. Nós temos morado mais em São Paulo. Então eu não posso assumir um compromisso de voluntária de toda segunda-feira, como era assim, toda segunda-feira eu vinha, “eu vou ficar o dia todo”. Isso eu não quero porque eu sou uma pessoa extremamente responsável, então prefiro assim, vocês precisam vender lá, o Big Mac, então manda para mim. Manda, eu vendo. Precisa de gado para fazer leilão, então eu venho, junto com meu marido, vamos ver o que nós podemos dar, vamos pedir para os conhecidos nossos, sabe. Esse tipo de ajuda que também é um voluntariado né. Então cada um faz aquilo que pode. E o voluntario é preparado exatamente para isso.

Por quais dificuldades você passou sendo voluntária?

Olha, tudo. Eu gosto de qualquer coisa. Se precisar lavar roupa eu lavo, se precisar de, eu comecei assim como incentivadora do início e voluntária, depois eu comecei a trabalhar nessa casa, servindo cafezinho da manhã e da tarde para eles, depois eu comecei indo para lá, para fazer comida, o almoço, café da manhã, que no começo não dava o jantar. Dava só café da manhã, o almoço, o dia que não tinha quase nada era uma sopa, porque a pessoa que é portadora, nem todos, mas 90%, hoje os remédios melhoraram muito, porque, hoje, junto com remédio da quimio, eles puseram um elemento para tirar o enjoo. Então, as pessoas que têm câncer hoje, raramente vomitam.

De 100 pessoas que se trata aqui, você disse que 90% se curam. A ideia cresceu e evoluiu também e a própria população se solidariza para ser voluntária. Em sua opinião, qual foi o legado que o Sérgio deixou para Presidente Prudente?

Olha, o Sérgio foi o líder. Foi à marca. Ele foi uma marca para nós, porque ele batalhou muito. Apesar de em muito pouco tempo, porque quando nós começamos ele já estava assim, muito mal e o caso dele foi assim, pegou os ossos, pegou tudo, todos os órgãos. Então ele foi se definindo muito rapidamente. Ele sofreu desde os 19 anos até quase 40 até os 40 anos, me parece. E era um moço bonito, vocês não conheceram, ele era um moço bonito, contador, trabalhava na Clínica Nossa Senhora Aparecida, a Bernadete e ele trabalhavam lá, na época. Eu acho assim que ele foi o cabeça, que ele foi o líder, ele foi a marca para nós. Ele nos deixou essa missão. Eu acho que a vida é isso, talvez daqui a uns anos uma bisneta, um bisneto meu, vai fala assim, “poxa vida que legal, a minha vó ajudou a construir, ela trouxe um tijolinho aqui, para este hospital”. Prova é que o dia que o Hilário me perguntou se eu não arrumava a capela, “a senhora tem tanto carinho pelo hospital, era bom deixar uma marca sua aqui, uma marca material, vamos dizer”. Eu falei, “não, não tem problema”. Nem discuti preço nem nada.

Sequência áudio.

Naquela época nós tínhamos o doutor, André Tuffi, que é outra pessoa, que é o promotor, que é uma graça, que vendia camiseta, um promotor, eu me que, tinha o doutor Roberto Gurgel, da Polícia Federal, ele era o presidente da associação e a gente naquela campanha, fomos para o Parque do Povo e viu o Tuffi lá vendendo camiseta. Aí, na próxima reunião, ele falou “gente, isso aqui é para vencer mesmo, até promotor público vendendo camiseta”. E um belo dia, quando a Bernadete quer as coisa, ela quer mesmo e ela falou, “Auxiliadora, vamos lá à Andorinha”. Aí eu falei assim com meu marido assim, “que dia que vai ter reunião do conselho?”. Ele falou, “tal dia, mês que vem”. Daí eu falei, “então você fala com eles lá, para deixar uma hora para nós e pede a secretária para ligar para mim que nós vamos ir lá, vai o Tuffi, a Bernardete e eu. Nós vamos pedir o ônibus”. Aí vamos nós lá. Daí estavam todos os diretores da Andorinha, aí nós falamos e eles falaram “não, nós damos”. Eu sei que o ônibus, eles mandaram colocar até elevador sabe, pintaram o ônibus. Só sei que ficou em R\$ 170 mil, esta doação. E o outro dia eu fui no hospital do câncer, cheguei lá, estava o ônibus lá dentro no pátio fazendo exames, estava as enfermeiras, os médicos, o motorista do ônibus, que esse ônibus anda na região toda, na cidade e aqui nós bairros também e faz também a microcirurgia, retira, por exemplo, o material um caroço para fazer a prevenção, fazer exame e essas coisas mais simples e colhendo material mesmo, tanto de mulher quanto de homem. E estava o ônibus de um lado, aquela fila de gente fazendo exames e uma carreta, que o governador havia mandado, que essa carreta eles fazem uma agenda anual e cada semana vai para uma cidade. Naquele dia estava tão legal, que estava o ônibus de um lado a carreta do outro. E eu não conhecia a carreta por dentro, aí, eu mais o Hilário, nós subimos e eles explicaram. Faz a mamografia no seio das mulheres, se tiver caroço o médico já esta ali, já encaminha para uma cirurgia. Então foi muito legal, eu fiquei muito feliz de ver que o ônibus está dando fruto, está sendo útil. O Estado tem trabalhado bastante para diminuir, pelo menos fazendo a prevenção você tem como salvar o ser humano, que a tratamento apropriado para cada tipo de câncer, você não pode é deixar o câncer ramificar, que antigamente acontecia isso.

DR. ANTÔNIO PLÁCIDO PEREIRA

Perfil: Médico responsável pelo Ônibus de Prevenção ao Câncer

Data da entrevista: 20/09/2016

Contato: Pessoalmente

Como foi a sua participação para o Hospital do Câncer aqui de Presidente Prudente?

Eu acho que o Hospital do Câncer foi uma continuação da rede feminina de combate ao câncer aqui de Presidente Prudente. Nós criamos a rede feminina, através da Auxiliadora, a Bernadete, e outras tantas mais que se já viu, já se conhece por aí.

Em que ano foi?

... Ah meu filho, você já deve ter visto, ou já deve ter falado um... e na época nós começamos então a fazer a prevenção do colo de câncer uterino, mas era numa situação muito precária sabe? Porque veja bem, tinha eu patologista, tinha o Dalton Campos cirurgião, e tinha o Fernando que era quimioterapeuta, nós só precisamos de um radioterapeuta, porque não adiantava nada se fazer um diagnóstico de câncer, e se vai mandar pra onde? 'oh muito prazer, a senhora está com câncer, e aí?'

Aqui em Prudente, não tinha um local especializado?

... Nada, e naquela época São Paulo também era muito precário...

E onde funcionava esse atendimento, onde eram realizados?

Esse atendimento só era feito na rede, agora eu não me lembro se era hospitalar, ou se era na sede da rede, agora na sede da rede feminina a gente fazia exame aqui, todo Papanicolau, e lógico que gratuitamente, e sempre trabalhando em conjunto também com a Santa Casa. E a gente saía por aí, a esposa do Zé da Lona, pegava uma Kombi, e saía correndo esses bairros, eles falaram disso não?...

Não...

... E a gente saía percorrendo os bairros, ia para Igreja, para escolas, montava a rede lá, pegava uma enfermeira da Santa Casa treinada, e ela ficava colhendo os exames de Papanicolau, a gente trazia pra cá, fazia, dava o laudo, e depois os resultados positivos, o Dalton pegava, mas isso em situação muito precária.

E nessa etapa já havia discutido que existia a necessidade da construção né?

Ah, sim, o sonho era o Hospital do Câncer... E tudo isso muito precário, eu me lembro que o primeiro câncer de colo uterino, eu fui até visitar a mulher, ela foi operada, e eu fui visitar, porque foi o primeiro, e nisso chegou lá uma amiga dela, e eu perguntei pra ela: 'você já fez exame? Não fiz e não vou fazer e quem viu só foi meu marido', e eu muito metido na idade, e falei, 'então seu marido e eu. Peguei essa mulher pelo braço e fiz na marra, e fiz a coleta dela. E por certo ela tinha um

câncer em fase inicial. Me xingou, disse que ia processar e tudo, mas depois quando viu o resultado, ela foi operada e ficou minha amiga por vários anos.

Quando vocês imaginavam um Hospital do Câncer aqui em Presidente Prudente, vocês imaginavam que seria do jeito que está hoje?

A gente sabia que tinha que fazer. Como, a gente não sabia, aonde, a gente não sabia. Mas que nós tínhamos que ter a gente sabia. Porque nossa região é muito longe de tudo. Você vê hoje, o hospital do câncer mais perto é Jaú e Barretos. São longe. E isso sempre perturbou, e a grande incentivadora para a gente ter um hospital do câncer. Então você pega um paciente canceroso e coloca dentro de um ônibus e manda para Jaú, Barretos, todo o desgaste de passagem, viagem...

Como médico, o que o Hospital do Câncer ele traz hoje para Presidente Prudente?

Ele traz um avanço muito grande. Na área médica e na área do social também, e eu acredito que dentro de três meses esse hospital estará sendo superlotado. Vai ser uma referência, eu não tenho a menor dúvida disso. Esse negócio de que esse hospital vem pra região, não é só para a região. Vai vir gente do Norte, Nordeste, um interesse muito grande. E alguém vai pensar, ah mais o hospital é nosso, é a região que deu dinheiro, só que tem uma coisa, o SUS não é regional, o governo não é regional, é universal.

Você que também administrou o ônibus, que foi cedido pela Andorinha, que fez os exames, tanto exames, como cirurgias também, e o trabalho de prevenção. Você que foi responsável por ele, como que foi, como que é até hoje esse trabalho, quantas pessoas ele atende, você tem esse número?

Começou em 2005. Eles telefonam, que é que pode pedir o ônibus? Entidades sociais, prefeituras, clubes de serviços. Então para esses casos, como é feito?. Eles pagam o diesel, a diária do motorista, a refeição do motorista, duas enfermeiras, e nós vamos todo o exame gratuito.

Em Presidente Prudente apenas?

Não, é eles trazem para Prudente, eles colhem, vamos supor, em Presidente Epitácio. Aí nós vamos até lá, e é feita a coleta, e vem tudo pra cá. Então, geralmente, além do ônibus, depois eles começam a fazer exames nos postos de saúde e mandar, então aqui nós vemos, nós damos o laudo, a gente entrega o resultado, e eles então entregam para os médicos, e os casos positivos e os casos duvidosos a gente encaminha para a Santa Casa daqui.

Então de grande importância tanto para o atendimento como de prevenção, porque eu acredito que, vamos dizer assim, desafoga o primeiro atendimento que a pessoa faz no hospital...

...Voltando a falar do hospital, você sabe até que período você ficou envolvido nas atividades, referentes ao hospital, e porque por algum motivo você se desligou se é que desligou? O que eu queria saber a sua trajetória...

Eu até hoje sou voluntário, eu não me desliguei, hoje mesmo tive uma reunião. Agora a mantenedora é a Associação de Portadores do Câncer, eu sou um dos diretores...

Mas da fundação não...

...Também, eu faço parte do contexto do grupo... e hoje de manhã tivemos uma reunião, porque agora nós vamos sair para fazer a prevenção do câncer de próstata. Nós ganhamos um outro ônibus, e está sendo reformado o da Andorinha. Nós temos dois ônibus a disposição...

O que esse hospital mudou em sua vida?

O que mudou em minha vida olha eu fiz medicina por prazer, não fiz medicina para ganhar dinheiro não, palavra de honra. E se eu quisesse ganhar dinheiro eu faria outra coisa, não seria médico, eu sempre trabalhei para pobre. Esse laboratório é tudo de graça, esse ano nós já fizemos não sei quantos mil exames aí (quase quatro mil), então o SUS agora está nos pagando. E paga 5 ou 6 reais por cada exame. Unimed nos paga 70 ou 80, e a Dilma não nos pagava desde março, então eu sinto que me dediquei a isso, faz muito bem para minha alma isso.

Qual foi sua motivação para entrar numa causa tão nobre?

Eu na faculdade eu conheci um homem que naquela época não se falava em prevenção do Câncer, e eu me formei na federal de Curitiba, e esse homem começou a implantar no Paraná a prevenção de câncer, e gostei dessa ideia, eu via o que morria de gente com câncer de colo de útero, mais aí eu completei meu estudos médicos e fui fazer a residência de anatomia patológica, e esse homem que eu conheci era o professor titular que virou meu sogro, então essa foi a grande motivação que eu tive, é um homem de bem, um homem também que nunca ligou pra dinheiro, e aí eu comecei a mexer com isso, fiz minha residência, minha pós graduação, e aí quando eu vim pra cá recebi o convite para ir a Marília, e fui pra Marília, fiquei um tempo lá, fui vice diretor da faculdade de medicina de Marília, nós introduzimos essa prevenção lá, depois eu fui fazer minha pós graduação no estudo financiador de Tóquio, esse japonês, que obviamente já morreu, ele descobriu o câncer precoce do aparelho digestivo, e eu já tinha acompanhado o crescimento da prevenção do câncer da mulher, e eu conheci em Marília também um japonês que foi o primeiro brasileiro a fazer a prevenção também em câncer de estômago. E eu entrei nessa barca também e fui parar em Tóquio, é uma vida né, fui pra lá e voltamos, fiz muitas palestras no Brasil e no exterior, sempre incentivando a prevenção. Porque o governo nunca a gente pode contar, essa é grande verdade, temos que fazer nossa parte, e o que eu mais gosto disso tudo, é que essas mulheres que são atendidas, elas nem sabem que eu existo, não é bom isso?

... É um conceito de cura, não necessariamente ligado a uma pessoa...

Sim... Então elas nem sabem que eu existo, porque quando Maria Joaquina, de Martinópolis, sei lá eu de onde, da fazenda x, eu só tenho isso aqui dela, isso aqui nós damos o laudo, volta pra ela e aí outros pegam indicam, vai para Santa Casa, faz a biopsia, tira um pedacinho a gente examina e dá o laudo, opera, vai embora, ótimo, não precisa conhecer a gente.

JORGE YOCHINOBO CHIHARA**Perfil:** Responsável pela DRS 11 de Presidente Prudente**Data da entrevista:** 22/09/2016**Contato:** Pessoalmente**Eu queria saber como que o estado ele atua em relação ao hospital?**

Na verdade a Fundação Hospital do Câncer é uma entidade privada, ele não é um serviço próprio do Estado, ela é uma entidade privada ligada a Santa Casa de Presidente Prudente. Os serviços da Santa Casa ele está sob gestão estadual, então os recursos que o Ministério da Saúde envia pra média e alta complexidade realiza na Santa Casa ele passa pelo Estado, e nós repassamos para a Santa Casa, que está sob gestão estadual. Hoje a parte de oncologia da região de Presidente Prudente é feita por dois serviços aqui na nossa região, que são conhecidos como Unacon, nós temos um Unacon no HR e Unacon na Santa Casa de Presidente Prudente, então eu acredito que ao construir um imóvel novo com melhores condições, o serviço que é realizado hoje, atualmente, dentro da Santa Casa, deva migrar para a Fundação Hospital do Câncer, eu acho que essa é a lógica, não existe por enquanto, recurso novo previsto especialmente para a Fundação Hospital do Câncer, eu digo recurso para custeio, existe um compromisso da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo em participar financeiramente na compra de equipamentos e móveis em um total aproximado de 25 milhões de reais, esse é um compromisso que o Governador Geraldo Alckmin assumiu aqui com a fundação, e isso ainda não foi concretizado, uma vez que também a conclusão final da obra, nós fomos comunicados neste mês de setembro, pelo menos no final da obra eles mandaram agora, informando que concluíram a obra. E a partir de então, nós vamos fazer gestão para que esse compromisso de 25 milhões em equipamentos e móveis seja concretizado através da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, então é o seguinte, muitas a população as pessoas querem saber, construiu um hospital novo, então, automaticamente, tem recurso novo para custeio para esse hospital novo, ele não funciona assim que construiu o hospital novo, que alguém, ou o Estado ou o Ministério vai colocar dinheiro novo aqui, o dinheiro para média e alta complexidade obedece uma regra que vale no Brasil inteiro, que é uma distribuição de acordo com a necessidade. Então nós precisamos, que quando um município ou uma região solicita recursos novos para média e alta complexidade para o Ministério da saúde, ele precisa provar que a sua produção hoje, está além da que a união repassa, que não é o caso atual aqui nessa parte de média e alta complexidade, eu acho que quando o município entra com o pedido, tem toda uma dinâmica para encaminhar isso para o Ministério, quando se tem uma produção maior do que recebe, então é possível receber. Então na questão da Fundação Hospital do Câncer eu acredito que a maneira que a gente está vislumbrando e que vá funcionar é que hoje, como eu já disse, a parte de oncologia que é realizada na Santa Casa seja transferida para a Fundação. Eu acho que é essa a maneira que eu vejo, a partir do momento em que ele estiver equipado, tiver móveis, e que o custeio seja viabilizado dessa maneira, é dizer que nós, finalizando a linha da oncologia da nossa região, fizemos a projeção de toda a necessidade de atendimento da oncologia da região de Presidente Prudente, que é com 45 municípios, nós calculamos o impacto financeiro para que essa demanda de oncologia seja atendido pelos dois Unacon, ou seja pelo HR e a Santa Casa, e nesse ano de 2016 já tivemos um incremento aí de

mais de 2 milhões de reais no HR, para incrementar a oncologia, nós temos uma previsão de incrementar mais recursos na Santa Casa de Prudente, principalmente na parte de radioterapia, que hoje, apesar de já estar funcionando, ele não recebe ainda recursos do Ministério da Saúde, a gente está, tem um processo de habilitação e credenciamento desses novos serviços, e a gente tem uma posição de lutar pra isso, e também um pouco de recursos para a parte cirúrgica.

O Hospital do Câncer aqui de Presidente Prudente tem uma estrutura que vai beneficiar, já está beneficiando várias pessoas da nossa região. Na sua opinião, de que maneira isso é válido para as pessoas que tinham que se deslocar antes para outros lugares para fazer tratamento, e agora podem fazer aqui no município de Presidente Prudente, de que maneira o hospital é válido toda essa estrutura que eles estão criando?

Então, eu acho que sim. Hoje a oncologia no Brasil inteiro, realmente, o Ministério da Saúde está organizando para que os pacientes tenham que ser tratados o mais próximo possível de sua residência, então a gente sabe que muitos desses pacientes aqui da região de Presidente Prudente ainda estão sendo atendidos em Barretos, Jaú, e então existe essa dificuldade de locomoção, então o Ministério da Saúde está colocando recursos novos, e incentivando para que cada região de saúde, a nossa região de saúde aqui, é a de Presidente Prudente, a gente chama de raso 11 Presidente Prudente, que é composta por 45 municípios, e contam com 760 mil habitantes, então a gente escreveu um plano, que nós enviamos para o Ministério da Saúde, para que esse raso 11 seja mais próximo da alta suficiência da oncologia e essa estrutura nova da Fundação Hospital do Câncer, vem contribuir pra isso, a gente vai ter um espaço melhor, mais adequado, nós vamos ter equipamentos novos, móveis novos e com certeza essa estrutura ao entrar em funcionamento, vai dar mais qualidade de atendimento a nossa população que depende dos serviços de oncologia aqui da nossa região.

Apesar de ser uma entidade particular, o que ela representa aqui para nossa região, e quais as perspectivas disso em relação ao tratamento do câncer?

É bom lembrar que a Fundação Hospital do Câncer ainda não presta nenhum serviço, ela é uma fundação que existe hoje para nós, juridicamente ela existe o prédio, e todo serviço de oncologia, ligado aqui é feito pela Santa Casa e pelo HR são as duas entidades, então por enquanto, a fundação ainda não está prestando serviço, a gente está prevendo que os serviços que a Santa Casa está prestando hoje sejam transferidos no futuro para a Fundação Hospital do Câncer, então a fundação vai herdar, eu imagino, os serviços hoje prestados pela Santa Casa, e com a entrada de novos recursos, sejam para a radioterapia, sejam para novas cirurgias, a gente vai fortalecer esses equipamentos para atender nossa população.

Você tinha dito antes que com essa estrutura em Presidente Prudente as pessoas vão vir se tratar aqui, e um dos objetivos é trazer pessoas de outros lugares do país para se tratarem aqui em Presidente Prudente, e outra coisa, qual a capacidade que o hospital vai ter para atender essas pessoas?

Quando a gente fez o estudo o nosso plano de oncologia aqui em nossa região, nós colocamos o quantitativo suficiente para atender a nossa região, isso, todas as

regiões do Brasil está fazendo o mesmo estudo, não é essa estrutura que nós fizemos o estudo, não é para atender pessoas de outras regiões. Então nós fizemos o cálculo em cima da nossa parte populacional em cima de dados estatísticos, de previsão de quantos casos novos de câncer, casos de oncologia nós vamos ter no ano, então frente a essas previsões desses números nós fizemos as projeções e mandamos isso para o Ministério da Saúde e por outro lado esse estudo foi acompanhado do impacto financeiro e de recursos novos que precisa para nossa região para que isso se viabilize e que esses dois serviços consigam atender a maior parte dos casos de oncologia do raso 11 de Presidente Prudente.

A respeito disso que você acabou de falar, que estudo é esse? Quantas pessoas ele aponta, e no impacto financeiro, quanto que isso gera em torno de dinheiro pra o custeio desses atendimentos, e tudo isso será direcionado para o hospital?

Na verdade hoje existem dados estatísticos que a gente consegue fazer uma projeção em números da população, você consegue fazer uma previsão de quantos casos de oncologia você vai ter em diversas clinicas, isso é possível pelo histórico que tem no Brasil. Então nisso você pega a população daqui e você tem um estudo muito próximo...

Já tem essa projeção?...

Já tem...

Você sabe quanto?

Nós se não me engano, nós trabalhamos com uma projeção de 1.900 novos casos de câncer por ano na nossa região, isso para uma população de 760 mil habitantes. Então em cima desses novos casos é nós fizemos um estudo e precisamos de estrutura para quimioterapia, radioterapia, cirurgia, então nós temos toda projeção do que nós precisamos para cada item dos recursos na parte de oncologia. Em cima disso nós já fizemos o que que nós temos de recursos financeiros e que nós precisamos de novos recursos financeiros, eu não sei lembrar assim exatamente qual o valor novo, mas é um valor próximo de R\$ 8 ou 9 milhões de reais que nós precisamos de recursos novos. Hoje temos um recurso em torno de 8 a 10 milhões na parte de oncologia por mês, então nós precisamos de um incremento de 8 a 9 milhões por mês para que nós possamos atender toda demanda da nossa região.

Quando o hospital começar a funcionar plenamente, a Santa Casa e o HR continuaram prestando o atendimento?

O HR que é uma estrutura separada do Hospital do Câncer e não é ligado a Santa Casa com certeza vai continuar os seus serviços, agora em relação a Santa Casa e Fundação, acho que não vislumbra, já que tem a Santa Casa fazendo oncologia e a Fundação fazendo oncologia também, porque isso também precisa de uma aprovação do Ministério, e pelo nosso porte populacional ele não cabe um terceiro serviço de oncologia aqui na nossa região. Então nós, aqui pelos cálculos do Ministério da Saúde é no máximo é possível ter dois serviços, que nós temos hoje que é a Santa Casa e o HR, então se a Fundação entrar em funcionamento, por isso

que eu falo, que deve herdar os serviços hoje realizados pela Santa Casa de Presidente Prudente. Essa é a maneira que a gente está vislumbrado como que a Fundação vá funcionar, que os serviços que está dentro da Santa Casa de Presidente Prudente ele migra para esse novo prédio, migra para a Fundação, o valor financeiro correspondente, e a Fundação passa a fazer a parte oncológica que hoje existe na Santa Casa, e claro que a Santa Casa abre espaços novos ou pra ela possa realizar outros tipos de atendimento que não a oncologia, então ela pode ampliar outras áreas de atuações que não seja a oncologia, também existe uma possibilidade no futuro, isso de repente há uma impactação dentro do município que todo serviço de oncologia seja concentrado na Fundação, isso é possível também, como eu já disse o HR é uma entidade do Estado, a Santa Casa é privada, se houver uma impactação dos dois serviços entre o estado e a entidade e colocar todo serviço de oncologia dentro do prédio da Fundação Hospital do Câncer, também é possível, acho que são coisas em aberto que a gente pode no futuro estar discutindo essa possibilidade.

Esclarece uma coisa pra gente, não sei se você se recorda, mas de 1997 até hoje, que não tem um centro especializado, agora podemos dizer que tem a radioterapia funcionando, mas até 2014, por exemplo, não tinha esse centro, então as pessoas tinham que sair daqui e se deslocar para Jaú, Barretos. Porque que elas tinham que se deslocar se aqui já tinha a quimioterapia na Santa Casa e no HR?

Na verdade, a região de Presidente Prudente vem se estruturando, não foi do dia para a noite que surgiu essa estrutura que tem hoje, inclusive essa estrutura foi se ampliando, conforme chega recursos novos, chega novos profissionais, chega novas encomendas, isso vai se estruturando, então, a radioterapia que você mencionou, aqui tá funcionando hoje dentro do prédio da fundação, mas esse serviço é da Santa Casa, ele pediu o licenciamento em nome da Santa Casa, e não no nome da Fundação, a Fundação em si, aqui para nós da área da saúde ela não existe ainda, então esse novo serviço de radioterapia ele vem agregar um novo serviço que já tem aqui em Presidente Prudente que já eram atendidos por outro serviço aqui em Presidente Prudente, e que hoje nós contamos com um novo serviço que é a radioterapia aqui na Santa Casa, que é um equipamento novo, que foi doado pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, e isso vem agregar, pouco a pouco a região de Presidente Prudente vem se estruturando, esse ano de 2016 com esse incremento de mais de 2 milhões de reais, o HR dá um atendimento em maior número e qualidade na parte de oncologia também, então, ano a ano a gente está se estruturando para que os nossos pacientes não tenham que se deslocar para Jaú ou para Barretos, porque a maioria dos casos de oncologia a gente consiga atender aqui na região de Presidente Prudente. Então assim, não é uma questão assim que a gente tá mudando de uma hora para outra, essa mudança ela está ocorrendo no decorrer do tempo e a gente faz uma projeção que dentro de pouco tempo todos os casos de oncologia a gente consiga dar atendimento aqui na nossa região.

Você tem previsão desse tempo?

Hoje eu ainda não tenho os dados para te falar com exatidão, mas eu acredito, que hoje em torno de 90% dos casos de oncologia da nossa região já temos condições de cuidar aqui na nossa região, é claro que os pacientes que tiveram que iniciar o

tratamento em Jaú, Barretos ou em outro lugar, eles tendem a ficar nesses serviços, porque não seria Prudente a gente fazer essa transferência de quem começou nesses serviços passar para outros, isso é possível, mas eu imagino que 90% dos casos novos hoje estão sendo encaminhados para esses dois serviços, HR e Santa Casa e já estão sendo cuidados aqui na nossa região.

Você disse que quase 2 mil casos de câncer ano. Qual o impacto que o Hospital do Câncer vai ter em cima desses casos, na proporção de 2 mil pessoas sendo atendidas na região, vamos supor na Santa Casa e no HR, qual o impacto seria, vamos supor, o Hospital atenderia, e desafogaria, digamos assim, direcionaria pra cá, ao invés da Santa Casa e do HR?

Na verdade hoje nós, o ponto estatístico do atendimento HR e da Santa Casa, nós estamos trabalhando assim na proporção um pra um, metade vai para o HR e metade vai para a Santa Casa, mais ou menos nessa proporção, então, essa proporcionalidade, ao o hospital, a Fundação Hospital do Câncer começar a funcionar, essa proporção não muda, porque como eu disse, a fundação vai acabar herdando os serviços da Santa Casa, não vai ser um terceiro serviço, então o paciente que iria para a Santa Casa ele vai para a Fundação, a gente está projetando trabalhar com dois serviços aqui, ou seja, o HR com a Santa Casa, ou o HR com a Fundação, então a gente não vê um incremento de um terceiro serviço, então é essa a proporção que a gente tá trabalhando.

Como começou a sua participação, e como você tem participado até hoje no Hospital do Câncer?

Na verdade, quando você fala a minha participação, eu represento a Secretaria, nós da DRS representamos a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo aqui na região, não a pessoa ou o diretor regional que eu represento, eu represento a Secretaria do Estado. Então diante disso, a questão do atendimento da saúde, seja em qualquer área, seja na atenção básica, na média ou na alta complexidade, ele é responsabilidade dos três eixos federados, ou seja, município, estado e união, cada um, tanto, na execução, como no financiamento, essa responsabilidade é dos três eixos federados, é dentro desse contexto, a participação da DRS é fazer essa discussão, essa participação em todas as questões de saúde, incluindo a oncologia dentro desse estudo de atendimento da saúde que nos temos aqui na região.

DR. NELSON BUGALHO

Perfil: Prefeito eleito de Presidente Prudente, Promotor de Justiça do Meio Ambiente e foi um dos responsáveis pelo repasse da verba da Cesp

Data da entrevista: 22/09/2016

Contato: Pessoalmente

Nelson, como começou sua participação no projeto do Hospital do Câncer de Presidente Prudente?

O Hospital do Câncer de Prudente é um sonho e um projeto coletivo de toda comunidade prudentina e regional. Mas em 2000, isso começou lá atrás, com a Bernadete Querubim, dona Maria Auxiliadora e tantas outras pessoas. Em 2009, eu, o Dr. Luís Roberto Gomes e também o Dr. Tito Livio Seabra, nós executamos um

acordo não cumprido pela CESP, que era referente a uma ação judicial proposta em 1998, relativa a Usina Hidrelétrica de Porto Primavera. Nesse acordo quem foi feito em 98, existiam várias cláusulas a serem cumpridas pela CESP. Uma delas era a criação e a implantação do Parque Estadual do Rio do Peixe, também tinha o rio Aguapeí, mas do rio do Peixe era um deles. A do rio Aguapeí foi cumprida, mas a do rio do Peixe não. Em 2009 esse não estava cumprido no que diz respeito a criação do Parque Estadual do rio do Peixe, a criação e implantação, na verdade a implantação. A criação já tinha ocorrido mas a implantação não e aí nós executamos esse acordo. Era um acordo que estava descumprido já havia alguns anos, e quando a gente foi executar o acordo, deu um montante de quase 500 milhões de reais em multa, algo em torno de 480 milhões de reais em multa. E nós executamos, pedimos o pagamento dessa multa. Essa multa, pela lei, teria que ser destinada para o Fundo Estadual de Interesses Difusos ou o Fundo Federal, um desses fundos. Mas, nós não queríamos que esse dinheiro fosse embora da nossa região, porque a gente sabe que depois esse dinheiro não retorna, nós queríamos que ficasse aqui, e também havia uma discussão do valor exato da multa devida, ao final de alguns meses nós fizemos um acordo no valor de R\$ 119 milhões de reais em 2009, esse acordo, se eu me lembro bem, era mais ou menos dividido assim, 50 milhões seriam destinados para projetos socioeconômicos de nove municípios impactados diretamente pelo reservatório da usina de Porto Primavera, 49 milhões seriam destinados para projetos ambientais e de repercussão regional, e 20 milhões, nós antes de fechar o acordo, nós destinamos isso aí para o Hospital do Câncer de Prudente, porque era um hospital que deveria atender toda região, beneficiaria toda região, e a gente sabia das dificuldades que vinha ocorrendo para a continuidade das obras...

E quando vocês destinaram esse recurso, você se lembra em que estágio estava o hospital, você lembra o ano?

Foi em 2009, só que havia um problema, havia uma construção de 9 mil metros quadrados aproximadamente, estava lá, sendo construída muito vagarosamente, só que aí, antes da gente fechar esse acordo de 20 milhões nós fizemos algumas pesquisas sobre a situação real do Hospital do Câncer, e verificamos o seguinte, quem vinha construindo era essa associação que foi concebida pela Dona Maria Auxiliadora, pela Dona Bernadete e tantas outras pessoas da cidade, só que estava sendo construído em um terreno da Santa Casa e a associação, uma associação privada evidentemente, verificamos também que o hospital ele seria mais um apêndice da Santa Casa porque ele não tinha no projeto a previsão de um centro cirúrgico, de lavanderia, enfim, todos aqueles aparatos que um hospital necessariamente tem que ter, na verdade ele era constituído basicamente nos apartamentos, toda estrutura hospitalar seria usada da Santa Casa, e aí nós ficamos num impasse, várias Santa Casas na região que também estão precisando de ajuda, e a gente queria ajudar o projeto do Hospital do Câncer, então nós fizemos algumas exigências para destinar os 20 milhões em valores daquela época. O primeiro era a criação de uma fundação, porque uma fundação? Porque uma fundação ela é fiscalizada pelo Ministério Público, e eu era, sou na verdade um promotor de fundações, então a criação de uma fundação, e que deveria ser criada pela própria Santa Casa, e pra você criar uma fundação tem que haver a destinação de um patrimônio pra instituir uma fundação, e o patrimônio seria aquele terreno e aquele prédio, onde está o hospital, então, a Santa Casa concordou com isso, criar a

fundação, e destinar todo o patrimônio para a fundação, e a fundação seria composta por um conselho constituído de nove membros, seis membros indicados pela Santa Casa, que é a instituição instituidora da fundação, e três membros representativos da sociedade civil, então, um da associação que começou a ter a ideia, a iniciativa de começar o Hospital do Câncer, um outro membro da OAB, e um outro membro da sociedade de medicina, dos médicos, então, estava constituída a fundação, por conta dessas exigências também, de se desvincular da santa casa, todo o projeto teve que ser refeito, por isso, entre a gente destinar o recurso e começar a usar esse recurso, se passaram quase dois anos, porque todo o projeto teve que ser refeito, por isso que o hospital de nove mil metros quadrados, quase 10 mil, passou para 15 mil metros quadrados, porque teve também a ampliação dos leitos, e também teve, o projeto prevê todas essas dependências típicas de um hospital e que não tinha previsão.

Enquanto isso o dinheiro também foi rendendo, estava aplicado e rendendo juros e correção, e até que foi constituída a diretoria e o conselho da fundação, e depois de pronto o projeto e com as aprovações de todos os órgãos, até a CETESB se não me engano tinha que aprovar, a vigilância sanitária, enfim, aí esse recurso começou a ser utilizado, e depois esses 20 milhões, com essas correções, ele se transformou em 24 milhões de reais, mas depois disto nós fizemos mais outras destinações deste acordo. Hoje, elas somam algo em torno de 32 milhões de reais sem correção, 32 milhões de reais, só deste acordo com a CESP.

Mas o Ministério Público Federal, esse acordo foi feito entre o Ministério Público Estadual, a qual eu pertenço, e o Ministério Público Federal, e também depois o Ministério Público Federal conseguiu também outro recurso de R\$ 5 milhões da ALL e o Ministério Público do Trabalho também conseguiu mais 7 milhões de reais, ou seja, então só de acordos entre Ministério Público Estadual e Federal foram destinados 44 milhões sem atualização...

Que já estão aplicados?

Sim, estão lá, serão gastos, ainda talvez não tenha sido integralmente gastos, porque agora o hospital já está praticamente pronto, está sendo mobiliado, a área da radioterapia já está funcionando, atende cerca de 40 pessoas por dia, também uma das nossas exigências na época, era que houvesse atendimento sem custo para o paciente, claro que num hospital, eventualmente, vai ter que fazer um convênio porque o custeio de um hospital é altíssimo, é muito caro, então talvez só com o SUS não consiga se manter, então vai ter também, evidentemente, atendimento por meio de convênios e particulares, mas hoje a radioterapia, o atendimento não importa se você tem convênio se não tem, se é rico se é pobre, nada disso é critério, o critério é só atender a necessidade.

Essa verba foi destinada especificamente para alguma atividade, por exemplo, construção, ou não? Pode também comprar mobiliários...

Pode comprar, o dinheiro só não pode ser usado para custeio, então pode ser utilizado para construção como foi, para mobiliários, aquisição de equipamentos, tudo, só não pode ser utilizado para custeio do hospital, é por isso que o Hospital do Câncer realiza os leilões, esses variados eventos, que é justamente para ter dinheiro para depois manter o hospital. Arcar com o custeio do hospital, porque o dinheiro que nós conseguimos, não pode ser utilizado para custeio, e aqui eu quero ressaltar

que uma figura muito importante em todo esse processo, tem sido o doutor Luiz Roberto Gomes, que é o procurador da república, porque eu estou licenciado, mas o doutor Luiz Roberto Gomes sempre me acompanha com muito zelo, nós temos uma comissão que foi constituída pelo Ministério Público Estadual, Federal, e quando eu me licenciarei para assumir a vice-presidência da CETESB nós também colocamos a CETESB na comissão para também continuar participando dessa comissão e das discussões e também é constituída por áreas técnicas, a Caixa Econômica federal também participa, a CESP também participa, então toda, a gente vem acompanhando desde 2009 todo esse processo da Fundação Hospital do Câncer de Presidente Prudente.

E quais são as perspectivas em relação ao Ministério Público com o hospital, haverá ainda mais repasses?

Sim. Ainda existe a possibilidade de mais repasse, porque nesse acordo original de 119 milhões de reais, que atualizado deve estar em torno de 170 milhões, ou alguma coisa assim, nós estimamos recursos para vários projetos e muitos desses projetos, não estão, ou não serão realizados, ou porque houve desistência, ou porque houve algum problema em que nós achamos conveniente não continuar, não destinar o recurso, até pensando nisso, e lá atrás, quando nós fizemos o acordo, nós temos uma cláusula nesse acordo que diz o seguinte que todo recurso, porque são três partes do acordo, projetos socioeconômicos de nove municípios impactados diretamente, projetos ambientais de natureza e repercussão regional, e projetos socioeconômicos de repercussão regional, que no caso é o Hospital Regional do Câncer, então, qualquer dinheiro, qualquer recursos dessas outras destinações que não seja gasto, ou que haja desistência do seu projeto, esse recurso, nessa cláusula prevê que nós vamos destinar esse recurso para o Hospital Regional do Câncer, não necessariamente, entendeu? Mas a gente vem fazendo isso, então qualquer sobra que tem de algum projeto, a gente é, prioritariamente a gente destina para o Hospital do Câncer, não é obrigatoriamente, mas é prioritariamente, como já fizemos em outras ocasiões, originalmente eram 20 milhões, mas nós já fizemos vários repasses depois disso, que totalizam 32 milhões sem a correção, então na verdade, hoje ainda tem mais, com certeza ao longo dos próximos meses, novos recursos serão disponibilizados para o Hospital do Câncer.

Só pra finalizar, você que é um dos responsáveis pelo repasse. Como é hoje ver esse hospital de pé, atendendo a pessoas, salvando vidas de toda nossa região, de 45 municípios, é uma referencia, vai se tornar ainda uma referencia, já é uma referencia, como que é a sua análise disso tudo?

O Hospital do Câncer ele se tornará uma referencia não só para a região, mas como para o Brasil, agente não tem nenhuma dúvida a esse respeito, porque é um hospital moderno, com uma infraestrutura invejável, ele terá, e então ele será uma referência não só para o Estado de São Paulo, como já é Jaú, Barretos, na cidade de São Paulo também existe o HC Camargo, o Hospital do Câncer Prudente será uma referencia, nós com certeza, atenderemos o Brasil inteiro, mas sobre tudo o interior de São Paulo, o Mato Grosso do Sul, o Paraná, então, isso com certeza, será uma referência, e isso é muito importante, porque hoje, se você for olhar aqui para a região, e pensar só nela, os municípios semanalmente encaminham pacientes para Jaú, para Barretos, São Paulo, para tratamento, quer dizer, você vai melhorar

também a vida não só dos pacientes, mas dos familiares, porque Prudente é aqui, então, essa região toda que todas as semanas mandam fazer tratamento nessas cidades que são distantes, terá o tratamento, então vai facilitar a vida de muita gente. E eu mesmo também já fui vítima do Câncer em 2013, então eu sei, e na verdade foi em 2012, novembro de 2012, eu descobri que tinha câncer, fiz a cirurgia, então, foi depois do acordo, tá?, não foi pensando, ou atuando em causa própria, eu nunca imaginei que eu ia ter essa doença, mas ela é muito importante, eu sei o que é passar por isso, e olha que tive toda assistência, meu irmão médico que é oncologista, mas é difícil, e esse hospital vai ser importante para todo mundo.

MAURO BRAGATO

Data da entrevista: 23/09/2015

Contato: Pessoalmente

Como que começou a sua história no hospital do câncer? De que maneira?

É a questão Hospital do Câncer surge a partir de um trabalho, na época como prefeito, e a partir de uma ideia da Dona Auxiliadora Constantino, e da nossa Bernadete Querubim. A Bernadete tinha um problema pessoal, o marido estava com câncer, e depois veio a falecer, e sentia na pele o problema, e da dificuldade do tratamento. Aí se trabalhou a Auxiliadora comigo, a ideia de você buscar uma reforma, numa casa anexa a Santa Casa, que ficou e até hoje funciona, e isso foi entre 97 e 98. Começou-se a trabalhar, a agente arrumou recurso pra fazer a reforma da casa, e posteriormente, ficou uma espécie de um ambulatório, bastante gente apoiando, as voluntárias, tudo anexo a Santa Casa, e posteriormente isso evoluiu para se ter um Hospital do Câncer em Presidente Prudente.

No principio era anexo a Santa Casa e depois, é independente. Já teve aqui na oportunidade, já e isso evoluiu para o ano de 2001, aproximadamente, esteve aqui o Governador, o Alckmin, eu já não era prefeito, o prefeito era o Agripino, mas ele não estava envolvido no projeto, e foi feita a pedra fundamental do hospital, e aí a partir daí as coisas foram, digamos, a ideia foi crescendo, e resultou no que chegou até hoje.

É claro que o andamento do processo de construção, do processo, digamos de busca da sociedade civil que veio com força, eu não participei diretamente, participei indiretamente, o meu papel depois foi já como pessoa pública pra buscar a parceria, é as parcerias necessárias, e aí 2005 ou 2006, a gente conseguiu uma parceria com a Secretaria da Saúde do Estado e na época o Doutor Barradas, que era, hoje falecido, o secretário, aceitou a proposta de fazer uma aproximação com o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, e que tem hoje a principal referência do Brasil, depois dos privados, é o ICESP, ali na avenida Dr. Arnaldo e que virou digamos, uma referência pra aqui, pra Prudente, e isso foi evoluindo e chegou no que chegou, com a participação da sociedade civil, com a participação menor do poder público, e chegou nesse grande investimento.

O equipamento que tem lá de radioterapia eu batalhei muito em conjunto com os diretores da fundação, está instalado, e teve a participação, posteriormente dos promotores o Nelson Bugalho, e o Beto (Luiz Roberto), e aí evoluiu com o processo que chegou nos dias de hoje, está funcionando, e que o grande desafio no futuro é saber como é que se mantém aquilo. A manutenção é bastante cara, nós vamos ter que buscar fontes de financiamento para o hospital, mas a luta foi eu diria pra você, que foi uma luta da sociedade Prudentina, certo, que eu pude participar, mas a

gente tem que registrar que foi uma, surge a partir de uma mobilização de pessoas interessadas, a Auxiliadora Constantino foi a que mais puxou, a Bernadete Querubim, posteriormente evoluiu para a associação dos amigos, depois de um certo tempo criou-se a diretoria da fundação, e chegou no que chegou. Basicamente eu posso dizer assim que, o grande hospital que tem hoje, que vai ser uma referência estadual, tem a ver com a mobilização da sociedade civil e com o apoio do poder público em determinados momentos da história.

Lá na época que você era prefeito, o município ele ajudou de alguma forma a construção...

Não. O município não, o município ajudou a reformar a casa que funcionou durante muito tempo e continua funcionando até hoje junto a Santa Casa, reformou, deu condições, inclusive a manutenção, o município fez isso. Quando eu sai em 2000 aí que evoluiu a ideia de se construir um hospital, mas aí o problema, que na época era o Agripino, que numa certa forma se colocava meio contrário, ele queria puxar para o HU.

De uma forma mais específica, você disse que conseguiu algumas parcerias como depurado, de uma forma mais específica, você alguma consegue lembrar?

Não, é os recursos de R\$ 1 milhão, dois milhões, eu não me lembro agora, e o mais importante o equipamento que funciona nos dias de hoje, que eu participei na negociação com o Governador, eu o Hilário, o Francelino, que são da Santa Casa.

Como você observa o impacto desse hospital aqui para nossa cidade?

O impacto é muito grande, você sabe que hoje a oncologia é um dos problemas principais da sociedade no mundo moderno, o problema do câncer hoje, digamos, aflige a sociedade, muito mais do que se imagina...

Desculpe, segundo o DRS, a gente entrevistou ontem lá, eles falaram que por ano o câncer atinge duas mil pessoas na nossa região, aqui que vai em 45 municípios...

É um índice alto... Eu penso o seguinte, que o hospital, funcionando na sua plenitude, com toda dificuldade financeira, ele vai atingir uma região distante dos grandes centros, ele vai atingir uma região distante de São Paulo, de Barretos, de Jaú, que são os principais centros, e estamos distantes aqui de Jales, Fernandópolis que tem também o atendimento oncológico, é claro que hoje já evoluiu, hoje tem Santas Casas que já tem equipamento, Prudente já tem equipamentos privados de atendimento, então eu diria assim pra sociedade Prudentina e região, que foi uma grande conquista. Está pronto o hospital, falta uma parte do enxoval, e falta funcionar a quimioterapia, e aí demanda uma busca de recursos para manutenção do gasto que não deve ser pequeno...

Inclusive esse é um dos principais desafios para fundação agora... você acha que esse custeio ali, ele tende a diminuir de uma maneira natural, automática ou não, como que você observa?

Olha, o custeio, esse custeio vai ter que ser necessariamente do Ministério da Saúde, e pra isso precisa de credenciamento que não saiu até hoje, e obviamente do Estado. Eu advogo, na medida em que o próprio presidente da Fundação defende o hospital do câncer totalmente SUS, eu advogo que a parceria seja mais profunda com o Estado de São Paulo, que a gente possa ter aqui uma extensão do ICESP, do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, que seja uma, assim como Barretos tem a sua filial aqui na região de Rio Preto, com duas unidades de tratamento, não é hospital, mas é ambulatório, eu defendo que Prudente tenha o Instituto do Câncer aqui, uma filial vai, obviamente sem perder a característica de ser um hospital regional de Presidente Prudente, mas que tenha o selo que tem hoje já, mas mais explícito da participação do ICESP aqui, porque isso significa não só tratamento, mas significa pesquisa também, nós temos condições de desenvolver pesquisa, e esse é um grande problema, mão de obra, de profissionais que faltam também...

Bragato, só pra finalizar, como é para você olhar para a estrutura do hospital hoje em 90% dele concluída, e saber que você fez parte da história mesmo, no primeiro momento em que eles precisavam de apoio, e você como prefeito apoiando e ajudou, e que isso hoje atenderá, 200 pessoas com a previsão deles. Como é pra você hoje, ver essa estrutura de pé, e já em pleno funcionamento?

Olha, a gente vê com satisfação, mas ao mesmo tempo, a gente vê que a população precisa disso, quem faz política pública tem que ter isso em conta, servir a população, principalmente, os que precisam da gente. E o importante aí é que, eu esqueci de dizer, é que com a implantação do Hospital Regional, abriu quimioterapia como uma variante, então isso aí é importante, porque num passado recente, agente via muita gente morrer abandonado por falta de tratamento, ainda hoje tem, mas eu penso que o que vale nisso tudo e agente fica satisfeito, é você poder ajudar, é colaborar e digamos assim, sem se preocupar muito hein, digamos, dizer o que eu fiz, ou que deixei de fazer, ajudar que é importante. Você é eleito pra isso, é pago pra isso pelo contribuinte, pelo menos no período em que você é, eu fiquei bastante feliz de ter colaborado, agora, volto a dizer, o Hospital do Câncer de Prudente é a maior expressão da sociedade civil local e regional, em aspecto de mobilização, quer dizer é a maior expressão de algo que surge da sociedade, e a sociedade assumiu e cobrou das autoridades no momento adequado, o resultado, agora o maior desafio é a manutenção, o desafio é o pleno funcionamento, que tem a ver com orçamento, mas tem a ver também com profissional, e é um assunto que vai o grande debate de logo mais, porque falta gente.

NEREU OGUIDO

Perfil: Supervisor médico da Secretaria de saúde de Presidente Prudente

Data da entrevista: 26/09/2016

Contato: Pessoalmente

Desde outubro de 2015 o hospital está em funcionamento. Qual apoio da prefeitura municipal e da secretaria municipal de saúde para que o hospital se tornasse realidade?

A secretaria teve dado os esforços, no sentido que a necessidade de mais um serviço de nível médio e alta complexidade aqui em presidente prudente, e para toda região isso é necessário. Que muitas dos de câncer são encaminhados ou levados para outras cidades ou para o tratamento ou para um procedimento, ou para até complementar o tratamento. E nesse sentido esse o hospital veio de encontro as necessidades de toda a região aqui. Então a secretaria tem dado todo apoio e participado das reuniões da construção de hospital do câncer né, e o que poder ser ajudado, auxiliado a gente sempre tem visto com os olhos nesse sentido.

Existe algum planejamento por parte do município para apoiar financeiramente o hospital do câncer?

Esse hospital é o hospital de média e alta complexidade, o município ele tem como houve a perda da gestão plena em 2005 onde que o estado assumiu-o os atendimentos de media e alta complexidade, e o município ficou responsável pela atenção básica. Mas a gente tem alguns procedimentos ou serviços de media complexidade que são realizados pelo próprio município. O hospital do câncer por se tratar de um hospital que vai atender pacientes que visam procedimentos de media e alta complexidade. O município não tem uma participação efetiva do ponto de vista financeiro, mas a porta de entrada para o fluxo de entrada para chegar até o hospital do câncer passa pela atenção básica. As queixas, investigação diagnostica e encaminhamento para serviços especiais de média e alta complexidade, e até o diagnostico ai o hospital como procedimento e tratamento.

Com o hospital estalado aqui em presidente, irá diminuir o deslocamento de pacientes para outros municípios?

Esse é o objetivo né, evitar com que muitos pacientes precisem se deslocar para outros municípios para fazer certos procedimentos. A participação do município nesse ponto é quando a necessidade a solicitação do transporte, estadia para o tratamento. O município tem que é o transporte para esses pacientes.

Qual impacto que o hospital trará para nossa região quando estiver em seu funcionamento completo?

Eu acho que vai ter um impacto bastante importante, ele já iniciou suas atividades de uma maneira gradativa, eles vão aumentando as especialidades vão aumentando a capacidade de atendimento vão se organizando de uma maneira que possa absorver a grande parte da demanda, dos pacientes que necessitam de tratamento oncológico.

Haverá um aumento na quantidade de pacientes da região aqui em presidente prudente?

No hospital é uma referencia para região, a secretaria de saúde é referencia para o município de presidente então são para os municípes que a secretaria da assistência.

Qual a importância do hospital do câncer para Presidente Prudente?

Fundamental importância, pois é um serviço de qualidade de ponta aqui nessa região já era já havia necessidade a muitos anos, e foi conseguido isso graças a

movimentação de vários setores da sociedade de Presidente Prudente que cominou na busca de recursos para conseguir construir esse hospital. Agora foi inaugurado de uma maneira ainda inicial e vem aumentando a sua capacidade de atendimento. E o principal benefício para região é que a grande maioria deles poderão se tratar aqui em prudente sem necessidade de se deslocar grandes distancias para as vezes algum procedimento, ou concluir um tratamento.

SIBILA CORRAL DE ÁREA LEÃO

Perfil: É arquiteta e urbanista, doutora e professora da Unoeste

Data da entrevista: 26/09/2016

Contato: Pessoalmente

Meu nome é Sibilia Corral de Area Leão Honda, sou arquiteta e urbanista mestre doutora em arquitetura e urbanismo. Em relação ao Hospital do Câncer e sua disposição dentro da cidade, ele ocupa uma área muito grande que poderia vir a causar uma barreira urbana, que a gente considera no urbanismo, mas devido a sua localização já numa área mais centralizada, já consolidada de ocupação, ele não interferiu na criação de uma barreira urbana, muito pelo contrário, ele foi aproveitado um vazio urbano ao lado da Santa Casa que já existia que estava em uma área não utilizada e ai então ele acaba beneficiando uma ocupação, um vazio urbano dentro de uma área consolidada, ele melhora a questão do acesso ao seu paciente, porque como ele está dentro de uma área consolidada de fácil acesso à transporte publico, tanto intra-urbano dentro da cidade de Presidente Prudente, como também de toda a região, por estar perto da rodoviária, então ele beneficia toda essa população tanto de Presidente Prudente quando de toda a região, beneficia a estrutura física de Presidente Prudente, porque eu tenho toda a infraestrutura já instalada historicamente naquela região, que é uma região já aberta no final da década de XX, então já tenho essa infraestrutura que mantinha-se ociosa, agora que eu tenho a ocupação desse vazio urbano eu utilizo uma estrutura que já ocorria, então acaba reduzindo o custo de novas expansões urbanas para Prudente, também tem um aspecto bastante positivo por ser ao lado de uma estrutura de hospital da Santa Casa, então eu já poderia estar aproveitando até pelo conhecimento da população. É uma área, uma região urbana que tem até um problema de circulação na hora que a maneira do projeto da edificação, principalmente pela implantação térrea em que eu permito até a circulação cruzando as quadras, poderia permitir essa circulação de um lado ou outro da quadra, também vem a criar um aspecto positivo pra população da cidade, então urbanisticamente é extremamente interessante, a localização central, a localização de acessos, a localização da infraestrutura toda, tanto a infraestrutura de agua, esgoto e drenagem, como também os próprios serviços públicos que já ocorrem ali, do hospital e todo o transporte público.

Professora, para você falar se é um projeto inovador, você teria que estudar mais, dá para falar?

Rapidamente observando, verifica-se que houve uma setorização bastante racional, bastante inteligente do projeto, então aparentemente é um projeto muito bem pensado, embora eu olhei muito rapidamente o projeto e em relação à estrutura física da edificação, pelo que a gente considera pelo conforto da edificação, o que hoje está muito na moda o termo da sustentabilidade que é reduzir os custos energéticos, principalmente de ar condicionado de ventilação forçada que vão

consumir muita energia no hospital, eu tenho um aspecto muito positivo pela maneira em que ele foi implantado que eu vou ter uma faixa muito grande para a faixa sul da cidade, em que eu tenho uma ventilação constante e não tenho uma insolação muito grande, a minha faixa pior seria a faixa Oeste ela acaba tendo paredes, verifica-se no projeto estrutural, que são paredes mais grossas que a gente chama de uma parede cega com poucas aberturas, então reduzindo esse super aquecimento de identificação, foram construídos elementos, mesmo que pequenos que podem servir de proteção, reduzindo a insolação direta e também a edificação do sol da tarde, então provavelmente essa é uma edificação com um custo menor, um gasto menor energético de ar condicionado, do que se eu tivesse uma implantação um pouco diferente, aparentemente muito otimizado o projeto do edifício.

VERA LÚCIA ZORZUETTO

Perfil: Primeira paciente tratada no Hospital

Data da entrevista: 26/09/2016

Contato: Pessoalmente

Como você descobriu a doença?

Eu anualmente fazia o exame preventivo, isso há mais de 30 anos, pelo IAMSP, porque o IAMSP é aqui pertinho da minha casa, quando chegava fevereiro ou março, eu naturalmente corria pra lá, o mesmo médico sempre, fazia esse exame preventivo, porque a minha avó materna teve câncer, e os filhos dela, quatro ou cinco tiveram também, tanto os homens como as mulheres, foi salvo lá da coisa a minha mãe e uma outra tia, o resto de meia dúzia, todo mundo teve, então eu sempre fui fazer esse exame preventivo com cuidado, porque sabia que tinha caso na família, mas o Doutor Massao que era o meu médico ginecologista dizia não, tá tudo tranquilo, tudo bem, não tem nada, fazia mamografia todo ano, e nada, e isso há mais de 30 anos, que eu moro aqui há 36 anos, então, pra mim sempre foi fácil, correr no IAMSP aqui, eu ia a pé né, então no ano de 2015 a gente fez o exame de rotina, eu fui lá em março na santa casa pra fazer a mamografia, e ia demorar muito, então eu fui lá em cima no laboratório Imagem no Alto da Maristela, e só foi marcado para o dia 28 de abril, não, 28 de maio, quer dizer de março até maio, bastante tempo né?. Foi marcado para 28 de maio, daí eu fiz, e da mamografia recomendou que eu fizesse o ultrassom, do ultrassom me recomendou que se fizesse punção, daí constatou que era um nódulo pequeno de um centímetro, 1 centímetro e meio que teria que ser extraído, então me faltou a terra embaixo dos pés nessa hora, porque eu não sabia a quem recorrer, o doutor Massao era o meu médico há mais de 30 anos, então ele me orientou que fosse atrás do doutor Bugalho, e ele até, foi a secretária dele que marcou a consulta pra mim, e daí eu fui encaminhada, fiz os exames pré operatórios que foram muitos, até assim, desgastante, porque a gente sabia que a doença estava evoluindo, e o tempo estava correndo e tinha exame pra fazer, e não dava para fazer da noite para o dia...

Porque não dava para fazer?

...Não, eram muitos, eu fiz acho que no total, uns 12 exames...

Onde...?

... Lacmem, aqui na radiografia do Barbosa, e a doença progredindo, que a gente sabe que progride mesmo, mas não sabia em que velocidade, e eu sei que no fim marcou a cirurgia para o dia 31 de julho, e daí eu comecei a ser acompanhada pelo doutor Bugalho, e o tratamento, ele falou, olha nós vamos fazer só radioterapia, não precisa fazer quimioterapia. Porque, nós pegamos no começo, não tava assim avançado e rapidinho ia ser extraído e extirpado tudo de uma vez né, daí ficou para se marcar o início da radioterapia, ahh vamos aguardar mais um pouco, e não sei o que, vamos aguardar e coisa, o hospital está para ser inaugurado, e a gente vai ver como é que vamos fazer... e foi me cozinhando em banho Maria, até que chegou outubro, olha, de julho, fiquei agosto inteirinho, setembro inteirinho, e foi dia 07 de outubro que o governador veio para inaugurar o hospital, e eu fui, mas o seu Ilário, ele me falou olha, você vem, vai ter bastante gente, mas você não se assuste não, mas eu não sabia que vinha o governador, que vinha tudo e coisa assim, sabia, mas não sabia como é que ia ser o volume da coisa, do movimento, daí quando eu cheguei, ahh, se fica na tua casa e aguarda o telefonema que a gente vai chamar, pra não ter muita conturbação em cima da gente também, oh você vai ficar aí, quando for a hora, a gente telefone e você vem, tá bom, então era para ir as 15 para as 11, depois era pra ir as 10, depois mudou para 9, quando eu cheguei lá, aquele monte de gente, um mundo de carro, manifestação de estudantes por causa de alguma coisa que o governador tava fazendo... então meu Deus do céu, eu entrei assim, e fiquei escondida em uma sala, então me puseram na sala de radioterapia, e eu fiquei lá escondida e todo mundo falando e eu escutando barulho, mas sem saber o que estava acontecendo, de repente já era a primeira sessão de radioterapia que pra mim, eu nunca tinha visto, e eu preparada, e ainda o governador que acionou a máquina, e foi o primeiro, é a primeira sessão, a máquina começou a funcionar aquela hora, já devia ter sido testada né... Aí foi, e depois na sequencia, eu tenho que agradecer muito a equipe do hospital, porque foi muito, muito boa, muito humana, me fizeram sentir a vontade assim, a equipe todinha, e não dá pra destacar um sem destacar o outro, o doutor Felipe, a doutora Bruna, naquele tempo era ainda o Ivo, depois eu tenho o nome tudo aí, depois eu lembro tudo, é por isso que, e de um modo geral, todos me atenderam muito bem, o tratamento muito humano, e depois eu pude ver que não era só comigo né, porque todo o pessoal que estava lá, o pessoal mais humilde recebia o mesmo tratamento, e isso foi muito assim, um ponto muito positivo da gente se emocionar e ver que todo mundo com o mesmo problema, uns mais graves, outros menos graves, mas todo mundo recebendo o mesmo carinho, o mesmo tratamento, e assim, sempre com aquele ar, com aquela confiança de que ia dar certo, desde o primeiro momento a confiança de que ia dar certo...

Dona Vera, você foi a primeira paciente, logo no começo do Hospital do Câncer de Presidente Prudente, de que maneira a instituição contribuiu para o seu tratamento, assim, a respeito de estar em casa, não precisar se deslocar para Jaú, Barretos a São Paulo, essa proximidade aqui com você, isso te ajudou de que maneira?

Olha, eu sou caçula, nascida depois de 10 anos, no momento eu só tenho um irmão vivo, meus parentes todos já estão falecidos, eu estou solteira, não tenho família, tinha só esse irmão né, então pra mim, não tem nem como agradecer o doutor

Bugalho de ter me encaixado nessa, porque sozinha ia ser muito difícil, porque tudo depende de dinheiro, eu sou só diretora de escola aposentada, aposentada a bastante tempo quer dizer que meu salário está bem defasado, e daí o fato de estar aqui em Prudente de eu poder me locomover sozinha pra lá e pra cá, de ter condições de fazer esse tratamento assim sozinha né, porque eu não tinha mais condições de contar com familiares de contar com pessoas amigas e seu eu tivesse que me locomover e deslocar pra Jaú, pra Barretos, seria assim muito triste...

É um conforto...

É um conforto, já no dia da inauguração o governador disse essas palavras que eu tenho repetido sempre, a dor em casa dói menos, você pode viajar pra onde for, quando você chega na sua casa, pode ser um quartinho três por quatro é uma delícia você estar ali naquele quartinho, nem que seja dois por dois, um e meio por um e meio, não tem importância, tá na tua cama, não tem conforto maior do que esse...

E pro câncer a gente sabe que esse conforto, ele atua diretamente no nosso psicológico e o câncer ele, o fator psicológico ele acelera ou retarda né... E como foi ser a primeira paciente do hospital, teve alguma restrição por ser uma instituição nova?

Não. Por ser uma instituição nova não, assim, por um momento de brincadeira eu pensei assim, estou servindo como cobaia, porque ninguém né, e se não der certo, se não der certo não, se a coisa, se a máquina não estiver bem calibrada, vou sofrer alguma consequência? Mas a gente sabe que eu tava em boas mãos, desde o princípio eu sabia assim, e nos exames preparatórios eu fiquei com a equipe toda, lá na Santa Casa, fomos fazer um, ah eu não sei o nome técnico, mas eu sei que foi feito um colchãozinho, moldando o meu corpo, ele, é não sei o material que era por fora era plástico, mas por dentro você deitava e todas as sessões você tinha que estar na mesma posição, os dedinhos da mão direitinho, pra poder fazer a incisão correta, então eu não podia me mexer tinha que ser, foi tudo coisa nova, pra mim e pra eles, embora a equipe tivesse experiência em outros hospital ali no momento era o primeiro, então desde esse principio eles me passaram muita confiança naquilo que eles estavam fazendo e eu passei muita fé neles.

Como todo tratamento de curar o câncer, as etapas à caminho da cura são desgastantes. Como foram as primeiras sessões de radioterapia?

Olha eu estava sob efeito de muita emoção, por conta da inauguração, por conta de eu ser a primeira, por conta de ter feito a cirurgia, pelo fato de eu estar indo e as portas abertas pra mim, até estavam reformando o estacionamento da Santa Casa e eu tive o privilégio de dar foça pra todo mundo, eu conseguia subir naquela rampa e colocava meu carro lá em cima, então quer dizer, com isso aí eu não tinha que ficar procurando vaga na rua, não tenho que ficar indo a pé e de ônibus porque eu não tenho onde deixar o carro, porque o estacionamento da Santa Casa estava suspenso e ela falou, nossa, é muita atenção, então foi tudo sob muita emoção, mas, devagar fomos superando e ficamos todos muito amigos, tanto da equipe como

dos outros pacientes, porque era assim uma festa quando a gente se encontrava todo dia.

Como era sua rotina?

Às nove horas da manhã era mais ou menos o meu horário, então eu levantava, tomava banho, todo dia, sábado, domingo e feriado, até coincidiu de ter o 15 de novembro que eu fui e era feriado. Foram trinta sessões, começou em outubro e foram até o fim de novembro para dar os trinta e os outros pacientes que vieram de outros locais, a gente ficou conhecendo, cada um era um problema diferente. Tinha os filhos para acompanhar os pais, aí eu passei a ser tia deles e os voluntários, as amigas do peito e outras mais, faziam aqueles café da manhã, mas para fraternização entre os pacientes e tinha aquela casinha onde fazem a sessão de quimioterapia, bem na esquina quase, ali serve refeição, então tinha gente que vinha de muito longe, sete horas da manhã quando abria já estava lá, porque daí ia tomar café, depois ia almoçar, mesmo que o horário deles fosse assim, lá pelas onze e meia, onze horas eles estavam lá sete da manhã dada a assistência recebida e também porque eles vinham de ônibus de estudante ou de van e as ambulâncias dos municípios deles que traziam pra cá, então daí a importância é muito grande desse hospital regional para a região todinha, porque todo mundo, o deslocamento para Jaú, Barretos é muito difícil, é muito pesado e esse hospital atende pelo SUS, então mais ainda um ponto positivo

Você teve algum gasto?

Nada. Eu tinha Unimed, lamsp de professora e de SUS, porque todos nós brasileiros temos a carteirinha do SUS, eu não sei porque, eu fiz, mandaram eu fazer em uma época e eu fiz, então eu tinha os três institutos de assistência, então eu fazia uma coisa um dia pelo lamsp, pelo Unimed, internação pelo lamsp e o tratamento pelo SUS e hoje eu recebo ainda, eu vou receber mais quatro anos, porque já faz um ano um comprimido que eu tenho que tomar diariamente durante sessenta meses e ele funciona como um anti-hormônio, justamente para impedir as metástases, então ele afina o cabelo, cai um pouco, dói aquilo de vez em quando, dói a musculatura da perna, dói o osso.

Mas ele impede que outros problemas surjam?

É uma quimioterapia à longo prazo.

Vera, a etapa mais emocionante é quando você venceu o câncer. Como foi esse sentimento para você diante de tudo isso que você passou, algo novo na sua vida, o que você sentiu e o que você sente até agora?

Olha, há momentos assim que eu me sinto muito bem, curada, não tenho sentido mais nada, mas ao mesmo tempo eu fico sempre com um pezinho atrás, e se voltar? E se acontecer algo alguma coisa? E a gente já esta numa idade, hoje 72 eu tinha 71, eu tinha 70 quando eu descobri a gente já está numa idade assim de decréscimo mesmo, as coisas já estão deteriorando, então você não sabe, embora a gente tenha tido uma vida saudável, não tenha cometido excessos, eu nunca fumei, bebo pouquinho, só socialmente, uma vez por ano, na passagem no ano, porque eu gosto

de um whisky com água de côco, mas assim, não tive uma vida desregrada, sempre fui saudável e única coisa é a obesidade, que agora infelizmente eu ando um pouquinho ansiosa e eu ando comendo demais, porque olha como eu estou gordinha, eu engordei depois do tratamento, uns emagrecem, e assim a vida é mais sedentária também, eu fico no computador e eu não quero saber de muita coisa e eu só fico aqui também.

Vera, e o que você pode falar para as pessoas que descobriram essa doença agora, sobre o hospital. Qual a mensagem que você deixa?

Olha, a mensagem, a coisa primordial é um exame preventivo. Todos nós temos que fazer exames preventivos, vocês homens também, vai chegar a hora que vocês vai ter que começar a procurar médico, então assim, os jovens estão tudo em frase de crescimento, depois a hora que a gente amadurece a gente não sabe o que pode acontecer, porque a gente pode ter alguma deficiência que a gente nem imagina, então a prevenção é primordial e com relação ao hospital foi a coisa melhor que poderia ter acontecido para Prudente, assim, quando a gente não tem o caso, o pessoal está se dedicando a construir esse hospital e um dia vai funcionar, mas quando a gente passa a ter necessidade dele daí a gente vê a importância e eu quero aproveitar esse momento para agradecer à todos os voluntários que se dedicaram na construção e instalação desse hospital, eu sei da Elisabete Querubim, a dona Marília Auxiliadora e não sei dos outros presidentes da fundação, eu só conheci o seu Hilário, a equipe que está com ele agora, então a gente tem que agradecer muito e até fazer oração pra esse pessoal continuar com saúde, com boa vontade, para poder continuar trabalhando em benefício das pessoas doentes que precisam dessa assistência, em benefício da região toda.

ANDRÉ LUÍS FELÍCIO

Perfil: É promotor de justiça, responsável pela fiscalização financeira pelo HRC

Data da entrevista: 27/09/2016

Contato: Pessoalmente

Qual o seu nome e sua função atualmente?

André Luís Felício. Sou promotor de justiça em Presidente Prudente tenho 50 anos de idade. A minha história do estado do câncer começou quando eu ainda não conhecia ninguém ligado a essa história triste que era a Bernadete Querubim, eu morava no andar de baixo dela embaixo dela e do marido dela o Sérgio que faleceu. Naquela época eu ficava muito comovido com os gritos que eu vi as madrugadas o Sérgio possuía um câncer já estado bem avançada e ele urrava de dores à noite, e aquele aquilo me sensibilizou e mesmo sem conhece-la um dia eu a procurei e me coloquei à disposição para ver se precisava de alguma coisa e tal. Depois disso começou uma relação de amizade depois também ela me apresentou a Dona Maria Auxiliadora depois eu conheci o senhor Joel Turino, um homem espetacular também que se dedica para os outros e daí ela me contou a história da ideia que ela tinha de ter um lugar para tratar o câncer aqui em Presidente Prudente porque na época o povo se deslocava para Barretos ou para Jaú. Eu até me lembro da ocasião eu entrei no ônibus que o povo usava para Jaú e uma coisa me impressionou muito ver

nos encostos de cabeça ver um monte de cabelo que eles pacientes fazendo quimioterapia eles viajavam horas com efeito seguintes da quimioterapia que todo mundo sabe que não são nada agradáveis. A partir daí eu comecei a participar de algumas reuniões e como eu era promotor na época e levei um pouco do meu conhecimento dividir para ajudar no grupo que era pequeno incipiente ainda , mas que eu via que tinha muito a acrescentar para cidade. Ai nós fizemos várias coisas nós fizemos trabalhos voluntários, conversamos com autoridades eu e um amigo meu advogado Doutor Francisco Galindo fizemos estatuto da época, o primeiro estatuto inclusiva a reunião quando começou a tomar corpo a construção desse Hospital do Câncer, nós fomos convidados pela família do Agripino Lima a fazer o Hospital do lado do HR para que ele fosse um anexo do hospital HR e por outro lado da Santa Casa queria que nós passamos lá na sua casa, porque já tinha casa uma casa de apoio lá perto. E eu lembro até que a reunião onde decidimos onde seria do câncer foi na minha casa eu lembro que foi o debate caloroso eu lembro então provedor da Santa Casa Stanley estava presente, então foi na minha casa que nós decidimos qual seria o futuro e eu lembro também que nós continuamos e aquele grupo foi crescendo e eu quando eu quando assumi a atribuição de promotor de justiça eleitoral, eu achei que poderia como estava o grupo me organizado com um monte de pessoas competentes e querendo a mesma coisa em comum eu me afastei do grupo e eu minha esposa nós montamos uma casa de apoio à criança com câncer. Porque as crianças vinham para Prudente elas faziam tratamento ou quimioterapia ou radioterápico, e essas mães pouco esclarecidas iam embora e não voltavam para as outras sessões então nós montamos uma casa de apoio onde vinha a criança e a mãe e dormia lá a gente dava alimentação e tudo, também foi uma experiência incrível me recordo uma data que uma menina nova com tumor de cérebro ela foi fazer logo depois de algumas sessões de fisioterapia ela teve que cortar o cabelo, e a minha esposa ficou lá e falou que ela ia chegar a careca e era uma menina muito vaidosa novinha. E a minha esposa ficou lá e essa menina chegou eu não esqueço disso , correu para o quarto se trancou, e a minha esposa ficou naquela preocupação e eu também naquela apreensão aí de repente ela saiu no quarto a boneca está igual. Isso eu lembro uma das coisas gratificante que fazem a gente ter trilhado essa jornada e ter feito a coisa certa. Essa casa de apoio à criança com câncer ficou um bom tempo, depois eu acabei me afastando da comissão por causa de questões profissionais, como eu era o promotor eleitoral e na época minha querida amiga Maria Auxiliadora tinha pretensões eleitorais para deixar ela mais a vontade eu preferi me afastar , e naturalmente foram se agregando pessoas como o Nomiriano é um sujeito Espetacular . E eu acompanho de longe esse surgir da fundação. Então nós temos hoje a associação temos a fundação, e hoje o hospital começou a crescer. E hoje na condição de promotor de justiça, o Mundo dá voltas porque hoje dentre as minhas atribuições e existe a de fiscalizar as fundações então eu sou fiscal natural da fundação hospital do câncer. Então aquele embrião ,aquela semente que nós ajudamos a plantar, hoje eu tenho a honra de poder estar acompanhado trabalho de fora.

De que maneira você realiza o acompanhamento das contas?

Todas as contas da construção da fundação todas as decisões elas têm que ser chancelado pela promotoria de justiça e nesse caso com o promotor que tem essa atribuição sou eu, então todas as atas as contas da fundação tudo passa pela gente, e claro que a gente acompanha muito de perto ainda ajudando. Mas a minha

pretensão ainda que secreta talvez vocês sejam um dos primeiros e sabendo. Quando o hospital estiver funcionando eu quero reativar casa de apoio de criança com câncer para receber eles novamente.

O que você sente em ver que aquele sonho está ali concretizado. Hoje o hospital já atendendo cerca de 20 pessoas por dia. Qual sua mensagem diante disso?

Olha eu poderia estar respondendo para que você que eu me sento muito satisfeito, muito realizado mas quando a gente trata desse assunto agente nunca deve estar porque, durante esse período todo que eu trilhei esse caminho, uma das coisas que aprendi a respeitar foi o sofrimento de quem tem essa doença que não escolhe sexo, não escolhe patamar social não escolhe condição financeira. E então eu fico em partes satisfeito, mas eu acho que a batalha nossa enquanto a gente tiver com saúde, nós temos que retribuir para Deus o que ele já deu para nós mesmo sem a gente merecer. Eu fico satisfeito sim de ver aquele prédio eu acompanhava a cada dia que eu via um andar novo subindo, só que nos temos que ter também a consciência que não fizemos nada sozinhos e tem muita coisa a ser feito. E se tem uma coisa que eu aprendi foi com o sofrimento dessas pessoas. Particularmente trabalhar com paciente de câncer é uma coisa muito importante é uma coisa que tem que ser feito, mas a pessoa tem que ter um preparo psicológico que não é fácil não porque você tem lições de vida quantas vezes a gente não acorda de manhã reclamando! e basta você conversar 10 minutos com uma pessoa dessa para você ver que você é muito mais feliz do que você imagina.

Qual a importância da Fundação Hospital regional do câncer para presidente prudente e sua região?

Todos tinham que viajar muito, você viajar já é cansativo você viajar com a doença te comendo por dentro e você depositando num lugar que você não conhece na esperança de um tratamento é muito mais difícil. Então imagina você no conforto da sua cidade perto da sua casa você poder tratar então isso a importância incomensurável da gente tem em prudente, uma cidade que já tem mais de 240 mil habitantes perto disso e a gente não tinha isso antes tinha que socorrer em cidades como Jaú, Barretos até a capital então por isso dá grande importância dessa obra, e também dessa instituição para Presidente Prudente

SATANLEY ZAINA

Perfil: Era o provedor da Santa Casa na época

Data da entrevista: 28/09/2016

Contato: Pessoalmente

Eu me chamo Stanley Zaina, minha profissão é advogado, um pouco já sem atividade e tenho 79 anos.

Stanley, na época em que você era provedor da Santa Casa, como e quando começou a sua participação junto ao Hospital do Câncer?

Na verdade tudo isso começou na casa do doutor Plácido, que é médico aqui em Presidente Prudente, estávamos em sete pessoas, eu e minha esposa, o Plácido e a esposa, a Bernadete Querubim e o Sérgio Querubim, que eram casados e também a dona Maria Auxiliadora. Nós tivemos, nós tivemos uma reunião e todos nós tínhamos a intenção realmente de que fosse criado o Hospital do Câncer em Presidente Prudente, mas não era um hospital isolado como o hospital sem uma ligação funcional com a Santa Casa, seria um anexo da Santa Casa, seria uma parte da Santa Casa e aproveitaria toda a estrutura da Santa Casa.

Como você mencionou inicialmente o hospital seria um anexo da Santa Casa, mas houve mudanças. Quais foram elas e por quais motivos aconteceram?

Nós tínhamos uma área muito grande na Santa Casa, a Santa Casa começou com um imóvel e depois foi dado pelo Coronel Goulart e depois comprou uma outra área anexa nos fundos, há muitos anos que eu presto serviços na Santa Casa, desde quando o doutor Silvio Fernando Paz de Barros, um juiz direto, me convidou e eu era recém retornado à Presidente Prudente após a conclusão do curso de direito na São Francisco, voltei para Presidente Prudente e fui convidado para ser procurador pelo doutor Silvio Fernando Paz de Barros, juiz de direito. Naquela ocasião eu funcionava apenas na área inclusiva e os casos que nós fazíamos, meu escritório todo fazia pela Santa Casa inclusive os honorários e alguns destinados à Santa Casa, isso tudo eu fazia porque eu nasci próximo da Santa Casa e ali minha infância, assistia as missas com a minha mãe na capela da Santa Casa que todo domingo havia missa lá e depois então eu fui me enturmando com a Santa Casa, fui me inteirando dos problemas da Santa Casa e quando Paschoal Navarro foi provedor da Santa Casa ele me convidou para ser o secretário e aí eu fiz várias coisas, inclusive a unificação das propriedades fazendo uma só e me tornei mais ligado ainda à Santa Casa. Acho que foi em 1997, parece, que a Bernadete Querubim e o marido Sérgio Querubim, que o Sérgio era portador de câncer e em razão dele este casal começou a trabalhar, inclusive o Sérgio também e ele trabalhava com o doutor Plácido que tem um laboratório patológico, então eles começaram e a Bernadete foi vital pro início dos trabalhos, ela botou a idéia em pratica e foi logo depois de um tempo ela se juntou com umas amigas e amigos, gente conhecida e fundaram a Associação Protetora do Portador de Câncer, naquela época eles me perguntaram como devia ser feito e eu falei, 'olha nós temos que procurar recursos', a Santa Casa na ocasião tinha um convenio com a Caiuá, que era a companhia que distribuía eletricidade aqui em Presidente Prudente e ela recebia nas contas as pessoas se programavam e faziam uma destinação de doações à Santa Casa que era cobrado junto, essa promoção já existe até hoje ainda, e eles me pediram da Associação Protetora ao Portador de Câncer, se eles não podiam ficar com essa promoção toda para eles, infelizmente eu disse que não, mas aquilo que viesse a acrescentar, então seria destinada, viria para a Santa Casa e a Santa Casa faria a doação para esta associação. Começou então a regimentação de dinheiro e nós fomos lutando, inclusive com projetos mais esta associação realmente foi quem, começou à angariar fundo e planejar a construção do Hospital do Câncer que seria o anexo da Santa Casa, mas seria num prédio isolado usando os recursos da Santa Casa, tais como: lavanderia, laboratório, farmácia e essas coisas todas. Foi o inicio, depois foi mudando a idéia até houve o engenheiro e o arquiteto que programam todo o projeto era o doutor Crama de São Paulo e interessante que ele fez um projeto para seis pavimentos à pedido do

peçoal da associação e eu solicitei á ele que o projeto, sem que dissesse nada a ninguém, que o projeto fosse aumentado com mais dois pavimentos e isso foi feito. Após a Bernadete nós tivemos também a participação do doutor Gougel, Roberto Gougel de Oliveira, que era delegado da Polícia Federal, estava se aposentando e o trabalho dele foi à continuidade ao que a Bernadete havia feito e muito bem sucedido e hoje assim uma evolução muito grande aos trabalhos da Associação Protetora ao Portador de Câncer, inclusive tive a honra e alegria de lançar a pedra fundamental do hospital, do prédio, juntamente com o nosso governador Geraldo Alckmin, foi a primeira grande doação que nós recebemos foi de R\$ 500 mil reais do Governo do Estado e os trabalhos foram se desenvolvendo até outras obras e o doutor Gougel muito meu amigo quando chegou ao quarto do pavimento, acompanhei todos os trabalhos, sempre juntos e perguntei para doutor Gougel, 'quantos pavimentos terá?', "São seis pavimentos", e eu falei não são doutor Gougel, são oito pavimentos e ele falou, 'não é possível". Veja o projeto realmente que você vai ter uma surpresa, "mas não vamos ter dinheiro", e eu falei 'vamos ter sim dinheiro para fazer isso, não tenha dúvida, é só fazer a estrutura e a gente fecha os dois pavimentos superiores e depois com o tempo faz as janelas e a programação para uso daqueles pavimentos e assim foi feito.

Stanley, o terreno, conta um pouco da história do terreno que hoje está o hospital. Ele é da Santa Casa? Foi doado? como foi?

O terreno era a segunda propriedade que a Santa Casa teve, foi aquisição, a primeira foi doação, a segunda foi comprada pela Santa Casa, que eram os fundos e ali seria destinado para a ampliação, um ambiente da Santa Casa, mas com essa idéia da criação do Hospital do Câncer nós destinamos uma área lá atrás, onde havia uma figueira frondosa, mas antes da minha gestão na Santa Casa essa figueira foi cortada e criou-se até uma polemica e aquele espaço estava vago, então nós resolvemos, a diretoria da Santa Casa resolveu destinar aquele imóvel para a construção do Hospital do Câncer sob a minha gestão, eu era o presidente e provedor da Santa Casa na ocasião e fizemos a locação da construção realmente naquele lugar, mas era só da Santa Casa, mas depois com o tempo, com a fase de construção do hospital já adiantada o doutor Roberto, procurador federal, ele conseguiu através de uma ação contra a Cesp, uma ação ambiental, ele conseguiu destinar e com a autorização do juiz, que uma parte da multa que a Cesp teria que pagar pelos danos ambientais na região, que fosse destinado ao Hospital do Câncer e ai então veio a idéia de transformar ou criar uma fundação que é uma entidade que é fiscalizada pelo Ministério Público Estadual por lei, mais fácil inclusive de se arrecadar dinheiro e com mais credibilidade porque as Santas Casas sempre passaram por dificuldades, mas a nossa Santa Casa sempre foi uma Santa Casa, pelo menos depois da minha gestão, firme com condições sempre corretas e condições especiais de trabalho, não se parecendo muito com a grande maioria das Santas Casas do interior do estado de São Paulo.

Que atividades foram desenvolvidas por você nessa fase onde era provedor do hospital?

Eu participava de quase todas as reuniões, das decisões, as decisões na verdade eram tomadas pela Associação de Apoio ao Portador de Câncer, mas levadas à diretoria da Santa Casa, que a palavra final era da nossa diretoria, então a nossa

participação e a construção do prédio eu também acompanhei desde o início, desde as fundações e tudo eu ia todos os dias à Santa Casa e também à construção, eu participava da construção e acompanhava a forma de fazer e então eu participei efetivamente da construção do Hospital do Câncer.

O hospital esteve em funcionamento após muitos anos na parte de radioterapia e como a parte física num todo. Como você vê atualmente esse projeto que vai beneficiar muitas pessoas na nossa região e em todo o estado?

Era um sonho que nós todos tínhamos, a população de Presidente Prudente tinha esse sonho de nós construirmos aqui um Hospital do Câncer parecido com Barretos, Jáú, porque nós ficamos aqui há 400 quilômetros de cada um desses hospitais, tanto de Barretos quanto de Jaú, era 400 quilômetros de distância, era não, é 400 quilômetros de distância e os nossos pacientes eram levados para lá em ônibus, um sofrimento terrível, muitas vezes faziam uma viagem de 400 quilômetros demorando seis horas para ir e seis horas depois de atendidos e quando não tinham que ficar lá e serem recuperados numa outra viagem, então era muito difícil, inclusive os pacientes da Santa Casa, então nós dessa idéia foi uma idéia maravilhosa e está sendo de uma importância vital no tratamento do câncer, vai ser o hospital regional, estejam certos do Sul do Mato Grosso do Sul e também de uma boa parte do estado do Paraná. Essa região toda nós vamos receber pacientes do Brasil todo, então é uma idéia que nasceu com pouca gente, mas hoje engloba muita gente, ela está com uma equipe fantástica, gente trabalhando e todos nós estamos sempre olhando para que aquilo vá bem. Eu não tenho mais participação porque eu saí, mas hoje tenho outras atividades. Hoje eu sou presidente da Associação filantrópica doutor José Foz que foi fundada em 1953 e aquele varal que existe na Rua Ribeiro de Barros com a Rui Barbosa também foi idéia nossa, nós estamos fazendo e temos outras idéias para realizarmos.

Que ano você saiu do hospital?

Eu saí, deixe-me ver, eu não me lembro exatamente, mas já faz uns dez anos.

O hospital nasceu dentro da Santa Casa, pode-se dizer. As atividades eram desenvolvidas ali, até hoje tem o Centro que é um anexo da Santa Casa até hoje, e o que você acha, qual será...

Naquela época ali nós fazíamos apenas a quimioterapia, nós não tínhamos a máquina para fazer a radioterapia, então quando nós precisávamos de radioterapia tinha outras entidades que faziam aqui em Prudente particulares, tinha o SUS também.

Tudo era uma dependência da Santa Casa. Hoje com a fundação o hospital é um órgão mais independente. Como você acha que vai ser o futuro dessa instituição através dos recursos, mantendo uma vida própria. Quais são suas perspectivas em relação a isso?

As perspectivas são as melhores, desde que haja realmente recursos, que esse pessoal e os novos diretores, porque isso diretoria muda, o hospital continua. Na Santa Casa ainda continua fazendo, tratando de Câncer, a Santa Casa continua tratando de câncer na área de quimioterapia, aquela parte de baixo da Santa Casa era uma antiga residência das freiras que cuidavam da Santa Casa, com o tempo

então elas deixaram de trabalhar na Santa Casa e ficaram apenas com o asilo vicentino e então nós usamos aquelas reformas. O que está lá hoje na parte de quimioterapia, naquela casa anexa de baixo do hospital, ela foi toda reformada, inclusive pelo um vice provedor meu, Joalho Martins, que foi uma pessoa espetacular e a Santa Casa também foi toda reformada com a ajuda da população. Os maiores doadores da Santa Casa foram: Botijeli, foi um homem que ajudou à transformar realmente a Santa Casa, refizemos aquela frente toda da esquina, nós fizemos com a ajuda do Anvar Dama que era meu amigo, é meu amigo e também quem ajudou muito foi o José, dono desses postos Prudentão que é um homem maravilhoso e ajudou e continua ajudando tanto a Santa Casa quanto o Hospital do Câncer, o Luiz Henrique, da Regina, produtos de festa da Regina, então a população sempre participou, Fernando Húngaro é um outro amigo que também ajudou, a população de Prudente sempre ajudou a Santa Casa, ela sempre foi assim, era muito fácil, é muito fácil pedir em nome da Santa Casa porque toda a população teve um parente que precisou da Santa Casa, precisa da Santa Casa ainda, então a Santa Casa é vital também na continuidade da Santa Casa e o Hospital do Câncer vai ter uma vida independente e inclusive a fundação, houve a doação na minha gestão ou logo depois, mas tudo já preparado durante o meu período, logo depois houve a doação e a criação da Fundação Hospital do Câncer.

JOSÉ HILÁRIO PASQUINI

Perfil: Atual presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente

Data da entrevista: 30/09/2016

Contato: Pessoalmente

Qual seu nome, idade e profissão?

José Hilário Pasquini, tenho 63 anos, sou empresário, presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente.

Quando e como começou sua participação junto ao Hospital do Câncer de Presidente Prudente?

Eu iniciei em 2007, por aí, como voluntário na Associação a convite da Dona Maria Auxiliadora né eu fui voluntário por um período depois eu fui por dois anos, tesoureiro da Associação de Apoio ao Portador do Câncer, aí depois eu me afastei da associação, foi um período que passei por um problema de saúde né. Fui para São Paulo, fiquei durante três meses em São Paulo fazendo tratamento e retornei né graças a Deus curado e em 2010, 2009, final de 2009, surgiu a criação da fundação e eu fui convidado para fazer parte dessa fundação, dessa da primeira diretoria da fundação. Fui convidado para ser um dos membros, mas não sei por que foi escolhido para ser o presidente, que por sinal não queria ser presidente mas acabei denso o presidente da fundação, e estou até hoje no mandato de 2 mandados, já venceram os dois mandatos e ano passado foi prorrogado por mais um ano e agora no final do ano vence meu mandato e eu estou saindo da presidência da fundação, vou permanecer não na direção mas aí junto com pessoal no outro cargo continuando ajudando a fundação,

Quando você assumiu a presidência da fundação, o hospital tinha qual estrutura? Ele sofreu modificações? Quais foram e porque aconteceram?

Não. Até 2009, a concepção do hospital, do início, do grupo de voluntários que iniciaram junto com a santa casa, era pra funcionar como um anexo da Santa Casa. Então era uma estrutura menor aonde tinha nove mil metros de construção e que usar algumas coisas da santa casa, então aqui não contemplava centro cirúrgico, refeitório, várias assim não era um hospital completo. Com a criação da fundação, aí veio assim à necessidade e exigência de se tornar um hospital completo, aí houve a necessidade de modificar tudo aquilo que estava feito e adaptar com mais de cinco mil metros construção, então houve a junção do que estava uma construção de mais cinco mil metros, então teve a ver todas as modificações, onde estava tubulação do ar-condicionado teve que ser tirada a parte elétrica teve que ser modificada aí teve que ser aprovado na vigilância a legislação havia algumas mudanças que se refere à bombeiro né incêndios, da própria vigilância teve de aumentar portas, dos elevadores. Então teve assim várias exigências de mudanças e que a gente teve adaptar tudo isso e juntar uma construção na outra. Mas com isso, eu acho que foi assim, bom né, porque a gente hoje pode ver que tá pronto no hospital pra ser um hospital de referência no tratamento do câncer. Esse hospital hoje ele é completo, contempla centro cirúrgico, refeitório, UTI, braquiterapia, sala de transplante de medula, centro de Imagem, tudo que se pensa no hospital de referência contempla o nosso projeto e isso. Por sinal são 680 ambientes que nós temos no prédio, 140 leitos, então é isso, é um hospital aí com isso a gente passou ter como referência o ICESP (Instituto do Câncer do Estado de São Paulo), até foi uma recomendação do próprio governador Geraldo Alckmin, nas primeiras visitas que ele veio quando ele prometeu a doação do aparelho de radioterapia, então esse aparelho de radioterapia foi uma doação do Estado né que já está funcionando e por sinal e no dia 6 de outubro já faz um ano que estamos atendendo. É isso né, então o hospital está pronto atender na radioterapia com 40 pessoas por dia a gente tá mobiliando os consultórios, são 18 consultórios, a recepção como vocês podem ver já está praticamente mobiliada, também estamos fazendo agora os móveis da capela, então de primeiro andar ou térreo já está tudo contratado, os móveis que a gente está seguindo devagar, estamos buscando o que? Buscando o credenciamento do SUS no andar onde vai funcionar a quimioterapia a gente já também está fazendo os móveis, mas só que se não tiver o credenciamento do SUS nós não conseguiremos colocar em funcionamento, porque na quimioterapia os medicamentos são caros e se não tiver o SUS nós não conseguimos bancar. Hoje a radioterapia a gente banca com que? Com as doações, com as campanhas. Para você ter ideia, a fundação, já fizemos três leilões, onde no primeiro leilão nós arrecadamos um milhão e trezentos, no segundo leilão, dois milhões trezentos, no terceiro leilão três milhões e meio e tivemos também aí nesse período, entre um show do Fernando e Sorocaba, o primeiro almoço sertanejo, onde a gente arrecadou 830 mil. Então é isso, nós já temos aí a promessa de outros shows, do próprio Daniel, que já fez doações, doação da imagem de Nossa Senhora Aparecida foi leiloada e que foi redoadada para o hospital, está aqui no hospital. César Menotti e Fabiano prometeram um show, Chitãozinho e Xororó. Só que a gente também não pode fazer dois três shows por ano, a gente tem que dar um tempo porque as pessoas que contribuem no leilão contribuem com o show, são sempre as mesmas pessoas, então a gente também não pode fazer muitas coisas, a gente dá um tempo e na medida do possível ir realizando os eventos. Tem que ter consciência disso né, que as pessoas querem

ajudar, mas também não podem ajudar, então a gente tem de balancear esses eventos. Então é isso, a radioterapia é um, tem um custo só que esse custo agente tá bancando com esses eventos né com o dinheiro desses eventos, só que tem um custo fixo, os funcionários, médicos enfermeiros, os técnicos. Não tem medicamento, não tem insumos então com isso é fixa a despesa mensal então com a realização de leilão e do show a gente consegue tá conseguindo bancar esse atendimento.

Quanto tempo o hospital demorou para ser construído e quanto de investimento ele teve proveniente de onde?

O hospital, ele começou a ser construído em 2007 pela associação foi até 2010 nesse período Associação e investiu 10 milhões de reais tudo através de doações de campanhas de rifas de churrasco e de eventos, a partir daí quando a fundação nós assumimos hoje nós já podemos dizer que investimos aí com 10 milhões em torno de sessenta milhões de reais, este dinheiro nós estivemos aí recursos vindos da do acordo da CESP através da procuradoria do Ministério Público Estadual e da procuradoria federal onde já a gente recebeu inicialmente 24 milhões depois mais oito milhões num total de 32 milhões, tivemos também algumas verbas vindas da procuradoria federal do trabalho umas multas que foram repassados para Hospital, e que isso possibilitou a gente mobiliar comprar muitos móveis mesmo da parte a construção e a parte da construção em si tudo isso com dinheiro da procuradoria federal. Por exemplo, nós Já compramos agora nesse mês já começa a funcionar também o tomógrafo até então toda pessoa que eu fazer o tratamento de terapia inicialmente é feito a tomografia pra fazer o planejamento para ter precisão no tratamento, então essas tomografia estão sendo feitas na Santa Casa através do Instituto de Radiologia que está fazendo para a gente, então agora já vai começar a ser feito aqui na própria Fundação aqui no próprio Hospital então isso. Nós temos também ai a campanha através da conta de energia que tem essa doação que é feito para associação e para hospital é meio a meio inclusive agora agente está incrementando essa campanha buscando ai novas adesões e isso aí é um dinheiro todo mês entra na conta fundação e também na conta associação, então é isso e doações espontâneas. Nós tivemos aí agora nós assinamos também um convênio com o estado de 25 milhões nós estamos faz dois anos que nós estamos esperando também essa verba do estado que é pra comprar todo o restante dos equipamentos do centro cirúrgico do mobiliário do hospital total, agente já teve com governador já teve que o secretário de saúde essa semana mesmo Bragato teve com semana passada o Bragato teve com o secretário e está agente esta aguardando a gente entende que a situação do estado não é boa, não tem verba, não é só a situação do país é uma situação, a gente tem que entender e aguardar. Eu tive esses dias em Maringá, fui recebido pelo Ministro da Saúde, ele prometeu mandar aqui técnicos do Ministério da Saúde pra estar agilizando a questão do credenciamento, questão de uma semana também esteve aqui o Senador Aloysio Nunes, que também daqui mesmo ele ligou para o ministro da saúde, está empenhado em nos ajudar. Estamos buscando meios para conseguir o credenciamento do SUS, acredito que na hora que conseguirmos o credenciamento receberemos essa verba do Estado, aí nós vamos deslanchar de vez. Se bem que a gente acredita, eu acredito que no período ainda não chegou há quatro anos, nós construímos, aumentamos tudo e não demorou tanto. É muito complicado conseguir essa verba da CESP através da Caixa através tudo através de licitação, de medições então é um processo demorado e que deu certo aqui pra nós também é muito importante que tem muita transparência e

que as pessoas querem que a gente vê toda população tem apoiado todos os eventos, todas as iniciativas nossas porque? Porque eles estão vendo transparência, todos os eventos a gente publica, a gente mostra onde tá sendo gasto, como está sendo gasto, isso aí leva as pessoas acreditarem e a contribuir e mais cada vez mais confirmação.

Hilário aqui em Presidente Prudente já existem hospitais estaduais e particulares que já tinha um tratamento referente ao câncer, qual o diferencial deixa hospital em relação aos demais e por que esse hospital vai impedir aí né que as pessoas viagem para Jaú Barretos como acontecia antes?

Eu acho que o referencial está no em ser um hospital especializado no tratamento de câncer, ele vai ser um Hospital do Câncer de Presidente Prudente, ele vai tratar disso, então as pessoas envolvidas, os médicos, eles são da área da Oncologia e o referencial maior nosso, hoje, a radioterapia que está sendo atendida oferecida é um atendimento de primeiro mundo, um aparelho dos mais modernos que tem a equipe que a gente montou uma equipe especialíssima, pessoas, buscamos profissionais do mais alto nível e esse é o referencial, o atendimento humanizado que é feito. Neste atendimento de radioterapia, o que a gente tem dito que a radioterapia foi o primeiro serviço e esse primeiro serviço vai ser o espelho dos outros serviços e a gente pode ver se você já entrevistou algumas pessoas que terminou o tratamento, esse é o referencial, né atendimento humanizado e o mais importantes de graça que ninguém gasta nada aqui, nós não estamos recebendo, então totalmente gratuito e totalmente assim, bem feito. Tratamento com respeito aos pacientes, as pessoas que necessitam, então é isso né, esse seria aí o maior referencial e a gente está também buscando um atendimento, um tratamento de ponta a gente tá falando no ICESP, falando do maior hospital público da América Latina, os maiores oncologistas e tal, aí que vamos estar buscando referência pesquisa, estamos também estamos se preparando para ser o hospital de pesquisa então acho que o diferencial seria esse.

Qual é a estrutura atual do hospital? Quantos leitos, quantos funcionários vão trabalhar aqui? Qual a perspectiva de funcionários e atendimentos diários?

Não. Não dá pra prever né. Eu acho que o que a gente busca, são 140 leitos, número de funcionários ele vai ser gradativo à medida que vai aumentando serviços eu acredito que esse hospital ele totalmente funcionando capacidade plena, vai chegar próximo de mil funcionários.

Qual é a previsão para a inauguração do hospital?

Não. Nós não temos previsão, é o que estamos dizendo, o que eu sempre tenho dito a gente não pode criar falsas expectativas. Nunca falei datas, na medida do possível as coisas vão acontecendo, não vai ter em uma inauguração, não estamos preocupados em inaugurar o hospital. Quando foi possível colocar na radioterapia em funcionamento a gente colocou a radioterapia em funcionamento, amanhã ou depois, o dia que der certo, quando colocar a quimioterapia em funcionamento, vamos colocar a quimioterapia em funcionamento e assim sucessivamente até chegar no topo do funcionamento do hospital. E a gente tem certeza de uma coisa,

essa radioterapia que a gente começou há um ano, muitas vidas foram salvas, por que o que a gente tem visto aqui é mais de 80% de cura das pessoas que fizeram o tratamento. Então é isso, amanhã ou depois começa a quimioterapia estamos sempre salvando vidas não vamos esperar inaugurar para começar a salvar vidas, eu acho que a função nossa é essa, na medida do possível colocar em funcionamento.

Só pra finalizar você que teve a doença como é pra você hoje ver hospital construído, atendendo e com as perspectivas melhores possíveis para nossa cidade região e em todo Estado?

Eu sempre tenho dito que eu sou, eu fui uma pessoa privilegiada, na medida que eu tive o privilégio pra São Paulo, me tratar um bom hospital e o maior privilégio de que Deus me deu foi a cura. E com isso aí eu já tinha feito parte e depois fui agraciado com a presidência da Fundação, para mim é o motivo de orgulho de tudo né e ver hoje eu vejo e falo com as pessoas, eu vejo as pessoas que estão sendo tratados aqui, eles não estão tendo diferença nenhuma daqueles melhores hospitais São Paulo, eu posso dizer isso com muita tranquilidade eu conheço todos, então, o atendimento que eles estão tendo aqui é similar aos que estão tendo em São Paulo, é similar aquilo que eu fiz São Paulo, talvez até hoje mais especializado ainda porque os aparelhos são mais modernos. É isso, então eu acho que a satisfação enorme de ver aquelas pessoas que muitas das pessoas estão fazendo tratamento aqui hoje muitas vezes se não fosse hospital não estaria feito tratamento que talvez não conseguiria ir para Barretos, Jaú e São Paulo, então isso não tem dinheiro que pague né, a satisfação, assim, não tenho nem palavras pra dizer o que representa isso, representa uma conquista imensurável e ver isso aqui, colocando isso aqui em funcionamento, pra mim é tudo.

JANDIRA AURÉLIO

Perfil: Uma das fundadoras do Grupo Amigas do Peito, de Presidente Prudente

Data da entrevista: 26/09/2016

Contato: Pessoalmente

Jandira Aurélio 64 anos assistente social.

Qual foi sua participação referente ao hospital do câncer aqui de presidente prudente?

Foi uma participação em termos de ajudar na formalização do estatuto. Quando foi transformado para associação de proteção ao portador de câncer de Presidente prudente. Eu auxiliei na formação na elaboração do estatuto.

Qual a relação do grupo amigas do peito com o hospital do câncer?

A nossa participação com o hospital do câncer de Presidente Prudente, nós temos nada formalizado nenhum acordo. Mas como nós somos uma entidade assistencial de fins filantrópicos e públicos, nós mantemos o contato necessário para auxiliara os pacientes. Nós temos um objetivo bem definido no grupo amigas do peito, que a gente atente somente mulheres que fizeram ou fazem tratamento com câncer de mama. Se por ventura o hospital do câncer encaminhar, precisar da ajuda da

parceria do grupo amigas do peito. Nós estamos as ordens no que a gente puder colaborar com eles também. Por enquanto como ele está se estruturando, formando seu grupo de profissionais montando sua equipe, não deu ainda para ver essa parceria que a gente pretende e sonha com o hospital do câncer.

Como você vê a questão da recepção dos pacientes na questão de acolhimento?

Eu não fiz esse levantamento recentemente. Eu vou falar pela minha experiência a minha vivência que estou nessa trajetória principalmente do câncer de mama á 20 anos. O grupo amigas do peito foi fundado em 1996, e eu estou desde a primeira reunião acompanhando esse grupo. Em termos de apoio a família o grupo amigas do peito faz o acolhimento, fazemos visitas hospitalares na época da cirurgia se os familiares precisarem de esclarecimento e apoio nós temos um plantão permanente na nossa entidade. O que eu sei que tem especifico para hospedar pacientes em tratamento em Prudente. Tem a associação Tranoy que eu não me lembro agora ele é bem próxima da igreja Nossa Senhora de Fatima. É uma hospedaria para pacientes e familiares de pacientes que vem a Presidente Prudente em busca de tratamento, e não tem condições de pagar essa hospedaria particular, não é especifico do câncer para qualquer tipo de doença. Especifico do câncer tem a casa de apoio que é vinculada ela era veiculada a rede feminina de combate ao câncer. E agora ela está vinculada a fundação do hospital do câncer e a associação Prudentina de apoio ao portador de câncer. Esses dois recursos que eu sei que acolhem gratuitamente os familiares das pessoas doentes que vem á Presidente Prudente.

Quais atendimentos que o grupo amigas do peito realiza? E quais perspectivas que visam para os próximos anos?

O grupo amigas do peito foi fundado como eu falei em 1996 nos iniciamos com um grupo de 12 pacientes, e com o passar do tempo trabalho e por ser única em Prudente e região, que atende esse seguimento é foi aumentando essa demanda procura e o grupo foi crescendo. Começamos com 4 voluntárias hoje nós temos quase 30 voluntárias. É bom lembrar que nós não temos nenhum funcionário todo trabalho feito por voluntários e nós não recebemos nenhuma verba pública. Toda verba do grupo amigas do peito vem de campanhas e doações. Quanto ao número de atendimentos a gente faz assim reuniões nos finais de mês, todo final de mês tem uma grande reunião onde a gente convida todas as pacientes. E ali é desenvolvida é feita uma palestra um tema de interesse delas. Ai a gente atende aproximadamente 600 pessoas no decorrer do ano nessas reuniões. Nós temos os atendimentos individualizados que elas procuram a entidade para orientação, esclarecimento e também nós fazemos doações. Nesse tipo de atendimento é aproximadamente 100 por ano. As doações que nós fazemos é nós doamos sutiã o enchimento ou a prótese para aquela que fez a mastectomia então ela precisa né da prótese, então nós usamos os 2 termos tanto prótese externa quanto enchimento. A mulher que não reconstitui-o a mama ela precisa utilizar a prótese. Então a gente doa o sutiã à prótese o lenço se houver queda de cabelo após a quimioterapia, e fazemos o empréstimo de perucas. Este atendimento que eu creio que da por volta de 100 atendimentos anuais.

Como funcionam as visitas dos pacientes que passarão pela a operação?

Além do trabalho que eu falei até agora. Nós temos também um projeto que chama vista na pré auto hospitalar. É um projeto que foi implantado e 2011. Nós fizemos parcerias com 3 hospitais de Prudente o lamada a Santa Casa e o Hr agente tem uma forma de ficar sabendo quando a paciente é operada e tem um grupo de voluntárias treinadas e preparadas para fazer essas visitas nos hospitais. Uma vez sabendo que tem paciente operada e antes dela receber a alta hospitalar nós vamos lá visitar no hospital. Vamos uniformizadas com o uniforme a camiseta e a gente leva palavras de consolo de esperança, e levamos um kit com mimos que é sabonete, batom, toalhinha de mão, creme hidratante e material instrutivo duas cartilhas texto de apoio sobre a doença o tratamento sobre a recuperação tudo isso, á uma bolinha para ela fazer massagem no lado aperado e o porta dreno porque todas as mulheres que operam de câncer de mama colocam o dreno. Porque é uma alteração que gera muito liquido durante a recuperação para ela não sair com aquele dreno, a gente leva está sacolinha adaptada ela põe por dentro da roupa e sai bem bonitinha do hospital. Porque nós temos uma grande preocupação em melhorar né a autoestima dessas mulheres. Então essas visitas hospitalares eu creio que da umas 200 por ano nesses 3 hospitais por 6 voluntárias treinadas e capacitadas.

Como você observa o impacto na questão de atendimento para estado região e cidade?

Olha como eu sou leiga na questão de construção civil. Seria mais uma parte arquitetônica de construção civil, más olhando pela experiência que a gente tem os hospitais que eu já vi. Eu acho assim nota 10 excelente, e é um recurso que realmente precisa o câncer é uma doença grave. É um tratamento agressivo as famílias e os pacientes sofrem muito com o impacto do diagnostico. Imagine você ter uma doença e não tendo recurso para se tratar próximo da sua residência ou até mesmo na sua cidade. Com esse recurso do hospital do câncer vai beneficiar muito essa população principalmente essa população que utiliza a rede pública o SUS. Além de por ele estar sendo montado ele vai ser montado com equipamento moderno de ultima geração que vai beneficiar a população e claro, que é o sonho de todos chegar na cura desses pacientes.

MILTON CARLOS DE MELLO

Perfil: Atual prefeito de Presidente Prudente

Data da entrevista: 07/10/2016

Contato: Pessoalmente

Quando começa a sua participação junto ao Hospital do Câncer aqui de Presidente Prudente? De que maneira isso acontece?

O hospital do câncer, aqui é lógico que o poder público ele sempre colaborou dentro das suas possibilidades, ouve uma participação efetiva da prefeitura aí um exemplo, questão de maquinários essa questão de pavimentação de blocos estacionamento, cedendo recintos para que pudesse realizadas ações de benfeitorias , e como cidadão eu acho que esse legado que essas pessoas que estão à frente hoje do

hospital do câncer eu acho que têm que ser elevadas em um grau diferente, porque eles são pessoas que não são remuneradas a maior parte sua diretoria não é remunerada são pessoas que se dedicam a uma causa nobre, pessoas algumas já passaram por essas questões né com seus familiares e outras é simplesmente pelo fato de servir o hospital é um é algo marcante em Presidente Prudente nós aqui o próprio município eu posso te falar, nós temos aqui o que a gente se chama que é o TFD que é o transporte fora de domicílio e é onde agente tem dados de muitas pessoas de pacientes que tem que se deslocar para Barretos, Jaú, São Paulo para efetuar um tratamento contra o câncer. E isso na sua parte entre aspas ele é custeado um pouco pela prefeitura, mas eu não vejo nem a questão financeira eu vejo muito mais a questão de desgaste dessas pessoas que muitas vezes estão debilitados, e tem se deslocar uma cidade que fica a 400 km de Presidente Prudente para realizar esse tratamento. Nós já estamos vendo ação da sociedade municípios da região também ajudando, então eu vejo assim de maneira muito positiva saber que é um desafio. Hoje quando você fala saúde no Brasil mesmo com cadastramento dessa unidade no SUS nós sabemos que é defasado, e que vai depender muito da comunidade, vai depender muito da cidade para que ações beneficentes para que o hospital possa é se manter. Como cidadão eu vou sempre me dispor a colaborar, e seguir o exemplo dessas pessoas estão à frente o que eu acho que são pessoas receberam a missão de Deus são pessoas que hoje dedicam a maior parte seu tempo ao hospital do câncer.

Qual o impacto que o hospital trará perante a cidade pois é um hospital que é uma referência no tratamento de ponta? E como isso se reflete na cidade na questão de acolhimento dessas famílias?

Nós já temos algumas ações algumas entidades inclusive que a prefeitura já fez a concessão de áreas porque já estão pensando lá na frente, no sentido que essas pessoas possam quando vierem fazer o tratamento aqui Presidente Prudente a sua família pode ser recepcionada possa ter um lugar adequado para ficar o hospital do câncer, eu acredito que ele deve gerar de 700 a mil empregos diretos para Presidente Prudente. Então lógico que aquece a economia. Pessoas que vem se tratar aqui é um ponto de referência o hospital do câncer agora né é um ponto de referência, agora teve agora essa parceria que fez com o SpCap eu acho que dá também uma estrutura melhor, melhora um pouco a situação. Então é uma semente foi plantada lá atrás e que desabrochou, vingou e agora cabe a nós enquanto poder público enquanto cidadão a gente ajudar porque ela vai tornar Presidente Prudente já um ponto de referência no cenário nacional eu não tenho a menor dúvida disso! Até pelas pessoas que nós conhecemos que estão à frente, e mesmo com o quadro clínico que ali vai estabelecer a questão de equipamentos de ponta de primeiro mundo né então né vai ajudar muita gente eu acho que isso é importante.

GUSTAVO MATHEUS PORLETO

Perfil: Atual engenheiro do Hospital

Data da entrevista: 07/10/2016

Contato: Pessoalmente

O que vemos hoje de estrutura física do prédio hoje era o que se pensava inicialmente ou houve mudanças?

Não. Sofreu mudanças. Não era porque a principio seria um anexo a Santa Casa. Então o hospital, ele teria mais ou menos oito mil e poucos metros quadrados não sei te dizer detalhadamente quantos metros, e ele seria um anexo da Santa Casa seria uma internação da Santa Casa. A parte oncológica da Santa Casa viria para cá é o que eu tenho a informação. Ai ao passar dos anos já estava até construída essa parte estava concluído alguns lugares e tudo mais. E, porém estava com um pouco de dificuldade apareceu esse recurso da caixa, encabeçado pelo Luiz Roberto e pelo bugalho no caso que seria destinado 20 milhões para o hospital só que para receber esses 20 milhões ele teria que ser um hospital independente. Então teria que se paralisar o projeto ampliar o projeto, e tornar um hospital independente porque aqui não tinha centro cirúrgico não tinha UTI não tinha várias coisas que para ser considerado um hospital tem que ter. Então o que foi feito, eles pegaram e criaram a fundação do hospital, que teve que ser uma fundação para receber. Eles criaram uma fundação paralisaram a obra que já estava praticamente pronta eles paralisaram e começaram a refazer o projeto. Ai a entrou a parte da Fiorentini, que refez o projeto pensando em um hospital independente incluindo centro cirúrgico e tal. Porém aproveitando o que já tinha pronto. Teve algumas alterações é claro, porém bastante coisa foi preservada e essa alteração do projeto aumentou a obra em sete mil metros, totalizando 14.302 mil metros quadrados de construção. Só que todo esse processo ele demorou um tempo. Por volta de dois anos ficou paralisado até aprovar tudo baixar o recurso e começar executar novamente. Na hora que começou a executar novamente a obra eu não estava falando isso porque eu ouvi . Eles tiveram muita dificuldade porque a parte elétrica já estava pronta, a parte de ar condicionado estava bastante pronta também parte de alvenaria e tudo mais. E começaram a ter problemas com muita correção de normas, em exemplo as tomadas antes elas eram mais altas e baixou a altura, era 1.30 e baixou para 1.10 por causa de acessibilidade teve que mudar todas as caixinhas. Quadros elétricos que estavam, prontos pela falta de uso eles estragaram, teve que tirar, tubulação de ar-condicionado teve que tirar também. Então eles tiveram bastante problema. Fio que já estava passado eletrocalha, várias coisas que já saíram de norma tiveram que ser substituídas para dar continuidade na obra.

Qual foi a participação da Fiorentini Arquitetura?

Foi que fez os projetos do hospital desde o inicio, Porque primeiro era a Carmen que era o mesmo dono, a Carmen tinha feito o projeto né e depois a ampliação já era a Fiorentini no caso. Então todo projeto arquitetônico foram eles que fizeram. Eles sentaram com a comissão de médicos discutiram qual era a intenção do hospital, a necessidade explicaram para que estava sendo escolhido. Hoje em dia mesmo como eu estou executando uma parte da obra a gente vai executar uma sala, e a gente nossa, mas porque tem isso não vai dar certo tal. A gente tem que pegar e buscar o histórico, mas a gente liga para a arquiteta que participou para responsável para saber, mas o que vocês pensaram aqui para fazer isso tal, ela pega explica tal isso.

Então o projeto é da Fiorentini e vocês executaram o projeto?

Isso exatamente a gente só executou o projeto, a gente não projetou nada. Única coisa que nossa parte de engenharia fez foi algumas adaptações modificações No

projeto original. Igual à parte de estacionamento, mas era projetada já porém na hora de executar a gente via que esse projeto já não iria dar certo, a gente teve que fazer algumas adaptações porá do nosso terreno, aí isso a nossa equipe de engenharia que fez e executo conforme as necessidades.

Porque essa obra tem um diferencial tão grande e será referência em nosso estado?

Porque nos estamos falando de um hospital que foi projetado, um projeto de ponta ele é um hospital que está sendo construído com tecnologia de ponta e material de primeira linha. A gente não está falando de um hospital qualquer é um hospital que vai ter laboratório vai ter centro cirúrgico vai ter tudo, você não vai precisar fazer nada fora. O que você precisar para o tratamento vai ser feito aqui entendeu, por isso que ele pode considerado um hospital de referência além de ele estar sendo construído com tudo de primeira, acabamento a ultima tecnologia que tem é equipamento. Um exemplo parte de porta, piso tudo que o hospital de ponta tem que ter ele tem entendeu.

Você sabe me dizer quantas pessoas passaram por aqui na parte da construção civil?

O período de construção ele vem desde 2003 até agora, 2 anos de paralização mas já tem tempo de obra rolando em torno de 13 anos depois eles pararam depois 10,11 anos de construção. Então passaram muitas pessoas quando eu entrei no início de 2014 fevereiro, tinha por volta de uns 100 funcionários. Então foi essa média de 60 pessoas direto. Tinha mês que tinha mais tinha mês que tinha menos.

Quais foram as principais dificuldades encontradas? Foram essas mesmo?

As principais dificuldades para a gente da engenharia foi a falta compatibilização de projetos. Porque uma obra dessa ela é muito complexa. Qual o outro tipo de obra, você tem um projeto estrutural, arquitetônico, elétrico, hidráulico e o que acontece, muitos projetos foram feitos sem olhar para o outro então exemplo eu fazia o meu estrutural, eu tenho uma viga aqui, porém na hora de eu passar uma hidráulica estava passando no mesmo lugar que a viga, e eu não posso passar pela viga, entendeu. Aí na hora de executar a gente esbarrava com esse tipo de dificuldade que a gente tinha que adaptar. Um exemplo forro, o projeto de forro do hospital inteiro tem lá a altura definida no projeto exemplo metros, só que na hora que eu chego para executar lá encima eu tenho maquina de ar condicionado isso aquilo, então tem lugar que o meu forro estava no projeto 3 metros ficou com 2:40. Então esse tipo de coisa que a gente tinha que lidar todo dia, com esses tipos de problema e a nossa engenharia que fazia com que a gente resolvesse esse tipo de coisa o que você pode o que você não pode fazer. Por exemplo, aqui eu posso baixar o forro um pouco, mais aí eu abaixo pego na janela o forro pego na porra. Eu posso ou não posso então você tem que ter critério para fazer essas modificações. E quando tiver alguma modificação mais complexa um exemplo uma modificação que por causa de um equipamento alguma coisa, tipo a gente eu e o pessoal que fez o projeto inicial e pediu autorização para eles inclusive, e ver por que estava feito daquele jeito se estava entendendo errado, ou se realmente tinha sido algum erro na hora de fazer o projeto.

E hoje já é independente, ou á esse vínculo com a empresa?

Não. Hoje já pode dizer assim o vínculo nunca acaba a gente tenta resolver por conta porque até eles já tipo assim já faz muito tempo que eles projetaram, então eles também precisam voltar a estudar o projeto mas a gente ainda troca bastante ideia com eles, casos mais complexos igual agora a gente está instalando a parte de preparos de quimioterápicos onde prepara os medicamentos para a quimioterapia. Lá encima nessa parte a gente viu que tinha sido projetada para um outro tipo de equipamento certo não ia ser feito a manipulação aqui. A gente teve que entrar em contato com o pessoal para a gente entende, ai eles nem lembram muito bem tem olhar nos históricos o que foi pensado lá á 10 anos atrás. E a gente, porém é bom sempre a gente estar tendo contato, que às vezes eles tem alguma informação que a gente não tem. Então já aconteceram algumas vezes de eles não conseguirem ajudar nesse caso a gente optava pela melhor solução, mas também teve casos de agente estar pensando uma coisa que a gente tinha pensado outra eles darem a luz para a gente resolver o problema.

Qual a estrutura física do hospital? Quantidades de leitos?

Olhe é isso, eles são oito pavimentos o hospital. Ele começa com o subsolo que é a parte da radioterapia e cozinha, ai vai para o térreo que é administrativo e escritório ai tem a lanchonete e o auditório, ai para o mezanino a parte administrativa e uma parte que tem maquinas de ar condicionado que fazem o sistema de refrigeração do pavimento baixo e um pouco do de cima. Ai no primeiro pavimento que é o 4º pavimento de baixo para cima para temos a quimioterapia e o centro de imagem, onde tem a parte de tomografia raio e vão ser as salas de quimioterapia e 2 salas de pequenas cirurgia. Ai a gente vai para o 2º pavimento que é o 5º de baixo para cima. São as UTI e centros cirúrgicos no 3º pavimento que é o sexto de baixo para cima é a parte de semi-intensiva e Hidroterapia e transplante de medula, e algumas internações junto com a central de esterilização e um espaço técnico também de maquinas de ar condicionado que alimentam o centro cirúrgico e o pavimento de baixo. Ai a gente vai no 4º pavimento que é o 7º de baixo para cima e o 5º que é o 8º de baixo para cima que são internação a parte de leito e internação. Ai acima disso a gente tem a área técnica que são a casa de maquina, onde está nossas cobertura onde temos as maquinas de ar condicionado, maquina de aquecedor solar, aquecedor de água né que são os boilers e parte, toda a parte de encanamento e coisa do tipo. Ai subindo mais um pavimento já reduz bem é só a parte de maquinas de elevadores os 3 elevadores estão lá as maquinas. E acima é a caixa de água usa a caixa de água e uma sala onde vai ser só isso o prédio vamos dizer assim. São 14 mil trezentos e dois e sessenta e três se eu não me engano metros quadrados.

Quanta ainda falta para que o hospital esteja concluído 100%?

Da nossa parte de engenharia o hospital está 100% pronto. A gente está finalizando vamos dizer assim não tem mais o que finalizar porque o nosso cronograma, já está vamos dizer assim a gente não temos mais cobrança porque qualquer coisa que você queira fazer aqui hoje a obra está pronta. Um exemplo se eu quero colocar a internação até você comprar as camas, mobiliários tudo, a obra está pronta. Então o

que a gente tem hoje a gente está finalizando o contrato de pintura, esquadria de alumínio, todos os contratos estão prontos é a gente só está pegando os detalhes, porque você sabe execução de obra qualquer coisa sempre fica um detalhezinho você tocando chega no final você pega para fazer um pente fino de tudo, então um exemplo. Um remendinho de pintura alguma coisa a gente pega o pessoal agora, porém a obra está 100% pronta. A gente está acabando de finalizar as portas também do prédio, foi contratada em duas etapas então agora em novembro agente acaba. O prédio está 100% pronto.

Quais foram às Modificações feitas a respeito da rádio terapia?

Quando a ideia de coloca-la para funcionar, na verdade nós não estávamos com o prédio pronto. E o Hilário queria porque queria que ele sabia que colocando á rádio para funcionar a gente conseguiria mais recursos, todo mundo iria ver então que o hospital de fato estava ficando pronto. E ai a gente encarou o desafio foi para pegar, porque a gente teria que ter vistoria dos bombeiros uma aprovação. Então ai a gente começou a se informar, e vimos que dava para fazer uma vistoria parcial, a gente chamou o bombeiro para dar uma consultoria para a gente. Agente teria que mudar o nosso projeto algumas coisas para funcionar ali. E foi o que fizemos de fato, a gente pegou o projeto adequou de acordo com a necessidade só daquela parte, e fez um FAT que chama no corpo de bombeiros. Que seria um projeto parcial. Ai a gente teve que pegar o projeto original, levantar o histórico onde estava achar o arquivo e modificar a rota de fuga. Ai a gente se deparou com alguns problemas porque, a gente ia ter a obra funcionando e o pessoal. Ai a gente teve que bolar alguns fechamentos que tem até hoje aqui, para barra onde circularia para a obra, e o pessoal que viesse tratar não iria se misturar, porque também o pessoal iria estar levando poeira, iria estar entrando poeira coisas do tipo. Tinha outro problema ainda, que era o pessoal responsável pela central de segurança, do alarme de incêndio caso tivesse algum principio de incêndio para monitorar pela nossa central, e ir até ao problema . Ele não poderia percorrer um espaço de mais de 25 metros, até chegar à parte que estava sendo ocupado. A gente teve que criar outra porta, abrir outra porta provisória na parede, e mudar a entrada. Então o que a gente fez. Abriu essa porta e fechou de tapume isolando aqui a parte de baixo, e a parte de cima também. Porque se tivesse chovendo tinha que chegar um paciente acamado, então ele teria que vir por cima e pegar o elevador. Não poderia descer a rampa de baixo de chuva, não teria como em um dia de tratamento. Então foi o que a gente fez. Fechou o subsolo em três partes com tapume e o térreo também. Deixamos para a obra dois elevadores e a escada principal. E para a parte da rádio terapia ficou mais dois ele elevadores que seria um social e maca para descer o paciente, e a outar escada também. E isso foi funcionando agora fez um ano inclusive. A gente conseguiu a aprovação no bombeiro, inclusive só a gente conseguiu isso, o Marcelo tentou na outra obra dele em Ribeirão não conseguiu, a gente conseguiu eles liberaram e funcionou até agora. E para a gente pegar o AVCB total da obra que eu consegui semana passada, a gente pegou e deu entrada na papelada. Tivemos que voltar a configuração original, retirar os tapumes tudo, porque ai muda tora de fuga prédio. Exemplo. Tem um incêndio as plaquinhas que indicam onde o pessoal tem que ir elas mudam, então a gente teve que descartar esse FAT agora. E pegar agora a gente conseguiu um AVCB total, e agente remodelou todas as placas. Essa parte da rádio foi isso.

ISIDORO DOMINGOS SANA

Perfil: Voluntário, integrante da diretoria da Fundação e um dos organizadores dos brechós e leilões

Data da entrevista: 07/10/2016

Contato: Pessoalmente

E Isidoro Domingos Sana eu tenho 77 anos sou aposentado, na carreira bancaria na área de informática.

Você faz parte da diretoria?

Eu na realidade sou um voluntário da fundação do hospital do câncer. Eu estou desde o inicio da criação da fundação não no inicio da criação do hospital, mas da fundação, que foi em 2009 inicio de 2010 onde de lá para cá eu venho fazendo parte, da diretoria entre aspas eu sou um diretor sem pasta.

Essas doações são provenientes de onde? E se espera arrecadar esse dinheiro para investir onde?

Tudo que foi arrecado que está sendo vendido aqui no bazar hoje. Ele teve origem através do 3º mega leilão as doações que vieram junto para serem leiloadas mas que não ter vindo um grande volume, e foi através do comercio, pessoas particulares a indústria. Então muita gente colaborou alguns artistas que doaram violões todas essas coisas ai. Então começou com o mega leilão então como era um volume grande a gente dividiu, teve um mega leilão a parte. Inclusive o mega leilão nos dividimos ele em duas partes também porque tinha os animais de grandes bovinos, equinos essas coisas ai tinham caprinos porcos essas coisas. Então nós fizemos dois leilões desses animais também, no dia 28 de fevereiro outro no dia 7 de março que foi feito até lá em Alfredo Marcondes de pequenos animais. E aquilo que era de origem comercial, brindes essas coisas nós deixamos para fazer esse bazar. Tudo que é arrecadado é aplicado dentro do próprio hospital através do pagamento de funcionários. A obra em si está terminada, então nós não temos mais despesas com a obra. Então nós temos investido tudo isso ai em equipamentos pessoal essas coisas.

Esse espaço aqui que está sendo usado hoje ele não é utilizado por pacientes hoje ainda. Ele será usado futuramente para esse fim ou não?

Não o objetivo é. Ontem fez um ano que está funcionando a área de radioterapia. Então o movimento é mínimo ainda de paciente. Mas provavelmente a partir do ano que vem vai montar a parte de quimioterapia, ambulatórios, consultórios. Então ai já não vai ser mais possível usar esse espaço aqui que ele é destinado a pacientes.

Mas os leilões ainda acontecerão?

Os leilões e o bazar continuarão acontecendo muito provavelmente no lugar tradicional. E o bazar nós vamos estudando algum ponto para realiza-lo.

LUIZ ROBERTO GOMES

Perfil: Procurador da República e um dos responsáveis pelo repasse de verba da Cesp

Data da entrevista: 07/10/2016

Contato: Pessoalmente

Seu nome, idade e profissão?

Luís Roberto Gomes, procurador da república, 51 anos.

Como aconteceu a destinação da verba da Cesp para o hospital do câncer?

Em 1998, o Ministério Público Federal, junto com o Ministério Público Estadual, entrou com uma ação civil pública, contra a Cesp, porque, em razão do enchimento do reservatório da usina hidroelétrica da represa de Porto Primavera, que diversos programas ambientais não tinham sido cumpridos. Dessa ação, resultou em um acordo, um acordo que foi assinado em 1998. E nesse acordo, constavam duas obrigações, que eram as obrigações principais, a formação do Parque Estadual do Rio Aguapeí e a implantação do Parque Estadual do Rio do Peixe, aqui na região. São áreas belíssimas, conhecidas como mini Pantanal Paulista. Com relação ao Parque Estadual do Aguapeí, ele foi implantado, já tinha sido implantado, mas o que concerne ao Parque Estadual do Rio do Peixe houve um atraso na implementação e nós do Ministério Público Federal e Estadual, resolvemos cobrar a multa, porque havia uma multa fixada neste acordo de 1998, para o não cumprimento das obrigações naquele prazo acertado. Então, nós entramos com uma ação de execução da multa, no que resultou em outro acordo, especificamente com relação ao pagamento de uma multa que totalizou R\$ 119 milhões. É claro que as obrigações de implantação do parque, continuaram. Tanto que hoje ele já está implantado, foi até inaugurado a sede do Parque Estadual do Rio do Peixe. Então, sem abrir mão da obrigação de implantar o parque, o Ministério Público ainda exigiu o pagamento dessa multa, de R\$ 119 milhões. O estudo de impacto ambiental, como esse estudo previa impactos no meio físico, no meio socioeconômico e no meio ambiental, então nós resolvemos dividir os recursos, para que fossem aplicados em projetos socioeconômicos, em projetos ambientais e em projetos socioeconômicos de interesse regional. Os projetos socioeconômicos foram destinados aos municípios, foram R\$ 50 milhões divididos em nove municípios. Cada município então teve direito a um valor que foi calculado de acordo com a porcentagem de área inundada. Por exemplo, Presidente Epitácio, que teve uma maior área inundada, ficou com uma parcela maior de recursos. O que teve menor área inundada, salvo engano, Ouro Verde teve uma parcela menor dos recursos. E os prefeitos foram apresentando os projetos. Escolas, creches, galerias de águas pluviais, asfaltamento, Estratégia de Saúde da Família, centros de convivência, centros do idoso, creches, escolas; vários foram os projetos, boa parte deles já está concluída, inclusive funcionando. E, paralelamente projetos ambientais também foram sendo apresentados e, finalmente, uma parte da verba, nós entendemos que seria interessante destinar para um projeto que atendesse toda região, que foi o projeto, justamente do Hospital Regional do Câncer de Presidente Prudente, uma verba no valor de R\$ 20 milhões, totalizando os R\$ 119 milhões. Então, R\$ 50 para os municípios, R\$49 milhões para projetos ambientais e R\$ 20 milhões para o

Hospital do Câncer de Presidente Prudente. Quando nós anunciamos essa verba, este hospital, na verdade ele foi planejado para ser um anexo da Santa Casa, haveria lá um corredor ligando o hospital a Santa Casa. Para fazer cirurgia, por exemplo, a pessoa se deslocaria até a Santa Casa, faria a cirurgia e depois retornaria ao hospital. Para o Ministério Público destinar essa verba, entendeu que deveria ser idealizado um hospital completo, que fosse eu autônomo, inclusive que fosse criada uma fundação para administrar a construção, para gerir o hospital como uma entidade autônoma, desvinculada da Santa Casa, que atendesse que tivesse toda uma estrutura, preparada para atender o portador de câncer. Então, o projeto foi refeito, a Santa Casa doou mais cinco mil metros quadrados, daí que nasceu aquela segunda parte do prédio, houve todo um esforço no sentido de se complementar os projetos, inclusive na estrutura dos prédios, juntar um com o outro, não foi nada muito fácil, mas, enfim, hoje então ele está planejado para ser um hospital completo, com centro cirúrgico, UTI, centro de hemodiálise, centro de diagnóstico, coisas que não haveria na proposta anterior. Enfim, hoje é um hospital completo, que tem capacidade para atender, já começou o atendimento, 40 pessoas já estão sendo atendidas, inclusive já está salvando vidas. Então, esse valor, 20 milhões, com as correções, ele passou a ser em torno de R\$24 milhões, mais ou menos. Depois a comissão destinou mais R\$ 5 milhões e depois outros R\$ 3 milhões, que foram destinados também com recursos do acordo. Nós podemos colocar em torno de R\$ 32 milhões que foram destinados hoje para a edificação, tanto para a parte estrutural do hospital como também para aquisição de equipamentos. Recentemente foi adquirido um equipamento de tomografia, que já está, em vez de ser instalado, para começar a funcionar. Isso tudo, com essa participação do Ministério Público. Paralelamente, além dessa verba do acordo Cesp, o Ministério Público Federal cobrou uma outra multa. Isso tudo é dinheiro de multa. Cobrou uma outra multa da concessionária ALL de Transporte Ferroviário porque ela descumpriu um acordo, um acordo e deixou de prestar o serviço de transporte ferroviário na região. Então, nós cobramos uma multa que ao final totalizou R\$ 5 milhões, que também já foram pagos para o hospital e o valor teve uma grande importância na edificação da segunda parte do edifício. Foi um dinheiro totalmente aplicado na construção do hospital.

Haverá novas doações, haverá algum apoio em relação hospital?

Em relação às verbas, atualmente não há nenhuma perspectiva de algo novo, o que existe são alguns recursos não utilizados pelos municípios para projetos socioeconômicos. Que o município não é obrigado a participar, existe uma verba disponível para ele, mas ele não é obrigado a participar, ou seja, o dinheiro está destinado ao município, mas só passará pertencer ao município, a medida que forem apresentados projetos e esses projetos forem selecionados, depois disso vai para Caixa Econômica Federal, tem que apresentar um projeto definitivo, com todos os detalhamentos técnicos, arquitetônicos, elétricos, hidráulicos, enfim, tudo o que o projeto necessita para aprovação na Caixa, que segue o sistema do orçamento Geral da União, para a liberação da verba. As verbas vão sendo liberada a medida que as obras vão sendo executadas. Então, nem todos os municípios têm interesse, alguns até têm interesse, mas não conseguem atender a burocracia necessária para se liberar a verba. E de forma que foi definido que, no caso de sobra de recursos pelo não aproveitamento dos benefícios pelos municípios, então esses recursos irão para o projeto regional, de interesse regional, que é o Hospital do Câncer de

Presidente Prudente, a obra que receberá o remanescente dos recursos não utilizados.

O que o hospital significa para o Ministério Público Federal?

Gostaria de ressaltar que o Ministério Público Federal se sente muito honrado de ter participado desse projeto, dessa obra que é uma obra eminentemente social, construída com esforço da coletividade e que o Ministério Público, tanto Federal como Estadual, aqui em Presidente Prudente, no combate ao câncer, no combate à implementação da lei, relativa ao combate ao câncer, saiu da mera esfera de exigência, do cumprimento da lei, mas se ombreou com o Hospital Regional do Câncer, se ombreou com a sociedade, provendo recursos a que teve acesso por meio de multas, para que se tornasse realidade esse grande projeto, que é o Hospital do Câncer de Presidente Prudente, que irá beneficiar milhares de pessoas.

Qual a importância do hospital para Presidente Prudente e toda região?

A importância ela é incomensurável, não dá para ser medida, porque além do tratamento dos doentes, porque os doentes hoje viajam para cidades distantes, como Barretos, Jaú, para fazer o tratamento e é um sofrimento muito grande, muita gente morreu nessa tentativa, na ânsia de buscar o tratamento em condições dignas e, enfim, isso não tem como mensurar a possibilidade de as pessoas que forem portadores de câncer, fazerem um tratamento na sua cidade. Por outro lado, haverá, certamente, uma economia das prefeituras, porque o transporte dos pacientes é feito pelos municípios, diariamente, para atender as pessoas, então os prefeitos comemorando, no sentido que agora os tratamentos podem ser feitos aqui perto, na região. Por outro lado, há uma questão muito importante que não se pretende apenas atender no hospital, é claro que é uma questão extremamente relevante, atender, salvar vidas, mas a geração de conhecimento científico é algo que também tem valor inestimável. O hospital de Presidente Prudente estará interligado com a Rede Paulista de Combate ao Câncer, estará online com, por exemplo, o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, o ICESP, o maior hospital do câncer, um dos maiores da América Latina, referência na América Latina. De forma que o conhecimento científico, tanto produzido lá como produzido aqui, poderão ser trocados. Então isso vai gerar conhecimento científico, vai gerar estudo, vai gerar demanda. Isso aumenta o fluxo de estudantes, o fluxo profissionais, o fluxo de médicos, justificando, inclusive, a criação de mais uma faculdade de medicina aqui na cidade. Então, isso também são coisas que não há como dimensioná-las, mas, certamente, produzirão efeitos positivos no futuro.

MARCOS REGALIN

Perfil: Médico Rádio-oncologista do Hospital

Data da entrevista: 07/10/2016

Contato: Pessoalmente

Nome, idade e profissão.

Marcos Ragalin tenho 31 anos sou médico rádio oncologista

Quais são os procedimentos do paciente que se trata no hospital do câncer de Presidente Prudente?

Bom atualmente o hospital do câncer ele está funcionando, está na ativa apenas com o serviço de radioterapia no momento que é essa parte do subsolo do hospital. A radioterapia tem um papel muito importante no tratamento oncológico dos pacientes, seria assim vamos assim dizer um dos alicerces eu costumo dizer que o tratamento com o câncer é um tripé. Pensando em tratar um paciente onde esse tripé é sustentado pela cirurgia pela quimioterapia e pela radioterapia. Então aí envolve sempre pelo menos três profissionais né. O cirurgião oncológico aquele que ópera o paciente. O oncologista que é aquele médico aquele profissional que prescreve a quimioterapia, a imunoterapia e o último o rádio terapeuta ou rádio oncologista que é o médico responsável de prescrever a radiação que esse paciente irá precisar. Não é todos os casos que precisam de radioterapia, não é todos os casos que precisam de cirurgia, não é todos os casos que precisam de quimio. Cada tipo de tumor em determinado estágio em determinado estágio que ele é descoberto vai precisar ou não de uma dessas três modalidades de tratamento. Por exemplo, o mais comum para o tratamento com o tumor de mama, em geral o passo inicial é uma cirurgia onde a paciente é submetida a uma ressecção seja ela total é uma cirurgia de preservação dessa mama é retirada só uma parte do tumor. E com isso a paciente é submetida a quimioterapia, e após o término da quimioterapia que ela inicia o tratamento com o radioterapia. No geral em torno assim as estáticas falam que o paciente oncológico se for colocar todos os pacientes oncológicos em um local digamos que 70% deles vão precisar em algum momento de radioterapia seja ela como um complemento a cirurgia, que nós chamamos isso de uma radioterapia adjuvante, seja ela o tratamento cabeça o tratamento chave do tratamento que nós chamamos de uma radioterapia exclusiva radical ou seja ela também como uma forma de palição. O paciente que já tem umas metástase em algum determinado local uma metástase ócio por exemplo uma cerebral onde a radioterapia vem para paliar esses sintomas controlar um pouco a dor, controlar a progressão local do indivíduo.

O que faz desse hospital uma referência para a cidade e região? Por qual motivo a taxa de cura é alta?

Primeiro nós temos que rever essa questão da taxa de cura porque. O seu Hilário que consolidou todo aqui, mas ele não é médico então esses termos podem se confundir um pouco tá. Para você pensar em um tumor em taxa de cura, dizer que a pessoa está curada você precisa de um certo tempo para ir sempre avaliando vou tomar o seguinte exemplo. Um paciente qualquer teve um tumor de próstata um paciente com 50 60 anos teve um tumor de próstata. Ele faz o tratamento com radioterapia que é uma das modalidades que podem fazer o tratamento apenas com radioterapia dependendo das circunstâncias. Quando ele termina o tratamento aqui ele tem que ser acompanhado. Eu não posso dizer que esse paciente quando terminou o tratamento eu posso até dizer que ele está curado, mas e não verifico doença nenhuma naquele momento, mas eu não sei daqui seis meses daqui um ano, daqui dois anos. Então é um paciente que tem que estar sempre em vigilância, tem sempre que pedir os exames de acompanhamento para aí então eu dar essa notícia para o paciente eu dizer “ó você está curado”. Eu nunca consigo dar essa notícia prospectivamente dizendo, pensando o futuro. Eu consigo dar aquela notícia

naquele momento da consulta pensando no passado ó naquele dia que você fez o tratamento a radioterapia até o momento hoje, você não tem evidencia de doença você está curado entendeu. Agora daqui para frente como vai ser eu não sei, ninguém sabe ninguém é prepotente suficiente de dizer não ó está tudo certo curado. Então dentro da medicina da oncologia nós a gente usa esses termos entendeu, até esse momento está tudo bem vamos ver nas próximas consultas daqui seis meses daqui um ano daqui dois anos entendeu. Mas agora é importante sim para região o tratamento porque como eu falei. Você já viu ai as taxas são altas né a população o país inteiro muitos precisam de radioterapia, são muitos pacientes oncológicos que 70% deles precisam de radioterapia. Quer dizer que há um déficit no país em relação a maquinas e tudo mais. Então esse hospital faz o diferencial em relação à fundação é uma maquina a mais na cidade existem outras duas, é uma maquina a mais para oferecer o tratamento a população. Outra coisa fundamental a questão do deslocamento porque muitos pacientes tem que se dirigir para outros lugares outras cidades e os tratamentos de radioterapia geralmente são tratamentos de vinte e cinco, trinta dias. Todo o dia o paciente recebe um pouco dessa dose, então é acaba se tornando imagine vinte e cinco dias uteis da mais de quase dois meses ai, um mês e meio ai de tratamento muitas vezes ai vinte e cinco, trinta dias. O paciente com um tumor de próstata geralmente trata por trinta e oito dias, passa de dois meses. Agora imagine ai um paciente que mora ai em uma certa distância ele acaba tendo que se deslocar, e acabar morando por um tempo de improvisado de uma outra cidade.

Por esse hospital oferece esse tratamento aqui e os outros não? Porque as pessoas precisavam viajar?

Porque eu acho. Não existia mais maquinas no caso a questão é fila entendeu. Com uma única maquina na cidade o simplesmente não consegue comportar tudo o que precisa. Acaba gerando muita fila tem muitos pacientes tem uma certa urgência em iniciar o tratamento, e muitas vocês você não consegue esperar se você esperar. Se você ficar esperando nessa fila você perde o time é de conseguir oferecer um tratamento curativo, de repente até esse paciente conseguir a vez dele na fila esse tratamento já virou paliativo.

Um dos objetivos do hospital e a humanização. Como ela acontece aqui?

Acho que é uma forma bem simples. É todo aqui de uma forma geral é se colocar no lugar do paciente sabe como eu queria se fosse eu sabe. Eu particularmente gosto de pensar muito assim se eu estou atendendo alguma pessoa eu lembro do meu pai. Como eu gostaria que uma pessoa tratasse o meu pai sabe, é eu acho que não é muito difícil isso porque está acontecendo. Desde a secretaria até a faxineira é os técnicos os médicos, todo muito assim trabalha numa harmonia boa é todo mundo entende o filosofia que o hospital queria então é uma coisa que já vinha desde a formação desde a formação disso. A diretoria quer isso. Prioriza muito isso né, seu Hilário sempre fala muito disso “o nós gostaríamos de um tratamento humanizado”. Então todo mundo entende isso aqui tem essa filosofia na cabeça. E todo mundo ao máximo tenta oferecer dentro do possível obviamente más assim oferecer tudo que puder tudo de melhor para o paciente, seja um bom dia seja no tratamento propriamente dito no cuidado com ele sabe, de um modo geral e eu acho que isso muitas vezes ajuda. Já recebi muitas muitos elogios dos pacientes eu os técnicos a

secretaria , é todo mundo que passou por aqui sempre diz que se sente bem . Sente bem quando é tratado aqui.

Por qual motivo o câncer acomete hoje me dia tantas pessoas?

É uma coisa bem simples de se pensar em dados demográficos. A população ela está envelhecendo. É antigamente nós temos o que mais matava eram doenças infecciosas e infecto parasitárias. Que tem sempre uma tendência a pensar isso é uma doença mais relacionada a um problema de saúde pública. O problema muito primário que é dizer que o estado não consegue cuidar bem da sua população, não consegue oferecer saneamento não consegue oferecer vacinas. Então isso obviamente com o tempo está mudando, tem muitas regiões do nosso país que ainda tem esses problemas. Mas nós sabemos que isso já está mudando, então a população começou a morrer menos desse tipo de doença de cólera, por exemplo, se sarampo crianças sabe, então mudou um pouco esse patamar então as pessoas passaram a viver mais. Quando começou a viver mais elas começaram a morrer de que? Doenças cardiovasculares o enfarto do coração é o AVC acidente vascular cerebral, que acontece no cérebro quando falta sangue ou quando sangra enfim relacionada mais as doenças circulatória do corpo. Que também são doenças que estão já sendo melhor tratadas a tecnologia avança em todas as áreas graças a DEUS em todas as áreas da medicina, então está melhorando tudo isso. Muitas pessoas hoje em dia pensam mais na questão do cuidado, em cuidado com a alimentação exercícios físicos. Então existem muitas pessoas que evitam vamos dizer sal, evitam comidas vamos dizer muito gordurosas comidas muito doces enfim. Para evitar diabetes pressão alta que acabam afetando os pacientes com avançado tempo nesse nicho das doenças cardiovasculares. Agora o que acontece pensando nessa forma essas pessoas vivem mais, morrem de doenças infectocontagiosas morrem menos de doenças cardiovasculares, obviamente seu corpo vai envelhecendo mais e pensando biologicamente o envelhecimento de nosso corpo imagine um envelhecimento de uma célula as nossas células estão em constante replicação né, o corpo está sempre se replicando e chega um tempo que ela vai perdendo esta capacidade até um momento que aquela célula, morre. Existem células, que elas vão acumulando erros no nosso código genético durante toda vida, erros por conta da poluição, erros por conta do cigarro, erros por conta de uma má alimentação, erros por conta da exposição a radiação, seja ela solar, seja ela um tratamento de radioterapia, enfim, erros que nós vamos acumulando no nosso DNA, durante a vida. Em algum momento, este erro não é corrigido, obviamente quando este erro não é corrigido esta célula, ela pode aumentar a capacidade dela de duplicação, ela pode se diferenciar das outras células, ela pode começar a crescer mais e virar agressiva e ai que começa a gerar um câncer. Se nós pensarmos nesta forma que o câncer vai se desenvolver, como nós temos uma população que está sendo melhor cuidada, o que acontece, eles estão vivendo mais, as células estão mais suscetíveis a erros em relação ao tempo e esta muito mais fácil de começar a desenvolver isso nas pessoas mais velhas. A população está envelhecendo e os erros que acumulam durante a vida, existem algumas pessoas que já tem alguma coisa herdada já de herança, de algum erro genético, que tem aquelas doenças genéticas que propiciam, facilitam o desenvolvimento do câncer em algum momento da vida, então, pelo acúmulo de tudo isso, com esses erros genéticos, está muito mais fácil dessa pessoa estar mais suscetível a um determinado câncer. Por exemplo, o câncer de próstata, que eu me lembro, quando eu estava no colégio, era

uma coisa que não se falava, era uma doença que acontecia em homens mais velhos. Porque que eu não ouvia tanto? A população esta agora começando a viver mais, começou-se a cuidar mais da saúde dessas pessoas. Está dando tempo para elas desenvolverem este tipo de tumor. Também a questão do rastreamento, começa agora, se prioriza muito mais o rastreamento das doenças, câncer de mama, por exemplo, câncer de próstata; pediam um TSA, para identificar, fazer mamografia da mulher; coisas que há alguns anos atrás não se fazia. Eu sei que, pacientes às vezes com determinado nível de instrução, nível de instrução pequeno em alguns locais do país onde não se tem muita informação, muitas vezes as pessoas morrem e você nem sabe do que elas morrem, às vezes o que acontece? Muitas vezes eram pacientes que morriam de câncer, mas você não tinha esta informação e hoje você tem. Você tem informação dos óbitos e você tem informação também pela detecção precoce dessas doenças, coisas que há um tempo não existia. Então é um pouco de cada um. É uma melhora da prevenção, você consegue detectar mais precocemente, automaticamente a taxa de pessoas com câncer, sobe. O envelhecimento das pessoas e elas estão mais predispostas a desenvolver o câncer. São vários fatores envolvidos. Mas no geral, principalmente, óbvio, é o envelhecimento da população. As pessoas que se cuidam mais hoje, que tentam comer direitinho, fazer exercícios, é uma pessoa que teria uma chance, provavelmente, de no futuro acabar morrendo de câncer, é mais fácil vamos dizer assim, tem uma chance maior, porque é uma pessoa que se cuida, que não vai ter um problema cardíaco, que não vai morrer de um infarto, por exemplo; provavelmente se ela envelhecer muito pode acontecer de ela vir a falecer de câncer.

Atualmente este hospital tem alguma limitação? Ele ainda depende da Santa Casa?

Ele depende da Santa Casa de uma certa forma sim, por exemplo, como que o paciente vem para cá, como nós absorvemos este paciente para cá, para se tratar. Geralmente, como qualquer porta de entrada do SUS, ele tem que ter uma porta de entrada por algum lugar, normalmente é um posto de saúde, onde o paciente começa um cuidado. Os pacientes aqui, quando tem um diagnóstico de câncer, que são encaminhados para cá, eles sempre vem via o ambulatório de oncologia da Santa Casa. Este ambulatório de oncologia é um ambulatório que tem cirurgiões, cirurgiões oncológicos e oncologistas e quando esta equipe necessita de um tratamento com radioterapia, eles encaminham os pacientes para cá. Então, a porta de entrada dos pacientes aqui é via o ambulatório da Santa Casa. A ideia seria que toda a questão oncologia, a quimioterapia, cirurgias oncológicas, tudo seja colocado aqui neste hospital, que seja um centro com um tratamento integral para o câncer, não apenas a radioterapia como está acontecendo agora, mas a radio, a quimioterapia, cirurgias, prevenção e tudo mais. No momento ainda, necessitamos da Santa Casa para nos dar esse aporte. Por exemplo, se um paciente nosso passa mal aqui, ele é encaminhado para a emergência da Santa Casa, o hospital aqui não tem uma emergência funcionando. Estes pacientes quando fazem a quimioterapia, fazem no grupo de oncologia da Santa Casa, porque o hospital aqui ainda não tem a oncologia. As cirurgias são feitas na Santa Casa. É ainda, ainda tem uma ligação grande com a Santa Casa.

Qual é perfil de atendimento no hospital atualmente?

Os tipos mais corriqueiros que nós atendemos muito aqui é mama, tumores de mama, tumores de próstata, tumores do trato gastro intestinal, principalmente o reto, trato gástrico intestinal baixo, alguns tumores ginecológicos e também tumores de cabeça e pescoço, são os principais, os mais incidentes aqui. Também, é claro, metástase, tem que fazer a palição dos pacientes que tem metástase. São os principais que são atendidos aqui.

ARTUR BARATELLA

Perfil: Atual presidente da AAPC

Data da entrevista: 10/10/2016

Contato: Pessoalmente

Nome e profissão

Artur Baratella, empresário. Hoje estou presidente de associação de apoio ao portador do câncer.

Qual é sua história junto ao hospital do câncer de Presidente Prudente?

O hospital ele se iniciou, formado uma comissão e logo em seguida fizemos uma formação de uma associação, tornou-se chamando Associação de Apoio ao Portador de Câncer e nós iniciamos a obra com o presidente da época que era a Bernardete, em seguida foi o doutor Gurgel e eu era o diretor de obras. E nesta obra eu fiquei por quatro anos me dedicando. No início da obra nós contratamos um funcionário e eram todos pagos pela associação e até no início nós trazemos alguns presidiários para trabalhar, que tinham as suas recompensas e eles tinham o salário. Mas logo em seguida também foi melhor começar a contratação de funcionários, era ferreiro, carpinteiro, pedreiro, auxiliar de pedreiro e deu início, foi aprovado o projeto e nós iniciamos o trabalho e logo em seguida foi que veio este dinheiro da Cesp. Nós construímos, inclusive, 10 mil metros. Quando formou a fundação teve que dar uma aumentada no tamanho do prédio para 15 mil metros e neste período, a associação gatou em torno de R\$ 11 milhões no projeto, que era o primeiro projeto dos 10 mil metros construídos.

Antes da verba da Cesp foram investidos R\$ 11 milhões?

Na verdade, não tinha. Mas a gente buscava com o povo, com eventos, churrasco fraterno, nós tínhamos o Natal Feliz, o Mc Dia Feliz e mais algumas doações que sempre existiram, tijolos, madeiras e tudo que se ganhava sorteava, tudo que era doado era bem vindo. Os brechós nossos, tinha até dois brechós e hoje tem dois novamente, mas os brechós nossos fazíamos as arrecadações e passava tudo para a associação.

Depois que houve a criação da fundação, o que mudou?

Olha, na verdade não mudou muito, porque a gente consegue fazer um trabalho bem unificando tudo, porque, veja bem, a associação hoje ela cuida da oncologia

que é onde as pessoas vão fazer a quimioterapia e a fundação ela está funcionando hoje só com a radioterapia, atende 40 rádios por dia. E o que acontece, como ainda não foi credenciado o SUS para o hospital, a associação ela ainda é um bem, porque ela trabalha junto com a Santa Casa de Presidente Prudente, um trabalho, nós temos ali todos os funcionários, nutricionista, nós temos assistente social, nós temos fisioterapeuta, nós temos psicólogas. E este trabalho, além disso, nós servimos mais de duas mil refeições por mês para estas pessoas que vem fazer o tratamento da oncologia.

Como a associação sobrevive atualmente?

Tudo a mesma coisa, porque nosso projeto ainda é a Casa de Apoio. A Casa de Apoio, hoje é onde era atendida a Rede Feminina de Combate ao Câncer, na Avenida Manoel Goulart e esse trabalho hoje, nós continuamos a mesma coisa. A Rede foi instinto e a Associação assumiu, que foi formado por mais um período, 30 anos. E como o espaço lá é pequeno, nós achamos por bem fazer um prédio maior para atender. Então nós vamos fazer 72 leitos e estas pessoas que são internadas lá ela vem fazer uma quimio, da região, pessoas que não podem retornar para a casa, estas pessoas entram de segunda-feira e retornam para os seus lares na sexta-feira a tarde, ali eles entram, tomam café da manhã, almoço, café da tarde, um jantar e a noite, para dormir, uma ceia.

Qual a previsão para a implantação desse projeto?

Nós estamos com o projeto tudo de acordo, na prefeitura. Nós temos um terreno também, próximo ao aeroporto que é uma área muito grande que eu acho que, futuramente, com o atendimento do hospital vai ter uma procura muito grande para a cidade. Hoje nós temos em torno de mais de um milhão de pessoas que passam por Presidente Prudente. Fora isso ai, nós fazemos um trabalho formiguinha que é o nosso ônibus, que é o salvar vidas. Hoje ele atende mulheres com câncer de útero e nós estamos chegando perto de mais de 100 mil exames de prevenção e o próximo mês agora, novembro azul, nós estamos com outro ônibus que foi doado para nós, estamos preparando para o câncer de próstata.

A Associação continua com arrecadações para o hospital?

Nós temos sim uma arrecadação que é na energia. Aquele dinheiro da energia que nós transferimos total para a fundação, depois do término da construção do hospital, nós acertamos de mandar metade e metade ficar para a associação. É onde nos estamos trabalhando unido, que é a energia do bem. Este projeto da energia sempre foi depositado no nome da associação e a associação repassava para a fundação.

Associação e Fundação atendem o mesmo objetivo ou existe distinções?

Na verdade, o presidente da associação é uma pessoa muito idônea, que é o Hilário Pasquine, ele hoje é o presidente da fundação e, aliás, foi muito bem para a fundação que inclusive ele fazia parte da associação também. Então, hoje, nós temos um representante da associação dentro da fundação e eles têm representante da fundação dentro da associação. Nós fazemos um trabalho unido, nós sempre trabalhamos unidos, porque eu acho que isso aí, quando se fala em salvar vidas, você não vai olhar para que lado você está trabalhando.

Quando se pensava em construir um hospital, imaginava que a construção chegaria a este formato?

Na verdade, o sonho da gente era para construir um hospital, mas não sabíamos que seria deste tamanho. Então, a gente fez um trabalho, juntaram-se muitos empresários, pessoas do bem para concretizar este trabalho e eu acho que este hospital hoje é uma realidade.

Você que acompanhou desde o início a construção deste hospital, como é ver hoje este hospital em funcionamento e salvando vidas?

Isto para mim é uma missão cumprida. Eu acho que se você fizer o bem não pode olhar para quem, então para nós é uma alegria muito grande este trabalho estar concluído e preste, praticamente, nós já estamos trabalhando, só não temos assim um atendimento muito grande, mas o trabalho da maneira que esta chegando há uma expectativa aí para o ano que vem já a coisa mudar assim, de uma hora para a outra. Eu agradeço a atenção de vocês. Eu acho que, sobre o hospital, sobre a associação, tem que ser comentado e pessoas como vocês, devem contar a história, devem saber e, aliás, todo mundo deve saber da história, que a história é muito bonita.

FRANCELINO DE SOUZA MAGALHÃES

Perfil: Foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente

Data da entrevista: 11/10/2016

Contato: Pessoalmente

Francelino de Souza Magalhães, Prudentino e empresário

Francelino, qual foi sua participação junto ao hospital do câncer na época como provedor da Santa Casa de Presidente Prudente?

Bem, o Hospital do Câncer teve a iniciativa de pessoas entre as quais a dona Maria Auxiliadora, A Bernadete Querubim e a diretora da Santa Casa de Presidente Prudente, bem como o doutor Plácido, o meu amigo Plácido, o pai dele era dono do escritório aqui em Presidente Prudente e teve o apoio também da Associação de Apoio ao Portador de Câncer, muito importante. A Santa Casa doou uma parte do terreno e com algumas iniciações, alguns eventos, rifas, churrasco e etc... Eles ergueram a primeira metade do prédio que completa hoje que está nessa estrutura que está lá, acho que colocaram ali uns 15 milhões de reais. A promotoria de Presidente Prudente e a se me permite a jornalismo, eu vou falar aqui as coisas, a verdade. A Promotoria de Presidente Prudente na pessoa do promotor Nelson Bugalho e outros promotores, bem como a Procuradoria Federal na pessoa do doutor Luís Roberto e Tito, eles entraram com uma ação contra a Cesp, indenizatória porque a Cesp nessas usinas que nós temos aqui, eles entraram nas terras e entraram com a ação indenizatória para beneficio dos municípios, logicamente das prefeituras que foram as aguas invadidas, mas tiveram a grandeza de conversar com os prefeitos da região e dentro dos 120 milhões, eles doaram vinte milhões para o Hospital do Câncer, como eles fizeram isso, para que nós, a construção do Hospital do Câncer que era a Santa Casa pudesse angariar e receber esse recurso,

eles determinaram que fosse ao sentido de fazer uma fundação e por isso foi constituída a Fundação Hospital do Câncer da Santa Casa de Presidente Prudente, eu como provedor nós fizemos ai os nossos parceiros, colaboradores e associados da Santa Casa, fizemos a diretoria, o conselho, eu peguei como provedor da Santa Casa, eu peguei a presidência do conselho da fundação e o José Hilário Pasquini pegou a diretoria executiva, que está vencendo agora no fim do ultimo dia de dezembro de 2016, como já foi reconduzido duas vezes ao cargo, alguns membros vão ter que ser substituídos. E de lá pra cá o Hospital do Câncer com uma boa administração crescer, construiu a outra parte, a sociedade de Presidente Prudente nos seus diversos setores engajaram em participações, em leilões, em angariações de fundos, donativos e hoje praticamente o Hospital do Câncer está praticamente pronto, nós estamos esperando uma verba que já foi autorizada pelo Governo do Estado em 25 milhões para a estrutura a disponibilizar o Hospital do Câncer e toda a infraestrutura no que diz respeito aos aparelhos para dar atendimento às pessoas ali internadas. Então nós estamos atendendo um montante de quarenta pessoas por mês ou mais, fizemos uma parceria nossa com a angariação dos últimos leilões, o ultimo leilão parece que deu mais de três milhões, os donativos e agora nós fizemos uma parceria com o SPcap, o conselho, diretoria nós fizemos uma parceria com o SPcap que está possibilitando um bom rendimento para o nosso Hospital do Câncer que vão possibilitar prosseguir esse atendimento, mas que só vai ser efetivamente a amplitude dele quando nós dotarmos e conseguirmos junto ao Ministério da Saúde, o credenciamento ao SUS, ai vem as verbas e nós podemos crescer mais.

Inicialmente hospital seria um anexo á Santa Casa e depois com os investimentos houve uma reestruturação e ele teve uma independência com a fundação e ainda ele depende da Santa Casa porque ainda não funciona totalmente. Você que era provedor da Santa Casa, quais foram os principais desafios dessa construção e de que maneira você ajudou para que esse hospital fosse concluído?

Eu vou falar no plural, nós colaboramos, a diretoria da Santa Casa, o conselho, a diretoria executiva do Hospital do Câncer por um fator só, credibilidade. Quando você tem credibilidade, as pessoas confiam. Nós somos de Presidente Prudente, mas pegamos a Santa Casa sem crédito, desmotivada, pagamentos atrasados e de dez para onze anos deixamos a Santa Casa em dia, que possibilitou o credenciamento nosso junto aos promotores e também um grande apoio aos juizes da nossa comarca, doutor Antônio Silas, doutor Antônio Silas doutor Emerson Eoka doutor José Varga Palmonina, você está entendendo que possibilitou esse crédito que nós temos perante as autoridades, a realização da construção desse hospital do câncer.

Atualmente qual as sua ligação com o hospital do câncer atualmente?

Eu sou presidente. Foi criado um conselho eu sou presidente do conselho construtivo e nós temos a diretoria executiva com seus membros, o conselho construtivo tem seus membros o José Hilário Pasquini é o presidente. O conselho e a diretoria vence o mandato agora em, 31 de dezembro desse ano vão ser renovados mesmo porque nós acreditamos que nós temos que dar espaço as novas lideranças, mescla ali as pessoas que estão com outros membros para o conhecimento. Porque aquilo ali não é nosso aquilo ali é da sociedade e tem que se

bem dirigido, para que posso né vocês como jovens que estão aqui, pensar no futuro e também dirigir as entidades aqui de Presidente Prudente é isso que é importante pensar no futuro.

Que época você atuou como provedor?

Nós estamos em 2016 então você tira ai vão fazer dois anos que estou na diretoria não como provedor mas como segundo tesoureiro de diretoria, 2016 menos dois, quatorze , dois anos, dez, dez 2014,2001, 2002 por ai.

A Santa Casa continua o Oferecendo tratamento para o câncer. Assim como o Hr Também já oferecia o tratamento do câncer?

O HR foi uma grande conquista da população de Presidente Prudente junto ao governo do estado na época do José Serra, não só de presidente prudente de toda região. Se não tivesse efetivado essa o AME no HR é nós não estaríamos bem na saúde de Presidente Prudente, porque a Santa Casa sozinha não teria condições sozinha de atender a população. E nós sabemos que o HR está sendo bem administrado e um bom atendimento.

Qual o grande diferencial irá oferecer para Presidente Prudente?

Meu Deus, nós vamos em todos o setores. Primeiro nós temos pessoas aqui de toda a região que às vezes sai às três horas da manhã para ir para Barretos ou Jaú Certo Barretos e Jaú. Porque as consultas são marcadas não internados você vai lá fazer a consulta e tal volta. Não só da região mas como Mato Grosso e Paraná. Agora o hospital atendendo na sua plenitude nós vamos atender as pessoas Mato Grosso, Paraná, Acre, Rondônia você está entendendo. O que acontece vai dar, além disso, do atendimento vai dar o oxigenação do desenvolvimento de Prudente, no que emprego, moradias. Então tudo isso bem mais funcionários mais médicos, mais compra de fármacos, produtos alimentares. Então imagina você vamos supor daqui cinco seis anos ele começa a deslanchar, esperamos que essa situação que o Brasil se encontra que melhore mais um ano dois anos, para que possamos ter esse credenciamento do SUS. Agora imagina você o hospital funcionando junto com a Santa Casa na sua plenitude e hospital regional também.

Você imaginava que o Hospital chegaria a esse ponto atual?

Sinceramente não. Porque tivemos em conjunto uma visão do futuro né, porque como eu disse para você foi construído do que está metade do que estava ali. Então para construir a outra parte nós doamos da Santa Casa mais quase cinco mil metros, quase cinco metros para estar à situação que está hoje lá. E foi muito bom ótimo não é hospital do câncer a mantenedora é a Santa Casa os diretores que pertencem à diretoria da Santa Casa, também alguns pertencem também à diretoria e ao conselho da Fundação Hospital do Câncer, e nós estamos tranquilos e trabalhando bem né no sentido de pensar que aquilo não é nosso, nós temos que dar oportunidade para todos entendeu. Pensa, Prudente, ano que vêm, faz 100 anos. Quem doou aquela área mais de dez alqueires da Santa Casa para hospital do câncer foi o fundador de prudente um dos fundadores de Prudente Francisco Goulart o outro foi o comendador José Soares Marcondes depois vem Francisco

Goulart que doou aquela área toda nossa, e para a história de prudente me parece nós temos o filho dele vivo dele ai, e talvez mora em frente ao hospital do câncer naquele prédio preciso conhecer um pouco.

APÊNDICES

APÊNDICES A
PAUTAS

PAUTA 1

Retranca: Bernadete Bosso Querubim

****PROPOSTA****

Bernadete Bosso Querubim é uma das peças chaves dessa grande obra de saúde de Presidente Prudente.

****ENCAMINHAMENTO****

Extraír do entrevistado perguntas pertinentes quanto à importância do hospital na cidade. Sua participação e de seu falecido esposo Antônio Sérgio Querubim para reunir voluntários para realizar essa grande obra do HRC de Presidente Prudente.

****ROTEIRO 1****

Data: 22/08/2016

Horário: 8h30

Endereço: Rua Genoveva Ligabone, 54, Dhamha II Presidente Prudente

Contato: Bernadete Bosso Querubim

Telefone: (18) 99758-4422

****POSSÍVEIS PERGUNTAS****

- 1) Bernadete conta um pouquinho da sua história desde quando chegou em Presidente Prudente?
- 2) Aqui em Prudente tinha o que referente ao câncer?
- 3) Vocês compravam com quais recursos?
- 4) Em que ano isto aconteceu?
- 5) Para vocês o que seria o hospital? Quais as atividades foram desenvolvidas até a construção?
- 6) Na estrutura do hospital o que vocês pensavam?
- 7) Era o que tinha em Prudente naquele momento?
- 8) Quantos atendimentos eram feitos?
- 8) Nesse princípio que vocês começaram a reforma, esse auxílio ao anexo da Santa Casa, com qual recurso financeiro 9) vocês faziam, quanto em dinheiro vocês tinham mensalmente? Qual apoio vocês recebiam? Como isto se mantinha?
- 10) Vocês que faziam o trabalho de voluntários?

- 11) Como você e vocês arrecadavam?
- 12) E todos esses leilões eram através de doações de parceiros de pessoas que doavam gado?
- 13) Qual foi o período das arrecadações e quantos em valor vocês arrecadaram?
- 14) Isso foi em que ano? Ainda era associação neste período?
- 15) Por qual motivo teve que transformar em fundação?
- 16) De 1997 até 2009, diversas pessoas passaram pela diretoria, como foi? Quem apoiou?
- 17) Vocês se reuniam quantas vezes por mês? Como vocês conseguiam auxiliar trabalho e voluntariado?
- 18) O dinheiro das doações era depositado onde?
- 19) Quantos em doação vocês conseguiram, contando com o apoio do Estado?
- 20) Juntando com o que vocês tinham, somou quanto?
- 21) Foi esse dinheiro que vocês começaram a construção do hospital?
- 22) Qual era a previsão, lá em 1997 que vocês imaginavam que seria a inauguração do hospital?
- 23) Em relação ao tempo você diz que o sonho seria a inauguração 2004, porque em 2016 passou tanto tempo e ainda não está inaugurado totalmente?
- 24) No projeto Inicial quando vocês já preparavam o terreno e subindo prédio esse projeto era como? Ele seria do tamanho quantos andares seriam? Quantos atendimentos vocês imaginavam fazer por dia?
- 25) Ao longo da sua história a diretoria foi se alternando ao longo dos anos e até que chegou a fundação e você se desligou da associação?
- 26) Explique a situação da fundação e da associação.
- 27) Atualmente, o que você espera do hospital?
- 28) Como foi o momento de inauguração do Hospital do Câncer? Quando o Governador esteve aqui?
- 29) Para você este momento foi muito forte?

- 30) O Fernando e Sorocaba foram importantes para a construção do hospital?
- 31) Bernadete atualmente o que você faz? Quantos anos você tem?
- 32) Uma mensagem que você deixa para quem está passando por essa luta que é o câncer?
- 33) Ao longo dos anos tem alguma média de quantos voluntários passaram?
- 34) Uma palavra que você resume todo esse trajeto?

PAUTA 2

Retranca: Joel Turino

PROPOSTA

O senhor Joel Turino é voluntário da Associação de Apoio ao Portador de Câncer da Fundação Hospital Regional do Câncer Presidente Prudente desde 1997.

ENCAMINHAMENTO

Extraír do entrevistado informações relevantes sobre iniciativa de construir o hospital, quais as primeiras pessoas envolvidas, como foi o começo da obra, qual a importância do hospital e qual o seu sentimento enquanto voluntário.

ROTEIRO 1

09/09 14H50

Nome: Joel Turino voluntário

Telefone: (18) 997031942/ 32221551

Endereço: Rua, 15 de novembro, 349, Jardim Aviação

Ponto De Referência: ginásio municipal de esportes Watal Ishibashi

DADOS

Turino disse que no início a Bernadete estava com o marido doente, quando ele teve a ideia de criar um hospital. A proposta começou a ganhar estrutura com o tempo, junto com a ajuda de algumas pessoas, inclusive dona Maria Auxiliadora. Eles juntaram pessoas que pudessem contribuir financeiramente. No começo foi criado o instituto de oncologia, ao lado da santa casa e como o espaço era pequeno, acharam melhor ampliar. Ele era responsável em acompanhar todas as obras junto com os pedreiros e engenheiros. às vezes, quando faltava alguma coisa, ele corria para comprar com o dinheiro das pessoas que ajudavam. já teve vezes de tirar do próprio bolso. Turino continua sendo voluntário, tanto da associação quanto da fundação, desde 1997. Atualmente é do conselho fiscal da fundação. Já foi vice-presidente da associação e depois passou a integrar a diretoria.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) o senhor está nesse projeto desde o começo. Quando, onde e como ele nasceu?
- 2) Quais foram as primeiras pessoas envolvidas?
- 3) Qual a motivação de cada um para se envolver?

- 4) Qual foi a motivação do senhor?
- 5) O que foi feito para arrecadar recursos e começar a obra? Já começou com um bom dinheiro em caixa ou foi usado o pouco que tinha?
- 6) Hoje, o prédio do hospital está pronto, qual é o seu sentimento pessoal sobre essa instituição de saúde?
- 7) O histórico de sua vida mostra que o senhor tem sempre praticado o voluntariado. Com quais instituições já contribuiu e em qual ou quais permanece?
- 8) Dentre os seus voluntariados, existe algum diferencial em servir o hospital do câncer?
- 9) Qual importância tem esse hospital para presidente prudente e região?

PAUTA 3

Retranca: Fernando & Sorocaba

PROPOSTA

A dupla Fernando e Sorocaba são embaixadores do Hospital do Câncer de Presidente Prudente junto ao meio artístico.

ENCAMINHAMENTO

Extrair dos entrevistados informações relevantes, de que ponto surgiu o interesse de serem apoiadores da causa, saber mais sobre os trabalhos que realizam para atrair o meio artístico para abraçar a causa.

ROTEIRO:

13/09 20:00

Nome: Fernando Fakri de Assis / Sorocaba

Nome: Fernando Zorzanello Bonifácio

Endereço: Rod. Raposo Tavares, 563, Presidente Prudente, SP

Obs: Contato será feito através da Jornalista Hortência Pinafifi.

DADOS

A dupla foi a primeira, do meio artístico, a abraçar a causa e em 2015 visitou o hospital e dedicou a renda de um show inteiramente ao HRC. Considerados embaixadores do Hospital do Câncer de Presidente Prudente junto ao meio artístico, Sorocaba no ano de 2010 aos 29 anos passou pela luta de um câncer de tireoide, passou por uma cirurgia e não precisou de quimioterapia e faz controle de hormônios com remédios. A dupla tem um projeto com engajamento totalmente social chamado Fernando & Sorocaba Premium, onde a dupla ajuda diversos hospitais pelo Brasil, inclusive a cidade de Presidente Prudente no Hospital Regional do Câncer.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- 1) A partir de que ponto veio a interesse em abraçar essa causa tão importante?
- 2) Sorocaba você venceu um câncer no ano de 2010, qual foi sua motivação naquela época e agora com um grande conhecimento da causa?
- 3) Como funciona o Projeto Fernando e Sorocaba Premium?
- 4) Vocês são embaixadores no meio artístico do Hospital Regional do Câncer. O que isso representa para vocês?
- 5) Recentemente vocês puderam voltar ao hospital para saber o que foi feito com o dinheiro arrecadado. Como esse momento?
- 6) Qual a mensagem que vocês deixam para quem está passando por esse momento difícil? E para que outras pessoas venham também abraçar a causa?

PAUTA 4

Retranca: Maria Auxiliadora

PROPOSTA:

A senhora Maria Auxiliadora de Freitas Constantino é das primeiras pessoas a comporem a diretoria da associação e é uma das que participaram da 1º reunião.

ENCAMINHAMENTO:

Extraír do entrevistado informações relevantes sobre iniciativa de construir o hospital, quais as primeiras pessoas envolvidas, como foi o começo da obra, qual a importância do hospital e qual o seu sentimento enquanto de ter dado apoio á uma causa tão importante.

ROTEIRO 1

16/09/2016 16/00

Nome: Maria Auxiliadora de Freitas Constantino - compôs a primeira reunião do começo a história do hospital.

Telefone: (18) 3908-2258

Endereço: Condomínio João Paulo 2º

Ponto De Referência: Parque do Povo

DADOS:

Maria auxiliadora participou da primeira reunião com a primeira diretoria para dar início às atividades para arrecadação de fundos para a construção do que hoje é a fundação hospital regional do câncer de Presidente Prudente. Maria Auxiliadora Constantino é uma das fundadoras do hospital regional do câncer. Auxiliadora conta com diversas colocações como também já foi primeira dama da cidade de presidente prudente. Participou do comando da assistência social municipal.

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

- 1) A senhor está nesse projeto desde o começo. Quando, como ele nasceu?
- 2) Quais foram as primeiras pessoas envolvidas?
- 3) Qual a motivação de cada um para se envolver?
- 4) Qual foi a motivação do senhora, que está desde de o começo?
- 5) O que foi feito para arrecadar recursos para que a obra fosse dada início? já começou com um bom dinheiro em caixa ou foi usado o pouco que tinha?
- 6) Hoje, o prédio do hospital está pronto, qual é o seu sentimento pessoal sobre essa instituição de saúde, inclusive a senhora esteve há 10 anos atrás juntamente com a Bernadete laçando a pedra fundamental ?
- 7) A senhora sempre esteve em projetos de ajuda social na cidade. Com quais instituições já contribuiu e atualmente que trabalhos realiza voltados ao hospital?
- 8) qual o sentimento de te participado desse projeto que é agora o hospital do câncer?
- 9)qual importância tem esse hospital para presidente Prudente e região?

PAUTA 5

Retranca: Plácido Pereira

PROPOSTA

Dr. Antônio Plácido Pereira, esteve desde a primeira reunião que aspiravam em construir o Hospital, e atuava como médico no ônibus itinerante.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes sobre a participação na instituição. Desde o começo nas reuniões até seus trabalhos no ônibus itinerante que percorria a região. Qual a importância do hospital para prudente e toda sua região.

ROTEIRO 1

20/09/2016 16:00

Nome: Antônio Pereira Plácido

Endereço: Av. Washington Luiz Laboratório De Anatomia Patológica E Citopatologia.

Telefone: (18) 2101-8000

DADOS

Plácido foi um dos primeiros integrantes da associação, médico trabalhou no ônibus itinerante que realizava consultas gratuitamente em Presidente Prudente e região. Além de participar de muitos marcos do sonho Hospital do Câncer .

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Como foi a sua participação para o Hospital do Câncer aqui de Presidente Prudente?
- 2) Em que ano foi?
- 3) Aqui em Prudente, não tinha um local especializado?
- 4) E onde funcionava esse atendimento, onde eram realizados?
- 5) E para o câncer a gente sabe que esse conforto, ele atua diretamente no nosso psicológico e o câncer ele, o fator psicológico ele acelera ou retarda né... E como foi ser a primeira paciente do hospital, teve alguma restrição por ser uma instituição nova?
- 6) E nessa etapa já havia discutido que existia a necessidade da construção né?
- 7) Quando vocês imaginavam um Hospital do Câncer aqui em Presidente Prudente, vocês imaginavam que seria do jeito que está hoje?

8) Como médico, o que o Hospital do Câncer ele traz hoje para Presidente Prudente?

9) Você que também administrou o ônibus, que foi cedido pela Andorinha, que fez os exames, tanto exames, como cirurgias também, e o trabalho de prevenção. Você que foi responsável por ele, como que foi, como que é até hoje esse trabalho, quantas pessoas ele atende, você tem esse número?

10) Em Presidente Prudente apenas?

11) O que esse hospital mudou em sua vida?

12) Qual foi sua motivação para entrar numa causa tão nobre?

PAUTA 6

Retranca: Jorge Yochinobo Chihara

PROPOSTA

Jorge Jorge Yochinobo Chihara é diretor do Departamento Regional de Presidente Prudente.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes quanto à importância do hospital na cidade. Vamos questionar quanto à participação do município com o hospital, o impacto que a instituição vai causar na cidade, a maneira na qual a estrutura vai contribuir com os serviços de saúde de prudente e se isso vai aumentar ou diminuir o fluxo de pessoas na cidade.

Roteiro 1

13h30 22/09/2016

Endereço: av. cel. José Soares Marcondes, 2357 uep- s.2, Presidente Prudente – sp, 19013-050

Contato: Jorge Yochinobo Chihara

Telefone: (18) 3226-6722

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Eu queria saber como que o estado ele atua em relação ao hospital?
- 2) O hospital do câncer aqui de presidente prudente tem uma estrutura que vai beneficiar, já está beneficiando várias pessoas da nossa região. em sua opinião, de que maneira isso é válido para as pessoas que tinham que se deslocar antes para outros lugares para fazer tratamento, e agora podem fazer aqui no município de presidente prudente, de que maneira o hospital é válido toda essa estrutura que eles estão criando?
- 3) Apesar de ser uma entidade particular, o que ela representa aqui para nossa região, e quais as perspectivas disso em relação ao tratamento do câncer?
- 4) Você tinha dito antes que com essa estrutura em presidente prudente as pessoas vão vir se tratar aqui, e um dos objetivos é trazer pessoas de outros lugares do país para se tratarem aqui em presidente prudente, e outra coisa, qual a capacidade que o hospital vai ter para atender essas pessoas?

5) a respeito disso que você acabou de falar, que estudo é esse? Quantas pessoas ele aponta, e no impacto financeiro, quanto que isso gera em torno de dinheiro pra o custeio desses atendimentos, e tudo isso será direcionado para o hospital?

6) Já tem essa projeção? você sabe quanto?

7) Quando o hospital começar a funcionar plenamente, a santa casa e o hr continuaram prestando o atendimento?

8) Quando o hospital começar a funcionar plenamente, a santa casa e o hr continuaram prestando o atendimento?

9) Esclarece uma coisa pra gente, não sei se você se lembra, mas de 1997 até hoje, que não tem um centro especializado, agora podemos dizer que tem a radioterapia funcionando, mas até 2014, por exemplo, não tinha esse centro, então as pessoas tinham que sair daqui e se deslocar para jaú, barretos. porque que elas tinham que se deslocar se aqui já tinha a quimioterapia na santa casa e no HR?

10) Você tem previsão desse tempo?

11) Você disse que quase 2 mil casos de câncer ano. qual o impacto que o hospital do câncer vai ter em cima desses casos, na proporção de 2 mil pessoas sendo atendidas na região, vamos supor na santa casa e no hr, qual o impacto seria, vamos supor, o hospital atenderia, e desafogaria, digamos assim, direcionaria pra cá, ao invés da santa casa e do hr?

12) Como começou a sua participação, e como você tem participado até hoje no hospital do câncer?

PAUTA 7

Retranca: Nelson Bugalho

PROPOSTA:

O Dr. Nelson Bugalho sempre esteve envolvido com o hospital e esteve juntamente com mais duas pessoas do MPF no processo para destinação de uma verba da Cesp para a conclusão da obra do hospital .

ENCAMINHAMENTO:

Extraír do entrevistado informações relevantes sobre iniciativa de apoiar o hospital, como foi esse processo para conseguir a destinação da verba para a cidade, e qual a importância do hospital e qual o seu sentimento enquanto de ter dado apoio á uma causa tão importante.

ROTEIRO 1

22/09/2016 16:00

Nome: Nelson Bugalho

Telefone: (18) 32228150

Endereço: av. cel. José Soares Marcondes, 3187

DADOS:

Nelson Bugalho é promotor de justiça do meio ambiente e urbanismo e vice-presidente da Cetesb. Mestre em direito penal. Foi um dos responsáveis pelo acordo judicial juntamente com outros integrantes do MPF, de aproximadamente 140 milhões de reais que resultaram benefícios sociais, econômicos e ambientais para 57 municípios como, a construção de centros de saúde, unidades escolares entre outras e a destinação de aproximadamente R\$ 25 milhões para a conclusão da construção do hospital regional do câncer. De presidente prudente, que atendera todo oeste paulista, norte do Paraná e sul do mato grosso do sul.

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

- 1) Como começou sua participação nesse projeto ?
- 2) Como foi o processo para conseguir junto ao MPF a destinação da verba da Cesp para a conclusão do hospital? E quanto foi repassado?
- 3) Como é para você apoiar uma causa tão importante ?
- 4)Hoje, o prédio do hospital está pronto, qual é o seu sentimento pessoal sobre essa instituição de saúde?
- 5) E atualmente que trabalhos realiza voltados ao hospital ?
- 6) Qual importância tem esse hospital para presidente prudente e região?

PAUTA 8

Retranca: Mauro Bragato

PROPOSTA

Mauro Bragato era o prefeito na época do início da construção do hospital em presidente prudente.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado informações relevantes sobre a participação na história do hospital. Vamos questionar quanto sua participação no início com as doações e apoio na época que atuava como prefeito da cidade até os dias atuais. Sobre os avanços que o hospital trará para cidade de presidente prudente.

ROTEIRO 1

10/10/2016 15:00

Nome: Mauro Bragato

Endereço: Av. Marechal Deodoro,345, vila São Jorge

Contato: Mauro Bragato

Telefone: (18) 3223-2110

DADOS

Mauro Bragato é sociólogo, já foi vice-presidente da assembleia, deputado constituinte, atuou como prefeito de 1997 até 2000, em 2004 assumiu a secretária da habitação. foi nove vezes desde de 1978. Ofereceu um grande apoio quando atuava como prefeito aos idealizadores do hospital.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Como que começou a sua história no hospital do câncer? de que maneira?
- 2) De uma forma mais específica, você disse que conseguiu algumas parcerias como depurado, de uma forma mais específica, você alguma consegue lembrar?
- 3) Como você observa o impacto desse hospital aqui para nossa cidade?
- 4) Inclusive esse é um dos principais desafios para fundação agora? Você acha que esse custeio ali, ele tende a diminuir de uma maneira natural, automática ou não, como que você observa?
- 5) Como é para você olhar para a estrutura do hospital hoje em 90% dele concluída, e saber que você fez parte da história mesmo, no primeiro momento em que eles precisavam de apoio, e você como prefeito apoiando e ajudou, e que isso hoje

atenderá, 200 pessoas com a previsão deles. Como é pra você hoje, ver essa estrutura de pé, e já em pleno funcionamento?

PAUTA 9

Retranca: Nereu Oguido

PROPOSTA

Nereu é representante do secretário de saúde de presidente prudente, Sérgio cordeiro.

ENCAMINHAMENTO

Extraír do entrevistado perguntas pertinentes quanto à importância do hospital na cidade. Vamos questionar quanto à participação do município com o hospital, o impacto que a instituição vai causar na cidade, a maneira na qual a estrutura vai contribuir com os serviços de saúde de presidente prudente e a respeito do fluxo de pessoas na cidade.

DADOS

Nereu Oguido é representante da Secretaria de Saúde de Presidente Prudente, assumiu o cargo após Sérgio Cordeiro entrar de licença por motivos de saúde.

Roteiro 1

26/09 8h30

Nome: Nereu Oguido

Endereço: Av. Washington Luiz, 1607 ° Andar

Contato: Nereo Oguido

Telefone: (18) 99631- 8359

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Desde outubro de 2015 o hospital está em funcionamento. qual apoio da prefeitura municipal e da secretaria municipal de saúde para que o hospital se tornasse realidade?
- 2) Existe algum planejamento por parte do município para apoiar financeiramente o hospital do câncer?
- 3) Com o hospital estalado aqui em presidente, irá diminuir o deslocamento de pacientes para outros municípios?
- 4) Qual impacto que o hospital trará para nossa região quando estiver em seu funcionamento completo?
- 5) Haverá um aumento na quantidade de pacientes da região aqui em presidente prudente?
- 6) Qual a importância do hospital do câncer para presidente prudente?

Era o que tinha em prudente naquele momento?

PAUTA 10

Retranca: Sibila Corral de Area Leão Honda

PROPOSTA

A professora Sibila é Arquiteta e vai fazer uma visão sobre o projeto arquitetônico do Hospital do Câncer de Presidente Prudente.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado respostas pertinentes quanto à estrutura da instituição. Podemos questionar quanto à dimensão da obra e de que maneira essa estrutura vai beneficiar a região de Presidente Prudente.

ROTEIRO 1

26/09/2016 14:00

Endereço: Universidade do Oeste Paulista – piso 4

Ponto de referência: WRF Facopp

Contato: Sibila Corral de Area Leão Honda – Arquiteta e Urbanista

Telefone: (18) 99782-2777

DADOS

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1996), mestrado (2000) e doutorado (2010) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem experiência em Arquitetura e Urbanismo, planejamento urbano e regional; com ênfase em política urbana, planejamento e gestão urbana, planejamento ambiental, desenvolvimento urbano e regional, projeto do espaço urbano, e ambiente urbano.

FONTE: Currículo Lattes

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Se tratando de um projeto grandioso para a região de Presidente Prudente, no qual pretende beneficiar uma média de 200 pacientes por dia. Qual sua visão arquitetônica do prédio?
- 2) De que maneira você acredita que a estrutura do hospital vai contribuir com a região?

PAUTA 11

Retranca: Vera Lúcia Zorzetto

PROPOSTA

A dona Vera é a primeira paciente do hospital regional do câncer de presidente prudente

ENCAMINHAMENTO

Extraír da entrevistada perguntas pertinentes sobre a participação dela na instituição. Vamos questionar quanto a descoberta do câncer, a maneira na qual o hospital contribuiu no tratamento, a sensação em saber que foi a primeira paciente, como foram realizadas as primeiras radioterapias, qual foi o sentimento após realizar a cirurgia e ver que o sofrimento havia terminado, como foi o atendimento no hospital, de que maneira ela adptou-se a rotina após à doença.

ROTEIRO 1

Data: 29/09/2016. 15h

Endereço: Edifício João Peretti

Ponto De Referência: Próximo ao Pastorinho

Contato: Vera Lúcia Zorzetto

Telefone: (18) 99793-4969

DADOS

A positividade e qualidade na cirurgia fez vera esquecer de todo o sofrimento. Ela teve câncer de mama, mas descobriu a doença logo no início. Sua cirurgia foi realizada no dia 31 de julho de 2015, com o doutor bugalho, no hospital do das graças. ela afirmou que as sessões de radioterapia não foram agradáveis, mas necessárias para sua recuperação. o atendimento da primeira equipe foi excelente, todos os pacientes receberam atenção igual. Atualmente uma amiga dela está com câncer no braço e vera, por ter sofrido tanto com a doença, vai ajudar sua companheira no que for necessário, no mesmo hospital em que se tratou.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

1) Antes de ter a doença você tinha uma vida regrada no cotidiano dos seus afazeres diários. Como você descobriu a doença?

- 2) Você foi primeira paciente, logo no começo do hospital de câncer de presidente prudente. de que maneira a instituição contribuiu para o seu tratamento?
- 3) Você chegou a ter que se deslocar para outro município para se tratar ou cumprir algum procedimento do tratamento?
- 4) Como foi ser a primeira paciente do hospital? Você teve algum receio por ser uma instituição nova?
- 5) Como todo tratamento, as etapas à caminho da cura são desgastantes. Como foram as primeiras sessões de radioterapia?
- 6) Após a cirurgia, o que você sentiu depois de ter vencido essa batalha?

PAUTA 12

Retranca: André Luis Felício, Tufi

PROPOSTA

André Luis Felício Tufi foi um dos voluntários importantes da Fundação Hospital Regional do Câncer. Ele atua como fiscal de repasse na obra do hospital.

ENCAMINHAMENTO

Extraír do entrevistado perguntas pertinentes quanto à importância do hospital na cidade. A entrevista contribuirá na construção tanto de nossa peça prática radiodocumentário quanto no teórico. Vamos questionar quanto à participação como voluntário e sobre a sua participação no segundo momento com a promotoria onde fiscaliza a verbas do hospital até os dias de hoje.

ROTEIRO 1

27/09/2016 15h30

Endereço: Rua, Ribeiro de Barros 630/ paralelo a Coronel Marcondes, Presidente Prudente.

Contato: André Felício Tufi - Promotor e Fiscal.

Telefone: (18) 3345-2182

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) André, a partir de que ponto e ano surgiu? Como você veio a se tornar um voluntário da fundação?
- 2) Quais atividades foram desenvolvidas por você, nessa sua fase onde participava do voluntariado do hospital?
- 3) O hospital está em funcionamento após muitos anos em construção na parte de radioterapia. Como você vê atualmente esse projeto que irá beneficiar muitas pessoas que possuem a doença na família ou até mesmo as que virão ter em nossa região?
- 4) Tufi, atualmente você como promotor fiscaliza o repasse de verbas na obra da fundação. Como funciona e é desenvolvido o seu trabalho na Fundação Hospital do Câncer de Presidente Prudente?
- 5) Desde que começou o seu trabalho de fiscal na fundação o que foi feito para arrecadar fundos para continuar a obra e até os dias de hoje?

- 6) Assim como o repasse da Cesp de 25 milhões para a compra de materiais para a construção do hospital atualmente existe já alguma outra verba
- 7) Programa ou não para que outras alas do hospítla venham funcionar? assim como a radioterapia?
- 8) Qual a importância da fundação hospital regional do câncer para presidente prudente?

PAUTA 13

Retranca: Stanley Zaina

PROPOSTA

Stanley Zaina atuava como provedor da santa casa no começo da obra do hospital se tornando uma importante figura na fase de adaptação do projeto da fundação hospital regional do câncer.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes quanto à importância do hospital na cidade. A entrevista contribuirá na construção tanto de nossa peça prática radiodocumentário quanto no teórico. Vamos questionar quanto à participação como provedor da santa casa no momento do início da obra.

ROTEIRO 1

28/09/2016 8h30

Endereço: rua das árvores, 301 João Paulo 2/ ao lado do parque do povo, presidente prudente.

Contato: Stanley zaina/ provedor da santa casa
telefone: (18) 3217-2288

Secretária: juliana.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Stanley você na época que era o provedor da santa casa, como e quando começou a sua participação junto ao hospital do câncer?
- 2) Inicialmente o hospital seria um anexo a santa casa, mas houve mudanças quais foram elas e porque motivo aconteceram ?
quais principais desafios enfrentados na época?
- 3) Após a criação da fundação como foi dada a continuidade do projeto?
- 4) Que atividades foram desenvolvidas por você, nessa sua fase onde participava como provedor do hospital?
- 5) O hospital está em funcionamento após muitos anos em construção na parte de radioterapia, como você vê atualmente esse projeto que irá beneficiar muitas

peças que tem casos da doença na família ou até mesmo as que virão ter em nossa região?

6) Qual a importância da fundação hospital regional do câncer para presidente prudente?

PAUTA 14

Retranca: Hilário Pasquini

PROPOSTA

José Hilário Pasquini atua como presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer e participou de importantes momentos e marcos para o hospital como a sua inauguração ao lado do governador no ano de 2015, e em grandes eventos como shows e leilões para arrecadar fundos para obra do hospital se tornando uma importante figura.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes quanto à importância do hospital na cidade. A entrevista contribuirá na construção tanto de nossa peça prática radiodocumentário quanto no teórico. Vamos questionar quanto à participação como presidente do hospital, e sobre processos feitos na obra assim como também os planos para o futuro.

ROTEIRO 1

30/09/2016 8h30

Endereço: Av. Coronel Marcondes/ Presidente Prudente

Contato: José Hilário Pasquini / Presidente da Fundação Hospital Regional do Câncer

Telefone: (18) 99771-5583

José Hilário Pasquini é presidente da Fundação Hospital Regional da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Além disso, também atua no ramo empresarial. Pasquini cumpriu um mandato, no qual se estendeu por mais dois anos na instituição.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Hilário como e quando começou a sua participação junto ao Hospital do Câncer?
- 2) Inicialmente o hospital seria um anexo a Santa Casa, mas houve mudanças. Quais foram elas e porque motivo aconteceram?
- 3) Quais os desafios enfrentados para que hoje o hospital estivesse em funcionamento na parte de Radioterapia, mas também futuramente em sua plenitude total?
- 4) Após a criação da Fundação como foi dada a continuidade do projeto?

5) O hospital se torna não só um marco, mas sim uma referência no tratamento do câncer. Através dele muitas pessoas que necessitam de tratamento deixaram de viajar até 400km na região. Qual o impacto que ele trará para a nossa Oeste Paulista?

6) O hospital está em funcionamento após muitos anos em construção na parte de radioterapia, como você vê atualmente esse projeto que irá beneficiar muitas pessoas que tem casos da doença na família ou até mesmo as que virão ter em nossa região?

7) Qual a importância da Fundação Hospital Regional do Câncer para Presidente Prudente?

PAUTA 15

Retranca: Jandira Aurélio

PROPOSTA

Jandira Aurélio é uma das fundadoras da amigas do peito de Presidente Prudente.

ENCAMINHAMENTO

Extraír da entrevistada perguntas pertinentes sobre a participação dela na instituição amigas do peito. Quanto as atividades desenvolvidas pelas voluntárias do local, e sobre qual a ligação junto ao hospital do câncer da santa casa de misericórdia de Presidente Prudente buscar informações também quanto aos locais que oferecem o atendimento na cidade.

ROTEIRO 1

05/10/2016 15:00

Endereço: Rua Mário Simões de Souza 457. Vila ocidental.

Ponto De Referência: rua paralela a 12 de outubro. Próximo a Manoel Goulart.

Contato: Jandira Aurélio

Telefone: (18) 98171 – 8274

DADOS

Jandira tem 64 anos e é uma das fundadoras do grupo amigas do peito. Já passou pela presidência do grupo Amigas do Peito, assistente social palestrante ajudou na formação do estatuto para mais tarde se transformar em (AAPC) associação de proteção ao portador de câncer.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1)Qual foi sua participação referente ao hospital do câncer aqui de presidente prudente?
- 2)Qual a relação do grupo amigas do peito com o hospital do câncer?
- 3)Como você enxerga a questão estrutural da cidade em relação a hospitalidade dos pacientes e seus familiares?
- 4)Quais atendimentos que o grupo amigas do peito realiza? e quais perspectivas que visam para os próximos anos?

5) Como funcionam as visitas dos pacientes que passarão pela a operação?

6) Como você observa o impacto na questão de atendimento para estado região e cidade?

PAUTA 16

Retranca: Milton Carlos de Mello, Tupã

PROPOSTA

Tupã é prefeito de presidente prudente com mandato no período de janeiro de 2009 até dezembro de 2016.

ENCAMINHAMENTO

Vamos ouvir o prefeito de Presidente Prudente e extrair do chefe do executivo a importância da cidade em ter uma estrutura moderna e de qualidade para atender pacientes não só da cidade, mas de toda região que buscam tratamento do câncer.

ROTEIRO

07/10/2016 09:15

Nome: Milton Carlos de Mello, Tupã

Endereço: Prefeitura de Presidente Prudente

Contato: Prefeitura de Presidente Prudente

Telefone: (18) 3902-4466

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Para que o hospital do câncer de presidente prudente pudesse tornar-se uma realidade, foi necessário o apoio e junção da iniciativa privada e pública. Qual foi o papel da prefeitura municipal e especialmente, de seu governo para que o hospital entrasse em atividade?
 - 2) Como foi o seu envolvimento pessoal com os responsáveis da fundação hospital do câncer para buscar apoios em prol da construção do hospital do câncer?
 - 3) Na sua visão, qual o principal benefício para a cidade em ter esse hospital?
 - 4) Você acha que o hospital, além de auxiliar pessoas e salvar vidas com o tratamento do câncer, irá trazer benefícios financeiros para a cidade?
- Qual a sensação em ter apoiado um trabalho que ficará marcado na história de presidente prudente?

PAUTA 17

Retranca: Gustavo Matheus Poletto

PROPOSTA

Gustavo Matheus Poletto o engenheiro que executou a segunda fase de obras do hospital do câncer de presidente prudente .

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes sobre como foi o processo de ajustes depois da modificação do projeto do hospital, além de sua estrutura física.

Roteiro 1

06/10 13:00

Nome: Gustavo Matheus Poletto

Endereço: Av. coronel José Soares Marcondes, 2380, Presidente Prudente .

Contato: Hospital Regional do Câncer

Telefone: (18) 3223-3178

DADOS

Gustavo está no hospital desde fevereiro de 2014 inicialmente como estagiário de um engenheiro que trabalhava no local. Após sete meses foi contratado pelo hospital e passou a realizar atividades na parte de infraestrutura, elétrica e hidráulica. Acompanhou várias instalações, geradores até mesmo o aparelho de radioterapia.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) A estrutura física do prédio hoje era o que se pensava inicialmente ou houve mudanças?
- 2) Qual foi a participação da Fiorentini arquitetura?
- 3) Então o projeto é da Fiorentini e vocês executaram o projeto?
- 4) Porque essa obra tem um diferencial tão grande e será referência em nosso estado?
- 5) Você sabe me dizer quantas pessoas passaram por aqui na parte da construção civil?
- 6) Quais foram as principais dificuldades encontradas? Foram essas mesmo?

- 7) E hoje já é independente, ou á esse vínculo com a empresa?
- 8) Qual a estrutura física do hospital? Quantidades de leitos?
- 9) Quanta ainda falta para que o hospital esteja concluído 100%?
- 10) Quais foram às modificações feitas a respeito da rádio terapia?

PAUTA 18

Retranca: Luiz Roberto Gomes

PROPOSTA

O procurador Luiz Roberto Gomes atuou como colaborador na fundação hospital do câncer participou de grandes momentos do hospital.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado informações relevantes sobre a participação na história do hospital. Vamos questionar quanto sua participação na frente da procuradoria, qual o apoio governamental nessa obra e a importância da instituição na cidade de presidente prudente.

ROTEIRO 1

07/10/2016 15:00h

Local: Procuradoria da República no Estado de São Paulo

Endereço: Av. Manoel Goulart 1090

Contato: Luiz Roberto Gomes

Telefone: (18) 3226-3500

DADOS

Luiz Roberto Gomes, procurador da república em presidente e professor de direito penal e de direito ambiental na Toledo desde 1997.e com seu trabalho na procuradoria atua e atuou em muitos assuntos referentes a fundação hospital do câncer.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Qual participação da procuradoria em relação à fundação hospital do câncer?
- 2) Como foi o processo de recebimento da verba da CESP, e qual foi a fiscalização feita?
- 3) Além da verba da CESP, houve outras verbas destinadas ao hospital? quais foram elas?
- 4) Por qual motivo houve processo de transição da associação para fundação, para recebimento de verbas.

- 5) O grande desafio atualmente do hospital é o credenciamento com o SUS ,além dessa possibilidade qual outro apoio será oferecido ao hospital?
- 6) As grandes dificuldades enfrentadas pelo hospital, já passaram ou estão por vir?
- 7) Qual a importância do hospital do câncer em âmbito regional e estadual?

PAUTA 19

Retranca: Marcos Regalin

PROPOSTA

Marcos Regalin médico e Dr. rádio oncologista que atende no hospital atualmente.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes quanto os procedimentos realizados pelo paciente ao começo do tratamento pelo hospital. Quais as taxas e o porquê a doença se torna a cada vez mais recorrente. Qual importância do hospital para saúde no que se refere ao hospital do câncer.

ROTEIRO 1

14h00 07/10/2016

Nome: Marcos Regalin

Endereço: av. Cel. José Soares Marcondes, 2380

Contato: Marcos Regalin

Telefone: (18) 3223-3178

DADOS:

O doutor Marcos Regalin é médico rádio oncologista do Hospital Regional do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente. Natural de Santa Catarina 31 anos.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Quais são os procedimentos do paciente que se trata no hospital do câncer de presidente prudente?
- 2) O que faz desse hospital uma referência para a cidade e região? Por qual motivo a taxa de cura é alta?
- 3) Por esse hospital oferece esse tratamento aqui e os outros não? Porque as pessoas precisavam viajar?
- 3) Um dos objetivos do hospital e a humanização. Como ela acontece aqui?
- 4) Por qual motivo o câncer acomete hoje me dia tantas pessoas?
- 5) Atualmente este hospital tem alguma limitação? Ele ainda depende da santa casa?

6) Qual é perfil de atendimento no hospital atualmente?

PAUTA 20

Retranca: Arthur Baratella

PROPOSTA

Artur Baratella é o presidente da associação de apoio ao portador de câncer de Presidente Prudente.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado informações relevantes sobre a participação na história do hospital. vamos questionar quanto sua participação no início como voluntário até os dias atuais da instituição na cidade de presidente prudente. e sobre como atua como presidente da associação de apoio ao portador do câncer de presidente prudente.

ROTEIRO 1

10/10 15h

Nome: Artur Baratella

Local: Associação de Apoio ao Portador de Câncer de Presidente Prudente. (aapc)

Endereço: Av. Marechal Deodoro,345, Vila São Jorge
(18) 3355-4944

Contato: Artur Baratella

Telefone: (18) 3355-4944

DADOS

Artur Baratella é presidente da (AAPC) Associação de Apoio ao Portador de Câncer de presidente prudente. Acompanhou as obras do prédio do hospital desde o início, é empresário e continua agora como presidente da associação ajudando com seus trabalhos a arrecadação de verbas tanto para a associação quanto para o hospital.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Qual é sua história junto ao hospital do câncer de presidente prudente?
- 2) Antes da verba da Cesp foram investidos r\$ 11 milhões?
- 3) Depois que houve a criação da fundação, o que mudou?
- 4) Como a associação sobrevive atualmente?
- 5) Qual a previsão para a implantação desse projeto?

- 6) A associação continua com arrecadações para o hospital?
- 7) Associação e fundação atendem o mesmo objetivo ou existe destinações?
- 8) Quando se pensava em construir um hospital, imaginava que a construção chegaria a este formato?
- 9) Você que acompanhou desde o início a construção deste hospital, como é ver hoje este hospital em funcionamento e salvando vidas?

PAUTA 21

Retranca: Mario Coimbra

PROPOSTA

Mário Coimbra participou do lançamento da pedra fundamental e no processo de destinação de verbas para o hospital.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado informações relevantes sobre a participação na história do hospital. Vamos questionar quanto sua influência na instituição, qual o apoio nessa obra e a importância da instituição na cidade de presidente prudente.

ROTEIRO 1

11/10/2016 15:00

Endereço: Rua Ribeiro de Barros 630/ paralelo a coronel Marcondes, Presidente Prudente

Contato: Juliana

Telefone: 3345-2182

DADOS

Mário Coimbra é promotor e contribuiu na construção do hospital regional do câncer de presidente prudente. Possui graduação em direito pela associação educacional Toledo (1981) e mestrado em direito pela universidade estadual de Maringá (2001). E doutor em direito constitucional pela instituição Toledo de ensino de Bauru (2015).

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Qual foi sua participação junto ao hospital do câncer?
- 2) Houve alguns repasses de verbas durante o processo de construção do hospital, você teve participação, e quais foram?
- 3) Quais foram os principais desafios do hospital até a sua etapa atual?
- 4) Qual a importância do hospital do câncer em âmbito regional e estadual?
- 5) Atualmente você tem alguma ligação com o hospital se sim quais são elas?

PAUTA 22

Retranca: Francelino de Souza Magalhães

PROPOSTA

Francelino Magalhães atuou como da Santa Casa de Presidente Prudente e também em alguns processos relacionados ao hospital.

ENCAMINHAMENTO

Extrair do entrevistado informações relevantes sobre a participação na história do hospital. Vamos questionar quanto sua influência na instituição, qual o seu apoio nessa obra e a importância da entidade na cidade de Presidente Prudente.

ROTEIRO 1

11/10/2016

Nome: Francelino Magalhães

Endereço: Av. 11 de maio, 2501 – Jardim Marupiara, 19061-360

Telefone: (18) 3222-1488

Horário: 15h

Contato: Francelino Magalhães

Telefone: (18) 99772- 4628

DADOS

Francelino Magalhães atuou como provedor da Santa Casa de Presidente Prudente e teve grande participação e apoio relacionado ao Hospital do Câncer, na época do começo de sua construção até na transição de Associação para Fundação.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Qual foi sua participação junto ao Hospital do Câncer na época que atuava como provedor da Santa Casa de Presidente Prudente?
- 2) Qual foi a importância da Santa Casa para o Hospital do Câncer?
- 3) Quais foram os principais desafios do hospital na época de sua gestão como provedor e até a sua etapa atual?
- 4) Atualmente você tem alguma ligação com o hospital? Se sim quais são elas?

PAUTA 23

Retranca: Isidoro Domingos Sana

PROPOSTA

Isidoro Domingos sana voluntário desde o início da criação da fundação hospital do câncer de presidente prudente .

Encaminhamento

Extrair do entrevistado perguntas pertinentes quanto sua participação como voluntário quanto a eventos e demais coisas realizadas pelo hospital.

Roteiro

12/10/2016 13:50

Nome: Isidoro Domingos Sana

Endereço: Av. coronel José Soares Marcondes, 2380, presidente prudente .

Contato: hospital regional do câncer

Telefone: (18) 3223-3178

DADOS

Isidoro está no hospital desde o início da fundação em 2010 e ajuda como voluntário, bancário aposentado e empresário, esta presente nos eventos promovidos pelo hospital.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- 1) Você faz parte da diretoria?
- 2) Essas doações são provenientes de onde? e se espera arrecadar esse dinheiro para investir onde?
- 3) Esse espaço aqui que está sendo usado hoje ele não é utilizado por pacientes hoje ainda. ele será usado futuramente para esse fim ou não?

APENDICE B
SCRIPT

SCRIPT

OFF 1

PRESIDENTE PRUDENTE GANHA COM O HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER UMA GRANDE OBRA À SERVIÇO DA SAÚDE PÚBLICA.

É O RESULTADO DA GRANDIOSIDADE DE UMA IDEIA PLANTADA POR UM HOMEM COM SOBRENOME DE ANJO.

FALAMOS DE ANTÔNIO SÉRGIO QUERUBIM QUE FOI LEVADO PELO CÂNCER, MAS DEIXOU UM LEGADO QUE SERVE AO BEM COMUM.

SUA HISTÓRIA, SUSTENTADA EM FATOS REAIS, RESULTOU NUMA OBRA CAPAZ DE ALIMENTAR EXPECTATIVAS.

DE NUTRIR ESPERANÇAS DE QUE OUTRAS PESSOAS VENÇAM A DOENÇA.

RÁDIO DOCUMENTÁRIO HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE/ DA IDEIA À EDIFICAÇÃO.

TRILHA SONORA

OFF 2

1997, O ANO EM QUE TUDO COMEÇOU// A IDÉIA PARA A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE PARTIU DO SONHO DE ANTÔNIO SÉRGIO QUERUBIM.// O HOMEM QUE SOFRIA UM GRAVE QUADRO CLÍNICO EM RAZÃO DE UM CÂNCER// AO LADO DA ESPOSA/ BERNADETE BOSSO QUERUBIM/ ELE SE MOBILIZOU NO OBJETIVO DE CRIAR UMA INSTITUIÇÃO CAPAZ DE TRATAR O CÂNCER E QUE PUDESSE SALVAR VIDAS NA REGIÃO/ BERNADETE QUERUBIM RELEMBRA QUE AS CONDIÇÕES PARA ATENDIMENTO ONCOLÓGICO NA MAIOR CIDADE DO OESTE PAULISTA, ERAM PRECÁRIAS/

Sonora: Bernadete Bosso Querubim

Tempo: 00:59

Deixa Inicial: “Aqui em Prudente...”

Deixa Final: “...braços cruzados”

Tempo: 00:11

Deixa Inicial: “Daí ele...”

Deixa Final: “... ter o hospital”

OFF 3

EM MEADOS DE 1997/ SERGIO QUERUBUIM/ MESMO DEBILITADO EM FUNÇÃO DA DOENÇA QUE O ATINGIRA, DESPERTA O SENTIMENTO DE SOLIDARIEDADE EM DIVERSAS PESSOAS E A SOCIEDADE PRUDENTINA COMEÇA A MOBILIZAÇÃO PARA UMA GRANDE OBRA. O PROMOTOR DE JUSTIÇA/ ANDRÉ LUIS FELÍCIO/ CONTA COMO ESTA HISTÓRIA TEVE INÍCIO EM SUA VIDA.

Sonora: André Luís Felício – Promotor de Justiça

Tempo: 00:36

Deixa Inicial: “A minha história...”

Deixa Final: “...Coisa e tal”

OFF 04

UMA GRANDE CORRENTE DO BEM ESTAVA PARA SER FORMADA, E COM O APOIO DE VOLUNTÁRIOS/ BERNARDETE QUERUBIM ENTROU EM CONTATO COM MARIA AUXILIADORA, UMA MULHER QUE FOI DETERMINANTE PARA INCENTIVAR A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DO CÂNCER.

Sonora: Bernadete Bosso Querubim - Idealizadora

Tempo: 00:31

Deixa Inicial: “Até que foi...”

Deixa Final: “...vamos conversar”

Tempo: 00:45

Deixa Inicial: “Em 24 horas...”

Deixa Final: “...não saiu nada”

TRILHA SONORA

OFF 5

VINTE E CINCO DE SETEMBRO DE 1997.// DOIS MESES APÓS ESSE ENCONTRO, FOI FORMADA A PRIMEIRA DIRETORIA DA COMISSÃO DO HOSPITAL. OS INTEGRANTES TINHAM UMA LONGA CAMINHADA PARA TRILHAR.

Sonora: Bernadete Bosso Querubim - Idealizadora

Tempo: 00:51

Deixa Inicial: “A primeira reunião...”

Deixa Final: “...Que era de eventos”

OFF6

O PROJETO QUE ESTAVA APENAS NO PESAMENTO DOS INTEGRANTES DA COMISSÃO,/ NECESSITAVA DE VERBA PARA TER INÍCIO.// O TRABALHO VOLUNTÁRIO FOI A FORMA ENCONTRADA PARA ARRECADAR RECURSOS. MARIA AUXILIADORA CONTA QUE A ALTERNATIVA RENDEU BONS RESULTADOS.//

Sonora: Maria Auxiliadora - Voluntária

Tempo: 00:16

Deixa Inicial: “A Bernadete falou...”

Deixa Final: “...chás nas casas”

Tempo: 00:33

Deixa Inicial: “A gente vendia...”

Deixa Final: “...tal dia”

OFF 7

A CADA AÇÃO, MAIS PESSOAS SE INTERESSAVAM EM COLABORAR COM O PROJETO E ABRAÇAVAM A CAUSA. JOEL TURINO, FOI UM DOS PARCEIROS NO INÍCIO DO SONHO. ELE RECORDA QUE NÃO DEMOROU MUITO PARA DEZENAS DE PESSOAS ESTARAREM ENVOLVIDAS COM O TRABALHO.

Sonora:Joel Turino - Voluntário

Tempo: 00:16

Deixa Inicial: “Tem um mundo...”

Deixa Final: “...mesma causa”

Tempo: 00:11

Deixa Inicial: “Um time muito...”

Deixa Final: “...este instituto”

OFF 8

1997 TERMINOU E A SEMENTE PARA A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DO CÂNCER JÁ ESTAVA PLANTADA. CHEGOU O ANO DE 1998. JOEL TURINO CONTA QUE O GRUPO PASSOU A BUSCAR PARCERIAS COM OS HOSPITAIS DA CIDADE PARA A EFETIVA IMPLANTAÇÃO DA OBRA.

Sonora:Joel Turino - Voluntário

Tempo: 00:27

Deixa Inicial: “Nós tínhamos até...”

Deixa Final: “...caso de doença”

Tempo: 00:24

Deixa Inicial: “O professor Agripino...”

Deixa Final: “...Instituto de Oncologia”

Tempo: 00:06

Deixa Inicial: “Aí, cederam...”

Deixa Final: “...de atendimento”

OFF 9

A PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO DESTE GRUPO PARA AUXILIAR AS PESSOAS QUE SOFREM COM O CÂNCER, FOI NO ANO DE 1998. BERNARDETE CONTA QUE SÉRGIO QUERUBIM NÃO EXITOU EM ATENDER O PEDIDO FEITO POR MÉDICOS PRUDENTINOS PARA REFORMAR O INSTITUTO DE ONCOLOGIA, QUE NA ÉPOCA, ESTAVA SUCATEADO.

Sonora: Bernadete Bosso Querubim - Idealizadora

Tempo: 00:32

Deixa Inicial: “Eles quiseram que...”

Deixa Final: “...era um horror”

Tempo: 00:36

Deixa Inicial: “Ai, chamaram...”

Deixa Final: “...uma beleza”

OFF 10

MAURO BRAGATO ERA O PREFEITO DE PRESIDENTE PRUDENTE NA ÉPOCA, ELE NÃO TEM DÚVIDAS, AQUELA REFORMA FOI A PORTA DE ENTRADA PARA A CONSTRUÇÃO DA ESTRUTURA QUE HOJE ABRIGA O HOSPITAL DO CÂNCER//

Sonora:Mauro Bragato - Prefeito

Tempo: 00:26

Deixa Inicial: “Começou-se a trabalhar...”

Deixa Final: “...Em Presidente Prudente”

OFF 11

O ANO DE 1998 ESTAVA NO FINAL, E O TRABALHO DE REFORMA DO INSTITUTO DE ONCOLOGIA TAMBÉM. DIVERSOS FORAM OS INVESTIMENTOS E APOIOS RECEBIDOS PARA AQUELA OBRA. NO ENTANTO, HAVIA UMA ENORME ANSIEDADE ENTRE OS VOLUNTÁRIOS DO GRUPO. JOEL TURINO EXPLICA

Sonora:Joel Turino - Voluntário

Tempo: 00:15

Deixa Inicial: “Tinha que fazer...”

Deixa Final: “...cozinha, refeitório”

Tempo: 00:11

Deixa Inicial: “O Sérgio estava...”

Deixa Final: “...ele mesmo né”

TRILHA SONORA

OFF 12

MAIO DE 1999/ APENAS NOVE MESES ANTES DA INAUGURAÇÃO DO INSTITUTO DE ONCOLOGIA, O QUAL LEVA O SEU NOME/ O CÂNCER VENCEU A BATALHA CONTRA SÉRGIO QUERUBIM.// MORRE O HOMEM QUE DEU

ORIGEM AO SONHO.// AS MÃOS QUE UM DIA ESCREVERAM A IDÉIA,/ NÃO PUDERAM TOCAR NA ESTRUTURA QUE ELE IMAGINOU.// MARIA AUXILIADORA ESTEVE NO LEITO DE SÉRGIO MOMENTOS ANTES DO ÚLTIMO SUSPIRO DE VIDA, ELA REVELA QUE NAQUELE DIA FEZ UM COMPROMISSO COM SÉRGIO.

Sonora: Maria Auxiliadora - Voluntária

Tempo: 00:44

Deixa Inicial: “Daí o Sérgio...”

Deixa Final: “...tocar isto avante”

OFF13

APÓS A MORTE DE SEU MARIDO/ BERNARDETE QUERUBIM REUNIU FORÇAS PARA SEGUIR COM O PROJETO. AO LADO DE VÁRIAS VOLUNTÁRIAS, FOI ATÉ BARRETOS E CONHECEU HENRIQUE PRATA/ QUE ESTÁ A FRENTE DO HOSPITAL DO CÂNCER DAQUELA CIDADE. HENRIQUE MOSTROU O CAMINHO PARA QUE A IDÉIA DO HOSPITAL EM PRESIDENTE PRUDENTE/ PUDESSE SAIR DO PAPEL.//

Sonora: Bernadete Bosso Querubim - Idealizadora

Tempo: 01:10

Deixa Inicial: “Quando Sérgio morreu...”

Deixa Final: “...Santa Casa na época”

OFF 14

OS DESAFIOS ERAM MUITOS, E A PRIORIDADE DO GRUPO DURANTE QUASE CINCO ANOS/ SEGUNDO MARIA AUXILIADORA, ERA SEGUIR COM AS ARRECADAÇÕES DE RECURSOS//

Sonora: Maria Auxiliadora - Voluntária

Tempo: 00:21

Deixa Inicial: “E começamos...”

Deixa Final: “...para construir o hospital”

TRILHA SONORA

OFF 15

JÁ EM 2003/ QUANDO O VALOR DE TODAS AS ARRECADAÇÕES CHEGAVA PERTO DE SEISCENTOS MIL REAIS/ BERNARDETE CONTA QUE FOI DECIDIDO// A OBRA PARA A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE IRIA SAIR DO PAPEL//

Sonora: Bernadete Bosso Querubim - Idealizadora

Tempo: 00:37

Deixa Inicial: “Então, em 2003...”

Deixa Final: “...eu continuei pedindo”

TRILHA SONORA

OFF 16

O TERRENO PARA CONSTRUIR O HOSPITAL FOI DOADO PELA SANTA CASA DE PRESIDENTE PRUDENTE// STANLEY ZAINA, NA ÉPOCA, ERA O PROVIDOR DA IRMANDADE / ELE LEMBRA COMO O TERRENO FOI DESTINADO PARA O HOSPITAL DO CÂNCER.//

Sonora: Stanley Zaina – Provedor da Santa Casa

Tempo: 00:59

Deixa Inicial: “O terreno era...”

Deixa Final: “...Hospital do Câncer”

OFF 17

O LOCAL PARA CONSTRUIR O HOSPITAL ESTAVA DEFINIDO, O PROJETO ESTAVA ELABORADO, E EM JANEIRO DE 2003/ FOI CONSTITUIDA A PEDRA FUNDAMENTAL/ MARIA AUXILIADORA CONTA QUE O GOVERNADOR GERALDO ALCKMIN ESTEVE PRESENTE//.

Sonora: Maria Auxiliadora - Voluntária

Tempo: 00:19

Deixa Inicial: “Isso é o seguinte...”

Deixa Final: “...apoio aqui”

Tempo: 00:34

Deixa Inicial: “A gente aproveitou...”

Deixa Final: “...de destaque”

TRILHA SONORA

OFF 18

SEIS ANOS APÓS A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA DIRETORIA, E QUATRO ANOS DESDE A MORTE DE SÉRGIO QUERUBIM/, O PROJETO COMEÇOU A SAIR DO PAPEL. O ATUAL PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AO PORTADOR CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE, ARTUR BARATELLA RECORDA COMO FOI QUE AS OBRAS COMEÇARAM//.

Sonora: Artur Baratella – Presidente da Associação de apoio ao Portador de Câncer

Tempo: 1:01

Deixa Inicial: “O hospital ele...”

Deixa Final: “...foi aprovado”

Tempo: 00:20

Deixa Inicial: “Nós construímos...”

Deixa Final: “... metros construídos”

OFF 19

O CUSTO DAS OBRAS ERA ELEVADO E ARTHUR DESTACA QUE O PROJETO NÃO PAROU GRAÇAS AS DOAÇÕES E PARTICIPAÇÕES DA SOCIEDADE EM EVENTOS PARA ARRECADAR RECURSOS FINANCEIROS.

Sonora: Artur Baratella – Presidente da Associação de apoio ao Portador de Câncer

Tempo: 00:36

Deixa Inicial: “A gente buscava...”

Deixa Final: “...para a associação”

TRILHA SONORA**OFF 20**

EM 2009, JÁ HAVIAM-SE PASSADO SEIS ANOS DESDE O INÍCIO DAS OBRAS / E O PRÉDIO TINHA ATINGIDO OITO PAVIMENTOS E NESTE PERÍODO SURGE A POSSIBILIDADE PARA O RECEBIMENTO DE UMA VERBA DA CESP - ACOMPANHIA ENERGÉTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO.// SEGUNDO O PROCURADOR DA REPÚBLICA,/ LUIZ ROBERTO GOMES,/ O MINISTÉRIO PÚBLICO ESCOLHEU O HOSPITAL DO CÂNCER PARA DESTINAR PARTE DOS RECURSOS.

Sonora: Luiz Roberto Gomes – Procurador da República

Tempo: 00:23

Deixa Inicial: “Em 1998...”

Deixa Final: “...sido cumpridos”

Tempo: 00:14

Deixa Inicial: “Então, nós...”

Deixa Final: “...R\$ 119 milhões”

OFF 21

O DINHEIRO CHEGOU EM BOA HORA, E FOI POSSÍVEL AO ENCAIXAR O HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE COMO UM PROJETO SOCIOECONÔMICO DE INTERESSE REGIONAL// O PROMOTOR LUIZ ROBERTO EXPLICA A MEDIDA//.

Sonora: Luiz Roberto Gomes – Procurador da República

Tempo: 01:11

Deixa Inicial: “O estudo de...”

Deixa Final: “...R\$ 20 milhões”

Tempo: 01:11

Deixa Inicial: “Então, esse...”

Deixa Final: “...aquisição de equipamentos”

OFF 22

PARA RECEBER O RECURSO DE MANEIRA LEGAL,/ O PROMOTOR DE JUSTIÇA DO MEIO AMBIENTE,/ NELSON BUGALHO,/ EXPLICA QUE A ASSOCIAÇÃO E O PROJETO DE CONSTRUÇÃO DEVERIAM PASSAR POR ADEQUAÇÕES.//

Sonora: Nelson Bugalho – Promotor de Justiça do Meio Ambiente

Tempo: 01:25

Deixa Inicial: “Só que havia...”

Deixa Final: “...daquela época”

OFF23

DESTA MANEIRA,/ A ASSOCIAÇÃO PASSARIA A SER UMA FUNDAÇÃO/ PARA ATENDER OS CRITÉRIOS JUDICIAIS//

Sonora: Nelson Bugalho – Promotor de Justiça do Meio Ambiente

Tempo: 01:50

Deixa Inicial: “O primeiro era...”

Deixa Final: “...não tinha previsão”

OFF 24

COM TODAS AS DETERMINAÇÕES APONTADAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO, O PROJETO ORIGINAL DA UNIDADE SOFREU ALTERAÇÕES E TEVE DE SER AMPLIADO.// O ENGENHEIRO,/ GUSTAVO POLETO, QUE ATUA NA OBRA, EXPLICA//

Sonora: Gustavo Poleto - Engenheiro

Tempo: 00:44

Deixa Inicial: “A princípio seria...”

Deixa Final: “...hospital independente”

OFF 25

AINDA EM 2009 / COM O NOVO RECURSO E AS NOVAS DETERMINAÇÕES/ AS OBRAS TIVERAM DE SER PARALISADAS, E O PROJETO REPENSADO PARA QUE O HOSPITAL PUDESSE TER UMA ESTRUTURA INDEPENDENTE DA SANTA CASA//

Sonora: Gustavo Poleto - Engenheiro

Tempo: 02:00

Deixa Inicial: “Então teria...”

Deixa Final: “...continuidade na obra”

TRILHA SONORA**OFF 26**

EM 2010 FOI ENTÃO FORMADA A FUNDAÇÃO HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER DA SANTA CASA DE MISERICORDIA DE PRESIDENTE PRUDENTE/ O RECURSO DA CESP FOI LIBERADO E INVESTIDO NO HOSPITAL, MAS OS MEMBROS DA FUNDAÇÃO SEGUIAM COM CAMPANHAS PARA ARRECADAR RECURSOS. AS CAMPANHAS REALIZADAS CONTRIBUÍRAM PARA O TÉRMINO DA OBRA/ AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS E MAQUINÁRIOS// JOSÉ HILÁRIO PASQUINI/ É O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO/ ELE GARANTE QUE OS EVENTOS SEMPRE FORAM DE GRANDE IMPORTANCIA PARA A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL//.

Sonora: José Hilário Pasquini – Presidente da Fundação

Tempo: 02:00

Deixa Inicial: “Para você ter...”

Deixa Final: “...R\$ 830 mil”

OFF 27

APÓS MOBILIZAR A SOCIEDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE E TODA REGIÃO, O APELO PARA A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DO CÂNCER CHEGOU ATÉ OS ARTÍSTAS DO BRASIL. O CANTOR DANIEL É UM DOS GRANDES NOMES DA MÚSICA QUE AUXILIARAM O PROJETO. O CANTOR FERNANDO, QUE É PAR DE SOROCABA/ DIZ QUE A DUPLA,/ TÊM ORGULHO DA CONTRIBUIÇÃO REALIZADA PARA A FUNDAÇÃO//.

Sonora: Fernando e Sorocaba - Cantores

Tempo: 00:33

Deixa Inicial: “A gente ficou...”

Deixa Final: “...vocês nessa”

TRILHA SONORA

OFF 28

DEZESSEIS ANOS APÓS A MORTE DE SÉRGIO QUERUBIM O SONHO COMEÇOU A SER REALIDADE. O DIA 06 DE OUTUBRO DE 2015 ENTROU PARA A HISTÓRIA DE TODOS AQUELES QUE LUTARAM PARA QUE O PROJETO DE SÉRGIO JAMAIS FOSSE ESQUECIDO. FOI NESTA DATA QUE A ALA DE RADIOTERAPIA DO HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE FOI INAUGURADA E PARTE DO PRÉDIO CONSTRUÍDO PASSOU A RECEBER PACIENTES. O PRESIDENTE HILÁRIO AFIRMA QUE A ALA É RESPONSÁVEL POR QUARENTA ATENDIMENTOS DIÁRIOS.//

Sonora: José Hilário Pasquini

Tempo: 00:48

Deixa Inicial: “Esse aparelho...”

Deixa Final: “...seguindo devagar”

TRILHA SONORA

OFF 29

VERA LÚCIA ZORZETTO FOI A PRIMEIRA PACIENTE A SER ATENDIDA NO HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE. ELA NECESSITAVA DE TRATAMENTO PARA O CÂNCER DE MAMA. EMOCIONADA, ELA CONTA EM DETALHES COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL E COMO OCORREU SUA PRIMEIRA SESSÃO DE RADIOTERAPIA, ACIONADA PELO PRÓPRIO GOVERNADOR GERALDO ALCKMIN/ NO DIA DA INAUGURAÇÃO.

Sonora: Vera Lúcia Zorzetto – Primeira paciente

Tempo: 02:10

Deixa Inicial: “Fiquei escondida...”

Deixa Final: “...ia dar certo”

TRILHA SONORA

OFF 30

DE ACORDO COM UM DOS MÉDICOS DO HOSPITAL, MARCOS REGALIN, A UNIDADE É ATUALMENTE UMA REFERÊNCIA EM PRESIDENTE PRUDENTE E OFERECE FACILIDADES PARA O PACIENTE TER ACESSO AO TRATAMENTO.//

Sonora: Marcos Ragalin - Médico

Tempo: 01:01

Deixa Inicial: “Então esse hospital...”

Deixa Final: “...outra cidade”

TRILHA SONORA

OFF 31

APESAR DA INAUGURAÇÃO E DO INÍCIO DOS ATENDIMENTOS NA ÁREA DE RADIOTERAPIA/ O HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE ENFRENTA DESAFIOS// CONFORME O DOUTOR MARCOS// OS ATENDIMENTOS AINDA DEPENDEM DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA.//

Sonora: Marcos Ragalin - Médico

Tempo: 01:01

Deixa Inicial: “Ele depende...”

Deixa Final: “...Santa Casa”

OFF 32

SEGUNDO HILÁRIO PASQUINI / PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO/ EXISTE UM PLANEJAMENTO PARA QUE O LOCAL PASSE A ATENDER DE MANEIRA COMPLETA E INDEPENDENTE//

Sonora: José Hilário Pasquini – Presidente da Fundação

Tempo: 01:11

Deixa Inicial: “Por exemplo, nós...”

Deixa Final: “...hospital total”

OFF 33

UM DOS DESAFIOS DO HOSPITAL É CONQUISTAR O CREDENCIAMENTO JUNTO AO SUS.//

Sonora: José Hilário Pasquini – Presidente da Fundação

Tempo: 01:07

Deixa Inicial: “A gente já...”

Deixa Final: “...deslanchar de vez”

OFF 34

O DIRETOR TÉCNICO DE SAÚDE DO DEPARTAMENTO REGIONAL DE SAÚDE/ JORGE YOUCHINOBU CHIHARA/ AFIRMA QUE OS ATENDIMENTOS DE CÂNCER REALIZADOS NA SANTA CASA SERÃO TODOS TRANSFERIDOS PARA O NOVO HOSPITAL.//

Sonora: Jorge Youchinobu – Diretor Técnico de Saúde

Tempo: 00:58

Deixa Inicial: “Eu acredito que...”

Deixa Final: “...foi concretizado”

OFF 35

AINDA SEGUNDO JORGE// O FUTURO DO HOSPITAL PODE SER ANALISADO PELA ESTATÍSTICA DE CASOS DE CÂNCER NA REGIÃO/ BEM COMO NO CUSTEIO DESSES TRATAMENTOS//

Sonora: Jorge Youchinobu – Diretor Técnico de Saúde

Tempo: 00:58

Deixa Inicial: “Nós trabalhamos...”

Deixa Final: “...nossa região”

OFF 36

NO QUE DIZ RESPEITO AO CREDENCIAMENTO JUNTO AO SUS,/ O PROMOTOR DE JUSTIÇA DA SAÚDE/ MARIO COIMBRA/ DIZ QUE O MINISTÉRIO PÚBLICO JÁ TRABALHA PARA AGILIZAR ESTE PROCESSO//

Sonora: Mário Coimbra – Promotor de Justiça

Tempo: 01:07

Deixa Inicial: “Nós estivemos...”

Deixa Final: “...ganhássemos serenidade”

TRILHA SONORA**OFF 37**

APESAR DE TODOS OS DESAFIOS QUE O HOSPITAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE AINDA TEM QUE VENCER/ AS CONQUISTAS ALCANÇADAS ANIMAM QUEM ACOMPANHA O TRABALHO// CONFORME

PASQUINI/ ESTE CENTRO ESTÁ PREPARADO PARA SER UMA DAS MAIORES REFERENCIAS DO TRATAMENTO AO CÂNCER//

Sonora: José Hilário Pasquini – Presidente da Fundação

Tempo: 00:42

Deixa Inicial: “Esse hospital...”

Deixa Final: “...referência o Icesp”

Tempo: 00:44

Deixa Inicial: “O referencial está...”

Deixa Final: “...que é feito”

OFF 38

HILÁRIO AFIRMA QUE TODAS AS AÇÕES SÃO VOLTADAS PARA PROMOVER UM ATENDIMENTO HUMANIZADO E GRATUITO A QUEM TANTO NECESSITA//.

Sonora: José Hilário Pasquini – Presidente da Fundação

Tempo: 00:19

Deixa Inicial: “Atendimento humanizado...”

Deixa Final: “...seria esse”

TRILHA SONORA

OFF 39

COM ISSO / PRESIDENTE PRUDENTE TORNA-SE UMA DAS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS NO TRATAMENTO AO CÂNCER.// O PREFEITO MILTON CARLOS DE MELLO,/ TUPÃ,/ ACREDITA QUE A CIDADE JÁ É MODELO EM CENÁRIO NACIONAL.//

Sonora: José Hilário Pasquini – Presidente da Fundação

Tempo: 00:36

Deixa Inicial: “É uma semente...”

Deixa Final: “...é importante”

OFF 40

NA VISÃO DO SUPERVISOR MÉDICO DA SECRETARIA DE SAÚDE DE PRESIDENTE PRUDENTE,/ NEREU OGUIDO,/ A FORÇA DA INSTITUIÇÃO É SATISFATÓRIA,/ POIS A CAPACIDADE DE ATENDIMENTOS BENEFICIA GRANDE PARTE DA DEMANDA DE PACIENTES.//

Sonora: Nereu Oguido – Supervisor Médico da Sec. Da Saúde

Tempo: 00:26

Deixa Inicial: “Vai ter um...”

Deixa Final: “...tratamento oncológico”

OFF 41

O PRINCIPAL OBJETIVO DE TODO PROJETO SEMPRE FOI OFERECER UM ÓTIMO TRATAMENTO PARA OS PACIENTES QUE SOFREM COM O CÂNCER. E COM ESTE PENSAMENTO ATÉ MESMO OS DETALHES ESTRUTURAIS DO PRÉDIO FORAM PLANEJADOS, E O HOSPITAL FOI CONSTRUÍDO COM UMA OBRA MODERNA, COM ÓTIMA LOCALIZAÇÃO, E DE FÁCIL ACESSO M RELAÇÃO. É O QUE DIZ A ARQUITETA E URBANISTA,/ SIBILA CORRAL DE AREA LEÃO HONDA.//

Sonora: Sibila Corral de Area Leão Honda – Arquiteta e Urbanista

Tempo: 01:13

Deixa Inicial: “Em relação ao...”

Deixa Final: “...toda a região”

TRILHA SONORA**OFF 42**

ENTRE DIFICULDADES E OBSTÁCULOS O OBJETIVO DE SÉRGIO QUERUBIM AOS POUÇOS SE TORNA REALIDADE. A ESPOSA DE SÉRGIO, BERNADETE QUERUBIM É TESTEMUNHA VIVA DESSA HISTÓRIA.

Tempo: 00:03

Deixa Inicial: “Teve um...”

Deixa Final: “...sair hospital”

Tempo: 00:25

Deixa Inicial: “Valeu a pena...”

Deixa Final: “...pra mim”

Tempo: 00: 14

Deixa Inicial: “Eu vi que...”

Deixa Final: “...vivo, ali”

OFF 43

ENTRE DIFICULDADES E OBSTÁCULOS O OBJETIVO DE SÉRGIO QUERUBIM VEM SE CONSOLIDANDO AOS POUÇOS.// APÓS ANOS DE TRABALHO,/ O SONHO QUE SE FEZ PARECER SURREAL DURANTE ALGUNS MOMENTOS,/ DÁ ESPAÇO AO SUCESSO.// A GRANDIOSIDADE DA ESTRUTURA É PROVA DE QUE A DETERMINAÇÃO PODE MUDAR O MUNDO OU CONTRIBUIR DE MANEIRA SIGNIFICATIVA PARA UMA MELHORIA NA SOCIEDADE.//A MORTE QUE SALVOU VIDAS,/ A BATALHA DA SUPERAÇÃO,/ A ESPERANÇA QUE NUNCA MORREU.// HOSPITAL REGIONAL DO CÂNCER DE PRESIDENTE PRUDENTE,// DA IDEIA À EDIFICAÇÃO.//